

**César Lombroso**

## **Hipnotismo e Mediunidade**

*Traduzido do Italiano*  
*César Lombroso - Fenomeni Ipnotici e Spiritice*  
*(1909)*



Franz Anton Mesmer



### **Conteúdo resumido**

César Lombroso, esse eminente sábio italiano, detentor de grande acervo de trabalhos na área da Psiquiatria e da Antropologia Criminal, relata suas pesquisas com fenômenos de natureza hipnótica e espírita, visando a comprovação da comunicação entre os mundos espiritual e físico.

Cita experiências com Eusápia Paladino, com a qual, sob fiscalização rigorosa, desenrolaram-se fenômenos de transportes de

objetos, materializações parciais, tiptologia, etc., e assuntos como casas mal-assombradas, estigmas e levitação de santos, premonição, telepatia e outros temas para análise de estudiosos.

O autor faz uma análise científica e filosófica, afastando qualquer teoria preconcebida e firmando-se em uma autoridade científica e em concordância com o consenso geral dos povos.



## Traços biográficos do Autor <sup>1</sup>

### Nascimento, estudos e tendências

César Lombroso nasceu em Verona (Itália), a 6 de novembro de 1835, descendente, pelo lado paterno, de judeus espanhóis expulsos de sua pátria pelos reis católicos, em 1492.

Sua primeira infância transcorreu tranquila e feliz, desfrutando a família de elevados recursos pecuniários e boa situação na sociedade. Isso não durou muito tempo. Numa dessas reviravoltas do destino, foi o lar de Lombroso mergulhado em relativa pobreza, o que, entretanto, não impediu continuassem ali reinantes a paz e a união.

Educado nas ideias e crenças da religião judaica, bem cedo começou a frequentar os centros de instrução de sua cidade natal.

Tanto no curso primário quanto no curso secundário, deu ele mostras de extraordinária aplicação e amor ao trabalho e aos estudos, revelando, malgrado sua timidez, uma inteligência bastante precoce. Menino ainda, tornara-se amante da natureza e dos bons livros.

Seu tio materno, David Levi, que ocupa lugar honroso na literatura italiana, ambientou-lhe o gosto para a poesia, para a história e a literatura em geral, especialmente a clássica. Com seis anos apenas, Lombroso já se deleitava ouvindo os versos de Dante. Lucrécio, Tácito e Tito Lívio o haviam fascinado, e na idade de doze anos escreveu, com períodos verdadeiramente clássicos, o trabalho *Saggio sulla grandezza e sulla decadenza di Roma*.

Contudo, um acontecimento inesperado veio decidir para sempre a vocação científica e conseqüente posição futura do nosso biografado.

Em 1850 saía a público o primeiro volume dos *Monumenti storici rivelati dall'analisi della parola*, de autoria do ilustre médico, historiador e linguista italiano Paulo Marzolo. Os jornais elogiaram e encorajaram o autor, mas Marzolo percebeu que as críticas eram por demais benévolas e... incompetentes. Certo dia,

lendo um diário de Verona, entusiasmou-se com um artigo que inteligentemente discorria sobre o seu livro e desejou imediatamente conhecer-lhe o autor.

“Foi esta a primeira e mais cara emoção que ele sentiu – escreveu Ceccarel em sua *Vita di Marzolo* –, a primeira compensação a tantas vigílias em estudos ingratos e tristes, a tantos pensamentos e meditações incansáveis. Paulo Marzolo pensava que o articulista fosse um homem proveito na ciência, um pensador solitário, que vivesse na obscuridade por circunstâncias fortuitas ou por caprichos da sorte. O autor do artigo, que pouco depois visitava Marzolo em Treviso, era um juvenzinho de quinze anos, César Lombroso, que na Itália foi o primeiro a perceber o gênio de Marzolo. Ante este, Lombroso se apresentou com o afeto de um filho e com a veneração de um discípulo.”

Marzolo criou tal amizade pelo seu jovem admirador, que, desde então, passou a ser o verdadeiro orientador do genial rapazinho, iniciando-o no cultivo de todas as ciências e de todas as artes, pondo-o em guarda contra o unilateralismo da cultura. Sob a sua direção o nosso biografado aprendeu o caldaico, o chinês, o hebreu e algumas línguas modernas; sob a sua palavra persuasiva, decidiu-se a estudar Medicina e a entregar-se a estudos naturalísticos, não obstante a sua inclinação para o Direito e as Letras.

Marzolo foi também quem primeiro inspirou a Lombroso o estudo da Antropologia e, além de ter exercido influência sobre a sua moral, sobre a sua maneira de conceber e de agir na vida, nele incutiu para sempre o extremado amor da verdade, em cuja procura Lombroso foi incansável a vida inteira.

Nas lutas unificadoras da Itália, em fins do século XIX, a Igreja tentara por todos os meios reter os seus Estados Papais, afirmando seus direitos ao poder temporal, fulminando anátemas contra aqueles que queriam privá-la de seus domínios em prol de uma Itália unida e, posteriormente, recusando qualquer contato com o governo, por lhe terem sido tomadas as terras. Lombroso, patriota ardente, foi por isso levado a professar a fé socialista, intensificada na última fase de sua vida, acreditando que só com uma completa reforma social se poderia abater a força do clerica-

lismo e seus prejuízos, e com esse objetivo, pela tribuna e pela imprensa, buscou, durante a vida, ajudar a todas as escolas e instituições que concorressem para diminuir entre o povo o número de analfabetos, e resultassem, em consequência, na derrubada das forças dogmáticas, freio do progresso e da liberdade.

### **Curriculum vitae**

De 1852 a 1857, Lombroso cursou a matéria médica nas Universidades de Pavia, Pádua e Viena, laureando-se em 13 de março de 1858 pela Real Universidade de Pavia. Foi nessa cidade, quando aí fazia o seu curso, que conquistou duas preciosas amizades: Alfredo de Maury e Paulo Mantegazza, tornando-se este último quase que um seu irmão. Fisiologistas de excepcional valor, ambos acolheram carinhosamente o discípulo, que logo se iniciou nos estudos e nas pesquisas sobre a fisiologia do sonho e do prazer.

Mas é na Universidade de Viena, ao lado de mestres da psiquiatria, que ele afirmou a sua vocação médica, especialmente psiquiátrica, aprofundando-se, desde então, na leitura de livros sobre o assunto.

Escreveu, já em 1852, com apenas 17 anos, dois trabalhos elogiados por um jornal de Verona: *Saggio sulla storia della Repubblica Romana* e *Schizzi di un quadro storico dell'antica agricoltura in Italia*, nos quais se observa a influência do historiador Marzolo sobre o rapazinho.

Veio, a seguir, consciencioso estudo intitulado *Di un fenomeno fisiologico comune ad alcuni neurotteri ed imenotteri* (Verona, 1853) e, dois anos mais tarde, outro sobre *La pazzia de Cardano* (“Gazetta Medica Italiana Lombarda”, Milão, 01/10/1855), ensaio este em que já se percebe o germe das fecundas investigações que posteriormente realizaria a respeito do homem de gênio.

De certa forma importante é o opúsculo que deu a público, em 1856, com o nome *Influenza della civiltà sulla pazzia e della pazzia sulla civiltà* e que “marca o ponto de passagem de suas

preocupações doutrinárias para o terreno das aplicações práticas da Medicina”.

Em 1859, revalidou o seu diploma de médico na Real Universidade de Gênova, então anexada ao Piemonte, aí obtendo a láurea em Cirurgia.

Ainda nesse ano, chamou a atenção de todos a sua monografia *Ricerche sul cretinismo in Lombardia*. E a 21 de maio, ao estalar a guerra franco-italiana com a Áustria, que tinha o propósito de expulsar os austríacos da Itália, Lombroso se alistou, contra a vontade dos pais, como médico do Corpo de Saúde Militar do Exército Piemontês, sendo encaminhado ao Hospital de Turim e, um mês depois, ao Hospital Militar de Milão.

Em 1861 o Supremo Conselho Militar de Saúde distingue com menção honrosa um utilíssimo escrito de sua autoria, sobre feridas por arma de fogo (*Sulle ferite d'arma da fuoco*), e a 6 de março desse mesmo ano era ele promovido ao posto de médico de batalhão de 1ª classe, sendo-lhe ainda conferida a medalha francesa comemorativa da campanha de 1859, que tornou independente a Lombardia.

Removido para a Calábria, aí estudou as condições higiênicas da população. Os resultados de suas investigações foram por ele publicados em 1862, no *Giornale d'Igiene e Medicina Preventiva* e no livro *Tre mesi in Calabria* (Turim, 1863), livro este que, ampliado, foi reeditado em 1898 com o nome *In Calabria*, patenteando-se em suas páginas o progresso realizado na região calabresa, tão logo foram tomadas as medidas higiênicas por ele aconselhadas.

Em 1862, inaugurando suas funções no magistério, Lombroso ministra um curso livre, gratuito, de Psiquiatria, na Universidade de Pavia, e em 1863 entra como *privat-docent* de Clínica das Doenças Mentais e Antropologia na mesma Universidade, ao mesmo tempo em que passa a exercer gratuitamente suas funções na repartição dos alienados do Hospital Cívico de Pavia.

Em 1864, a Direção dos Hospitais reunidos de Pavia apresenta-lhe agradecimentos pelas inovações que ele trouxe àqueles Hospitais em benefício dos alienados.

É nomeado professor *incaricato*<sup>2</sup> de Clínica das Doenças Mentais e Antropologia, na Universidade de Pavia.

Nesse meio tempo, começa a elaborar, e os publica em 1865, os *Studi per una Geografia Clinica Italiana*, fonte entre as mais importantes da legislação sanitária italiana.

Patriota ardoroso, entusiasta da unidade e nova grandeza de sua gloriosa terra, condecoraram-no, em 30 de maio de 1865, com a medalha comemorativa da guerra da independência e unificação italiana. nesse mesmo ano, em 6 de dezembro, desliga-se do Corpo de Saúde Militar, passando a dar um curso livre, gratuito, de Antropologia, bem como leituras públicas sobre Raças Humanas.

Logo sobreveio a campanha antiaustríaca de 1866 e que, em outubro, daria Veneza à Itália. Lombroso, a 20 de maio, retorna ao serviço militar, exercendo suas funções como médico de batalhão de 2ª classe.

Seis meses depois, finda a guerra, dá baixa do Corpo de Saúde Militar e é nomeado médico primário da repartição das doenças Mentais do Hospital Cívico de Pavia, continuando ainda a lecionar o curso gratuito de Antropologia por mais alguns anos.

É reconduzido às funções de professor *incaricato* de Clínica das Doenças Mentais e Antropologia, na Universidade de Pavia, dando à luz o volume *Medicina legale delle alienazioni mentali*, no qual cogita do problema da responsabilidade, tão discutido àquele tempo pelos especialistas. Nessa ocasião, também publica a *Antropometria degli Italiani*, obra que se torna clássica no gênero.

Aos 22 de junho de 1867, recebe uma distinção honorífica, como médico do batalhão em tempo de guerra, pela coragem e abnegação demonstradas na cura dos coléricos durante a epidemia de 1866.

Com sua memória sobre *Pensiero e Meteore* conquistou, em 9 de agosto de 1867, o prêmio Castiglione do Instituto Lombardo de Ciências e Letras.

Mas é a 16 de outubro de 1867 que consegue a sua grande vitória no magistério universitário, aliás muito acidentado e peno-

so. A Universidade de Pavia recebe-o, afinal, como professor extraordinário de Clínica das Doenças Mentais, cargo em que é confirmado, ano após ano, até 1875. Na mesma data, condecoraram-no com a medalha ao mérito militar, comemorativa da campanha pró-independência da Itália, de 1866.

Lombroso se dedica mais a fundo às suas investigações psiquiátricas e aos estudos sobre a pelagra, mal que fazia muitas mortes entre os camponeses italianos.

Com sua obra *Studi clinici e sperimentali sulla natura, causa e terapia della pellagra* (2º ed., Bolonha, 1872), recebeu, em 1870, como incentivo, a soma de 1.000 libras no Concurso L. Cagnola, instituído pelo Instituto Lombardo. Ainda por seus méritos no estudo da pelagra, foi, aos 18 de abril de 1871, agraciado com o título de Cavaleiro da Coroa da Itália.

Em outubro de 1871 deram-lhe a direção do Manicômio Provincial de Pesaro.

Inicia, em 1872, um curso livre de Medicina Legal sobre o homem delinquente estudado pelo método antropológico experimental.

Na cidade de Viena expôs, no ano de 1873, o “sitóforo”, aparelho de sua invenção, destinado à alimentação forçada dos loucos.

Dá, em 1874, um curso sobre a causa da pelagra, sob os auspícios da Escola de Agricultura de Milão, e nesse mesmo ano é elevado a professor suplente da cátedra de Medicina Legal, Toxicologia e Higiene, na Universidade de Pavia.

Nessa Universidade, segundo escreveu Max Nordau, Lombroso teve que lutar constantemente contra a surda hostilidade, ou até manifesta, de sua direção, que empregava sistematicamente todos os meios para o bom desempenho das funções professorais e toda a melhoria em sua posição oficial. Sua doutrina sobre a pelagra também lhe criava, da parte dos colegas, uma atmosfera adversa. Farto desse conflito, aceitou ao convite insistente de velho admirador e amigo poderoso, apresentando a sua candidatura à cátedra vaga de Psiquiatria e Clínica Psiquiátrica, na Real Universidade de Turim. Aí, porém, não era menor a inveja e o

despeito. Opuseram a que fosse nomeado diretamente, sem concurso, ele, que talvez não tivesse competidor à altura!

A afronta a um nome internacional foi, entretanto, suavizada pelos canais competentes, e a 1º de outubro de 1876 nomeiam Lombroso professor ordinário na referida Universidade, não da cátedra por ele ambicionada, mas da de Medicina Legal e Higiene Pública.

Logo de entrada, foi acolhido com frieza por certos “colegas míopes e invejosos”, enquanto que a direção da Universidade passou a criar-lhe dificuldades no ensino da cátedra, negando-lhe tudo quanto precisava. Foram anos de grandes sacrifícios para Lombroso, que chegou a tirar dinheiro do seu próprio bolso a fim de comprar os materiais indispensáveis.

Em 1878 é eleito membro extraordinário do Conselho Sanitário da Província de Turim.

Funda, em 1880, juntamente com Henrique Ferri e Rafael Garófalo, a revista *Archivio di Antropologia Criminale, Psichiatria, Medicina Legale e Scienze affini*, que logo se tornou mundialmente famosa, “verdadeiro monumento científico, de valor incalculável”, segundo a expressão do Professor Pelayo Casanova, da Universidade de Havana, revista que teve sempre à testa, até o seu falecimento, o Professor Lombroso.

Passa a ser membro ordinário do Conselho Sanitário da Província de Turim, em 1881.

A 1º de fevereiro de 1886, após concurso, é nomeado médico sanitário das Prisões de Turim.

De 1887 a 1891, como professor *incaricato*, ensina Medicina Legal na Real Universidade de Turim.

A 14 de setembro de 1891 foi finalmente incumbido de lecionar Psiquiatria e Clínica Psiquiátrica na Universidade de Turim, ali também chefiando a respectiva clínica, só sendo nomeado professor ordinário das mesmas matérias em 9 de janeiro de 1896.

Em 1905 criou o célebre Museu de Antropologia Criminal, que logo se tornou ponto de romaria para estudantes e professores de todo o mundo, havendo a revista *L'Illustrazione Italiana*

estampado em 1906 fotografias do edifício onde ele funcionava, bem como de várias salas de exposição.

É nomeado, em 1906, professor ordinário de Antropologia Criminal e professor *incaricato* de Psiquiatria e Clínica Psiquiátrica, na Universidade de Turim.

Nesse mesmo ano ocupa o cargo de inspetor dos Manicômios do Piemonte, e a “Sociedade Ética de Londres” eleva-o à presidência honorária.

A última distinção recebida em vida foi o título de *Doctor juris*, da Universidade de Aberdeen (Escócia), em 1907.

### **Doutrinas científicas**

Exporemos mui sucintamente os pontos capitais em que se condensa a atividade científica de Lombroso, que derramou novas luzes sobre o abismo doloroso de diferentes formas do mal, quais a loucura, o delito, a prostituição, o alcoolismo, o cretinismo, a pelagra.

De início, há que ressaltar que o caráter específico da mente de Lombroso foi, antes de tudo, o constante e inexorável reconhecimento da soberania do fato. Ele – segundo palavras do seu eminente discípulo e continuador, Henrique Ferri – “cercava o fato como o cão de raça cerca febrilmente a caça. E diante do fato seu cérebro se excitava e dele saltavam centelhas de intuições maravilhosas, emergindo do seu pensamento, explicados no inesperado contato e confronto, os mais diferentes e abstrusos fenômenos”.

Só os fatos possuíam a força de fazê-lo mudar de ideia, e nisso reside uma das grandes superioridades do seu espírito. Não se aferrava cegamente às suas próprias doutrinas ou teorias; defendia-as obstinadamente quando acreditava responderem elas aos fatos, mas as modificava logo que outros fatos viessem demonstrar-lhe a inexatidão ou a insuficiência delas.

Como escreveu acertada e admiravelmente Lorenzo Ellero, Lombroso teve “a coragem dos inovadores geniais, profundamente convencidos, ao afrontar sozinho o mundo das ideias

secularmente estereotipadas; mas teve também uma coragem bem mais difícil: a de afrontar a si mesmo e a si mesmo corrigir-se e contradizer-se, tudo por insaciável ardor pela verdade”.

Assim, por exemplo, a gênese natural do delito, explicou-a primeiramente pelo atavismo. Não a crendo, depois, suficiente, acrescentou a degeneração e uma causa patológica, a neurose epiléptica. O mesmo se pode dizer com relação ao Espiritismo, conforme veremos mais adiante.

Afirmou Ferri (*In morte di Cesare Lombroso*, na revista “La Scuola Positiva”, 1909, págs. 582-3) que Lombroso foi em suas pesquisas um grande continuador de Galileu. Segundo este sábio físico e astrônomo, se, para interpretar a vontade do testador defunto, há necessidade de se lhe ler o testamento, para interpretar a Natureza, muito mais que a leitura dos livros escritos pelos filósofos, necessita-se interrogar diretamente a Natureza mesma, valendo-se da observação e da experiência.

Na verdade, o método de investigação seguido por Lombroso, método positivista por excelência, fora empregado por vários estudiosos, como Lamarck, Darwin, Despines e outros, sendo que a novidade introduzida pelo psiquiatra e criminologista italiano foi a de excogitar a classe de fenômenos que se haveria de estudar por tal método, para se fundar, por exemplo, um novo Direito Penal. Para Lombroso, neste caso, os fatos eram os homens, ou melhor, os delinquentes, os quais considerava como o documento vivo que devia servir de tema e ponto de partida de todas as experiências, considerando, além disso, que unicamente pela análise de suas anomalias físicas e morais poderiam ser estabelecidos os fatos cruciais da chamada “nova ciência penal”.

Se bem é verdade – como salienta a Enciclopédia espanhola “Espasa-Calpe, S. A.” – que os grandes trabalhos de Lombroso se referem especialmente à ciência penal, resumindo-se nos princípios formulados pela Escola Positiva, de que ele foi o chefe, suas investigações se dirigiram também para outros ramos do saber humano (enfermidades mentais em geral, pelagra, Hipnotismo, Espiritismo, etc.), mas em todas as ocasiões a nota distintiva do método lombrosiano foi a rigorosa e impassível observação da vida em suas complexas interações, a afirmação

de que os fatos, diretamente e bem estudados, constituem as bases firmes e inquebrantáveis sobre as quais se assentará a Ciência.

De acordo com Ferri, as maiores e mais decisivas descobertas científicas de Lombroso foram principalmente estas: a causa específica da pelagra, profilaxia e tratamento; a gênese natural do delito; a natureza do homem de gênio. Afora estas, acrescenta Ferri, muitas outras descobertas de menor importância poderiam ser mencionadas, pois onde o sábio de Verona pousasse os olhos indagadores, aí projetava um feixe de luz.

#### 1 – A CAUSA ESPECÍFICA DA PELAGRA, PROFILAXIA E TRATAMENTO

Em consequência da extrema variação na manifestação da pelagra, durante centenas de anos os especialistas não puderam atinar com a causa desse mal, nem com a sua terapêutica. Milhares de casos ocorriam em todo o mundo, e na Itália, por volta de 1856, cerca de 100.000 casos eram comprovados por F. Lussana e Frua.

Lombroso começou a estudar algumas formas especiais da pelagra, publicando em 1868 vários artigos sobre esse assunto, em revistas médicas. Do estudo destas formas especiais, passou à consideração da enfermidade em geral, e seguindo as pegadas do Dr. Balardini e do senador Teófilo Roussel, separou o *sporisorium maidis* e os demais fungos que se desenvolviam no milho deteriorado, realizando diferentes experimentos com suas culturas, tanto em animais como no homem.

Havendo demonstrado que aqueles fungos não produziam a pelagra, fez experiências com o extrato do milho estragado, e então pôde obter os sintomas específicos da enfermidade que estudava.

O tratamento de um caso grave de pelagra lhe deu a chave do enigma. Tratava-se de um tifo pelagroso, acompanhado de uremia aguda e, como todos os sintomas eram os de envenenamento, Lombroso suspeitou que muitos dos fenômenos pelagrosos seriam consequência de intoxicações também crônicas, isto é, que a pelagra seria devida não a uma infecção, mas sim a uma

intoxicação proveniente, não de um fungo do milho, mas de toxinas formadas no perisperma dos grãos de milho deteriorado por aqueles fungos (*Esperienze per lo studio della eziologia e problema della pellagra*, in “Gazetta Medica Italiana Lombarda”, 1869).

Averiguada a causa da pelagra, Lombroso buscou o tratamento. Sucessivamente emprega várias substâncias químicas, não conseguindo resultados satisfatórios. Tendo lido numa Memória de Coletti e Perugini que os pelagrosos encontravam notável alívio com o uso das águas de Levico, analisou-as cuidadosamente e, após comprovar que alguns dos seus componentes não produziam o efeito desejado, ensaiou, então, o ácido arsenioso, em forma de gotas de Fowler, obtendo, afinal, resultados realmente maravilhosos.

As consequências das descobertas de Lombroso resumiam-se nesses dois pontos: a) devia-se proibir o consumo do milho deteriorado; b) o arsênico era o remédio específico da pelagra.

Conta Ferri que por trinta anos Lombroso teve de sustentar dolorosa luta para ver acolhida a sua descoberta sobre a origem da pelagra. Não só os grandes produtores de milho, como os próprios homens de ciência o combateram com veemência: aqueles, ou porque queriam vender o milho, mesmo deteriorado, ou porque supunham seria exterminada a cultura do milho; estes, como os professores Lussana, Porta, Bonfigli, porque achavam improváveis as afirmações de Lombroso.

Acentua Scipio Sighele, ilustre sociólogo italiano, que o sábio estudioso da pelagra suscitara tamanha oposição, sendo até qualificado de heterodoxo e ousado, que por isso quase ia perdendo, em 1868, a cátedra na Universidade de Pavia.

São de 1880 as suas brilhantes *Letters al dottor Bonfigli*, clássico exemplo de ímpeto polêmico e de lógica cerrada, no dizer de Giuseppe Antonini, diretor do Manicômio de Udina.

Por duas vezes (1870 e 1872), concorrendo ao primeiro prêmio instituído pelo Instituto Lombardo, de Milão, encontrou apenas juízes que negavam *a priori* tudo quanto apresentava e afirmava sobre a pelagra. Requereu, então, uma comissão nome-

ada pelo Instituto. Após dois anos de estudos, os membros dessa comissão, torcendo desonestamente os fatos, declararam que o milho deteriorado era inócuo!

Lombroso ficou indignado com essa falsa conclusão. Auxiliado pelo químico Francisco Dupré, extraiu do milho deteriorado uma solução aquosa que produzia as reações gerais dos alcalóides e que, absorvida ou injetada em cães, frangos, coelhos e rãs, originava convulsões e outros fenômenos próprios da pelagra. Esse extrato aquoso foi remetido à referida comissão. E porque essa preparação originava sintomas análogos aos da estricnina, atreveram-se a acusá-lo de fraudador, incriminando-o de haver misturado esse veneno ao seu produto para obter os seus famosos coelhos pelagrosos!

Lombroso, inabalável em sua fé na vitória da verdade, resistiu a todas as investidas que o procuravam ridiculizar. Exigiu que um químico do Instituto preparasse, com suas próprias mãos, o extrato, segundo o método por ele indicado. O referido químico assim o fez e, tendo experimentado em animais a solução obtida, verificou que ela os matava com sintomas semelhantes aos do envenenamento estricnínico, mas teve a falta de coragem ou de honestidade para tornar público os resultados. Lombroso não se conteve e publicou as conclusões do químico, que o ameaçou de um desmentido.

E só quando o sábio Marcelino Berthelot, bem como Pellogio, Huseman e Auspitz demonstraram haver no extrato do milho deteriorado um alcaloide semelhante, mas não igual, à estricnina, só então os caluniadores calaram e começou a justiça para Lombroso. Sua doutrina sobre a pelagra e o tratamento específico por ele indicado ganharam novos defensores.

Finalmente, em 1902, deu-se a consagração oficial. O Governo italiano promulgou uma lei para combater a pelagra, tomando uma série de providências administrativas, higiênicas, econômicas e agrárias, todas inspiradas na doutrina lombrosiana. A incidência da doença diminuiu sensivelmente, e em 1905 o número de pelagrosos na Itália era cerca de cinco mil apenas.

Depois de curtir dores e desenganos, que infelizmente sempre acompanham a obra dos renovadores, ele pôde, ainda em vida, ver triunfar as suas ideias. Por tudo quanto fez e escreveu sobre o problema pelagróxico, Lombroso merece, por direito – na opinião autorizada dos Drs. Antonini e Tirelli – “ser aclamado o pai da pelagrogia moderna”.

## 2 – A GÊNESE NATURAL DO DELITO

Conhecendo as obras de Frenologia e Fisionomia publicadas antes dele, Lombroso propôs-se completar, sistematizar e organizar a chamada Antropologia Criminal, a fim de fixar as bases do sistema penal positivo, que, segundo suas próprias palavras, não é senão “parcial consórcio, aliança simpática entre o Direito Penal e a Antropologia Criminal”.

Conquanto tivesse tido, de certo modo, precursores como Gall e Lavater, Morel e Despine, Porta e Lauvergne, Thompson e Wicholson, que já haviam feito declarações sobre a natureza dos delinquentes, insistindo nas relações entre o físico e o moral, procurando estabelecer a existência de sinais exteriores característicos, em correspondência com as tendências delituosas ou degenerativas, Lombroso merece, a bem dizer, as honras de ter sido o fundador da moderna Antropologia Criminal. Daí o Prof. José Sergi, grande antropologista e pedagogo italiano, haver afirmado que este corpo de doutrina não teve, na verdade, origem nos seus precursores, sendo criação exclusiva do extraordinário intelecto de Lombroso, através de suas observações diretas e intuição profunda.

Após demorados e pacientes estudos, realizados entre os soldados, durante a guerra, entre presos e enfermos mentais, atentamente examinados, após colher centenas de casos abonadores de suas ideias, é que Lombroso traz a lume a célebre obra *L’Uomo delinquente in rapporto all’antropologia, giurisprudenza e discipline carcerarie* (Milão, 1876), livro que teve muitas edições, sempre melhoradas e ampliadas pelo autor, e que foi vertida para várias línguas.

De acordo com a sua doutrina aí exposta, tanto o criminoso como o delito são um produto atávico, herança da idade selva-

gem, da idade animal e até da infância, e o delito é uma consequência da organização física e moral do criminoso. Foi ele, ao que parece, influenciado nessas concepções pelas teorias darwinianas, e entre os diversos tipos de criminosos que admitia, como os de ocasião, os loucos, os criminaloides ou pseudocriminosos, incluiu a concepção ousada e original do “criminoso nato”, ser humano incorrigível e irresponsável, predestinado necessariamente à prática do crime por um impulso epiléptico congênito e profundo, que se traduziria por certos caracteres morfológicos e funcionais.

Mais larga repercussão teve a 2ª edição de *L’Uomo delinquente*, tanto que o sábio russo Metchnikoff escreveu ao seu autor, dizendo-lhe: “Acredito que sua obra marcará uma época na história da evolução dos conhecimentos humanos, pois as consequências sociais da nova doutrina serão consideráveis.”

Combatendo o que era aceito como dogma intangível nos domínios da ciência jurídica, Lombroso levantou contra si violenta reação, com vivíssimas discussões, por vezes apaixonadas, despertando grande bulício em torno do seu nome. Por ignorância ou não, até propalavam que ele pretendia, por meio de suas ideias, acabar com as prisões, pensamento que jamais lhe passara pela mente. Desassombrado, não fugiu à luta e, ao lado de Ferri, Garófalo, Marro e Mário Carrara, conseguiu sobrepor-se e criar toda uma escola composta de médicos, filósofos, sociólogos e juristas.

Com o livro *L’Uomo delinquente*, Lombroso veio dar significativo impulso ao antigo Direito, que permanecia estacionário com Francisco Carrara e discípulos, numa “ruminação científica”, segundo a expressão pitoresca de Ferri, sem proveitos para a causa da humanidade, a cujas ambições a esgotada escola já não podia mais satisfazer.

No dizer do Prof. C. Winkler, da Universidade de Amsterdã, “Lombroso fez pelo Direito Penal o que, dois séculos antes, fez Morgagni pela Medicina”, comparação, aliás, muito honrosa, pois se sabe que Morgagni, igualmente italiano, foi um dos mais notáveis anatomistas de todos os tempos, contribuindo com suas

notas, observações e descobertas para abertura de novos caminhos à ciência médica.

Livrando a justiça penal de toda a sobrevivência barbárica de vingança e de violência, demonstrando ser o criminoso mais doente do que culpado, abriu novas perspectivas de uma clínica social, com funções de defesa mais eficazes e mais humanas.

Desde que o criminoso é um doente, absurdo será puni-lo. Deve receber adequado tratamento e ser posto simplesmente na impossibilidade de causar dano. Esta revolução operada por Lombroso, simples e cristã, levou o Prof. Sérgio Sighele a declarar que o criador da Antropologia Criminal “fez pelos delinquentes o que Pinel, há mais de um século, fez pelos loucos: não apenas obra de ciência, mas principalmente obra de humanidade”.

Congressos nacionais e internacionais, publicações periódicas e sociedades científicas surgiram com o crescer do movimento de ideias por ele desencadeado. O 1º Congresso Internacional de Antropologia Criminal (1885), realizado em Roma, contou com a presença de notáveis psiquiatras, médicos legistas e juristas europeus, e foi, como se disse, “a cerimônia de batismo da Escola Positiva”.

Triunfavam, afinal, as ideias do sábio acerca do homem delinquente, ideias – frisa o Dr. Leonídio Ribeiro, professor de Criminologia no curso de doutorado da Faculdade Nacional de Direito do Estado da Guanabara – “que não se originaram de pensamentos teóricos, mas de fatos positivos observados nos laboratórios, clínicas, manicômios e prisões”.

Uma série de reformas foram iniciadas na justiça penal dos países da Europa e das duas Américas, com aplicação da doutrina lombrosiana.

No Brasil, muitos juristas e psiquiatras aderiram às novas concepções e as propagavam, como Perez Florinha, diretor do Reformatório do Rio de Janeiro, o grande Tobias Barreto de Menezes, João Vieira de Araújo, Nina Rodrigues, Cândido Mota e Francisco Viveiros de Castro, este com a sua obra *A Nova Escola Penal* (1894).

O jurista e político pernambucano Dr. João Vieira de Araújo assim se externava em fins do século XIX: “Lombroso se erige à frente do Direito Penal neste século, como Beccaria se erigiu no século passado. Ele é um renovador audaz, um pensador de vista larga, de ideias larguíssimas. O ter lançado por terra as antigas ideias metafísicas e caducas será o seu maior título de glória.”

“O feito revolucionário de Lombroso – relembrou há alguns anos o ilustre criminologista argentino Juan Dalma – consistiu em haver posto no centro da atenção dos estudiosos, não o delito em si, senão seu protagonista, o homem delinquente, com suas características somatopsíquicas constitucionais e os aspectos ambientais que determinam a sua ação. Criou-se, assim, a Antropologia Criminal, que, com seus fundamentos, transformou completamente o Direito Penal e todo o conteúdo jurídico, social e biológico do delito.”

Além do primeiro Congresso Internacional retrocitado, durante a existência terrena de Lombroso sucederam-se outros, respectivamente em Paris, Bruxelas, Genebra, Amsterdã e Roma, aos quais compareceram as maiores celebridades mundiais, não faltando a presença brilhante e sempre ansiada por todos do mestre italiano.

Atendendo a insistentes pedidos, Lombroso também participou, em 1897, do Congresso de Medicina de Moscou, bem como dos trabalhos científicos do Congresso Internacional de Psicologia (1905), em Roma, aí presidindo a seção de Antropologia Criminal.

Foi no Congresso de Bruxelas, em 1892, que, segundo seu presidente, Prof. Semal, se consumou esta grande vitória: a união definitiva da ciência médica com a ciência penal.

Há mais coisas interessantes a registrar. No Congresso de Paris, em 1889, o Prof. Manouvrier, pertencente à Escola Sociológica do Direito Criminal, proclamava que a teoria de Lombroso morrera. Porém, como este morto ressuscitava em todos os códigos penais redigidos e adotados posteriormente, um colega e êmulo de Manouvrier, Gauclker, declarava agora, no Congresso de Amsterdã, em 1901, que Lombroso não fizera mais que

arrombar portas abertas, pois todas as suas teorias eram velhas quanto o mundo e mais que conhecidas, trivialidades, lugares comuns.

Vê-se, assim, até onde ia a inconsequência dos adversários, que lançavam mão de toda e qualquer saída para desmerecer o alto nome de Lombroso. Tudo foi em vão, e este crescia sempre na admiração e no respeito de todos.

Em 1906, de 28 de abril a 3 de maio, realizou-se o VI Congresso Internacional de Antropologia Criminal, celebrando-se nele o jubileu científico do sábio de Verona.

O maior anfiteatro da Universidade de Turim foi palco de grandiosa solenidade, que marcou para Lombroso um triunfo sem par. “Em presença – diz Max Nordau – de representantes do Governo italiano, do Exército, que enviara um general como delegado, de senadores, de deputados, de sábios célebres de todos os países; ante os estudantes que haviam acudido em massa para aclamar o mestre, uma longa fila de oradores subia à tribuna e glorificava Lombroso.”

Um desses oradores, o mui ilustre Prof. Van Hamel, da Holanda, referindo-se aos dois Césares da renovação penal – Beccaria e Lombroso –, assim salientava: “O primeiro, nos dias em que tudo era arbitrário, disse ao homem: conheça a justiça. O segundo, no tempo em que triunfava a rigidez, o convencionalismo, as fórmulas clássicas jurídicas, disse à justiça: conheça o homem.” Queria ele expressar com isso que de agora em diante, conhecendo-se melhor o homem, a justiça se faria menos injusta.

Para as homenagens a Lombroso várias comissões haviam sido constituídas: Comissão Central, presidida pelos Profs. Leonardo Bianchi e A. Tamburini; Comissão Italiana, entre cujos membros estavam os professores Brusa, Borri, Carrara, Ferrero, Severi, Tamassia, Tirelli, de Sanctis, etc.; Comissão Internacional de personalidades do mundo científico, como Bechterew, Benedikt, Max Nordau, Sollier, Van Hamel, etc.; Comissão Popular, que entregou a Lombroso um objeto de arte, homenagem da classe trabalhadora; Comissão de Estudantes, que ofereceu artístico pergaminho ao amado mestre.

Uma das solenidades bastante emocionante foi a entrega que o Dr. J. A. Lacassagne, professor de Medicina legal na Faculdade de Lião, lhe fez, em meio de estrondosa salva de palmas, da cruz de Comendador da Legião de Honra, com que o governo francês o agraciara. A escolha do Prof. Lacassagne para aquela incumbência foi muito apreciada. Como chefe da Escola Sociológica do Direito Penal, combatia as teorias de Lombroso, mas, acima de tudo isto, admirava-o e o reconhecia sobretudo como “o apóstolo da piedade para os infelizes, da justiça para os deserdados”.

Em seguida, levanta-se uma comissão de insígnies mestres italianos e estrangeiros, do Direito e da Medicina, e presenteia o homenageado com um rico álbum de assinaturas e com um medalhão cinzelado pelo afamado escultor Bistolfi, medalhão que simbolizava a obra do herói da festa.

Uma das cerimônias mais expressivas foi a instituição, na Universidade de Turim, da cátedra de Antropologia Criminal, graças aos esforços do grande psiquiatra e neuropatólogo Leonardo Bianchi, então Ministro da Instrução Pública, sendo nomeado Lombroso para seu primeiro ocupante, tornando-se, assim, em todo o planeta, o inaugurador oficial do ensino da ciência de que ele fora o fundador.

“Aquilo tudo – escreve Max Nordau – foi uma apoteose cuja repercussão atravessou o oceano. Única exceção na Itália, na Europa, pode-se dizer, foi a Faculdade de Turim, que encontrou o meio de ignorá-lo. Absteve-se de tomar parte na festa, não figurou na comissão, nem entre os oradores, nem sequer entre os assistentes, e em sua Memória anual passou em silêncio uma cerimônia que tivera por teatro a mais bela sala da Universidade. Na altura a que chegara, Lombroso podia rir dessa raiva impotente de adversários grotescos e desprezá-la. Contudo, não temos por que isentá-la por isso de merecida censura.”

E nos dias atuais, o conhecido criminologista argentino Juan Dalma demonstrou, em longo estudo, que as concepções lombrosianas do delinquente epilético foram uma genial antecipação das modernas doutrinas constitucionalísticas, psicodinâmicas e neurofisiológicas, doutrinas estas que, em sua opinião, projetam

“nova luz sobre as velhas concepções do sábio de Pavia, e as confirmam de forma inesperada. *Multa renascentur, quae iam cecidere*”.

### 3 - A NATUREZA DO HOMEM DE GÊNIO

Estudando os homens de gênio, não só sustentou as relações frequentes entre o gênio e a loucura, senão que chegou à conclusão de que o gênio do homem é o produto de uma psicose, de caráter degenerativo. Colocou, assim, os grandes homens no domínio da patologia mental, o que, aliás, já fora sustentado por outros autores, especialmente por Moureau de Tours e Lélut.

Lombroso baseou-se em observações numerosas, desde os tempos antigos, e disse Ferri que “até nos homens tidos por mais equilibrados e normais, neles também foi comprovada a nota degenerativa”.

A primeira tese que publicou sobre o assunto saiu em 1864, na cidade de Milão, sob o título *Genio e Follia* (4ª ed., muito aumentada, Turim, 1882).

Juntaram-se a esta, posteriormente, três novas obras: *L’Uomo di genio* (6ª ed. definitiva, Turim, 1894), na qual suas teorias a respeito assumiam formas mais definidas; *Genio e degenerazione* (Palermo, 1898) e *Nuovi studi sul genio* (2 vols., Palermo, 1902).

Para Lombroso, em suma, o gênio não é incompatível com uma natureza epiléptica, uma degenerescência epiléptica. Muitos fatos acumulou e coordenou para comprovar a sua doutrina, emprestando-lhe, segundo a expressão de Ferri, um “vigor miguelangelesco”, mas, mesmo assim, teve de enfrentar furiosas e implacáveis críticas, censuras indignas do seu alto valor, frequentemente misturadas com a fantasia silogística.

A torrente de ideias profundamente inovadoras que o cérebro pujante de Lombroso derramara no mundo do século passado, sobre um terreno tão inquietante como é aquele da loucura, do delito, do gênio, suscitou, como é natural e normal, um clamor de resistência e aversão, ao lado de uma onda entusiástica de adesão, parcial ou total.

“Poucos sábios ou filósofos foram tão infamados e tão atacados como o foi César Lombroso” – escreveu o jornal parisiense “Siècle”, em 1909.

É este, em verdade, o destino de todos os que ousam traçar novas diretrizes no mundo científico, filosófico ou religioso, e Lombroso exteriorizou, em certas ocasiões, todo o seu menosprezo por aqueles ecléticos que, semelhantes a esponjas, absorvem tudo e não produzem nada. Chamava-lhes “mestrezinhos da Ciência”, que, de ordinário, acrescentava Lombroso, esperam, para ter uma opinião científica, a última palavra da Sorbona ou da feira de Lípsia.

Quem evoca, em minúcias e a cores vivas, a vida de lutas e de dores do genial e verdadeiro homem de ciência é sua própria filha Dra. Gina Lombroso-Ferrero, quer no artigo “La Vita de Papà” (*in* “Archivio di Antropologia Criminale”, 1909, págs. 607-632), quer no livro de sua autoria *Cesare Lombroso, Storia della vita e delle opere, narrata dalla figlia*, Turim, 1915 (2ª ed. 1921, fundamental).

Houve, naqueles recuados tempos, um médico e consagrado psicólogo, Padre Agostinho Gemelli, mais tarde reitor da Universidade Católica de Milão e presidente da Academia Pontifícia das Ciências, que, com todas as suas forças, combateu as doutrinas de Lombroso, afirmando, após o falecimento deste, serem elas anticristãs e que não passavam de caricatura de ciência, acabando por considerá-las definitivamente sepultadas com seu autor.

A verdade, todavia, vence o tempo e vence os homens. Em 1951, segundo nos conta o Prof. Leonídio Ribeiro, esse mesmo padre franciscano, ao inaugurar a Escola de Aperfeiçoamento de Estudos Criminais da Universidade de Roma, volta atrás e afirma textualmente: “Ninguém mais poderá hoje negar que a Antropologia Criminal realizou conquistas importantes, no campo da ciência, para o conhecimento do homem delinquente, imprimindo os discípulos de Lombroso novos rumos ao Direito Penal de nossos dias.”

Depois de estudar o “homem louco”, o “homem delinquente” e o “homem gênio”, no ocaso de sua vida Lombroso aprestou-se a estudar o “homem santo”, mas a saúde não lhe permitiu chegar a termo.

### **Produção científica**

Deixou o sábio veronês vasta obra relacionada com a Psiquiatria, a Medicina Legal, as disciplinas carcerárias, a justiça penal, a profilaxia do delito, etc., somando-se a ela centenas de memórias e artigos científicos estampados, até os seus últimos anos de peregrinação terrena, em numerosas revistas e jornais de todo o mundo, especialmente da Europa.

Além das obras mencionadas no decorrer deste trabalho biográfico, alinharemos mais algumas, a saber: *L’Uomo bianco e l’Uomo di colore* (Pádua, 1871); idem, 2ª ed. aumentada (Turim, 1892); *I veneti del mais e da loro applicazione all’igiene e alla terapia* (Bolonha, 1877); *Sulla medicina legale del cadavere* (Turim, 1877); *L’amore nel suicidio e nel delitto* (Turim, 1881); *Pazzi e anomali* (1885), reunião dos seus artigos e polêmicas em defesa da Escola Positiva; *Il delitto politico e le rivoluzioni* (Turim, 1890); *Trattato profilattico e clinico della pellagra* (Turim, 1892); *Le più recenti scoperte e applicazioni della psichiatria e antropologia criminale* (Turim, 1893); *La donna delinquente, la prostituta e la donna normale*, em colaboração com G. Ferrero (Turim, 1893); *L’antisemitismo e la scienze moderne* (Turim, 1894); *Grafologia* (Milão, 1895); *Lezioni di medicina legale* (2ª ed. Turim, 1900); *Delitti vecchi e delitti nuovi* (1902); *Il momento attuale in Italia* (Milão, 1904); *La perizia psichiatrico-legale coi metodi per eseguirli e la casuistica legale* (Turim, 1905); etc.

“As ideias de Lombroso – declarou, faz poucos anos, o Prof. Leonídio Ribeiro – receberam o apoio de mestres e estão sendo confirmadas à luz das últimas conquistas da ciência.”

Não é, pois, fora de propósito esta frase do grande jurista Vincenzo Manzini, professor ordinário da cátedra de Direito e Processo Penal na Universidade de Pádua, frase existente no 1º

tomo do seu famoso *Trattato di diritto penale italiano*: “Se Lombroso não tivesse existido, haveria uma lacuna na evolução lógica das ideias do nosso tempo. Assim escreveu Gross, e este criminalista germânico tinha inteira razão.”

### **No campo do Espiritismo**

Foi lenta e árdua, porém contínua e segura, a marcha de Lombroso rumo ao Espiritismo.

Em seu opúsculo *Studi sull’Ipnotismo* (Turim, 1882), o ilustre antropologista ridiculizava as manifestações psíquicas, chegando até, segundo suas próprias palavras, “a insultar os espíritas”. Motejava do fenômeno das “mesas girantes e falantes”, estranhando que pessoas de mente sã pudessem prestar-se a tanta charlatanice.

Em julho de 1888, publicava no jornal “*Fanfulla della Domenica*” (n. 29) um artigo intitulado “*L’influenza della civiltà e dell’occasione sul genio*”, artigo em que se mostrava, ao referir-se ao Espiritismo, menos intransigente, salientando, após breve raciocínio, lógico e cheio de bom-senso:

“Quem sabe se eu e meus amigos, que rimos do Espiritismo, não laboramos em erro.”

À leitura deste artigo, o conde Ercole Chiaia, cavaleiro napolitano de grande cultura (cuja desencarnação, em 04/03/1905, foi bastante lastimada por eminentes personalidades do mundo científico e literário), escreveu longa e brilhante carta a Lombroso, em agosto de 1888, publicada, sob o título “*Una Sfida per la Scienza*”, no mesmo jornal há pouco citado (ano X, n. 34). Nela, chamava a atenção do sábio para uma “doente” extraordinária, com quem se produziam os fenômenos mais estranhos, alguns dos quais passou a relatar. Em seguida, convidava-o, num desafio cortês, para a eles assistir e simplesmente comprovar-lhes ou negar-lhes a realidade. A referida “doente” era uma napolitana analfabeta, da classe mais humilde da sociedade, com menos de quarenta anos de idade, robusta, e chamava-se Eusápia Paladino.

O conde Chiaia dispunha-se ainda um encontro em qualquer lugar (Nápoles, Roma e até Turim) que Lombroso designasse e,

além de outras facilidades de investigação, concedia-lhe plena liberdade de ação nas experiências. “Melhores condições – declarava ele – não se poderia oferecer nem mesmo aos cavaleiros da Távola Redonda”.

Três anos depois, porém, foi obrigado, por motivos profissionais a ir a Nápoles. “Casualmente – é ele próprio quem o narra – me encontrei com alguns dos admiradores de Eusápia Paladino, especialmente com o Sr. Chiaia, que me pediu fizesse experiências com essa médium.” Disse-lhe Chiaia: “Já que estais entre nós, nada vos impede de assistir a uma sessão e de desmascarar o embuste.”

Sempre havendo pelejado por amor da verdade em todos os campos do conhecimento humano, conforme acentuou o poeta orientalista alemão Artur Pfungst, o célebre autor de *O Homem delinquente* aceita, afinal, o convite, mas impõe estas condições: não participaria de sessão às escuras ou de sessão pública, e as experiências deviam realizar-se à luz do dia e no quarto do hotel onde estava hospedado. Afinal, explicou ele mais tarde, “depois de ter ouvido alguns sábios negarem fatos de hipnotismo, como a transmissão do pensamento, a transposição dos sentidos, que, por serem raros, não são menos reais, e que eu verificara atentamente, perguntei-me a mim mesmo se o meu cepticismo a respeito dos fenômenos espíritas não seria da mesma natureza que o dos outros sábios com relação aos fenômenos hipnóticos”.

Por se tratar de um acontecimento deveras histórico, ocorrido em março de 1891, deixemos que o próprio Lombroso relate o começo de sua iniciação nos fenômenos espíritas:

“Quando vi, à plena luz, uma mesa levantar-se do chão – só Eusápia e eu estávamos juntos da mesa – e uma pequena trombeta voar como uma flecha da cama à mesa e desta à cama, meu cepticismo recebeu um choque, e eu desejei fazer novas experiências de outra natureza, no mesmo hotel, com três colegas.

Na sessão seguinte, fui testemunha da habitual mudança de lugar de objetos e ouvi pancadas e ruídos. O que mais me impressionou foi uma cortina existente defronte da alcova, que,

desprendendo-se de repente, se dirigiu para mim e enrolou-se ao meu corpo, apesar dos meus esforços contrários, parecendo exatamente uma delgadíssima folha de chumbo. Só após algum tempo consegui desenredar-me dela.

Outro fato muito me impressionou: um prato cheio de farinha deu um giro e, ao se colocar na situação primitiva, verifiquei que a farinha, antes perfeitamente seca, se havia transformado numa espécie de gelatina, permanecendo neste estado por um quarto de hora.

Finalmente, quando nos íamos retirar do quarto, um pesado móvel que estava num canto afastado do apartamento principiou a deslizar na minha direção, como se fosse enorme paquiderme.”

Logo a seguir, outras sessões realizou Lombroso com a médium Paladino e nas quais tomaram parte, ora numa, ora noutra, vários professores ilustres, como Augusto Tamburini, Vizioli, Ascensi, Leonardo Bianchi, Frederico Verdinois, Limoncelli, Penta, De Amicis, Ciolfi, etc.. Incrédulos a princípio, menos este último, que já havia observado os fatos mediúnicos, todos eles se certificaram da insofismável realidade dos fenômenos oferecidos por Eusápia e por ela atribuídos ao seu guia espiritual John King, fenômenos na sua quase totalidade de efeitos físicos, sendo raros os subjetivos.

Num dos relatórios, escrito pelo Prof. Ernesto Ciolfi, este conta que em dada sessão, após se produzirem as manifestações habituais de transporte, levitação e tiptologia, os presentes já se dispunham a retirar, quando a atenção de todos foi despertada para a alcova, então fechada por reposteiros. Tinham ouvido um barulho estranho que dali vinha.

A médium, do lado de fora, ainda continuava sentada e amarrada.

De súbito, os reposteiros se agitaram fortemente e viu-se, em plena luz, uma mesinha sair da alcova e caminhar docemente para a médium. Neste momento, o Prof. Lombroso entrou na alcova e constatou que o prato cheio de farinha, ali posto, estava revirado, sem que se visse a menor partícula de farinha espalha-

da fora do prato; “feito que – salientou Lombroso – nem o mais hábil prestidigitador seria capaz de operar”.

Noutra sessão – conforme relatou o célebre escritor científico francês Francisco Henrique de Parville (*O Espiritismo e a Ciência*, in “Jornal do Commercio”, do Rio de Janeiro, 07/08/1892) – o Sr. Hirsch, banqueiro, tendo pedido para conversar com uma pessoa que lhe era cara, viu a imagem desta e ouviu-a falar em francês (ela era francesa e falecida havia vinte anos), língua então desconhecida da médium. Esse fenômeno de materialização foi igualmente observado na sessão em que tomaram parte os Drs. Defiosa e Barth, havendo este último reconhecido seu pai, já morto, que por duas vezes o abraçou.

Diante desses maravilhosos resultados, Lombroso não titubeou em permitir fosse publicado na “Tribuna Giudiziaria”, de 15 de julho de 1891, uma carta por ele endereçada ao Prof. Ciolfi, datada da cidade de Turim, aos 25 de junho do mesmo ano.

Nesta carta, de um verdadeiro e leal homem de ciência, Lombroso confessava, em certo trecho, pública e textualmente:

“Estou muito envergonhado e desgostoso por haver combatido com tanta persistência a possibilidade dos fatos chamados espíritos; digo fatos, porque continuo ainda contrário à teoria. Mas os fatos existem e eu deles me orgulho de ser escravo.”

A sinceridade dessa confissão era o primeiro testemunho da sua imparcialidade. A verdade, para ele, estaria sempre acima de sua própria pessoa.

Como é compreensível, a sensacional nova das experiências lombrosianas com Eusápia Paladino e as declarações categóricas do professor fizeram grande ruído no mundo científico.

Alexandre Aksakof, diretor do jornal “Psychische Studien”, de Lípsia, Conselheiro de Estado de S. M., o imperador da Rússia, escreveu, entusiasmado, ao conde Chiaia: “Glória a Lombroso pelas suas nobres palavras! Glória a vós pela vossa dedicação! Estais largamente recompensado.”

Tomando em consideração o testemunho insuspeito do Prof. Lombroso, reuniu-se em Milão uma comissão de ilustres cientistas com o objetivo de verificar os fenômenos eusapianos, submetendo a médium a experiências e a observações tão rigorosas quanto possíveis. Foram ao todo dezessete sessões, iniciadas em outubro de 1892, na residência do egrégio engenheiro e professor de Física, Giorgio Finzi. Além deste, participaram das investigações os senhores: Aksakof; Giovanni Schiaparelli, diretor do Observatório Astronômico de Milão; Carl du Prel, doutor em Filosofia, da Universidade de Mônaco, Baviera; Angelo Brofferio, professor de Filosofia; Giuseppe Gerosa, professor de Física na Real Escola Superior de Agricultura, de Portici; G. B. Ermacora, professor de Física. Assistiram a parte das sessões Charles Richet, professor da Faculdade de Medicina de Paris, e César Lombroso.

Um resumo dos notáveis resultados obtidos foi dado a público no jornal “Italia del Popolo” (suplemento ao nº 883), sendo alinhados inúmeros fenômenos (levitação, transporte, pancadas fracas e fortes, materializações, etc.), ocorridos à plena luz ou em semi-obscuridade, muitos controlados pela fotografia, não se falando da enérgica e contínua fiscalização exercida sobre a médium.

Conta Richet, que diz ter assistido a quase duzentas sessões com Eusápia, que numa dessas sessões de Milão, ele foi tocado, em dois lugares diferentes do corpo, por mãos materializadas, estando as mãos e os pés da médium perfeitamente seguros por Schiaparelli e Finzi. Noutra ocasião, não só impressões digitais foram feitas num papel esfumado colocado sobre a mesa, mas também a impressão de toda uma mão esquerda, sem que ninguém presente à sala fosse o autor dessa manifestação. Não nos alongaremos na descrição de muitos outros fatos interessantes, visto que encheríamos páginas e mais páginas.

Diria mais tarde o próprio Lombroso:

“Em minha ignorância de tudo quanto se referisse ao Espiritismo, e somente me baseando nos resultados dos meus estudos sobre a história e a patologia do gênio, a hipótese mais

provável que me ocorreu foi a de que esses fenômenos histero-hipnóticos seriam devidos a uma projeção motora e sensorial dos centros psicomotores do cérebro, enquanto outros centros nervosos ficariam debilitados pela neurose e pelo estado de transe. Sucederia o que se observa com a inspiração criadora do gênio, associada a um decaimento da sensibilidade da consciência e do sentido moral.

Eusápia, que era neurótica em seu estado normal, em consequência de um ferimento na cabeça que havia recebido quando menina, ficava, durante esses estranhos fenômenos espiritistas perfeitamente inconsciente e presa também de convulsões.

Confirmei-me nessa suposição, refletindo que o pensamento, por sublime que seja, é um fenômeno de movimento, e observando que os mais importantes fenômenos espiritistas sempre se manifestam nas pessoas e nos objetos situados próximos do médium.”

Tal era, em síntese, na ocasião, a tese explicativa que ele apresentava. Não podendo conceber o pensamento sem cérebro, nem, por conseguinte, a sobrevivência do *eu* humano, com suas faculdades integrais, perfilhava ele, para os fenômenos mediúnicos, as interpretações neurofisiológicas, com exclusão da hipótese “espírita”.

A isso tudo ele ainda acrescentava, aludindo aos que, descrentes por preconceito, sem nunca terem experimentado, nada querem perceber, senão fraude e ilusão:

“Desconfiemos dessa pretensa penetração de espírito que consiste em divisar farsantes por toda parte e em crer que sábios somos apenas nós, porquanto essa pretensão poderia levar-nos justamente ao erro. Nenhum desses fatos (que têm de ser aceitos, porque não se podem negar fatos que foram vistos) é, entretanto, de natureza a deixar supor, para explicá-los, um mundo diferente daquele que os neuropatologistas admitem.”

O tempo passa. As experiências de Lombroso se multiplicam.

Seu amigo Prof. Ermacora demonstra-lhe a insuficiência da hipótese aventada de início, no seu caráter físico, por assim dizer. O chefe da escola psiquiátrica italiana sente, aos poucos, a fragilidade de sua interpretação psicofisiológica para os fenômenos, e eis que, em 1900, numa carta ao Prof. Dr. M. T. Falcomer, espírita convicto, declara, com a sinceridade que sempre o caracterizou: “Sou, com relação às teorias espíritas, como pequeno seixo na praia; ainda a água não me cobre, mas sinto que, a cada maré, vou sendo arrastado um pouco mais para o mar.”

Sempre fiel ao método experimental, realiza ele novas sessões com Eusápia (cem pelo menos, afirmou, em 1908, ao redator do jornal parisiense “Le Matin”), em Milão, Gênova, Nápoles, Turim, Veneza, e parece que também em Paris, sessões que o levam passo a passo, lento lento, a tender para a hipótese espírita.

Em 1902, na casa da condessa Celesia, reúne-se a um pequeno grupo de amigos, entre eles os Drs. Celesia, Morselli e Porro, e obtém novas e valiosas confirmações experimentais dos fenômenos mediúnicos de Eusápia. Nesse mesmo ano, entre surpreso e emocionado, vê o Espírito materializado de sua própria mãe, ouve-lhe a voz e sente-lhe o contato. Anos depois esse fato se torna a repetir ante seus olhos e dos demais assistentes.

Referindo-se ao Dr. Pio Foà, que, por essa época, obtivera numa placa a impressão de um dos dedos de uma mão materializada, escreveu Lombroso:

“É a primeira vez, se não me engano, que nos aproximamos intimamente, experimentalmente, dos fenômenos e, por assim dizer, do *organismo espírita*, dessas representações passageiras, transitórias, da vida do Além, cuja existência os incrédulos pretendem negar, apesar da opinião universal confirmada por milhares de fatos que se multiplicam incessantemente aos nossos olhos...”

Lombroso toma conhecimento das corroborações às suas experiências com Eusápia, fornecidas por outros sábios, e prossegue mais confiantemente, ano após ano, no seu perseverante trabalho de investigação.

Numa sessão, em 1907, por ele realizada juntamente com os Drs. Audenino, Norlenzki, o editor Bocca e outras pessoas eminentes, repetiram-se, em toda a sua pujança, os fenômenos eusapianos. Aparelhos registradores colocados num gabinete, bem longe da médium, deram, sem nenhum contato visível, indicações diversas. Um bandolim tocou sozinho. Uma configuração de cabeça foi vista.

As experiências do Dr. Filipe Bottazzi, professor de Fisiologia na Real Universidade de Nápoles, foram das mais demonstrativas e trouxeram forte apoio às descritas por Lombroso. “Elas forneceria – salienta Charles Richet, prêmio Nobel de Fisiologia –, se fosse necessário, a prova decisiva das materializações e dos movimentos sem contato.”

Além do Prof. Bottazzi, esteve presente a essas sessões com Eusápia ilustre comissão assim composta: Dr. Gino Galeotti, professor ordinário de Patologia Geral na Universidade de Nápoles; Dr. Tommaso de Amicis, professor ordinário de Dermatologia e Sifilografia na mesma Universidade; Dr. Oscar Scarpa, livre-docente de Física e prof. *incaricato* de Eletroquímica na Real Escola Superior Politécnica de Nápoles; Dr. Luigi Lombardi, professor ordinário de Eletrotécnica e *incaricato* de Física Técnica na mesma Escola; Dr. Sérgio Pansini, professor ordinário de Semiótica Médica na Universidade de Nápoles; Engenheiro Emmanuelle Jona, presidente da Associação Eletrotécnica Italiana e diretor dos serviços elétricos da Casa Pirelli, de Milão; Senador Dr. Antônio Cardarelli, professor ordinário de Clínica Médica na Universidade de Nápoles.

Usando moderna e complexa aparelhagem, sob condições de irrepreensível controle junto à médium Paladino, esses sábios reconfirmaram, nos laboratórios do Instituto de Fisiologia Experimental, a autenticidade dos fenômenos de transporte, de levitação, de numerosas e variadas materializações, contatos de mãos, etc., não se falando da mão fluídica que Bottazzi apertou com a sua e que, em vez de se retirar, se fundiu, se desmaterializou, se dissolveu.

Bottazzi, que em 1907 havia iniciado esses estudos com ceticismo, concluiu desta maneira: “A certeza que adquirimos com

respeito a esses fenômenos é da mesma ordem da que se adquire com respeito à realidade dos fenômenos naturais, físicos, químicos ou fisiológicos que temos estudado.” (Bottazzi, *Fenomeni medianici*, Nápoles, F. Perrella, 1909).

Ante a opinião pública, crescia, assim, o crédito nas reiteradas afirmações de Lombroso relativamente às experiências eusapianas. Ele se aprofunda nas investigações. Presencia ainda os fenômenos produzidos nas chamadas “casas assombradas”, como a casa do comerciante de nome Fumero, em Turim, e a do tipógrafo Mignotte. Vê, com seus próprios olhos, garrafas passando no ar, cadeiras saltando como se fossem seres vivos, vasos partirem-se sem mais nem menos, móveis dançarem, etc. Acerca de suas observações pessoais nestas casas, também chamadas “espíritadas”, extenso relatório foi publicado no “The New York Herald”, em 1909. O correspondente, em Turim, desse jornal norte-americano, na entrevista com o Prof. Lombroso, escreveu, referindo-se a este:

“Ele afirma, ele crê e, ainda mais, ele está certo, por convicção própria, da existência de forças inteligentes de além-túmulo, forças que encontram meio de comunicar-se com os seres vivos por vias bem tangíveis.”

E o correspondente anota a declaração abaixo, de Lombroso, estabelecendo-se, a seguir, um diálogo:

- Outra prova da contínua atividade dos mortos temo-la nas numerosas “casas assombradas”, casas ocupadas pelos Espíritos de pessoas falecidas.
- Crê, portanto, neles, professor?
- Como posso deixar de crer, quando a sua realidade está demonstrada até pelos tribunais?
- Como assim?

Em resposta, Lombroso relata ao correspondente dois casos em que os tribunais anularam contratos de aluguel de casas frequentadas por Espíritos e nas quais seus moradores estavam impossibilitados de viver; refere outros casos por ele mesmo observados, em que as manifestações se produziam, com e sem

intervenção de médium, e disse ao correspondente estas expressivas palavras:

– Você me olha com assombro. Pode, porém, crer no que lhe digo. Houve tempo em que eu ria dessas coisas, mais do que você ri agora, e não faz vinte anos despertei também entre meus alunos o riso, ao dizer-lhes que nunca creia no “espírito de um armário”.

– E agora, o senhor crê de fato, professor?

– Creio na evidência. E nada mais.

“Foi somente depois de haver verificado os fatos das casas mal-assombradas – declarava o sábio criminologista, numa espécie de confissão pública – e de observar Eusápia, em estado de transe, dar respostas com clareza e de modo bastante inteligente, em línguas que, como o inglês, desconhecia inteiramente, conseguindo até modelar baixos-relevos que nenhuma pessoa em condições normais podia fazer, ainda mais sem instrução, como era ela –, foi somente depois de tudo isso e após tomar conhecimento das experiências de Crookes com Home e Katie King, de Richet e outros, que me vi, também eu, compelido a crer que os fenômenos espíritas, se bem sejam devidos em grande parte à influência do médium, igualmente devem ser atribuídos à “influência de seres extra-terrenos”, que possamos talvez comparar à radioatividade persistente nos tubos, depois que o rádio, ao qual ela deve sua origem, haja desaparecido.”

A evolução de Lombroso, passando progressivamente do mais profundo cepticismo ao reconhecimento da intervenção dos Espíritos, é típica; ela mostra como um espírito realmente científico é constrangido, pouco a pouco, a abandonar sucessivamente as diferentes hipóteses psicodinâmicas, à medida que elas se chocam com impossibilidades lógicas ou experimentais.

Escreveu Lombroso em seu artigo *Sui fenomeni spiritici e la loro interpretazione*, in “La Lettura” de 1906, pág. 978:

“Se houve um indivíduo, por educação científica, contrário ao Espiritismo, este indivíduo fui eu, eu que escarnei por

tantos anos a alma das mesinhas... e das cadeiras, e que havia consagrado a vida à tese que diz ser toda força uma propriedade da matéria e a alma uma emanção do cérebro!

Mas, se sempre tive grande paixão pela minha bandeira científica, encontrei outra ainda mais fervorosa: a adoração da verdade, a constatação do fato.”

É certamente ao sábio criador da Antropologia Criminal, como bem salientou Gabriel Delanne, que se deve o maravilhoso impulso científico do Espiritismo em toda a Europa, quiçá no mundo. Mas, em verdade, se faltasse Eusápia, talvez não houvesse esse impulso. Durante mais de vinte anos, em Nápoles, Milão, Turim, Gênova, Roma, ilha Ribaud, Carqueiranne, Agnélas, Varsóvia, Munique, Paris, Cambridge, Montfort-l’Amaury e Washington, Eusápia foi submetida às provas mais rigorosas, às investigações mais perspicazes por experimentados sábios, como Siemiradzki, Richet, Sir Oliver Lodge, Frederic Myers, Ochowitz, Albert de Rochas, Camille Flammarion, Carlo Foà, Herlitzka, Henry Sidgwick e Sra. Aggazotti, J. Venzano, Ernesto Bozzano, Vassallo, A. de Gramont, Beretta, Sabatier, Flournoy, Schrenck-Notzing, J. Maxwell, A.-C. de Wateville, Morselli, Pierre e Marie Curie, Courtier, E. Fielding, H. Carrington, Dariex, etc.

Todos esses sábios, decididos a não se deixar enganar, afirmaram e confirmaram os fenômenos produzidos por Eusápia. Para se crer que tudo não passa de ilusão, “precisaria supor que todos, *sem exceção*, fossem ou mentirosos ou imbecis, precisaria supor que duzentos observadores eminentes, menos ilustres talvez que os citados, porém de grande e sagaz inteligência, fossem, também eles, ou mentirosos ou imbecis”, assim declarava Richet, em seu *Traité de Métapsychique* (1922), acrescentando, em outra obra de sua autoria, *La Grande Espérance* (1933), que “o testemunho de um só desses grandes homens seria suficiente”.

Enquanto a maioria desses estudiosos se embrenhavam por hipóteses engenhosamente arquitetadas, sibilinas ou absurdas, e aí estacionavam, Lombroso foi mais além, naquela ânsia inconti-

da de se aproximar mais e mais da verdade. E vemo-lo, afinal, ingressar no brilhante grupo dos Wallace, dos Zöllner, dos Lodge, dos Crookes, dos Varley, dos Hare, dos Aksakof e tantos outros, todos homens tão positivos e perspicazes quão idôneos e independentes, os quais haviam passado pelas mesmas fases de incredulidade e dúvida, para proclamarem, enfim, que somente a intervenção de inteligências extraterrenas permite compreender racionalmente o conjunto das manifestações observadas.

Frisava ainda Lombroso, no trabalho *Eusapia Paladino e lo Spiritismo*, in “La Lettura”, setembro de 1907:

“Eu tenho a coragem de afirmar tudo isso, como de dizer que se forma em torno da médium Eusápia um espaço de quarta dimensão, porque não tenho e jamais tive medo do ridículo, quando se trata de afirmar fatos dos quais experimentalmente adquiri profunda convicção e porque não improvi-sei, como aqueles que mui ingenuamente me chamam ingênuo, uma doutrina de uma ou duas sessões com um médium apenas, mas sim após um estudo de muitos anos que me permitiram pôr em relação aqueles poucos fatos fragmentários que Eusápia oferece,<sup>3</sup> com os muitíssimos outros registrados pela ciência e concordantes entre si.”

Animado de uma intrepidez moral e científica e de uma sinceridade bem raras entre os seus colegas, Lombroso resolve, desafiando a opinião pública e as Academias, escrever uma obra na qual condensaria o resultado de suas pacientes investigações no domínio do Espiritismo experimental, investigações que terminaram por convertê-lo definitivamente às crenças espíritas.

Em carta de 20 de junho de 1909, dirigida ao Sr. Demétrio de Toledo, diretor da “Revista Internacional do Espiritismo Científico”, ele anuncia que uma editora italiana de Turim já estava de posse dos originais de sua nova obra: *Ricerche sui Fenomeni Ipnotici e Spiritici*, que só apareceu nas livrarias em fins de 1909 (nova edição em 1914), quase simultaneamente com uma edição americana que levou o título *After Death – What?*.

Seria esta, aliás, a última obra do grande criminologista italiano, o coroamento de sua gloriosa carreira científica e, porque

não dizê-lo, a suprema oferta do seu generoso coração à humanidade aflita e sofredora.

### **Homenagens póstumas**

Aos 19 de outubro de 1909, desencarnava em Turim, com 74 anos incompletos, aquele que no dizer do notabilíssimo historiador da Medicina contemporânea, Prof. Arturo Castiglioni, “foi um dos mais geniais pesquisadores e dos mais insignes mestres italianos do século passado”.

Se não fora o ambiente do lar, onde esposa, filhas e genros o adoravam, fazendo-o esquecer as incompreensões do mundo e vitalizando-lhe o espírito com inúmeras demonstrações de afeto, sem dúvida esse desenlace já se teria dado muitos anos antes.

Lombroso expirou docemente, serenamente, nos braços de sua talentosa filha Dra. Gina, que se referiu a esse momento final com estas palavras: “A sua alma passou para o Infinito como um rio que, ao chegar à foz tranquila, se expande no mar.”

Assentaria agora nas mais altas Assembleias Espirituais aquele que, na Terra, além de grande cientista, sedento de conhecimentos e amante da verdade, foi, por voz unânime, homem virtuoso, coração aberto a todos os ideais de justiça e progresso, alma nobre, simples e tímida, de bondade infinita, indiferente às riquezas e às honrarias, marido e pai exemplar, dedicado aos jovens, a muitos dos quais amparou prodigamente,<sup>4</sup> fiel aos amigos, desvelado para com os humildes e os infortunados da natureza e da sociedade.

Havendo legado o seu corpo à ciência, efetuou-se, no anfiteatro do Instituto de Anatomia Patológica de Turim, a autópsia dos despojos pelo Prof. Mário Carrara, genro de Lombroso e seu sucessor na cátedra de Medicina Legal e Antropologia Criminal, na Universidade de Turim.

Achavam-se presentes ao ato os professores Ferrero, Foà, Tovo, Bovero, Morpurgo, De Amicis, o Dr. Cavalleri, preparadores, médicos auxiliares e estudantes.

O crânio foi medido e dele extraída a massa cerebral, que pesava 1.290 gramas. Era, para decepção de todos, um cérebro de peso normal, igual a tantos outros, e foi conservado no Museu de Antropologia Criminal da Universidade de Turim.

Pelo telégrafo transmitiu-se a todos os centros civilizados do ocidente e do oriente a notícia da desencarnação do famoso “chefe da escola antropológica italiana”, levantando ampla e dolorosa repercussão mundial.

Não só os periódicos científicos, mas igualmente os jornais diários de inúmeros países lamentaram profundamente, em destacados artigos, a irreparável perda.

A Itália em peso, mundo oficial e povo, se uniu nas homenagens póstumas.

O rei Vitor Emanuel III telegrafou à família do extinto, com afetuosa simplicidade: “Prego voler credere alla viva parte che prendo al loro dolore”, interpretando ainda o sentimento de todos os italianos.

Nas Universidades, nos Corpos e Sociedades científicas de toda a Europa, eminentes professores lembraram, em discursos e conferências, a grandiosa obra científica de Lombroso, reverenciando ainda o homem privado, com o encanto de suas virtudes e modéstia pessoais. Entre esses homenageantes destacamos os nomes de Ferri, Bianchi, Roncoroni, Antonini, Cappeletti, Zerboglio, Borri, Tamburini, Ottolenghi, Ferrero, Benedetto de Luca, Leggiardi-Laura, Guido Ruata, Mazzini, Paolo Arcari, Morselli, etc.

O Prof. Henrique Ferri, um dos famosos esteios da Escola Positiva de Criminologia e Direito Penal, assim se pronunciava sobre o seu mestre:

“César Lombroso pertence àquela admirável falange de pensadores e de investigadores da verdade, que, na segunda metade do século XIX, transformaram radicalmente o nosso modo de conceber o universo vivente e as relações do homem com este, revelando-se em cinquenta anos muito mais enigmas da vida que em mais de vinte séculos, apesar do gênio

poderoso de tantos filósofos e da fantasia metafísica, de Platão a Berkeley.

Darwin, Spencer, Pasteur, Charcot, Virchow foram os gigantes daquela extraordinária época de ciência internacional, e entre esses homens Lombroso se enfileira como representante da maravilhosa ascensão do pensamento contemporâneo.

Homem de pensamento, e não de ação, a sua vida transcorre sem episódios clamorosos que, no vaivém da vida pública, evocam a incandescente atenção e os temores do público. E, apesar disso, o seu nome foi, para a glória intelectual da Itália, durante mais de trinta anos, um dos mais amplamente conhecidos em todo o mundo civilizado, e a nova ciência por ele criada, a Antropologia Criminal, tornou-se por muitos anos, como disse Henrique Morselli, quase que a única mercadoria de exportação científica a levar gloriosamente pelo mundo o nome da Itália.

Passando da morte à imortalidade, César Lombroso deixa tal patrimônio luminoso de ideias inovadoras e tal exemplo de vida plasmada de fé cristalina na verdade, de esforçado trabalho e de contínua solidariedade entre as pesquisas científicas e os problemas da vida, que o seu nome permanece entre os grandes cientistas, do mesmo passo que entre os benfeitores mais beneméritos da humanidade.”

Discursando nos funerais, o ilustre historiador e sociólogo Prof. Guilherme Ferrero assim se referiu ao homem:

“Fui primeiro seu amigo durante dez anos, e nos dez anos seguintes pertenci à sua família; e eu não saberia dizer o que todos nós, seus íntimos, mais devêramos admirar: se o seu heroísmo – pois que em sua brandura, mesmo em sua timidez, ele foi heroico –, se a sua modéstia e desinteresse. Homem algum jamais se aproximou da ciência com pureza maior que a de Lombroso, subtraindo-se às honras e à fama, e sem a mínima preocupação das avultadas somas que teria podido ganhar com os seus trabalhos. E foi pela Ciência, com

tão puras mãos acariciada, que ele mais sofreu sarcasmos e desgostos.”

E ao final do seu discurso, Ferrero, que dois anos antes ainda possuía da vida ideias puramente materialistas, assim perorou:

“Agora que ele nos deixou, faço votos para que tenha encontrado no Além essa verdade que vagamente pressentia e que, por intuição, muitas vezes concebeu; faço votos para que seu Espírito possa reviver nessa atmosfera de paz crepuscular ultraterrestre, de onde se possa manter em contato com o espírito dos seres bem-amados que aqui deixou.”

Max Nordau, o famoso escritor húngaro de *As Mentiras convencionais de nossa Civilização* e de *Degenerescência* (esta dedicada a Lombroso), numa singela mas sincera homenagem, assim se expressava:

“Não é no momento em que choro o meu mestre e amigo César Lombroso, que poderei formular um juízo sobre ele; por outro lado, por muito amá-lo, não posso julgá-lo. As suas obras pertencem ao mundo, as suas teorias à discussão, e eu mesmo, que me digo com orgulho seu discípulo, não o aceito de todo; particularmente lhe expressei, embora respeitando o mestre, as minhas objeções quanto à sua identificação do gênio com um estado de epilepsia oculta. Mas o homem, este está acima da crítica. Ele era admirável: o cérebro mais prodigiosamente rico de ideias originais, o coração mais generoso e mais amante, o caráter mais reto, mais franco que já honrou a humanidade; ele era firme como uma rocha nas suas convicções e conciliador como um Buda na forma; modesto como um santo; reconhecido, como uma criança, a qualquer bondade.”

No Brasil, não foi menor a repercussão da partida desse grande espírito. Vários jornais da capital e dos Estados deram-lhe merecido destaque.

“O Paiz”, um dos diários cariocas mais lidos na época, estampava na primeira página do seu número de 20 de outubro longo artigo laudatório, que assim se iniciava:

“O telégrafo acaba de transmitir ao mundo inteiro a notícia súbita e inesperada de um dos vultos mais notáveis da ciência contemporânea, o professor César Lombroso, em cuja obra, vasta e profunda, se concretiza a maior revolução sofrida, de um século a esta data, pelo direito de punir.”

O Senado Federal brasileiro, na sessão de 20 de outubro, a requerimento do senador Alfredo Ellis, inseriu em ata um voto de pesar pela morte do eminente homem de ciência, nisto sendo acompanhado pela Assembleia Fluminense.

Na Escola Livre de Direito e na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, corpo discente e docente se associaram nas homenagens ao extinto.

O festejado matutino carioca, a “Gazeta de Notícias”, inseria em sua edição de 20 de outubro, na seção “Aqui – Ali – Acolá”, sob a responsabilidade de seu assíduo colaborador M. A., um trabalho deveras revelador sobre o ilustre desencarnado.

M. A. são iniciais que mal encobriam uma das mais esclarecidas e também das mais cépticas mentalidades daquela geração: o escritor e parlamentar de nomeada Dr. Medeiros e Albuquerque, membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

Vejamos o que ele escreveu na “Gazeta de Notícias”, confundindo a incredulidade sistemática daqueles que gratuitamente negavam a conversão de Lombroso ao Espiritismo:

“Agora que o telégrafo nos dá a triste notícia da morte de César Lombroso, posso eu aqui referir a história de uma entrevista com Ferrero, a respeito do grande sábio italiano.

Ferrero era, como todos sabem, genro de Lombroso. Ora, quando ele por aqui passou, pareceu ao redator da “Gazeta” que seria curioso pedir-lhe algumas informações sobre as experiências de espiritismo a que o sogro ultimamente se estava entregando. Paulo Barreto foi e conversou com o casal Ferrero; mas não houve meio de obter que adiantassem grande coisa acerca do ponto essencial. Como, porém, estava combinado o assunto da entrevista, “A Notícia”, sabendo que ela se tinha realizado, declarou que, no dia imediato, a “Gazeta”

contaria coisas inéditas sobre as relações de Lombroso e Eusábia Paladino.

À tarde o diretor da “Gazeta” me disse o que havia:

– Paulo foi, conversou com Gina Lombroso; mas não trouxe nada de importante em especial sobre a Eusábia. Vê se fazes a esse respeito uma entrevista com o Ferrero.

No Garnier, pouco depois, eu o encontrei. Mostrei-lhe a “Notícia”. Ferrero protestou, alarmado:

– Mas não é possível! Minha mulher não disse nada sobre Eusábia.

– Quem sabe? Talvez não tenha ouvido.

– Não; ela não diria. Nós evitamos sempre conversar a tal respeito.

– Mas, por quê?

– Porque as experiências de meu sogro nos desagradam muito.

– Até hoje, porém, ele está num terreno científico; só tem apurado fatos, sem sustentar nenhuma doutrina. E os fatos...

Ferrero interrompeu-me com um gesto de desdém:

– Os fatos...

– É positivo – retorqui-lhe eu – que na sua história romana não há nenhum fato apoiado em tantos testemunhos, como os fenômenos do espiritismo. Esses fenômenos me parecem inatacáveis. A teoria espírita é que não pode ser mais absurda e extravagante...

Ferrero pediu-me, então, que não dissesse o que ele me ia contar, e referiu-me que Lombroso se tinha convertido inteiramente ao espiritismo – inteiramente: aceitava os fatos e a doutrina. E isso era na família um motivo geral de desgosto. Depois falou-me com profunda antipatia de Eusábia Paladino.<sup>5</sup> Mas sempre recomendando-me discrição.

Pela segunda vez a “Gazeta” perdia sua entrevista... Aqui vai ela, entretanto, dois anos depois.

Depois daquele dia, Lombroso acabou revelando o seu modo de pensar. Sua morte me desobriga do segredo prometido

e guardado, porque Ferrero só não queria tratar do assunto para não ser desagradável ao sogro. – M. A.”

Muita razão teve assim o ilustre escritor espírita, engenheiro Gabriel Delanne, em dizer, há cinquenta anos:

“A posteridade, sempre mais justa que os contemporâneos, contará entre os títulos de glória do grande criminologista suas pesquisas sobre Espiritismo.”

Para perpetuar a memória do sábio italiano, foi erigido na sua cidade natal, Verona, um monumento da autoria de Bistolfi, para cuja construção colaboraram 24 nações. Com a presença de ilustres homens de ciência efetuou-se, em 1921, a sua solene inauguração.

Em 1926, a Real Academia de Medicina da Itália concedia ao Dr. Giulio Tului o primeiro “Prêmio Lombroso”, prêmio internacional que continuou a ser distribuído aos especialistas que mais se destacassem no estudo e na aplicação das ideias sobre Antropologia Criminal.

O nome de Lombroso, pelo desassombro e independência de pensamento, pela honestidade e imparcialidade no estudo dos fenômenos mediúnicos, viverá para sempre no profundo reconhecimento e na justa admiração dos espiritistas. “Sua obra – como bem acentuou o Dr. Leonídio Ribeiro – é patrimônio da ciência universal, e sua vida ficará como exemplo de amor e dedicação à humanidade.”

### **Bibliografia**

“Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana”, Barcelona, tomo XXX.

“Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti”, Roma, vol. XXI.

“Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira”, Lisboa, vol. 15.

“Archivio di Antropologia Criminale, Psichiatria, Medicina Legale e Scienze affini”, Turim, vol. XXX, 1909. Diretores: Cesare Lombroso, Mario Carrara e Camilo Negro.

- “Revista Internacional do Espiritualismo Científico”, edição em português, Paris, 1908-1909.
- “La Fraternidad (Revista mensual de estudios psicológicos)”, Buenos Aires, 1908-1909.
- “Reformador”, órgão da Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, 1909 e 1910.
- “Revue Scientifique et Morale du Spiritisme”, Paris, 1909.
- Prof. Armando Pappalardo, “Spiritismo”, ed. Ulrico Hoepli, Milão, 5ª edição revista e ampliada, 1917.
- “Titãs da Ciência”, seleção de Lázaro Liacho, traduzida pelo Dr. Silvano de Souza, Livraria El Ateneo do Brasil, Rio de Janeiro, 1956.
- Charles Richet, “Traité de Métapsychique”, 2ª edição, refundida, Librairie Félix Alcan, Paris, 1923.
- Arturo Castiglioni, “Storia della Medicina”, nova edição, 1936, Arnaldo Mondadori Editorial, vol. II.
- Dr. Pelayo Casanova y Parets, “Antropologia Juridica”, Havana, 1937.
- Leonídio Ribeiro, “As modernas legislações penais e a contribuição da Antropologia Criminal”, Tipografia do Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 1942.
- Leonídio Ribeiro, “Criminologia”, Editorial Sul Americana, Rio de Janeiro, 1957, vols. I e II.

## O homem e sua missão <sup>6</sup>

*“Ninguém é profeta em sua terra.”*

Se do exame analítico dos fatores psíquicos e do estudo de alguns caracteres peculiares da personalidade pudéssemos extrair um conceito lógico da vida, seríamos tentados a reduzir todo o confuso contingente humano a alguns tipos fundamentais, que despontam periodicamente na história do pensamento e da ação, para continuar uma obra já iniciada no tempo, realizar um sonho secular ou sacudir um mundo adormecido nos crepúsculos alternados da consciência humana.

Um estudo comparado desse gênero, conduzido com espírito isento de preocupações escolásticas ou religiosas, constituiria certamente o melhor corolário científico à doutrina, tão antiga quanto combatida, da reencarnação.

Substituem-se os elementos do corpo e se renovam as células, porém persiste um centro vital, e com certeza também uma célula-mãe que o procria e reconstitui, e perdura o caráter da atividade psíquica, o timbre fundamental do indivíduo que responde diversamente conforme a diversidade do ambiente de relação, mas que é sempre coerente consigo mesmo no seu ininterrupto vir a ser. No fluxo e refluxo da vida, o homem esquece e se olvida, mas a sua história fica impressa nos extratos mais profundos do seu ser, nas dobras mais recônditas do seu organismo vital, e se revela veladamente como instinto, lei fatal de causalidade, a representar aquilo a que os teosofistas chamam “carma”, a estabelecer a identidade substancial do indivíduo além dos limites da memória.

Com semelhante procedimento se está agora reconstruindo a História. As tradições dos antigos enfraqueceram a memória dos pósteros e se ampliaram com o horizonte fantástico da lenda. Horríveis cataclismos, fragmentando a unidade primordial, deixaram na recordação das gentes um sulco de terror, e os grupos isolados e dispersos perderam os exatos contornos da realidade.

Assim deve suceder ao indivíduo nas crises parciais da vida e naquela catástrofe final que se chama morte.

Hoje em dia a história do mundo e do homem não mais se a-tém quase que exclusivamente à memória dos povos, mas se deduz do estudo das estratificações telúricas, do patrimônio linguístico, dos resíduos contemporâneos, do próprio mecanismo da nossa vida moderna, que na sua essência resume toda a atividade do passado.

Quando se fará a reconstrução histórica da personalidade humana?

Estudar é buscar a si mesmo, e a Ciência é uma recordação, um reconhecimento do homem nos seus elementos constitutivos, diretamente e não através do prisma da memória, que decompõe as imagens e sofre todas as alterações provocadas pela distância.

\* \* \*

A história é feita de homens-tipo, que estabelecem o nexó lógico no caos flutuante das vicissitudes humanas. A massa passiva, que se encasula no breve círculo da própria geração e balbu-cia penosamente uma sílaba do livro da vida, repudia ou mal entende esses representantes do Logos que encarna, através dos séculos, uma promessa imortal.

Esses trazem consigo, ao nascer, o próprio destino, têm a inquietude da gestante, são possuídos da tentação do mundo nascituro, sofrem a atração do mistério e se distinguem facilmente da massa em virtude de sua obstinada tenacidade e de sua excentricidade. Têm uma missão a cumprir, que a memória não mais registra, porém todo o seu ser é retesado como um arco na direção de um alvo e não podem viver senão para isso. Por essa razão ultrapassam as fronteiras do seu tempo e, como são a síntese do passado, são igualmente os arautos do futuro, aqueles que lançam a semente do retorno.

Esses vultos nunca são prudentes. Que outros levantem os diques, se afa-nem em conter nos *justos limites* as forças e o pensamento, que burilem a palavra e aprimorem o estilo e corrijam as provas tipográficas. A par da ideia que passa nas alturas do céu histórico e que os séculos são insuficientes para conter, esses

outros trazem a ciência em pílulas para os estômagos débeis que não suportam a verdade demasiado rude e, na sua pequenez, têm a arrogante prosopopeia de homens imprescindíveis. Mas o rio majestoso passa, apesar do frêmito das margens estreitas, e, se por acaso se abisma, volta, por vias subterrâneas, à luz e a espalhar a fecundidade das águas a outros povos e a outras terras.

\* \* \*

Desta raça de homens-tipo foi César Lombroso. Os caracteres do gênio, que ele carinhosamente estudou, se encontram visíveis na sua obra e na sua existência, e bastaria recordar alguns conhecidos e interessantes episódios de sua vida particular para se confirmar isso. Em seus escritos, ele semeava a mancheias a impropriedade do estilo e as ideias, descurava os erros de impressão, não manipulava demais o material para que servisse às suas geniais construções, e fazia tudo isso com adorável simplicidade e desenvoltura.

Mas a sua tese já era o resultado de uma poderosa síntese que trazia em si mesma, na sua complexidade maravilhosa, os elementos de sua própria fundamentação. Ele apreendia as relações longínquas dos fatos *dispersos no espaço e no tempo* – a expressão é sua – e de seus caracteres sabia reconhecer-lhes o parentesco e extrair-lhes a lei. O vasto processo de associação de ideias, que sobrepujava nele a capacidade comum, faz que seus enunciados mais pareçam frutos de uma intuição genial que o resultado de uma pesquisa árdua e minuciosa; mas assim não é, e lhe fica toda a glória de ser *escravo dos fatos*, como ele mesmo se proclamava. Se a natureza se lhe revelava livre e espontânea é porque ele sabia conservar diante dela o espírito inteiramente virgem de ideias preconcebidas, que ainda não aprendera a mentir a si mesmo.

Os fatos eram para ele a norma da consciência, que não podiam ser excluídos ou mutilados por preconceitos científicos ou morais. E não se creia que lhe faltasse aquele instinto de resistência que é uma salvaguarda contra o erro e uma garantia de seriedade; para desmentir semelhante suposição, caso viesse à tona, bastaria lembrar a história de seu progressivo interesse

diante do problema espiritual, e de sua fundada, lentíssima e gradual conversão. Isso servirá também de advertência à crítica que não tem faltado e não deixará de atirar aqui, mais que alhures, as suas setas: o Espiritismo é um cômodo alvo e com ele a crítica dá alegremente asas às suas fantasias.

Na rápida evocação que irei fazendo das fases que assinalam a evolução do pensamento lombrosiano em relação ao Espiritismo, valer-me-ei de suas próprias palavras.

No opúsculo *Influência da Civilização sobre a Loucura e da Loucura sobre a Civilização*, César Lombroso escrevia, em fins de 1856, isto é, aos vinte anos:

“A epidemia de Redruth se propaga sempre entre as pessoas de intelecto limitado; não obstante, ao manifestar-se e difundir-se, nestes últimos anos infelizes, já abalados pela guerra de princípios, o prejuízo do magnetismo e aquele outro, ainda mais estúpido, das mesas falantes, o fato jamais ultrapassou os limites de um erro generalizado, e a alienação não produziu deste lado senão vítimas isoladas, esporádicas.” (págs. 19-20.)

Vinte anos mais tarde não o encontramos mudado, apenas a sua atitude não é mais assim tão irreduzível. Em *Loucos e Anormais*, publicado em 1886, respondendo a um artigo de Luís Capuana favorável à tese espírita, Lombroso terminava deste modo o capítulo sobre as maravilhas do hipnotismo:

“Não posso, muito menos, suspeitar que ele e seus ilustres colaboradores estejam imbuídos da mística espírita; não; somente terão por ela uma tal ou qual condescendência, a ponto de aceitar algumas de suas hipóteses mais verossímeis, o que é admissível. Nem poderia ser de outro modo, tratando-se de homens que tanto se destacam no mundo literário. Isto, porém, não é o suficiente para desarmar-me, seja porque tenho uma têmpera exclusivista, intolerante, que é ao mesmo tempo o meu defeito e a minha força, seja também porque tenho a convicção profunda de que, nestas coisas, basta conceder ao vulgo, sempre propenso à fantasia, um pequeno filete para

que este se torne, em curto tempo, uma volumosa torrente.”  
(pág. 72.)

E no apêndice crítico aos “Estudos sobre o hipnotismo”, acrescentava:

“Dêem-me mil modos novos de conceber a matéria, mas por caridade não me façam conceber os espíritos dos espelhos e das poltronas.”

Mas eis que, em um artigo sobre a “Influência da Civilização sobre o Gênio”, publicado em 1888, no número 29 de “Fanfulla della Domenica”, Lombroso, impressionado com alguns aspectos dos fenômenos hipnóticos por ele estudados, reconhecia, com grande sinceridade e franqueza, a sua posição e a da Ciência ante os fatos novos:

“Toda época é igualmente imatura para as descobertas que não têm ou têm poucos antecedentes, e quando é imatura acha-se na incapacidade de se aperceber da própria inaptidão para admiti-las. A repetição da mesma descoberta, preparando o cérebro para receber-lhe a impressão, torna sempre menos relutantes os ânimos para aceitá-la.

Na Itália, por dezesseis ou vinte anos, se tomou por louco, no seio das maiores autoridades, quem descobrira a pelagrosina; ainda agora o mundo acadêmico ri da antropologia criminal, ri do hipnotismo, ri da homeopatia; quem sabe se eu e meus amigos, que rimos do Espiritismo, não estamos em erro; pois que nos achamos, exatamente como os hipnotizados, graças ao misoneísmo que em todos nós domina, na impossibilidade de reconhecer o próprio erro e, da mesma forma como muitos alienados, estando nós apartados da verdade, rimos daqueles que não o estão.”

E mais tarde, depois que a insistência de Ercole Chiaia o levou a realizar as primeiras experiências, em uma famosa carta por ele dirigida a Ernesto Ciolfi e publicada na “Tribuna Giudiziaria”, de 15 de julho de 1891, Lombroso fazia a famosa declaração que desde então se tornou um lugar comum:

“Eu estou muito envergonhado e desgostoso por haver combatido com tanta tenacidade a possibilidade dos fatos ditos espíritas.”

... e solenemente confirmada num artigo publicado a 7 de fevereiro de 1892, na “Vita Moderna”, que então se editava em Milão, artigo, porém, ainda tenazmente adverso à hipótese espírita, a propósito da qual antepunha:

“O caso é que algumas observações eram, e creio que ainda o são, despidas de qualquer credibilidade. Por exemplo: a de fazer os mortos falarem e agirem, sabendo-se muito bem que os mortos, máxime depois de alguns anos, não são mais que um amontoado de substâncias inorgânicas. Isto seria querer que as pedras pensassem e falassem.”

E depois de breve descrição de alguns fenômenos observados em uma sessão com Eusápia, presentes Tamburini, Virgílio, Bianchi, Vizioli, prosseguia:

“Estes são os fatos. Ora, nenhum destes fatos (força é reconhecê-los, pois quem pode negar os fatos quando os presenciou?) é de natureza a fazer supor, para explicá-los, um mundo diferente daquele que é admitido pela neuropatologia.”

E concluía:

“Estudemos, portanto, como nas neuroses, na criminologia, no hipnotismo, mais o indivíduo que o fenômeno, e aí encontraremos a explicação mais satisfatória e menos maravilhosa, em que à primeira vista não se acredita.”

E foi assim que, *estudando o indivíduo mais que o fenômeno*, César Lombroso entreviu a grande realidade e se retraiu quase temeroso, buscando explicações que revelavam todo o seu embaraço. Eis o fecho de um famoso artigo publicado na “Rivista d’Italia”, de fevereiro de 1904, sob o título “Os novos horizontes da Psiquiatria”:

“E daqui se vai insensivelmente, se o passo não for uma temeridade, àquele mundo ainda oculto, objeto de ferozes disputas entre quem observa e aceita o que observa, e o aca-

dêmico que fecha os olhos para não ver; àquele mundo impropriamente chamado espírita, e do qual algumas manifestações, por obra de indivíduos singulares, denominados médiuns, vão-se multiplicando a cada dia, como a levitação, o voo lento do corpo, sem esforço de quem o executa, ou melhor, de quem o sofre, como o movimento de objetos inanimados, e, o que é mais singular, as manifestações de seres que têm, por muito bizarra e imprevisível que seja, uma vontade, uma motivação, como se se tratasse de seres vivos, e que de vez em quando demonstram presciência de fatos futuros. Depois de havê-los negado, antes de tê-los observado, tive que constatar-los, quando, a contragosto, me vieram diante dos olhos as provas mais palpáveis e palpantes; e não creio que, por não poder explicar esses fatos, devesse ter por obrigação negá-los; mas, de resto, como as leis relativas às ondas de Hertz explicam em grande parte a telepatia, assim também as novas descobertas sobre as propriedades radioativas de alguns metais, especialmente o radium – demonstrando-nos que aí pode haver, não apenas breves manifestações, mas um contínuo, enorme desenvolvimento de energia, de luz e calor, sem perda aparente de matéria –, invalidam a maior objeção que o cientista opõe às misteriosas manifestações espíritas.

E aqui me detenho, que a extensão desses horizontes que se me desdobram aos olhos me atemoriza mais do que me atrai. E pressinto já o murmúrio de homens dignos de todo o respeito, a dizerem que nesse caminho se vai ao absurdo, ao paradoxo e – valha-nos Deus – ao imoral. Mas eu afirmo que os fatos científicos não podem ser nem morais, nem imorais: são fatos, contra os quais se esboroa a opinião mais venerável que seja. Acrescento que muitas verdades, justamente por serem verdades, causam repugnância e são fortemente combatidas.”

Porém, o fenômeno central, que devia vencer definitivamente não só a desconfiança científica mas também a consciência moral de César Lombroso, foi a reiterada manifestação de sua mãe. A primeira data de 1902, e ele assim a descreve em um artigo “Sobre os fenômenos espíritos e sua interpretação”, publicado na “Lettura” de novembro de 1906:

“... E logo em seguida eu vi – estávamos em semi-obscuridade, com luz vermelha – afastar-se da cortina uma figura de estatura semelhante à de minha mãe, velada, que deu a volta à mesa até chegar a mim, sussurrando-me palavras ouvidas por muitos, mas não por mim, que sou meio surdo; tanto que eu, quase fora de mim pela emoção, lhe supliquei as repetisse, e ela o fez, dizendo-me: “Cesare, fio mio” – o que, devo confessar, não era de seu hábito; ela, na verdade, como boa veneziana, tinha o hábito de chamar-me mio fiol – e, retirando por um momento o véu da face, deu-me um beijo. Eusápia, naquele instante, tinha as mãos presas por duas pessoas e a sua estatura é pelo menos dez centímetros mais alta que a da minha pobre mãe.”

E em suas apreciações sobre a obra de Enrico Morselli, *Psicologia e Espiritismo*, em “Luce e Ombra”, de junho de 1908, Lombroso comentava:

“Quando revi minha mãe, senti na alma uma das emoções mais suaves da minha vida, uma alegria que raiava pelo paroxismo, à frente da qual me surgia não um impulso de ressentimento, mas de gratidão, por quem me atirava de novo, depois de tantos anos, entre os braços; e na presença desse grande acontecimento terei olvidado, não uma, mas mil vezes, a humilde posição social de Eusápia, que havia feito por mim, embora automaticamente, o que nenhum gigante da ação e do pensamento teria podido fazer.”

Mas, para que não se creia que César Lombroso tenha sido levado às suas últimas conclusões unicamente pelo sentimento, reproduzo, do mesmo artigo da “Lettura” acima referido, as razões que, em fins de 1906, o fizeram adotar, para certos casos, a intervenção dos Espíritos. Como todos sabem, ele havia inicialmente tentado explicar os fenômenos telepáticos exclusivamente com a teoria das vibrações e os de escrita medianímica pela atividade inconsciente de um hemisfério cerebral normalmente inerte. Eis como ele se retrata:

“Mas justamente me foi observado por Ermacora que a energia do movimento vibratório decresce na razão do quadra-

do da distância; desse modo, se se pode explicar a transmissão do pensamento a pequena distância, incompreensíveis se tornam os casos de telepatia de um a outro hemisfério da Terra e que vai atingir os percipientes sem desviar-se, mantendo um paralelismo por milhares de quilômetros e partindo de um instrumento não instalado sobre uma base imóvel. Quanto às explicações aplicadas aos médiuns escreventes, elas de nada serviriam para aqueles que escrevem, ao mesmo tempo, duas comunicações, com as duas mãos, e conservam inalterada a sua consciência. Neste caso, os médiuns deveriam ter três ou quatro hemisférios.

Eis como a explicação mais simples chega a assemelhar-se à do truque, É de se acrescentar que os casos, diremos crônicos, dos lugares assombrados, nos quais por muitos anos se repetem as aparições de fantasmas e os ruídos, acompanhados da lenda de mortes trágicas e súbitas que antecederam as aparições, e sem a presença de um médium, falam contra a ação exclusiva destes e a favor da ação dos mortos.”

E como verdadeiro filósofo, para quem a experiência milenar da humanidade, registrada na História e fixada na crença universal, assume consistência e valor, concluía:

“Tem-se por bonito desprezar a opinião do vulgo; mas se ele, em verdade, não possui, para apreender o verdadeiro, os meios do cientista, nem a sua cultura, nem o seu engenho, supre-os com as numerosas e seculares observações, cuja resultante acaba por ser superior em muitos casos à do maior gênio científico. Dessa forma, a influência da Lua, dos meteoros sobre a mente humana, da hereditariedade morbosa, do contágio da tísica, tudo isso foi reconhecido primeiro pelo vulgo desprezível que pelo cientista, o qual há bem pouco tempo, e certamente ainda o faz (as Academias existem para alguma coisa!), ria às escâncaras dessas coisas.”

\* \* \*

Ele foi um verdadeiro positivista e não estacou temeroso a meio caminho: preocupado mais com os fatos do que com adaptá-los ao seu modo de pensar ou dobrá-los às exigências do

tempo, ele avançou em suas indagações até o ponto em que os valores científicos adquirem uma consistência vital, onde o pensamento atinge as mais altas culminâncias e se transforma em ação. As suas doutrinas antropológicas revolucionaram as bases do Direito, renovaram o critério jurídico e fizeram daquilo que pomposamente se chamava justiça, e era vingança, um verdadeiro instrumento de redenção social. As suas audaciosas teorias sobre o gênio revelaram *de quantas amargas lágrimas e de quanto sangue é forjado o cetro do pensamento*, e forçosamente virão a fazer que as futuras gerações sejam menos injustas para com estes primogênitos da mente, combatidos e ridicularizados em vida, glorificados depois da morte; grandes almas criadoras que pagam com as maiores dores e desilusões o seu fatal atributo.

Observai os outros, os positivistas prudentes e receosos de comprometerem a própria seriedade. Esses negaram que o grande extinto acreditasse nos Espíritos e – com certeza por estima – o defenderam, não digo o escusaram, daquilo que será a sua maior glória. Eles são coerentes e lógicos; mais práticos que positivistas, representam a falange amorfa que não sabe viver nem conceber fora do seu tempo e dificilmente aceitam o *provar e tornar a provar*, quando há o perigo de descobrirem alguma novidade importuna para a consciência ou incômoda para a profissão.

Permito-me evocar aqui a divisa que está na base da atual construção científica, para lembrá-la àqueles que, em nome da Ciência, sentenciam após uma só e mal conduzida prova, o que é tanto mais perigoso quanto mais o fato de haver *provado* lhes conferir, perante o povo ignaro, uma certa auréola de competência. César Lombroso teve a limpidez do olhar que vê o fundo das coisas e penetra as grandes leis da natureza; para aqueles que se jactam de ser perspicazes, foi um ingênuo, mas a sua ingenuidade lhe permitiu ver, além do estreito círculo das aparências, um novo modo da vida e um novo mundo para o pensamento.

Há quem afirme que Lombroso carecia de senso crítico, e não há dúvida de que o seu forte não foi o criticismo; mas, já que nos encontramos a discutir com ela, miremos bem, face a face, esta

senhora crítica, principiando por conhecer as suas virtudes e o seu valor. A crítica, enquanto se vale dos elementos positivos e negativos para alcançar uma justa avaliação dos fatos, merece todo o respeito; ela é a nossa salvaguarda, a nossa medida, a desgraça daquele que a repudia e menospreza; mas, por isso mesmo, ela deve ser íntegra, impessoal, consciente de sua função puramente negativa, e sobretudo severa consigo mesma; deve saber que as estradas novas são ericadas de obstáculos, que nenhum princípio é isento de erros e que a fase de informação reclama uma certa elasticidade e um certo respeito.

É lastimável constatá-lo, mas o criticismo nem sempre se inspira nestes conceitos, e muito frequentemente se entrega prazerosamente à própria tendência, que é a de negar e destruir, e abafa toda iniciativa mais promissora, oferecendo em troca do sistema de Copérnico ou da lei de Newton a lógica de Condillac ou a mordacidade de Voltaire. O seu método não é o do juiz, mas o da promotoria, e se o advogado de defesa for inábil ou desdenhar seguir o adversário em todos os caminhos do sofisma, a crítica canta vitória e todo o mundo se compraz com a sua perspicácia..

A análise lógica e gramatical é o apanágio deste tipo de crítica. Decompondo o fato em seus elementos, distinguindo a causa do efeito, mas fazendo, sobretudo, apelo a todos os lugares comuns da preguiça mental que se chama bom-senso, uma crítica respeitável pode conduzir, pelo fio da lógica, à negação dos fatos. Desse gênero era a crítica de Gaetano Negri, e dela ele deixou magnífico exemplo em dois curiosos artigos sobre Espiritismo, que ainda se podem ler, entre outros seus geniais escritos, no volume *Sonhos dos Tempos*.

Pensai um pouco: a lógica, a prudência, o bom-senso! Esta trindade, da qual dependem a nossa posição social e a nossa dignidade, que promove e mantém a consideração da gente de bem, a fama das pessoas equilibradas e sérias; tudo isso são coisas que o gênio jamais conheceu.

Deploro por aqueles que se atêm à análise, mas o gênio é criador e deve seguir outros caminhos. César Lombroso não tinha senão em dose mínima a arte sutil do “*distinguere*”, arte que

constituía a delícia dos escolásticos da Idade Média e que é o prazer dos sofistas modernos. É por isso que o seu volume póstumo *Fenômenos Hipnóticos e Espiríticos* não é trabalho de crítica, mas de descoberta, e, não obstante os descuidos comuns às outras obras do mesmo autor, é uma obra-prima de erudição e sinceridade, um monumento de síntese que restará como o testamento científico não só de quem o escreveu, mas de toda uma época que, partindo da negação, passou, de descoberta em descoberta, a experimentar toda a embriaguez do vir a ser, e que, na pesquisa inquieta e afanosa da matéria, tocou o umbral do mundo olvidado e pressentiu as misteriosas potências do Espírito.

\* \* \*

Desde que surgiu no horizonte científico, César Lombroso foi assaltado pelos caracteres que o gênio apresenta em todas as suas manifestações, porque em si estava latente um vasto organismo genial que o convocava. Aos 19 anos escreveu seu estudo sobre Jerônimo Cardano, e aí já se podem encontrar os germes que, na sua carreira científica, produzirão o homem: nele se depara a paixão do tipo genial e patológico, a intuição do formidável abismo que caracteriza todas as culminâncias e que associa, num mesmo indivíduo, os antagonismos supremos da vida, como a confirmar a lei eterna de equilíbrio e de justiça. O jovem de 19 anos encontrou seu caminho e acompanhará o conflito dramático da personalidade humana em seus representantes mais notáveis, da loucura à genialidade, do heroísmo ao crime, para reencontrá-lo, mais terrível ainda, na fronteira da sua própria existência terrena, entre os mundos ponderável e imponderável, entre os vivos e os mortos.

Viveu na familiaridade das grandes almas do passado, e como teria podido compreendê-las em toda a sua extensão se ele não fora uma delas? Teve todas as deficiências e grandezas do gênio, a desordem insanável e a consciência profunda do próprio valor. “Sou um desordenado”, dizia-me um dia, recomendando-me não me lembro que documento que o atraía; e de repente, quase com infantil galhardia, aludindo ao Espiritismo, acrescentava: “Eles contra nós e nós contra eles... Passo o rubicão... corto a retirada...”

verá, jogar-me-ão ao mar, mas não importa!...” E a sua pequena mão acompanhava a palavra, fendendo o ar com gesto lento e curto, que me pareceu um sinal fatídico, divinatório e solene, que apartasse o homem do tempo e o consagrasse à imortalidade.

*A. Marzorati*

## Prefácio

Quando – ao término de uma jornada rica, se não de vitórias, certamente de veementes pugnas em prol das novas correntes do pensamento humano, na Psiquiatria e na Antropologia Criminal – iniciei primeiramente a pesquisa e depois a publicação de um livro sobre fenômenos ditos espíritos, surgiram, hostis, de todos os setores, os próprios amigos mais diletos a gritarem:

“Quereis desfigurar um nome honrado, uma carreira que, depois de tantas lutas, já chegara finalmente à meta, e isso por uma teoria que todo o mundo não só repudia, mas, o que é pior, despreza e afinal acha ridícula.”

Pois bem: tudo isso não me fez hesitar um só instante em prosseguir nesse caminho iniciado; senti-me, ao contrário, mais deliberadamente impulsionado, pois me pareceu fatal coroar uma existência, que viveu na busca de novos ideais, combatendo em prol da ideia mais hostilizada e talvez mais escarnecida do século; pareceu-me um dever o encontrar-me até o último dos meus, já agora, contados dias, exatamente onde surgem mais ásperos os obstáculos e mais encarniçados os adversários.

Bem sei que também estes não fariam agravo, pois também eu, não há muito, estava entre aqueles, e dos mais implacáveis, porque, concebidos como eram, pelos muitos, os fenômenos espíritos parece quererem abater o grande conceito do Monismo, que é um dos frutos mais preciosos da moderna cultura, e porque, ante a precisão, a continuidade dos fenômenos experimentais, sempre idênticos a si mesmos, no tempo e no espaço, e sempre coerentes entre si – a observação e as experiências espíricas, frequentemente variáveis segundo os métodos, conforme as horas do dia e a disposição de ânimo dos assistentes, por muito repetidos e controlados por instrumentos de precisão, embora joeirados por experimentadores severíssimos (e bastaria enumerar Morselli, Di Vesme, Crookes, Richet, Lodge, James Hyslop, Wallace, Bottazzi, de Rochas, Herlitzka, Foà, Arsonval, etc.) –, têm sempre aquele aspecto de incerteza, de imprecisão, das velhas observações medievais.

Mas, se cada um desses fenômenos nos pode ser ou parecer incerto, o conjunto de todos forma um compacto mosaico de provas resistentes aos ataques da mais severa dúvida; e agora, tal qual antes, o também grande princípio: não há função sem órgão, nem manifestação de energia sem perda de substância, acha nos estudos da radioatividade uma pelo menos aparente exceção.

Nem com as novas conclusões espíricas vêm abater-se as leis principais do Monismo, pois, ainda que reduzindo-se a matéria fluídica, que é visível e palpável apenas em algumas circunstâncias especiais, a alma continua a pertencer ao mundo da matéria, e assim, pela primeira vez, aparece, entretanto, conciliada a observação científica com aquela multiplicada no tempo e no espaço, desde os povos mais antigos e selvagens aos mais civilizados, cristalizada por último na lenda religiosa, isto que, se não pela qualidade, certamente pela quantidade e uniformidade dos sufrágios, lhe confere uma autoridade igual, senão superior, ao pensamento dos grandes filósofos.

Por isto, nestas pesquisas, situei-me distante de toda teoria: desejei que esta surgisse espontânea no ânimo do leitor, do mosaico dos fatos solidificados pela autoridade emanada do consenso geral dos povos.

De resto, depois de tudo isso, estamos bem distante de pretender haver atingido a completa certeza: a hipótese espírica surge depois de tão fatigantes pesquisas tal qual aqueles imensos espaços oceânicos dos quais se vê emergir, aqui e lá, ilhotas mais elevadas, que só ao julgar do geógrafo dão a resultante de antigo continente, enquanto que o vulgo ri da sua hipótese, assim audaz na aparência.

Antes de fechar esta página, envio os mais vivos agradecimentos aos que me ajudaram com auxílio e colaboração: prof. Marzoratti, Ochorowicz, Imoda, Richet e Di Vesme.

Outubro, 1909.

*Cesare Lombroso*

## **PRIMEIRA PARTE**

### **Hipnotismo**

#### **Alguns fenômenos hipnóticos e histéricos**

Se existiu no mundo um homem, por educação científica e quase por instinto, contrário ao Espiritismo, esse fui eu, que, da tese “ser toda força uma propriedade da matéria e a alma emanção do cérebro”, havia feito a preocupação mais tenaz da vida, eu, que havia zombado por muito tempo dos Espíritos das mesinhas... e das cadeiras!

Mas se sempre nutri grande paixão pelo meu lábaro científico, tive outra ainda mais fervorosa: a adoração da verdade, a constatação do fato.

Ora, eu que era assim hostil ao Espiritismo, a ponto de não aquiescer por largo tempo em ao menos assistir a uma experiência, deveria, em 1882, presenciar, na qualidade de neuropatólogo, fenômenos psíquicos singulares, que não encontravam nenhuma explicação na Ciência, salvo a de ocorrerem em indivíduos histéricos ou hipnotizados.

#### **1**

#### **Transposição dos sentidos com os histéricos hipnotizados**

Certa manhã daquele ano, fui chamado para a Srta. C. S., de 14 anos de idade, filha de um dos homens mais ativos e mais inteligentes da Itália, que tinha também mãe sã, inteligente e robusta, mas dois irmãos crescidos extraordinariamente na estatura, nas proximidades da puberdade, e com alguma turbacão pulmonar; e a própria C. S., que era de gentil aspecto, altura de 1,54m, com pupila um pouco midriática, tato normal e normal sensibilidade dolorífica e às cores, quando na vizinhança da época púbere cresceu subitamente 15 centímetros, e teve, nos

primeiros acenos menstruais, graves fenômenos histéricos no estômago (vômitos, dispepsia), e por isso, durante um mês, só pôde ingerir alimentos sólidos, e num outro mês alimentos líquidos, apresentando, no terceiro mês, acessos de convulsões histéricas, hiperestesia incrível, pois um fio posto sobre a mão lhe parecia ter o peso de uma barra de ferro.

Em outro mês, manifestou cegueira e pontos histerogênicos no dedo mínimo e no reto, que, tocados, provocavam convulsões, bem como paralisia muscular no movimento das pernas, com reflexos exagerados, contraturas, energia muscular aumentada, sendo que o dinamômetro passava, pressionado pela mão, de 32 a 47 quilogramas.

Começaram, então, a apresentar-se nela fenômenos extraordinários.

De início, sonambulismo, durante o qual mostrava singular atividade nos labores domésticos, grande afetividade aos parentes, distinta disposição musical; mais tarde apresentou mutação no caráter, audácia viril e imoral; mas, o fato mais estranho era que, enquanto perdia a visão com os olhos, via, com o mesmo grau de acuidade (o 7º da escala de Jager), pela ponta do nariz e lóbulo esquerdo da orelha, lendo, assim, uma carta que então me viera dos Correios, enquanto que eu lhe vendara os olhos, e pôde distinguir os números de um dinamômetro.

Curiosa era depois a nova mímica com que reagia nos estímulos levados aos que chamaremos órgãos ópticos transitórios e transpostos.

Avizinhando, por exemplo, um dedo à orelha ou ao nariz, ou fazendo menção de os tocar, ou ainda melhor, fazendo com uma lente incidir um raio de luz de lâmpada, mesmo à distância e por fração de minuto, ressentia-se vivamente e irritava-se.

– Quereis cegar-me? – gritava.

Depois, com instintiva mímica inteiramente nova, tão nova quanto o fenômeno, movia o antebraço a defender o lóbulo da orelha e a extremidade do nariz, e assim permanecia por alguns minutos.

Também o olfato estava transposto: o amoníaco e a assafética não lhe provocavam a menor reação, quando colocados sob o nariz, enquanto que uma substância ligeiramente odorífera, sob o queixo, dava lugar a viva impressão, e a mímica toda especial. Assim, se o aroma lhe era agradável, sorria, piscava os olhos e respirava com maior frequência; se o perfume desagradava, levava rapidamente a mão à dobra do queixo, tornado este a sede do olfato, e voltava com rapidez a cabeça para o lado. Mais tarde, o olfato se transferiu ao dorso do pé, e então, quando um odor a desagradava, movia a perna para a direita e esquerda, contorcendo também todo o corpo; quando agradava, permanecia imóvel, sorridente, respirando mais frequentemente.

Vieram depois fenômenos de profetismo e de lucidez, pois previa com rigor, direi matemático, com 15 ou 16 dias de antecedência, o dia dos acessos, a hora em que sobreviriam e o metal apto a fazê-los cessar.

Assim, a 15 de junho predisse que a 2 de julho teria delírio e em seguida 7 acessos catalépticos, que cessariam com ouro, e, para 25 desse mês, faringismo e dores nos membros; para 6 de julho, catalepsia à primeira gota de água que lhe fosse atirada, e calma até 12, no qual seria presa de acesso às 6 da manhã, com tendência a morder e a despedaçar, e que só se acalmaria mediante meia colherinha de quinina e três gotas de éter.

E tudo aconteceu exatamente como houvera vaticinado.

No dia 14, predisse que os quatro acessos do dia 15 seriam sanados com chumbo. Em verdade, porém, este ajudou pouco, sendo mais eficaz o ouro; mas, se houve engano nisto, este não se positivou na designação da hora, preanunciada exatamente, e no número de acessos.

Mais tarde, profetizou aventuras que deviam atingir o pai e o irmão, as quais, dois anos depois, se verificaram; viu também, estando no leito, o irmão que nesse momento se encontrava em um teatro distante mais de um quilômetro da sua casa.

\* \* \*

Esses fenômenos de nenhum modo são isolados ou únicos.

Já em 1808, Petetin<sup>7</sup> estudou oito mulheres catalépticas, nas quais os sentidos externos eram translocados para a região epigástrica ou para os dedos das mãos ou dos pés.

Em 1840, Carmagnola, no “Giornale dell’Accademia di Medicina”, narrava um caso inteiramente análogo ao nosso.

Tratava-se de uma jovem, de 14 anos de idade, também de recente catamênio, sofrendo tosse convulsiva, cefaleia, delíquio, soluços quando bebia; espasmos, dispneia e convulsões mímicas, durante as quais cantava; modorra que se prolongava por três dias, e verdadeiros acessos de sonambulismo, em cujo decurso via distintamente pela mão e com esta separava fitas e cores, e lia às escuras. Querendo mirar-se ao espelho, ante o qual colocava as mãos, via apenas estas; abaixava-o para ver o rosto e, não o conseguindo, enraivecia-se e fugia, sapateando no pavimento, gesto, o primeiro, espontâneo, instintivo, que reproduz aquele da nossa C. S., escondendo o lóbulo da orelha irritado pelo imprevisível raio de luz, e que bastava por si mesmo para excluir a simulação.

Note-se ainda que, tal qual no caso de Petetin (e não se dirá mais que se trata de coisas descobertas agora), a aplicação do ouro e da prata acalmava as raivas e a retornava alegre, pelo que, durante os acessos, buscava avidamente esses metais.

Certa vez tocou em bronze, supondo-o ouro, mas, embora completa fosse a sua ilusão, não obteve alívio algum. A seda e as peles lhe tiravam as forças. Pouco a pouco melhorou, mas reincidia a cada período lunar mensal.

Despine refere o caso de uma Stella, de Neuchâtel, de 11 anos de idade, que, parética, depois de um traumatismo no dorso e aliviada com o uso dos banhos de Aix, após práticas magnéticas apresentava a transposição da faculdade auditiva para várias partes do corpo, mão, cotovelo, espádua e, durante a crise letárgica, para o epigástrico, juntando a isto facilidade para exercícios natatórios e de equitação, bem como, sob aplicações de ouro, força extraordinária.

Frank (*Praxeos Médicae*, Turim, 1821) menciona um certo Baerkmann, no qual a audição era transferida, ora para o epigástrico, ora para o osso frontal, e ainda ao occipital.

O Dr. Angonoa estudava, em Carmagnola, em 1840, uma G. L, de 14 anos de idade, tornada dispéptica e amenorreica após um desgosto. Presa de sonambulismo, mais ou menos à meia-noite, identificava moedas aproximando-as da nuca e distinguia aromas com o dorso da mão; mais tarde, em fins de abril, vista e ouvido emigraram para a região epigástrica, de modo que, olhos vendados, lia um livro posto a poucos passos de distância do seu corpo.

O mesmo esculápio observou certa Piovano, de 22 anos de idade, com catalepsias histéricas e acessos epilépticos, a qual, no sonambulismo artificial, enxergava ora pela nuca, ora pelo epigástrico, e cheirava com os pés, pretendendo ainda distinguir, no próprio corpo, trinta e três vermes, que, ao fim de algum tempo, expeliu.

Embora de tal não se estabelecesse analogia, o fato se ligava ao que era conhecido: sonâmbulos comuns que vêm perfeitamente quando com os olhos estáticos e insensíveis, com as pálpebras fechadas ou com o globo ocular voltado para o alto, à semelhança de quem dorme.

Evidentemente, eles enxergam por qualquer outra parte do corpo, que não pelos olhos.

Preyer e Berger, ainda que observassem, a exemplo recente de Heidenhain, fatos semelhantes, acreditaram interpretá-los recorrendo à maior sensibilidade tátil ou à maior agudeza visual, que verdadeiramente se observam amiúde em casos tais.

Mas, se essa interpretação pode explicar demais a visão em local escuro, o que não ocorre, não pode explicar a transposição neste caso em que se observam inteiramente idênticas, fora e dentro da crise, a sensibilidade tátil e a acuidade visual. Aqui, a percepção visual se revela em dois pontos da cútis; a sensibilidade é medíocre e não basta para, de qualquer modo, explicar a leitura de um manuscrito.

Se os autores mais modernos não levaram em conta estes casos (e Hasse os averbou de *ilusão*), é porque, com tendência louvável, mas também excessiva, só desejavam admitir os fatos que cientificamente se pudessem explicar. Por isso, tardaram em dar crédito ao magnete e a muitos dos resultados que, empiricamente, obtiveram os magnetizadores (catalepsias, hipnoses, hiperestésias), agora veríssimos e até certo ponto explicados (Heidenhain).

A verdade é que uma explicação absolutamente científica não se pode dar destes fatos, os quais entram no vestibulo daquele mundo que, com justiça, se deve chamar *ainda oculto*, porque inexplicado.<sup>8</sup> E assim a lucidez só em parte se pode explicar por uma espécie de sugestão, por maior agudeza daquela instintiva consciência do próprio estado, que faz ao moribundo recapitular a sua vida na derradeira hora da existência. Mais ainda: melhor se nota o desenvolvimento sucessivo dos fenômenos da própria nevrose porque, na excitação extraordinária do êxtase sonambúlico, adquirimos maior consciência do nosso organismo, em cujas condições, à semelhança da engrenagem dos relógios, estão inscritas em potência, em germe, as várias sucessões mórbidas.

Cabe aqui conectar a esses fatos um caso primeiramente revelado pelo nosso Salvioli<sup>9</sup> no sonambulismo, isto é, que o afluxo do sangue ao cérebro é maior do que em vigília, e maior é, pois, a atividade da psique, de igual modo que ocorre aumento na excitabilidade muscular.

Efetivamente, a nossa enferma, que adquiria, em sonambulismo, uma força maior de 12 quilos no dinamômetro, dizia-me que, nesse estado, não podia ficar tranquila com o pensamento, pois necessitava estar sempre ruminando novas ideias.

Mas, esta conclusão já não serve, quando a lucidez chega ao ponto de profetizar o que acontecerá, dois anos depois, ao pai e ao irmão, nem tampouco explicar cientificamente a transposição dos sentidos.

Emerge aqui, de modo característico, apenas o fato de que os fenômenos ocorrem em pacientes histéricos e nos acessos hipnóticos do grande histerismo.

## Transmissão do pensamento

Outro tanto se nota nos casos de transmissão do pensamento, até há pouco inexplorados.

Dessa natureza é o que observei, juntamente com Grimaldi e Ardu,<sup>10</sup> em E. B. de Nocera, de vinte anos de idade, que se manifestou histérico aos 15, por amores contrariados.

Crânio doliocéfalo, índice 76, face extraordinariamente assimétrica, aspecto efeminado, acuidade visual e tato normal, porém maior agudeza à esquerda; sensível a todos os metais, especialmente ao cobre e ao ouro, que lhe acalmavam as palpitações do coração e a mialgia; exageradas simpatias e antipatias, fobia à treva, ao extremo de temer uma sombra em ângulo escuro; disposição de ânimo mutabilíssima, tão sugestionável que se lhe pôde impor o não sentir as dores agudíssimas produzidas com ferrão ou ferro quente; transposição dos sentidos e transmissão do pensamento, adivinhando uma palavra ou número pensado por outrem, e podendo reproduzir o desenho que se fizesse por detrás dele, a grande distância, isso com os olhos vendados.

Traçou-se um losango, reproduziu-o grosseiramente, com grande excitação e inexatidão; melhor resultado foi obtido com um círculo. Manifestou dificuldade na reprodução de um triângulo; depois de hesitação, mais longa do que na primeira prova, desenhou nítidos dois lados; o terceiro, o da base, era vergado, com visível incerteza, e, em vez de uma reta, o traço era quebrado, em zigue-zague. Apenas terminada a experiência, o paciente, rosto afogueado, queixava-se de grande peso na cabeça.

Retiramos-lhe a venda dos olhos e deixamo-lo repousar, começando a experiência dez minutos depois.

A figura de um polígono, que podia ser também o perfil de um casebre, foi desenhado sem dificuldade e, para o de um cone pousado, pediu primeira e segunda reprodução. A essa altura, se manifestaram esgotamento, vermelhidão do rosto e torpor nos movimentos.

Duas experiências logo não lograram êxito. Reproduziu bem a cabeça de um homem e um pássaro, e não acertou na reprodução do desenho de um arbusto, pois o iniciou confusamente na linha da mulher que traçou em lugar do arbusto.

Sugerindo-lhe, por escrito, o nome *Margarida*, acertou em repeti-lo, e ainda *Andrea*, depois do que, por fadiga, nada mais pôde reproduzir.

Ordenando-lhe mentalmente que destapassem um tinteiro ou abrisse uma porta, realizou isso quase sem esforço, com os olhos tapados, mas o prosseguimento da prova o fez entrar em estado cataléptico.

Pressão na frente o levou a transitar ao estado sonambúlico e depois ao normal, despertando mediante determinação.

Entre as sugestões gráficas, algumas merecem considerações. Por exemplo, ao sugerirem-lhe uma cabeça de homem, sem orelha, ele a desenhou com ela, e ao reproduzir o pássaro não se limitou ao perfil, conforme o original, mas acrescentou traços dando ideia das penas; nos nomes escritos, cometeu erros que parece distanciarem-se dos precedentes, não só da mesma espécie, mas prestando-se a fazer entender e explicar melhor.

O nome *Margarida* teve duas reproduções: a primeira, *Mar-ia*; a segunda, *Mar-garida*; no de *Andrea* a grafia parece a de uma criança tentando copiar um modelo.

Na série das sugestões mentais de movimentos extensos ocorreram erros que fariam supor fracassos; mas se ajustam com admirável clareza aos dos erros gráficos acima descritos.

De uma vez, foi sugerido abrir a porta do aposento, o que fez com presteza (com êxito da experiência), mas em vez de se limitar a isso, chamou em voz alta o criado.

Análogas experiências, mais recentes, da Comissão Inglesa de Investigações Psíquicas (seu relatório já constitui um volume), tiveram prosseguimento até o Dr. Guthrie e o Prof. Herd-mann.

Foi paciente a Srta. Relph, que permaneceu sentada, enquanto os objetos selecionados eram escondidos por detrás de uma

cortina e da senhorita. As experiências tiveram lugar sem contato.

<i>Objeto real ou traçado</i>	<i>Objeto adivinhado</i>
Papel encarnado, recortado em forma de porta-ovos, contendo um ovo branco.	Algo encarnado, mais comprido do que largo.
Papel azul, em forma de escudela.	É azul? Mais largo em cima do que no meio; depois, mais largo ainda, espécie de escudela.
Papel encarnado, recortado em feitiço de vaso.	É encarnado? Vejo apenas a cor.
Uma espada.	Algo que reluz... prata ou aço... comprido agudo.
Um círculo encarnado.	É encarnado, é redondo.
Papel prateado, recortado em feitiço de bule.	É de prata reluzente qual uma cafeteira, um bule.
Um retângulo amarelo.	É amarelo? Mais comprido do que largo.
Um Luís de ouro (moeda francesa).	É amarelo brilhante, de ouro... e redondo.
Três de copas (de baralho).	É um papel com dois pontos vermelhos. Um três de copas ou algo semelhante.
Cinco de paus (idem).	É outro papel com cinco pontos pretos.
Oito de ouros (idem).	É um papel com muitos pontos vermelhos... um dez.
Um papel com duas cruzes vermelhas.	É algo amarelo; não vejo bem; é um papel com pontos vermelhos.

De qualquer modo, o fenômeno se liga ao estado hipnótico do paciente.

Acrescentarei que sobre outros vinte indivíduos por mim estudados<sup>11</sup> e que tiveram êxito, adivinhando o nome de uma carta, um número, etc., doze eram neuropatas e foram os que acertaram com maior rapidez e precisão, e melhor podiam entrar em estado de monoideísmo, tapando-se-lhes os olhos e as orelhas.

Em três, o contato imediato facilitava a leitura, e era condição essencial; em outros três, não exercia influência alguma.

Em um deles, a emoção favorecia o fenômeno, e só pessoa que lhe fosse afim podia transmitir-lhe o pensamento.

Observou-se que melhor se transmitia a figura humana do que linhas geométricas ou flores, com uma diferença de dez por cento, e isso se compreende, porque a imagem humana impressiona mais energicamente, pois, quando não se sente com energia, não se pode transmitir com o pensamento.

Em alguns, a transmissão é facilitada com o emprego de bebidas alcoólicas ou cafeínicas, que excitam os centros; mas estas minhas observações eram coisa bem pouca, em confronto com centenas e milhares de outras análogas, mais minuciosamente controladas, obtidas na Inglaterra e na França.

Na Inglaterra, a célebre *Society for Psychical Research* instituía experiências mui delicadas, sobre indivíduos adormecidos ou despertos, fazendo-os desenhar em uma ardósia a figura que outro, em aposento diferente ou em lugar distante, traçava sobre uma folha de papel.

Eram triângulos complicados, embarcações, nomes raros, qual, por exemplo, “*chevalon*”, conseguindo-se felizes resultados nessas experiências:

5 1/4 nos hipnotizados sugestionados;

43 nos não hipnotizados.

Não haverá quem possa crer, nem remotamente, que se obtenha outro tanto dentro da lei de probabilidades, porque, note-se bem, os erros, ou melhor, os semi-erros equivalem a um estado de transmissão imperfeita, porém não comparável à confusão do caso.

Mais importantes, a propósito das leis de probabilidades, resultam as experiências feitas, comparativamente, em estado de vigília e hipnótico.

Richet, depois de assegurar-se de que a probabilidade de tirar uma determinada carta das 52 que constituem um baralho, sobre um total de 1.833 provas, é de 428, refez as mesmas provas sobre cartas que estavam na mão de um amigo, devendo recair a

escolha na que este houvesse pensado, e obteve a cifra de 510, com vantagem de 82 sobre o número provável.

Com 218 fotografias e figuras, enquanto o número provável de adivinhações seria de 42, obteve 67.

Numa terceira série, o número de cartas adivinhadas alcançou exatamente 17/31. Nesta série, por 8 vezes consecutivas se assinalou a carta exata, enquanto que a probabilidade de obtenção certa de 8 cartas em seguida era de 18/52, o que vale dizer

1

---

7.164.958.643.456

Empregando a sugestão hipnótica, os membros da Sociedade para Investigações Psíquicas, de Londres, tiveram 9 êxitos em 14 experiências, na primeira prova, e 5 êxitos em 5 experimentos, na segunda.

Vale dizer que, se na primeira experiência a provável cifra seria de 0,25, a verdadeira foi de 9.

Em outras análogas 118 experiências de Stewart, obtiveram-se 45/118.<sup>12</sup>

Se o acaso estivesse em jogo, o número de cartas indicadas deveria ser 22 e não 45.

Atuando sobre pacientes histéricos, porém não hipnotizados, Ochorowicz conseguiu 13 êxitos em 31 casos, tratando-se de adivinhar uma letra, um número, um nome (Maria, por exemplo), um sabor.

Sugestionando depois os hipnotizados, teve 15 sucessos em 20, enquanto que, pelo cálculo das probabilidades, não deveria atingir mais do que 1 sobre 24.<sup>13</sup>

Disso, Richet deduziu:

- 1) O pensamento de um indivíduo se transmite a outro, próximo, sem auxílio de sinais externos.
- 2) Essa transmissão mental de pensamento resulta diversa em intensidade, conforme o indivíduo (e nós acrescentaremos: máxima nos hipnotizados).

Essas transmissões de pensamento se tornam ainda mais extraordinárias quando se verifica ocorrerem a distâncias às vezes enormes, e assim os casos seriam mais frequentes, se o nosso cepticismo não nos impedisse reconhecer o fato, imparcialmente.

Há pouco tempo, em 1887, constou que uma menina, de Novara, pressentiu a enfermidade de sua genitora, Ana Voretto, que se achava em Séttimo Torinese.

Di Vesme, por incumbência da Societá di Scienze Psichiche Italiana, verificou, poucos dias decorridos, que, efetivamente, a 17 de fevereiro de 1887, Ana Voretto, residente em Séttimo, enquanto atendia aos seus interesses, às 12:30, foi de improviso presa de mal que a vitimou no dia imediato.

Telegrafaram, às 21 horas, à irmã para que acoresse, com a filha da agonizante, a menina Stella, e esta, segundo o testemunho de sete pessoas, até à 1 hora do dia 17, se mostrou agitadíssima, pedindo ir para junto de sua mãe, “porque estava enferma” e no dia seguinte exclamava, no trem: “Mamãe morreu!”

O ilustre Prof. De Sanctis me escrevia:

“Na segunda metade de setembro último, encontrava-me em Roma, sem a família, que se achava no campo. E porque ladrões no ano anterior haviam assaltado a casa, meu irmão vinha fazer-me companhia todas as noites.

A 16, 17 ou 18 (não recordo bem) desse setembro, realizando-se espetáculo de gala no Teatro Costanzi, em homenagem a jornalistas espanhóis que visitavam Roma, disse-me meu irmão que assistiria a essa festa e, por isso, fui sozinho para casa.

Comecei a ler um pouco, mas, de súbito, me senti amedrontado. Repeli os maus pensamentos e comecei a despir-me, mas interna agitação me perturbava.

Deitei-me, combatendo energicamente a ideia, isto é, de que o Teatro Costanzi se incendiava e meu irmão pudesse correr algum perigo; apaguei a luz, porém a ideia do incêndio me assediava de tal modo, angustiando-me, que, contra meus hábitos, religuei a luz, decidido a esperar, desperto, o regres-

so do meu irmão. Estava tão amedrontado quanto estaria uma criança.

Ali pelas 12:30 da noite, ouvi abrir a porta da casa, e disse de imediato a meu irmão:

– Então, divertido? – no intento de que ele desmentisse formalmente a minha impressão.

Porém, grande foi a surpresa, ao responder-me:

– Muito divertido! Mais um pouco e todos pegávamos fogo!

E então descreveu o pânico produzido no Costanzi, por um princípio de incêndio do qual, no dia seguinte, os jornais davam detalhes.

Confrontada a hora em que, segundo meu irmão, ocorreu o incidente do teatro, coincidiu ela com a em que eu comecei com a ideia fixa do incêndio.”

O Prof. Mercandino me proporcionou este fato de uma sua cliente, cujos filhos empreenderam a ascensão ao monte Civrari.

Adormeceu ela tranquilamente até meia-noite; às 2 despertou sobressaltada, parecendo-lhe ver o filho Gustavo sobre uma rocha, gemendo, e recusava seguir seu irmão César, que lhe dava a beber um licor e o intimava a erguer-se, chamando-lhe covarde.

No dia imediato, ao regresso, contaram que, em verdade, às 2 horas ocorria o que sua mãe havia pressentido e visto e que César, inquieto, pensava:

– Se mamãe pudesse ver! Oh! Fosse possível rever nossa casa!”

Tschurtschenthaler narrava-me de um rapaz tirolês, com pontos histerógenos, que tinha dois irmãos na América e que, de improviso, sem receber qualquer notícia, disse que primeiro os via no mar, e depois desembarcando em Ligúria, no dia e hora em que tal coisa aconteceu.

O Dr. Pagliani me escreveu haver estudado certa Carolina A., de 24 anos de idade, casada havia 2 anos, sonâmbula, com frequência cataléptica, a qual, pegando a mão de uma pessoa e

cheirando-a, lhe adivinhava o pensamento, ainda que em idioma estrangeiro por ela ignorado, sendo de salientar que o pensamento era transmitido até à distância de 6 metros, mediante um fio de ferro.

A esses fatos acrescerei dois por mim constatados, dos quais de nenhum modo posso duvidar.

S. V., em novembro de 1882, estando no teatro, em Florença, às 22:30, deu subitamente um grito, e não mais quis ali permanecer, afirmando sentir que seu genitor se encontrava gravemente enfermo. Regressando ao lar, ali achou um telegrama, comunicando que o pai agonizava, em Turim, e depois recebeu um segundo, anunciando o falecimento, às 22:30. A Sra. S. V. era histérica.

A Sra. F. J. tinha uma serviçal que, mediante permissão, recebia a visita de um soldado, amante ou marido. Certa tarde, à hora costumeira, a senhora impediu a entrada pedida pelo militar e, cheia de medo, fez trancar a porta, proibindo desde então novas visitas, justificando-se depois, com o esposo, com a afirmativa de haver tido pressentimento de que o soldado pretendia roubar e assassiná-la.

À noite, verificou-se estar quebrada uma vidraça e o desaparecimento de pequena quantia.

O caso estava quase esquecido, quando a criada, falando a uma vizinha, descuidou-se em dizer que, quando a patroa negou entrada ao seu noivo, o soldado, este tramava assassiná-la, apoderar-se da chave, abrir a caixa do dinheiro, furtar a maior quantia possível e fugirem para o estrangeiro.

Ora, se há bela explicação destes casos, conforme tentava eu em princípio, com a afirmativa de que, sendo o pensamento um fenômeno de movimento, pode-se conceber a transmissão, tanto a pequena quanto a grande distância, pode-se-me opor, justamente, que a energia dos movimentos vibratórios decresce com o quadrado das distâncias, e se se pode explicar a transmissão do pensamento a curta distância, não se compreende tal entre dois pontos distanciados, e que chegue ao percipiente sem se dissipar,

partindo de um instrumento como é o cérebro, não assentado sobre base imóvel.

O que, porém, se deve ter em alvo nestes casos é que o maior número de transmissões do pensamento se registrava em histéricos ou em hipnotizados.

### 3

#### **Premonições por histéricos e epiléticos**

Como explicar as premonições e as profecias feitas, não por pessoas eminentes, geniais ou santas, mas por enfermos, às vezes em sonhos, quando a nossa ideação é imprecisa e aberrante, e quando se desintegra nossa personalidade psíquica?

Também aqui os casos chegaram de toda parte, sem que eu os procurasse, e até quando os rejeitava.

Certo Castagneri, em setembro de 1886, escrevia a Di Vesme que, a 8 daquele mês, uma serva, Bianchi-Cappelli, sonhara que sua mãe, vendedora de frutas em Cesena, fora roubada em 300 liras e que seu irmão enfermara.

Ficou profundamente preocupada, e no dia 11 recebeu carta informando-a de que precisamente no dia subsequente ao do sonho se verificaram ambos os acontecimentos, o que Di Vesme pôde verificar com muitas testemunhas.

Tive em tratamento o distinto Dr. C., um dos nossos jovens doutos mais culto e igualmente mais nevrótico, por verdadeiras formas histéricas, epiléticas, coincidentes com a puberdade, não poucos característicos degenerativos, e não ligeira carga hereditária.

Ele próprio se assinalara, havia tempo, faculdades premonitórias, e assim, por exemplo, apesar de um amigo lhe haver telegrafado que iria procurá-lo, não se moveu ao encontro, sentindo que não chegaria; também anunciou à genitora o recebimento de uma carta de pessoa que jamais vira, mas descreveu-a minuciosamente.

Porém, o fato mais importante, a nosso ver, porque mais documentado, foi ter, a 4 de fevereiro de 1894, predito o incêndio da Exposição de Como, ocorrido a 6 de julho, e com tal segurança que induziu a família (à qual já dera prova do acerto de suas previsões) a vender todas as ações da Società Milanese de seguros contra incêndio, que representavam 149.000 liras, realizando tal venda vantajosamente.

É importante assinalar que, aproximando-se a data do incêndio, ele não sentia a certeza, em estado consciente, mas, automaticamente (como recordam bem os da família), reiterava o prenúncio, especialmente na manhã do dia do incêndio, confirmando-se, pelo menos com relação ao estado consciente, o que acerca da profecia das sombras recorda Dante, no canto X do *Inferno*, a propósito de Farinata, que lhe havia predito o exílio, enquanto outros Espíritos daquele círculo pareciam ignorar completamente toda a atualidade:

*E par che voi veggiate, se beu odo,  
Dinanzi quel che'l tempo seco adduce,  
E nel presente tenete altro modo.*<sup>14</sup>

Escrevia-me ele próprio:

“O pressentimento me veio instantâneo, e ignoro como pude adquirir tão intensa convicção, de vez que não influiu no meu presságio nenhuma consideração de caráter técnico. E eu, então, não poderia ter visto mais do que os andaimes da Exposição, cujo edifício estava pouco adiantado.

Não saberei dizer se antes daquela data existia em mim um vago pressentimento, mas não tive ideia alguma definida e consciente, antes de divisar a insígnia da Sociedade de Seguros contra incêndios.

Recordo perfeitamente que naquele momento não tive alucinação alguma, nem visual, nem térmica ou semelhante; em mim, o fatalismo daquele sinistro tinha de modo fulminante adquirido uma evidência indiscutível, qual a de uma verdade, por assim dizer intuitiva.

Precisamente a surpresa desse inexplicável estado de ânimo me persuadiu a agir de conformidade com o presságio, tanto

mais que, a despeito da minha convicção antiespiritista, tive comprovada outras vezes a veracidade dos meus pressentimentos.

Acrescentarei que as ações da Companhia de Milão constituíam títulos de crédito altíssimo e que a venda foi fácilíssima, porque tal emprego de dinheiro era, nessa época, muito mais remunerativo do que a juros. Por isso, vendidas as ações, não mais pensei nisso, e no mês precedente ao do incêndio tal ideia havia aparentemente me abandonado.

Mas, os que comigo conviviam (e estão prontos a dar testemunho) asseguram que, quando estava distraído eu repetia, em dialeto Comasco, que “tudo devia queimar-se” e que, na manhã do incêndio, pronunciei muitas vezes tais palavras.”

Era ele filho de primos-irmãos, neuróticos; tinha uma irmã epiléptica; crânio enorme (1.761 centímetros cúbicos de capacidade), rosto assimétrico, cabelo grisalho aos 12 anos de idade, enegrecido depois; orelhas móveis, campo visual reduzido pelo vermelho e pelo azul, com escotomas; possuía a estranha faculdade de dilatar a pupila a seu arbítrio e teve, até aos 19 anos de idade, acessos epilépticos, histéricos, com alucinações.

O “Journal of the Society for Psychical Research”, de março de 1897, narra o caso de uma senhora que veraneava em Trinity, com a filha de 10 anos de idade. Certo dia, em que a menina estava brincando em um campinho de sua predileção, próximo do mar e da via férrea, ouviu uma voz interior que lhe mandava recolher a pequena, sob pena de ocorrer algo espantoso.

Chamou imediatamente a aia para que fosse buscar a criança. Meia hora depois, ali descarrilava um trem, que se foi projetar precisamente no local onde a menina se entretinha a brincar. Pereceram três dos quatro ocupantes da locomotiva.

Tão frequentes são estes fenômenos premonitórios ou proféticos, que se podem encontrar até na história contemporânea, e também naquela do *Brigantaggio in Italia*, De Witt.

“Na manhã de 4 de novembro, o tenente Perrino ergueu-se do leito, às 5 horas, e à hospedeira, que lhe preparava o almo-

ço, disse estar sem apetite, pela influência de mau sonho que tivera durante a noite.

Perrino era homem de uns 30 anos de idade, moreno, demorado de movimentos, inclinado às comodidades e habitualmente melancólico.

Na noite de 3 de novembro, estava de excelente humor e nada permitia antever a desgraça que se lhe avizinhava.

Apenas se recolheu ao leito, dormiu tranquilo sono, mas no decurso deste lhe pareceu ver-se amarrado a uma árvore, junto com o seu ordenança, e assim fuzilado por salteadores. Os hóspedes e o capitão Rota muito riram com a narrativa.

No dia seguinte, com meia companhia e dois carabineiros, rumou à feitoria Melanico, quartel-general dos bandoleiros, para a rotineira perlustração diária.

Esses 42 soldados e seus oficiais deviam ser acrescidos ainda por uma companhia de guardas-nacionais, mas o capitão De Matteis, sabendo que em torno do bosque de Grota regurgitavam feros salteadores, fez alto, a milha de distância, com os 150 guardas nacionais, e pediu ao capitão da tropa que fizesse outro tanto. Rota não aquiesceu e com a sua escassa bandeira foi afrontar os elementos inimigos, numericamente dez vezes superiores.

Chegando a determinado ponto, descobriu, sobre um promontório, 4 homens montados a cavalo, sentinelas dos ligados bandos de salteadores que, em grande número, acampavam próximo, à retaguarda.

Para alcançar aquela elevação, o oficial ordenou aos comandados atravessarem um campo semeado e lamacento por efeito de chuva da véspera, caminho impróprio para a marcha dos soldados. Ele e os mais ágeis de sua tropa haviam percorrido largo espaço de tempo, mas o tenente Perrino e outros fracos andarilhos, ao contrário, permaneciam enlodados até aos joelhos e, por isso, haviam ficado distanciados dos que seguiam o capitão Rota, a cavalo.

Nesse momento, Perrino se detivera num pequeno espaço de terreno firme, situado no meio do campo e no qual havia 3 ou 4 carvalhos.

Todo o terreno, arado, era rodeado de colinas, das quais, pela sua elevação, se podia facilmente dominar aquele vale lodoso onde se encontrava a tropa.

De improviso, surgiram das colinas laterais 10 esquadrilhas de facínoras, a cavalo, compostas de 40 homens cada uma, e quase simultaneamente romperam fogo contra a dispersada tropa, aproximando-se ao mesmo tempo para detonar as armas, distanciando-se em seguida para ficarem fora de alcance de tiros e terem tempo para as recarregar novamente.

Mas, depois de prolongada e inútil resistência, foram todos, grupo após grupo, cercados, caçados, presos, vencidos e mortos.

O primeiro grupo a cair em poder dos salteadores foi o do tenente Perrino e, efetivamente, ele e seu ordenança, capturados vivos e incólumes, amarrados a um dos carvalhos, foram fuzilados ao mesmo tempo. Realizara-se o sonho.”

Histórico é o sonho graças ao qual Jacob, filho de Dante, pôde encontrar 13 cantos do poema de seu pai.

Alighieri morreu em Ravena, na noite de 13 para 14 de setembro de 1391.

Os filhos do poeta trataram prontamente de reunir o *Poema Sacro*, cujos manuscritos estavam dispersos, e a isso principalmente se dedicou Jacob. Fácil, porém, não foi a tarefa.

Refere Boccaccio, a respeito da recuperação dos 13 últimos cantos da *Divina Comédia*, que Jacob e Pedro os procuraram por todos os remotos ângulos da casa, persuadindo-se depois de que “Deus não havia deixado Dante, no mundo, o suficiente para que pudesse compor o pouco que faltava da sua obra”.

Estavam, aconselhados por alguns amigos, decididos a suprir, quanto possível, a obra paterna, ainda que imperfeitamente, quando Jacob teve sonho verdadeiramente admirável: “viu o genitor, com alva vestimenta e rosto resplandecente de inusitada luz, caminhar ao seu encontro”.

Jacob aproveitou o azo e fez à sombra do pai várias perguntas, entre as quais a seguinte: “Se havia terminado sua obra antes de haver passado à vera vida, e, caso afirmativo, onde encontrar o que faltava, e não fora possível achar”. A isso lhe pareceu, por duas vezes, ouvir em resposta: “Sim, eu a terminei”.

E lhe pareceu também que, pegando-lhe na mão, o levava à habitação onde costumava dormir, quando vivo, e que, tocando em determinado sítio, lhe dizia: “Aqui está o que tanto haveis procurado”. E, ditas tais palavras, terminou a visão.

Jacob Alighieri, comovido ao mesmo tempo pela alegria e pelo espanto, ergueu-se, a despeito da avançada hora da noite e, célere, pelas desertas ruas de Ravena, rumou à casa de Pier Giardino, notário que fora amigo íntimo de Dante, e lhe comunicou a visão.

“Por isso, ainda que faltasse muito para amanhecer, seguiram ambos para o local indicado e ali encontraram uma esteira fixada na parede e, ao levantá-la, viram uma portinhola, que ambos desconheciam e nem dela haviam tido notícia, achando então alguns manuscritos, todos embolorados pela ação da umidade e próximos da deterioração que ocorreria. Cuidadosamente limpos, foram lidos, verificando-se constituírem os 13 cantos tão procurados.” (Boccaccio).

## 4

### **Lucidez e profecia no sonho. – Estudos de Myers**

Notável é também que quando estas premonições não sobrevêm no acesso epiléptico ou hipno-histérico, se verificam no sono.

Quem mais aprofundou esses fenômenos misteriosos foi Myers.

Opina ele que o estado de sono pode considerar-se variedade evolutiva ou dissolutiva do estado de vigília.

Assim, não surpreenderam os sons prolongados que se manifestam em determinadas enfermidades, nem a substituição

deles com o êxtase ou com o delírio, tal como documenta o caso publicado por Crichton Browne, de um maníaco que jamais dormia: durante o dia, trabalhava nos misteres de carregador e à noite gritava, berrava, movimentava-se, vociferava, e tudo isso sem sofrimento, nem diminuição de peso.

Foram os sonhos (observa ele) os primeiros fatos que induziram o homem a crer na existência de um *eu* inteligente, e em todas as épocas foram acreditados precursores de algum acontecimento, se bem que neste sentido nunca se estudou, cientificamente, anotando, quantos se confirmaram ou não.

Também há sonhos que conduzem a um ato, porém tão raros que não vale a pena referi-los. Pode-se considerar o sonho um *quid medium* entre o sono e a vigília.

Muitos dos fenômenos do sono se podem explicar por:

- 1º) maior agudeza dos sentidos, hiperestesia capaz de provocar alucinações;
- 2º) maior sugestibilidade;
- 3º) memória mais compreensiva;
- 4º) memória de algum ano de vida esquecida (criptoamnésia);
- 5º) reclamos da nossa vida ativa.

Assim se pode explicar que no sono, como ocorre com os sonâmbulos, se adquire a propriedade de ver no escuro, seja por alucinação ou por simples fantasma prolongando-se de um sonho, ou seja, por hiperestesia da retina. Assim, a Srta. Mason, acordando de improviso em uma câmara completamente escura, viu distintamente os objetos do aposento e mais duas barras de ferro contra uma porta, que lhe haviam passado despercebidas quando desperta.<sup>15</sup>

Melhor se compreende que nos sonhos se recordem fatos vistos e depois totalmente esquecidos e os que hajam estado sob nossa vista, sem chamar a atenção, e não tenhamos observado.

Exemplo do 1º caso cita Delboeuf, a quem perseguiram, em sonho, os nomes “Asplenium”, “Ruta”, “Muralia”, e não podia recordar como lhe viessem, mas depois os encontrou em um seu

antigo manuscrito; e no caso de Brockelbank, que perdeu uma faquinha e dela não soube mais durante seis meses, quando sonhou tê-la metido no bolso de uma calça, onde, de fato, a encontrou; e no de Bickford-Smith, que havia perdido um alfinete de gravata e sonhou que o esquecera dentro de um livro, e ali o reouve; e assim se diga da Srta. Crellin, que na infância pegou, por brincadeira, uma jóia de seu professor e dela perdeu o diamante engastado, tendo-o procurado inutilmente, e à noite sonhou divisá-lo num dado ângulo da casa, onde realmente estava; no da Srta. Flora Tuart, que, jogando “croquet” com várias pessoas, deu pela falta de um anel muito precioso e, apesar da busca efetuada por todos, não o encontraram; mas nessa mesma noite ela sonhou vê-lo sob um banco, na frente da casa, e, de fato, ali o achou.

Outra senhora (caso publicado pelo Prof. Royce) foi a uma grande herdade da Virgínia, em visita amiga. Passearam todo o dia e, à noite, reparou que perdera um manguito de grande estimação, mas, devido à escuridão, não tentou sequer procurá-lo.

Nessa mesma noite, sonhou ver certo ângulo do vinhedo de uma casa próxima e, sob montão de folhas, o extraviado manguito.

Ao despertar, deu a uma pessoa as indicações do local, por ambas esquecido, e, identificado o ponto, ali se achou a desaparecida peça.

Um rapazote perdeu um anel que lhe fora dado e, por mais que diligenciasse, não o encontrou. À noite sonhou com o anel, porém, de modo tão vago, que ao despertar não se lembrava mais. Na noite seguinte teve mais preciso o sonho e viu o anel sob um baloiço onde, às tardes, costumava brincar, e ali o reouve.

Certo jardineiro, incumbido de levar à cidade uma bolsa, com cinco libras e um guinéu (moeda de ouro inglesa, valendo 21 xelins), perdeu-a e não a reencontrou, desesperando-se, principalmente porque o caminho era muito transitado. À noite sonhou que, retornando à cidade, em certa rua, esmagava a bolsa sob os

pés e o guinéu saltava para fora, enquanto que as libras permaneciam dentro dela. Encaminhou-se à rua indicada e achou a bolsa, tal qual fora vista no sonho.

A Srta. Simons sonhou certa noite haver perdido um alfinete na cinza. Na manhã seguinte procurou-o na cômoda, mas ali não estava, e sim na cinza da lareira.

O Sr. Herber Leurs recebeu importantíssima carta e a perdeu. Procurou-a durante todo o dia, por todo o aposento onde supunha havê-la colocado, e à noite sonhou divisá-la em determinado recanto do mesmo aposento, onde afinal a descobriu.

São todos casos de criptomnésia, de reavivamento da memória, no estado de sono. E assim se explicam os problemas resolvidos em sonho.

O Sr. Hayes, egrégio artista, dando lição de Geometria a seus filhos, chegou à figura III do problema de “traçar uma reta sobre um plano” e não pôde citar mais do que dois casos; mas, à noite viu lucidamente uma figura geométrica, com o título de figura IV, que dava o terceiro caso e a solução do problema.

Um tesoureiro, o Sr. Davey, cometera um erro nas suas contas e, inquieto, durante algumas semanas não conseguiu encontrá-lo. Certa noite sonhou que refazia materialmente no papel todos os cálculos e encontra o engano. Pela manhã, o sonho é completamente esquecido.

Até aqui é fácil a explicação. Como explicar, porém, os casos seguros de noções de coisas completamente ignoradas, e os de previsões, em sonho, da data da própria morte?

Amiga da Srta. Corleton, de nome Morris, faleceu. No dia seguinte sonhou Corleton com a defunta amiga, que então lhe anunciou viria avisá-la 24 horas antes do seu decesso. Quarenta anos depois a Srta. Corleton, que se encontrava em estado de perfeita saúde, sonhou com a extinta amiga, anunciando-lhe a morte, que sobreveio, de fato, 24 horas decorridas do sonho.

A Srta. Arabela Barret viu, certa vez, em sonho sua irmã, já falecida, a qual lhe predisse a morte dentro de um lustro. Sem grande cuidado, tomou nota da data e, cinco anos depois, no dia exato, morreu.

É certo que, nestes casos, devemos admitir nos sonhos uma potência inexplicável.

O Sr. Peterson, interessado nas minas de Bengala, descobriu certo dia vultoso desfalque na Caixa, sem que o pudesse entender. À noite sonhou ouvir chamar por um tal Baboo. Desperto, perguntou a um compatriótico se sabia quem era Baboo, e pouco a pouco veio a saber que era esse o ladrão.

Um juiz devia decidir entre dois litigantes. Um dos sócios era falecido e o que restava pretendia ser credor, enquanto que o herdeiro dizia o contrário, ser aquele devedor. A pendência era verbal, pois o contrato estava redigido no idioma de Bengala, desconhecido dos demais.

O juiz sonhou, à noite, que em livro particular de um dos litigantes (livro que jamais avistara) encontraria notícia desses fatos.

No dia seguinte fez que lhe trouxessem o livro e nele verificou, à página indicada no sonho.

Certo inspetor ferroviário, encarregado de extensa seção, com pontes, túneis, etc., sonhou ouvir uma voz que por três vezes lhe gritou: “Olha a ponte!”.

Descendo à inspeção, nada encontrou de anormal; porém, na manhã seguinte, em mais detido exame, verificou que os pilares se achavam escavados pela ação da água.

O Sr. Alvey Darwin sonhou estar em uma rua onde existiam duas portas, contíguas, próximas de sua residência, das quais viu saírem quatro contrabandistas que o golpearam, pelo que gritou alto, a ponto de acordar a esposa, que o despertou. Pouco depois readormeceu e viu, no mesmo local, em vez dele, dois de seus empregados contra os quais os contrabandistas atiravam pedras. Esta última cena era realidade.

O Sr. William Ban, certa noite, despertou, cerca de 22 horas, dizendo que algo desagradável ocorria em sua casa de campo e queria ir lá. A esposa o dissuadiu; porém, ao termo de uma hora, não se pôde conter e rumou para o local; encontrou o estábulo destroçado e lhe haviam roubado o cavalo. Esse mesmo senhor

sonhara, vinte anos antes, com a morte de seu genitor, o que ocorreu dez dias depois.

O Sr. Brighton era capitão de navio. Em razão do bom tempo, foi dormir. Ao amanhecer, sonhando, ouviu uma voz que lhe gritava: “Cuidado! Cuidado! Estás para afundar!”.

Despertando, obsidiado pelo aviso, mesmo meio despido, correu à ponte de comando; porém o mar estava em calma e não se observava qualquer anormalidade. Regressou, para vestir-se, mas continuando a voz a persegui-lo, subiu de novo à ponte de comando e, fixando-se na direção da voz, divisou, distante, enorme embarcação, navegando a todo vapor, que teria seguramente abalroado o seu navio.

Esse mesmo navegante, certa vez, estando no mar, sonhou ver dois monstros (*ceffo*) que volteavam na corda que prendia a âncora e a tocavam com o dedo, queimando esse ponto a cada contato, e por isso o navio dentro em pouco ficou à mercê das ondas. Despertando, sobressaltado, foi à ponte e constatou, com efeito, a ruptura da corda da âncora.

A este podemos acrescentar os casos recentes de sonhos, um com visão a distância e outro com premonição, controlados pelos tribunais de Chicago e pelo fisco de Chicago e Turim.

A Srta. Loganson de 19 anos de idade, estando em Chicago, viu, em sonho, assassinar seu irmão Oscar, agricultor em Maren-go, cidade situada para além de 80 quilômetros daquela, e por muitos dias insiste em acusar dessa morte a um cultivador seu vizinho. A princípio não se lhe prestou atenção, mas, afinal, concordaram em que fosse expedido telegrama, cuja resposta foi: “Oscar desaparecido”.

Então, a jovem partiu com um irmão para a feitoria de Oscar, com alguns agentes de polícia, e lá os conduziu diretamente à casa de um tal Bedford, que estava fechada, e foi arrombada pelos policiais.

Na cozinha descobriram-se rastros de sangue, mas a Srta. Loganson não se deteve e rumou imediatamente ao galinheiro, de solo empedrado.

– Aqui está enterrado meu irmão – disse ela.

Os agentes policiais ponderaram que o empedrado apresentava indícios de não haver sido movido desde a construção do galinheiro, mas, dada a insistência e intensa agitação da jovem, aquiesceram em proceder à escavação.

Sob o empedrado apareceu primeiro um sobretudo e, prosseguindo, a pesquisa terminou por encontrar o cadáver de Oscar Loganson a 1 metro e 50 centímetros de profundidade.

Imediatamente se expediram em todas as direções os sinais de Bedford, que foi detido em Ellis (Nebraska) e comprovada a sua culpabilidade.

A Srta. Loganson jamais pôde explicar como descobriu o delito: dizia simplesmente que o Espírito de seu irmão exercia, desde alguns dias, influência sobre ela.

Rosa Tirone era uma serviçal, histérica, de 35 anos de idade, que amava um jovem seu patrício, com o qual não se animava casar por motivo da precária saúde do moço, que, efetivamente, morreu aos 25 anos de idade.

Certa noite, em novembro de 1908, Rosa sonhou que o rapaz lhe dizia:

“Não quero que continues servindo de criada. Joga nestes 4 números: 4, 53, 25 e 30.” E os repetiu, para que se lhe fixassem na memória, acrescentando: “Tenho tanta sede! Tira do poço um copo de água e dá-me de beber.”

Próximo havia com efeito um poço, e a mulher, retirando a água, lhe saciou a sede.

No dia seguinte, a serva apostou regular soma nos 4 números, que foram premiados no sábado imediato.

Esta mulher, que havia sido condenada quatro vezes, por vigarice e furto, tinha de característico o tipo completamente varonil, e do histerismo a tendência para a pseudologia fantástica e necessidade imperiosa de trabalhar, de tratar continuamente de especulações incomuns, sem meta e sem dinheiro.

Ainda os furtos e espertezas eram fruto da pseudologia fantástica, pela qual se considerava de posse de dinheiro sem ter um níquel no bolso.

Costumava vangloriar-se de possuir casas, terrenos, e até trouxe de os adquirir, como se tivesse posses; ano e meio antes do sonho profético, teve uma premonição, desse mesmo amante, em que lhe foi predito que chegaria a ser rica.

É um fenômeno que algumas vezes se nota na epilepsia: um histerismo completo, sem estigma somático.

\* \* \*

Todas estas observações são suficientes para levar à conclusão de que há uma série imensa de fenômenos psíquicos que fogem totalmente às leis da psico-fisiologia, e só têm de comum o manifestarem-se mais facilmente nos indivíduos afetados de histerismo, neuropatia, em estado hipnótico ou em sonhos, que se assinalam quando a ideação normal é mais ou menos completamente inativa, e em seu lugar domina completa a ação do inconsciente, que foge a toda indagação científica, o que demonstra a manifestação exagerada de uma função quando o órgão está completamente inativo.

## 5

### **Fenômenos físicos e psíquicos com os hipnotizados**

De resto, todos ou quase todos os fenômenos que oferecem os hipnotizados me parecem sair das normas da Fisiologia e da Patologia, para entrarem nas do ignoto.

Damos os resultados de algumas investigações especiais a este propósito.

#### MEMÓRIA

Os fenômenos da memória são, entre todos, os que mais me surpreenderam, pela singular variedade individual e ocasional nos meus hipnotizados.

Não obstante seja a inteligência obscurecida nos estados hipnóticos, é curioso notar que a memória se torna, algumas vezes, maravilhosa.

Assim, tendo enumerado a Chiarl., jovem estudante, hipnotizado, 12 grupos de cifras, ele me repetiu, depois de meia hora e pela ordem, os seis primeiros grupos, com 1 erro apenas.

Ele ignorava o alemão, e apesar disso lhe ordenei ler uma linha de autor tedesco e reproduzir, depois de algum tempo (meia hora), na ardósia, a linha lida, e ele a escreveu, ou melhor, a reproduziu tal como se achava escrita, em caracteres góticos, com apenas três enganos em 60 letras. Fechado o livro, soube, à minha ordem, encontrar a página e a linha que havia lido meia hora antes.

Verifiquei a observação de Delboeuf de que a memória de um sonho provocado se conserva no indivíduo desperto, se tiver na mão um objeto relacionado com o sonho.

A Chiarl. fiz escrever um trecho de música, sugestionando-lhe a ideia de que era Rossini, e desperto, enquanto escrevia, lembrou de pronto; e quando lhe fiz crer que fumava um charuto (era um bastãozinho) e que com ele furasse um lenço, despertou enquanto fumava hipoteticamente.

Jamais comprovei que a ordem de conservar a lembrança do ato executado no sono conseguisse chegar a esse resultado.

Notei, algumas vezes, que, sem ordem e sem interrupção, no meio do ato, se mantinha uma recordação crepuscular.

Por exemplo: L., a quem se ordenara que fosse boa mãe de família, que, em carta, dava excelentes conselhos a uma filha imaginária, quando se lhe menciona a carta, afirmou parecer-lhe ter sido pai e não mãe.

Sugerindo-se-lhe que fosse menina que sabe escrever mal, escreveu pessimamente na ardósia, com mão trêmula, de criança (para fazê-lo, esticou-se, ele que era de elevada estatura):

“Querida mamãezinha

Dá-me dinheiro, porque hoje fui boa.

*Clemen...*”

Disse, ainda que desperto no preciso momento em que terminava a carta, lembrar-se apenas... de que escrevia. É, pois, notá-

vel a transformação da personalidade que se afirma no conceito quanto na caligrafia.

Assim, sugerindo a Col. que era Garibaldi, escreveu uma “ordem do dia”, de caráter vibrante e enérgico e com tom enfático:

“Soldados!

Hoje esperamos prodígios de valor.

*Garibaldi.”*

E empunha, para ir ao combate, uma bengala, que se lhe fez crer ser uma espada. Desperto, no momento, recorda ter uma espada na mão, em vez da bengala, porém não de ter sido Garibaldi, e não perde a personalidade.

Em compensação, recordou, depois, com uma pena na mão (tendo-se-lhe sugerido ser uma arma com a qual tinha de matar uma criança, menina), que havia tido um punhal, porém não este último propósito.

Impressionou-me a memória do tempo.

A maior parte das ordens sugestionadas, para serem cumpridas a distância, depois de 8 minutos, meia hora, três segundos, etc., em cinco sobre sete foram executadas com singular exatidão.

Distraídos, ocupados em assuntos que lhes interessavam muitíssimo, os hipnotizados, já em estado normal de vigília, se turbavam de improviso, se interrompiam naquele dado minuto para cumprir a sugestão imposta.

Isto, de resto, já é notório, na espécie, nos histéricos que, depois de haverem previsto, semanas e meses antes, o dia, a hora, o minuto em que deve sobrevir o fenômeno histérico, este se realiza exatamente, mesmo ainda com os relógios parados ou com sucessos graves acontecidos ou provocados, adrede, para distraí-los completamente de qualquer reminiscência a propósito.

Este fato, já assinalado pelo Prof. Richet, parece inexplicável, nos casos remotos, porque a divisão do tempo é obra artificial do homem, e os minutos e segundos e tudo quanto depende do mecanismo da subdivisão do tempo se introduziu há poucos séculos nas raças civilizadas.

É mister admitir, para explicar, que a civilização foi formando um centro cortical especial para a medida do tempo, e que este centro se aguce em tais casos.

Há, entretanto, exceções.

Chiari., que oferece muitas, apresenta esta, e igualmente a S-  
ra. Verol: amiúde, esqueceram o tempo dado, ainda que exíguo, para seguirem a sugestão imposta; mas não faltou em ambos, quase sempre, no prazo, uma inquietude (à semelhança de alguém que sabe ter algo a fazer e não a relembra com precisão) que se desvanecia à medida que se lhe ajudava a memória, ainda que indiretamente.

Imediatamente então, seguiam com verdadeiro ardor o ato sugerido, não só como quem cumpre um dever, mas também se liberta de um desejo irresistível.

Por exemplo: se se ordena a Chiari. que, ao término de 28 minutos e 2 segundos, leia certa linha de um livro, em alemão, que estava confundido entre outros muitos objetos, ele, nesse momento dado, se mostra apreensivo, olha aqui, olha acolá, sem fazer coisa alguma. Depois, quando ante seus olhos é folheado o livro, agarra-o pressurosamente e, com satisfeito sorriso, abre e lê a determinada linha.

Assim, quando se lhe ordena que leia, transcorridos 12 minutos (em página de livro de Anatomia), certo canto de Rossini, que ele, por sugestão, crendo-se Rossini, havia ditado, decorrido o tempo fixado, permanece turbado, nada executando, até que foi posto o livro ante seus olhos.

Verifica-se, neste caso de hipnotismo, a marcha normal fisiológica da associação de ideias, que se vão despertando uma e outra e determinam, à sua vez, os atos volitivos.<sup>16</sup>

Esta mesma reprodução das leis fisiológicas normais de associação encontrei em um outro erro da memória de muitos hipnotizados.

Tendo sugerido ao Sr. Col. que fosse o bandido La Gala, ele aceitou com grande repugnância, porém, uma vez aceita a sugestão, se tornou cruel, brandiu uma caneta como se fosse punhal e com este trespassou inimigos imaginários; escreveu carta de

resgate, em caligrafia rude e típica dos criminosos; mas, tendo posteriormente ordenado que refizesse a mesma carta de resgate, vinte e um minutos depois de desperto, mudei súbito a sugestão, para que fosse criança e pedisse, desperto, doces à sua mãe, o que aceitou com agrado. A carta foi escrita prazerosa, com caráter infantil.

Desperto, depois, conversou tranquilo conosco sobre várias coisas; mas, decorrido o tempo prefixado de 21 minutos, se mostrou irritado, turbado, como quem deve executar algo que lhe repugna.

Deixando-se-lhe entrever uma folha de papel, pegou imediatamente a pena e encetou uma carta, com estilo e caligrafia que eram metade de bandoleiro e metade infantil, na qual a menina ameaçava, algo a sério, algo em troça, caso não lhe dessem bombons.

Em suma, o caráter do salteador era misto e fundido com o da menina. Porém, rápido depois, arrependido, riscou todas as palavras de cunho infantil e se refez feroz, voltando ao estado hipnótico de vero bandido, mas não sem ficar em sua caligrafia algum resíduo de maior delicadeza do que na missiva anterior.

Aqui se tem prova da denominada estratificação do caráter (Sergi).

A primeira sugestão, influenciando sobre a segunda, fazendo esquecer a ideia precedente, que lhe era menos agradável, de ser celerado e do resgate, e prevalecendo a ideia da infância, mais grata.

(Observo que, a exemplo de todos os hipnotizados, ainda os mais ambiciosos e recalcitrantes em aceitar os papéis não muito honrosos, acolheu com sumo prazer a identificação com a meninice, o que se pode explicar com a rósea recordação da infância, com a geral simpatia por essa tenra idade e, acima de tudo, porque melhor corresponde àquele estado de inibição em que se acha o cérebro dos infantes.)

Influi logo em fazê-los modificar a segunda ideia na direção da primeira. Assim, sugeriu-se a Lesc. que fosse uma esposa: escreveu, é certo, com caracteres femininos, e pede a sua mãe

presto esposo, porém, com um “lapsus linguae” que depende da lembrança do estado anterior verdadeiro – disse, em vez de “quero meu esposo”, “quero esposar minha mulher”.

O mesmo acontece quando se provocam novas sugestões também com mutações de movimentos musculares: assim, havendo franzido à histérica V. o músculo supraciliar direito, se lhe suscitou a ideia dolorosa de que uns garotos brigavam como feras na praça de São Carlos, mas depois, estirando o músculo risório, a alucinação tétrica se mudou para cômica, pois os ditos rapazinhos se mostravam mutuamente o baixo das costas. Era uma estratificação ou superposição de uma sugestão sobre a outra.

O mesmo se observou com a hipnose provocada em pacientes sãos.

Chiari., a quem se contraiu simultaneamente o músculo supraciliar e o risório, contava, chorando e rindo ao mesmo tempo, que um mono afogava o seu dono com a fúria dos macacos.

Aqui a estratificação se verificou e fundiu, junta e rapidamente. Esta última observação não é nova, porque remonta primeiro a Dumontpellier e depois ao Dr. Silva,<sup>17</sup> mas este caso se comprovou não apenas nos histéricos, como acentuamos, mas também nos hipnotizados.

## ESCRITURA

Confirmação curiosíssima de observação de Richet<sup>18</sup> pude fazer, quanto à escrita, em relação ao caráter moral, tanto na histérica quanto no hipnotizado.

A uma histérica de medíocre cultura, a quem se fez traçar uma carta, com a sugestão de que fosse menina, escreveu-a com letra infantil; depois, com letra viril, ainda que pouco elegante, quando se lhe deu a sugestão de que era um coronel. Mas, a experiência foi mais perfeita em três estudantes muito engenhosos.

Fizemos a Chiari., em menos de uma hora, mudar o tipo caligráfico e moral, no de menino, aldeã, que conduz pombos, Napoleão, Garibaldi, calígrafo e velha nonagenária.

A Lesc., o caráter normal se transmudar no de um menino, no de noiva que apressa o casamento (caráter absolutamente feminino) e no de campônio.

A Col., em menina e em turbulento, inteiramente diverso do seu caráter normal. Como se vê, se bem que as sugestões ordenassem mudar de sexo e de assumir as mais diversas condições, não só as ideias e a ortografia, mas também o tipo caligráfico mudaram de modo completo, e muitas vezes do habitual, no mesmo indivíduo.

Encontramos não só o caráter de menina, que muitos estimam e sabem assumir, mas aquele que é mais difícil para um homem, qual o de mulher jovem, o de velha, o de camponês, e depois o de militar enérgico, tipo Garibaldi e Napoleão.

É curioso ver um estudante distinto tornar-se malfeitor e, assumindo tal caráter, traçar vigorosamente o T, com a maneira tosca que assinaei nos criminosos.

É bem estranho que o fenômeno aparentemente mais imutável, a personalidade, possa mudar a tal extremo no estado hipnótico e, por fim, mais vezes no mesmo indivíduo.

É esta, pois, uma nova dificuldade que se adiciona para castigar certos crimes de vingança, calúnias anônimas, de obrigada execução em estado hipnótico.

Agora que uma bela descoberta do nosso compatriota Bianchi demonstrou a grande frequência de cartas anônimas escritas pelos histéricos, que é quase como que um caráter específico do histerismo (fato baseado especialmente na observação de múltiplos processos de histéricos e particularmente no de Conte, que expedia cartas<sup>19</sup> assinadas por imaginários inimigos e redigidas à guisa de constituírem prova contra eles, prova que teve também um efeito jurídico), é muito provável que nestes casos acresça uma dificuldade mais na descoberta da culpa e do seu autor, que, investindo-se da sua parte, mude também a caligrafia e depois, para rebater a calúnia, se adicione uma prova demais na semelhança da letra, na falta de toda analogia com aquele original.

Os estados hipnóticos, tanto provocados quanto provindos de enfermidades, têm grande variedade, embora, em suas linhas gerais, entre eles sempre se ajustem, como vimos no que diz com a memória. Vejamos o que ocorre com a vontade.

## VONTADE

Esta, por exemplo, é na maior parte abolida e substituída frequentemente pela do hipnotizador, mas não é verdade que o seja sempre. Sabido já era que muitas vezes os hipnotizados podem revelar-se contra uma sugestão que esteja em perfeito antagonismo com o seu próprio caráter e isto, até certo ponto, pode servir de medida da força do caráter de um homem.

Assim, uma mulher, não muito moralizada, histérica, hipnotizada, me obedecia com ardor, quando lhe ordenava fosse ladrão e também namorado, coronel mulherengo, mas rebelava-se quando eu pretendia fosse um cientista ou pregador de moral, e mais lhe repugnava mudar de caráter do que de sexo.

A prova mais curiosa obtive em dois estudantes, Col. e Chiarl., a quem sugeri fossem ladrões e que, antes de obedecer, fugiram impetuosamente do aposento, correndo quais loucos pelo pátio.

Prosseguindo, sugeri de novo, imperiosamente, que fossem ladravazes, pondo ao seu alcance valioso objeto; mas, tapando o rosto com as mãos, percorreram a habitação, agitados, com atitude de quem sente pesar na prática de ação má, e depois um despertou, dizendo: “Não quero ser”, enquanto que o outro, apanhando o objeto e metendo-o no bolso, o repeliu imediatamente depois.

Mas, este segundo, sugerido de ser um grande salteador, mostrou repugnância, a princípio, e terminou por investir-se naquela parte mais aceitável pelo lado heróico, mostrando-se feroz e ditando, como lhe fora ordenado, uma carta de resgate.

Depois de se haver deixado converter em Rossini, quis persuadir a Chiarl. que fosse a sua mulher, porém recusou. Disse-lhe:

– Sra. Rossini, dê-me uma xícara de café.

Com mau modo respondeu:

– Dirija-se à minha mulher.

Disse-lhe que era Chiarl., e despertou.

Sugerindo-lhe que escrevesse “Sou um trapeiro”, recusou desdenhosamente. E “Lombroso é um trapeiro” escreveu pouco depois, quando busco persuadi-lo, com oportunos argumentos, quais os do respeito ao filho do povo, e com o dizer que eu próprio havia sido operário, etc.

(Isto se explica pela tendência megalômana já observada nos hipnotizados, e assim nos meninos e nos selvagens.)

Sugeriu-se a Chiarl. que fosse Napoleão, e aceitou de imediato a honorífica personalidade, porém, ordenando-lhe que escrevesse na lousa uma ordem-do-dia aos seus soldados, recusou e, em vez disso, ditou, com altivez napoleônica:

“Soldados:

Uma vez que se pode ordenar ao Imperador que escreva em uma lousa, demito-me do cargo.

*Napoleão.”*

O mesmo estudante possuía a singularidade de despertar imediatamente, quando as sugestões eram em completa oposição ao seu caráter, ou absurdas; aceitava, tal qual teria feito na vida comum, justificando aquelas menos absurdas que não repugnassem ao seu caráter. Assim, concordou em ser Napoleão e ser um menino, porque todo grande homem passa antes pela infância, o que prova que, nas determinações humanas, mais vale o caráter que a inteligência.

O mesmo aconteceu com uma histórica a quem se sugestionou fosse primeiramente soldado e depois coronel: “Fui promovido”, repetia.

Um estudante, Lesc., paciente sugestionabilíssimo a quem tentei convencer fosse menino, de 7 anos de idade, e depois mãe, quarentona, inquietou-se, levou as mãos ao rosto, confundido, e obstinou-se a ser a criança, o que já vimos sempre aceito por qualquer jovem bem nascido (veja-se acima).

Há, pois, um limite nas sugestões do caráter, porém, a exemplo da vida comum, este limite pode ser transposto com a educação hipnótica.

Um dos meus estudantes, um único, me declarou que, à medida que era submetido às práticas hipnóticas, se tornava mais rebelde, o que comprova a grande variação individual.

## INTELIGÊNCIA

A inteligência parece muitas vezes dominada, ou pelo menos debilitada; acima de tudo o é a palavra, tanto que dificilmente se resolvem a falar sem uma ordem, e algumas vezes um vivo estímulo, e não raro estímulo repetido. Certa histérica não responde senão quando se lhe comprimem as últimas vértebras dorsais e ao mesmo tempo se lhe repete energicamente a ordem de falar.

Mais espontaneamente gesticulam e escrevem. Apesar disso, a excitação produzida pelo estado de sugestão, a invasão, direi, da nova personalidade com a qual se identificam, faz que se expressem às vezes por gestos e escrita com habilidade que não lhes é própria no estado de vigília.

Assim, a um, suggestionado de ser fotógrafo, executou todas as operações do ofício que jamais realizara na sua vida de banqueiro.

Veja-se, por exemplo, o jovem Chiarl., quando se tornou Napoleão, com quanta eloquência escreve, usando também idioma estrangeiro:

“La patrie attend par vous des prodiges de la valeur dont nous sommes merveillés lisant les œuvres des grecs.”

Ordenando-se-lhe que fosse Rossini (note-se bem que ele tem noções de música), escreveu todo o trecho musical:

*Dal tuo stellato soglio,  
Signor, ti volgi a noi, ... etc., e o assinou.*

Ordenando-se-lhe que executasse o trecho, responde ser aquele mais belo do que difícil, mas o piano não era suficientemente bom. Solicitado a cantar, acompanhando-se ao piano, o

fez, corrigindo um erro junto à clave, ocorrido na música escrita, e colocou um suspenso no “dó” do *stellato soglio*.

Observei que o jovem S., sugestionado para que fosse mulher, iniciou um bordado de ponto de cruz em semicírculo, que umas senhoras me disseram estar executado verdadeiramente segundo a arte. Ora, ele não havia jamais aprendido a bordar, e desperto não saberia fazê-lo; porém, tinha irmãs que bordavam, e devia tê-las visto, embora distraidamente, realizar esses trabalhos, e a percepção organizada em tempo e permanecida inconsciente, nos centros psíquicos, reaparecia e exagerava-se sob o estímulo da sugestão.

Os indivíduos incultos, porém, ainda que sob a sugestão para personagens ilustres, permanecem sempre vulgares e mostram grande repugnância no escrever, como sucederia em estado de vigília, e ainda maior.

#### DINAMOMETRIA

Temos estudado a força muscular de alguns hipnotizados, antes e durante o estado hipnótico. Não podemos dizer, pelo que concerne aos resultados da força muscular, que, no estado hipnótico se tenha aquele aumento constante, nem depois da sugestão de atletismo, que faria suspeitar a hiperexcitabilidade neuromuscular, que, como é o característico do grande histerismo, assim se nota nos primórdios da grande hipnose.

Em dois, com o dinamômetro, se teve um acréscimo notável; porém, em um, Chiarl., que oferece tantas outras singulares exceções, se obteve uma diminuição em estado hipnótico, porém que cessava, sem voltar ao estado de vigília, quando se lhe ordenava aumentar a força.

Nos outros, a ordem de atletismo aumenta, sim, a força, mas de pouco.

#### Chiarl.

Em estado de vigília	40 quilos, a direita; 35, a esquerda
Em estado hipnótico	25 quilos, a direita; 32, a esquerda
Atletismo ordenado	28 quilos, a direita; 27, a esquerda

### Lesc.

Desperto	90 quilos com as duas mãos; <sup>20</sup> 37, a direita; 44, a esquerda
Hipnotizado	97 quilos com as duas mãos; 39, a direita; 44, a esquerda
Atletismo sugerido	98 quilos com as duas mãos; 39, 49, a direita; 46, a esquerda

### Col.

Em estado de vigília	50, a direita; 48, a esquerda
Hipnotizado	55, a direita; 55, a esquerda

### Ted

Desperto	35, a esquerda; 40, a direita
Hipnotizado	32, a esquerda; 25, a direita, com singular prevalência para a esquerda (mancinismo) no estado hipnótico

Tendo, porém, experimentado medir quantos segundos poderiam ter estirado o braço, sustentando um peso de 7 quilos, em todos se notou diminuição, malgrado também a ordem de mantê-lo teso por maior tempo.

### Lesc.

Desperto	a direita, 48"; a esquerda, 45"; Chiarl. 32"
Hipnotizado	a direita, 45"; a esquerda, 45"; Chiarl. 32"
Atletismo determinado	a direita, 45"; a esquerda, 35"

## PSICÔMETRO

Resultado similar se obteve com o psicômetro Hipp: para a equação pessoal, se bem se tratasse de jovens de superior inteligência, as cifras desta diferiam um tanto, no estado hipnótico, das do estado de vigília.

### Chiarl.

	Máx.	Mín.	Méd.	Dif.
Desperto – apresenta na vista	72	54	28	44
Ouvido	22	10	4	18
Hipnotizado – vista	90	61	26	4
Com ordem aumentar acuidade visual	90	55	33	57

### Lesc.

	Máx.	Mín.	Méd.	Dif.
Desperto – vista	100	74	60	40
Hipnotizado – vista	86	61	45	41
Com ordem aumentar acuidade visual	70	59	40	30
Desperto – ouvido	22	13,6	6	16
Hipnotizado – ouvido	25	19,6	15	10
Com ordem aumentar acuidade auditiva	16	11,9	4	12

O estado hipnótico, em um, era acompanhado de obtusidade, em um outro de leve agudeza na vista; a sugestão só em um dos dois obteve maior acuidade.

Certa Via..., de 17 anos de idade, filha de alcoólatra e com irmão sonâmbulo, histérica desde há 24 meses, que cai em sonambulismo à mais leve pressão nos olhos ou mirando-se no espelho, apresenta o quadro seguinte, com maior agudeza e menor diferença entre máxima e mínima no ouvido e menor acuidade e maior diferença dos extremos na vista:

Psicometria	Em estado normal		Em estado hipnótico	
	Ouvido	Vista	Ouvido	Vista
Média	55	40	66,6	39,8
Máxima	100	72	104	60
Mínima	39	12	40	10
Diferença	61	60	64	50

É preciso notar aqui o fato singularíssimo: no exame, em estado hipnótico, além de manter-lhe os olhos fechados, ainda os tapei com a mão, o que não impediu dar a vista resultados pouco diferentes dos do estado de vigília, com os olhos abertos.

### SENSIBILIDADE TÁTIL

Esta mesma histérica apresentou, em estado de vigília, sensibilidade tátil comum: 1,6 à direita; 1,9 à esquerda.

Hipnotizada, apresenta na mão 0,5 à direita; 1,1 à esquerda; ou seja, maior delicadeza.

Desperta, tem sensibilidade gen. elet. da trena de Dubois Reymond: 30 à direita; 56 mil. à esquerda.

Sensibilidade à dor: 48 à direita; 55 à esquerda.

Em estado hipnótico, a sensibilidade à dor é muito pouco mais obtusa: mão direita, 45; mão esquerda, 46.

Sugestionada para ser paralítica, ficou totalmente insensível, a 0; os olhos permaneceram insensíveis à luz, e mesmo ao brusco aproximar de uma lâmpada, quando se lhe sugeriu fosse cega.

Sugerindo-se-lhe fosse surda, não se abalou com o detonar súbito de um revólver atrás da orelha. Hipnotizada, mais vezes, olhos fechados e vendados, conseguiu ler várias linhas de um livro.

## PULSO

Intentei verificar com ela a observação de Beaunis, de que o pulso se acelera ou retarda, sob a sugestão, e achei resultados conclusivos para lhe poder dar a importância que lhes atribui aquele observador.

Ela apresentava 62 a 66 pulsações; ordenou-se-lhe que o coração batesse mais devagar, e deu, ao contrário, 66 a 68. Mais tarde, estava o pulso a 70; ordenou-se-lhe aumentar e acusou não mais de 68 e 71; ordenando-se-lhe o abaixamento, deu apenas 55 a 59.

Obteve-se, em compensação, resultados evidentes de elevação até 80, quando se lhe sugere estar ela saindo de uma festa dançante, e de depressão a 53, ao dizer-lhe que estava imersa em banho frio.

## TEMPERATURA

O mesmo se diga da temperatura, que variou nela, é verdade, sob a ordem de subir, de 37°8 a 38°, a 38°2, porém não desceu quando o ordenamos.

Além disso, Mosso mostrou, como veremos, a frequente mutação sob emoção; notei que o estado hipnótico, com muita frequência, é acompanhado de aumento de temperatura sem causa especial.

Em Lesc., acordado, de 37°1, sobe a temperatura, em estado hipnótico, a 37°8; em Col., desperto, de 37°3 sobe, hipnotizado, a

37°9; em Chiarl., em vigília, de 37°4 se eleva, hipnotizado, a 37°9, e de 37°1 a 38°.

## MEDICAMENTOS

Verificamos, em 1 só caso em 7, a observação de Bourrou, Burot e Richet <sup>21</sup> sobre a sensibilidade aos medicamentos nos hipnotizados.

É sabido que eles provaram isto que, aliás, haviam pressentido, há muito tempo, os homeopatas: a influência dos medicamentos a distância.

Um frasco de tintura de cantárida, bem tapado, posto sobre a mão, provocou em Vitorina M. fenômenos e gestos eróticos mui acentuados, os quais, na mulher R., eram de tal ordem que não se podem descrever. Outro vidro, igualmente fechado da mesma forma, com álcool puro, nelas provocou sinais de embriaguez, com arrastamento da palavra, movimentos incertos, etc.

Um marinheiro, que não se turbava ingerindo pequena quantidade de álcool e de cloral, uma vez hipnotizado, caiu em embriaguez, no sono, apenas com o contato do álcool e do cloral.

Certa mulher histérica, em cujas mãos se colocava uma garrafinha com solução de morfina em água de louro-cereja a 2%, caiu adormecida, e com alucinações aprazíveis, alusivas à sua família. Trocada a garrafinha por outra, com valeriana, excita-se desde logo, e protesta que a mão lhe queima; acalma-se, porém, com um tubo de cloral. Um frasquinho com álcool lhe produziu alucinação de ver animais ferozes.

Em uma histérica, submetida em estado de sonambulismo à ação de tubos selados e que continham 35 agentes medicamentosos, por detrás da cabeça, ora na nuca, ora em uma ou outra orelha, Luys revelou que a mesma substância podia produzir diversa expressão na fisionomia, conforme fosse aplicada à direita ou à esquerda.

Um vidrinho de jaborandi produz salivação abundante e copiosíssimo suor.

E assim se revelaram alguns efeitos, direi, psíquicos e físicos dos remédios, que poucos médicos, até agora, conheciam; assim,

a água de louro-cereja provocou, juntamente, convulsões, êxtases e visões religiosas.

O álcool etílico produz embriaguez alegre; o amílico embriaguez furiosa; a pilocarpina determina a sacarificação da saliva, o que era inteiramente ignorado antes pela Ciência, assim excluindo, ao menos nestes casos, a ação sugestiva.

E este método serve também para a cura dos acessos convulsivos violentos; as contrações histéricas desaparecem sob o contato de tubinhos fechados, com valerianato de amoníaco. Em idênticas histéricas, Luys viu diminuir o número de acessos com a simples aplicação, a distância, de um tubo de brometo de sódio.<sup>22</sup>

Em Chiarl, coloquei detrás da nuca um saquinho com 1 centigrama de quinina, dentro de estojo de papel; acusou imediatamente zumbido no ouvido, sabor amargo na boca; renovando a experiência, com outro envelope, revelou os mesmos efeitos.

O fato, de resto, não é novo de todo, porque os homeopatas, tão beneméritos dos estudos em matéria médica, haviam assinado, de há muito, a ação dos remédios a distância, nos sãos e nos enfermos, e sabem todos de que modo o ímã, a uma certa distância, pode influir na cútis.

O homeopata Bicchmann demonstrou que muitos, por terem na mão uma garrafa com tampa esmerilada, cheia de mercúrio, sofreram, depois de algum tempo, fenômenos mercuriais.

## 6

### **Polarização e despolarização psíquica**

Entre os tantos fenômenos estranhos, ou pelo menos insólitos na vida fisiológica, e que no entanto se apresentam frequentemente no estado de hipnose, há aquele que Féré e Binet denominam “polarização psíquica”, pelo qual o ímã, aplicado depois da sugestão, inverte a disposição de ânimo sugerida ao paciente desperto.

Bianchi e Sommer sugeriram à Srta. X.:

– Faremos um passeio recreativo em trem, neste esplêndido dia de abril, e nos divertiremos.

O rosto da paciente expressou satisfação e ela se ergueu e dispunha-se a caminhar. Nesse momento, se lhe aplica o ímã na cerviz, a meio centímetro da epiderme, e imediatamente ela se conturba e detém.

– Que ocorre? – perguntamos.

– Um desastre ferroviário; trem desmantelado; impossível seguir.<sup>23</sup>

Outra sugestão:

– Estamos em Posilipo, o mar é calmo, prateado de esplêndida lua. Eis uma barca, desçamos.

A fisionomia se alegra ante o espetáculo encantador e fez o gesto como que para entrar na embarcação. Aplica-se-lhe o ímã e advém perturbação profunda, retrocedendo, assustada.

– Que há? – interrogamos.

A cena mudou, naquele maravilhoso caleidoscópio do sonambulismo:

– Estamos à beira de alto e perigoso precipício.<sup>24</sup>

Observei outros casos em que não havia inversão, e sim supressão ou mutação dos fenômenos sob o ímã, e os denominei “despolarização”.

O mais singular foi aquele em que a aplicação de um polo do ímã suprimia a alucinação hipnótica, que o outro despertava.

O paciente R. P., de 13 anos de idade, pai falecido por encefalite, mãe anêmica, histérica e sujeita a alucinações hipnagógicas, íncubo noturno e cefalalgia; tinha fisionomia femínea, cabelos ruivos, cútis finíssima; crânio dolicocefalo, fronte estreita coberta de penugem; desenvolvimento genital algo atrasado; falou tarde, aos 30 meses de idade; revelou-se exageradamente sensitivo; algumas vezes sonhava desperto; atendia bem ao estudo e mostrava certo gosto estético para os trabalhos de ponto aberto e de bordado.

Em consequência de traumatismo, sofreu uma coxalgia grave e, depois de 40 dias, quando esta melhorava, a 15 de março é

tomado de improviso por hipnose, perdendo nela a consciência da dor, a visão e, com frequência, a audição.

Esse estado se manifestava mais facilmente às 8 horas da manhã e às 4 da tarde; durava, às vezes, um segundo, outras vezes horas, e se acompanhava frequentemente de alucinações, nas quais vê ou sente coisas que lembram a luta de um certo P., robusto homem, com um débil adolescente, ou então cenas da África, sobre as quais leu em Júlio Verne, e expressava-se analogamente: por exemplo, falando de fuzilaria, estende os braços como se detonasse e, ao imaginário disparo, desperta assustado; gritando-se-lhe ao ouvido: “Ásia”, responde: “África”, mas acordado também de imediato, não se recorda de coisa alguma.

Durante o acesso, agita-se, declama em latim, canta e é insensível à dor; tem transposição da vista, lendo, com os olhos fechados e vendados, o jornal, em voz alta, e joga xadrez; é sensível ao bronze, ao zinco e ao cobre, que lhe produzem dores, e ao ouro, que, ao contrário, lhe dá agradável sensação de calor, porém mais ao ímã.

Em realidade, o acesso hipnótico, o delírio, etc. cessavam imediatamente, sob a aplicação dos dois polos do ímã, ou também com a do polo norte, enquanto que o acesso voltava súbito, aplicando o polo sul; o ímã influía mesmo quando aplicado por sobre a vestimenta ou cobertas da cama, ou preso a um fio de ferro. Curado, cessou toda sensibilidade ao ímã.

A importância aqui é a ação polarizante, ou melhor, interruptora de um dos polos do ímã, e a ação oposta que apresentavam os polos do mesmo, não notadas até agora por outros (se não erro), exceto A. Rochas.<sup>25</sup>

Mas, ação mais brilhantemente despolarizante com que, repetido, entendemos uma ação diversa, porém não contrária à atual, foi obtida por mim e Ottolenghi, com 170 observações em 9 pacientes.<sup>26</sup>

E exatamente em 62% obtivemos franco efeito polarizante sobre alucinações e ilusões psico-sensoriais, que mudavam, isto é, em sentido contrário, e nos 38% despolarização ou leves modificações.

Nas alucinações psíquicas, a polarização dos sensórios teve, quase sempre, conformidade; por exemplo: o vinho se tornava mais negro; o caldo insulso e mais denso, mais saboroso.

Para bem compreender estas diferenças, valham alguns exemplos.

Certo Mac..., de 56 anos de idade, histérico em consequência de grande emoção, a quem se hipnotizava facilmente, caindo em estado cataléptico e depois em sonambúlico, recebeu a sugestão, em estado de vigília, de ver um anjo com asas verdes.

Aplicado o ímã, o anjo se transformou em diabo, com asas vermelhas; uma senhora ruiva, com vestido encarnado, se converteu em diabo, conservando a mesma roupagem vermelha, polarizando-se assim a alucinação física, mas não a óptica.

Fazendo ver a Amb..., histérico, em estado hipnótico, uma fotografia de salteador, com aplicação do ímã o celerado se transformou em mulher, enquanto que a foto de um ganso não se transformou, mas desapareceu sob a ação do ímã. Polariza-se-lhe até a personalidade, pois, fazendo-se-lhe crer que era um bandido, o ímã o converte em honesto operário, e o revólver que tinha na mão se transforma em instrumento de labor.

E pudemos assim também polarizar-lhe duas personalidades simultaneamente.

Desse modo, pondo-lhe em uma das mãos um revólver e na outra um novelo, sugeriu-se-lhe fosse, por um lado, Gasparone e, pelo outro, mulher. Aplicado o ímã sobre a nuca, pelo lado correspondente ao bandoleiro, se converte em campesino e, pelo de mulher, se transformou em homem.

As sensações alucinatórias nele não se polarizam, porém mudam.

Uma flor vermelha, que lhe é mostrada em vigília, sob a aplicação do ímã se torna branca, e era uma rosa de cor encarnada vivo; sugerindo-se-lhe que teria na mão, em vez de um copo com água, um de vinho de Barolo, viu-o tinto e o achou de bom sabor; com o ímã, ele lhe soube amargo; água açucarada se tornou ácida.

A um G., submetido já a longas práticas hipnóticas, a fotografia de um esqueleto se mudou na de uma jovem, o homem em mulher, e vice-versa, uma ninfa pompeana em horrenda bruxa; completa, pois, foi a polarização; mas, ao contrário, uma água açucarada se fez salgada, um avental encarnado se mudou em branco. Houve mutação, não inversão do gosto – despolarização nas alucinações sensoriais, e não nas psíquicas.

Em um quarto indivíduo, alcoólatra, se obtiveram sempre despolarizações: lã encarnada ou amarela se descoloriram para brancas; ácido acético se tornou amargo e água doce em ácida.

Em um quinto se obtiveram diferentes mutações (tal como ocorreu em caso já citado), conforme os polos do ímã. Por exemplo: aplicado o ímã, uma cruz preta se tornou branca; sob a ação apenas do polo sul, passou à cor amarela, e com o polo norte volta à cor preta; um torrão de açúcar, coisa de que muito gosta, não muda de sabor sob o ímã.

Em um sexto indivíduo, o ímã, posto perto da nuca, esmaecia as imagens, mas aplicado diretamente as fazia desaparecer.

Os efeitos máximos foram obtidos com aplicação do ímã, porém idêntico resultado deu, em 5 sobre 9, aplicando um dedo sobre a nuca do paciente.

Os indivíduos inibidos por fortes paixões ou arraigados hábitos não se deixavam influenciar pelo ímã.

Assim, em um marido dominado pela mulher, a imagem dela não mudava, nem com o ímã, nem com a sugestão, e uma velha criminosa não mudava a simulação, nem confessava as mentiras postas em prática, antes da sugestão, para justificar-se do delito.

É singularíssimo o fato de que em quase todos esses a imagem alucinatória se assimilava como se fosse imagem real. Por exemplo: com a lente a mais 3”, se agrandava, e com a lente a menos 3” se apequenava; mudando a distância da lente, trocava-se a dimensão da imagem.

Sob a sugestão de ver um moscardo um pouco distante, dilatava-se a pupila de C., e a contraía à medida que a pretensa mosca se aproximava; quando depois lhe era chegada à ponta do nariz, C. fazia o gesto de repeli-la com a mão, e as pupilas,

deixando de fixá-la, tornavam a dilatar-se; o mesmo, pois, como se, em lugar de uma alucinação sugerida, experimentasse sensação verídica.

Isto se verificou 81 vezes em 96 observações sobre 4 pacientes.

Fez-se ver a C., em estado hipnótico, um espectroscópio; não distinguiu as cores vermelha, amarela, verde e azul, com a disposição e extensão normais.

Foram-lhe mostrados depois três vidros coloridos em vermelho, verde e azul separadamente; aplica-se ao extremo anterior do espectroscópio um papel branco, sugestionando-se a C. tratar-se de vidro encarnado, e ele então vê o vermelho em larga zona, depois pequena faixa amarela, em seguida faixa verde muito escuro, depois uma porção que lhe parece azul escuro, o resto todo preto, e desenha por si mesmo o total deste modo: *v. a. v. a. p.*

Sugestionando-se-lhe depois para que aquele papel branco fosse verde, viu pequena faixa de encarnado escuríssimo, outra de amarelo escuro, uma grande verde claro e outra de azul escuro, assim: *v. a. v. a.*, e na proporção para as outras cores.

Sugestionando-se-lhe que um tubo fechado era um espectroscópio, viu igualmente os vidros coloridos como se olhasse nele, e ainda reviu os mesmos fenômenos com papel branco, quando se lhe sugestionou que eram vidros coloridos.

Note-se que C. agia em estado de completo automatismo, desenhava quanto observava, sem se aperceber quando a pena estava enxuta, pois ficava imóvel por muito tempo (transe hipnótico?).

Na dúvida de que tudo isso dependesse da nossa sugestão, foi repetida a experiência sobre os mesmos objetos, com indivíduos que ignoravam completamente esses estudos, e obtiveram-se idênticos resultados.

Estas singulares experiências, praticadas em número de 65, com 4 pacientes, deram os mesmos resultados 63 vezes.

Tanto os fenômenos de polarização quanto aqueles de despolarização podiam-se tentar explicar por uma orientação especial

que imprime nas células corticais o movimento molecular próprio do ímã; porém, quando o efeito igual se obtém com um dedo, como justificar esta explicação? E depois, como explicar que as imagens sugeridas se comportem como se fossem reais, que a imagem alucinatória siga as leis da óptica, conforme obtivemos em 84% das nossas experiências com a lente, e 96% com o espectroscópio?

As sensações visuais que se formam em nossos sentidos desfrutariam nos hipnóticos das mesmas propriedades das que partem dos centros corticais.

As imagens corticais alucinatórias estariam sujeitas às modificações provocadas pelos meios interpostos, como se os centros sensórios corticais pudessem substituir-se aos órgãos dos sentidos e atuar sem estes.

Tudo isso parece um absurdo fisiológico.

E como se pode explicar a mutação quase instantânea na consciência da própria personalidade, e isto também com a simples aplicação de um ímã, da personalidade, primeira a surgir e a última a desaparecer no homem?

Também aqui, e assim na transmissão do pensamento e ainda na transposição dos sentidos, e mais nos sonhos premonitórios, ocorrem fenômenos que se acham em completa oposição às leis fisiológicas e que, sobrevindo no estado histérico e hipnótico, e graças a isto, quando, na desagregação da faculdade psíquica, prevalecem o automatismo e a inconsciência, tudo nos conduz a admitir a existência de uma série de fenômenos que, carecendo de segura explicação, pertencem mais ao mundo oculto do que ao fisiológico.

## SEGUNDA PARTE

### Espiritismo

#### CAPÍTULO I

#### Fenômenos espíritos com Eusápia

Mesmo depois de estar convencido disto, a principal objeção que eu havia adotado para não me ocupar com os fenômenos espiritistas – por inexplicáveis pelas leis fisiológicas – veio faltar-me e eu, embora ainda repugnando, terminei, em março de 1891, por aquiescer em presenciar uma experiência espiritista, em pleno dia, a sós com Eusápia Paladino, em um hotel de Nápoles, e tendo presenciado levitações de objetos pesadíssimos, sem contato, então aceitei o “ocupar-me” com isso.

\* \* \*

Eusápia Paladino, nascida em Murge, em 1854, aos 8 anos de idade viu o pai assassinado por bandoleiros; acolhida primeiro pela avó, que a maltratava, e depois abandonada na rua, foi recebida, mui jovem, como que por ato de caridade, na tarefa de ama-seca, em casa da alta burguesia de Nápoles.

Desde a infância, teve, sem que se pudesse explicar, aparições mediúnicas ou alucinações; e assim ouvia pancadas (*raps*) nos móveis sobre os quais se apoiava; à noite sentia que lhe arrancavam as roupas e puxavam as cobertas da cama sobre o dorso; via fantasmas.

Em 1863, Damiani, que já em Londres, em sessão mediúnica, ouviu “John” dizer existir uma grande médium em Nápoles (“John” pretendia que fosse sua filha), presenciou, em casa da família onde estava hospedada Eusápia, uma sessão espiritista, na qual, quando ela atuava, se manifestavam fenômenos extraordinários de ruídos (*raps*) e movimento de objetos.

De então, Damiani e Chiaia promoveram-lhe verdadeira educação mediúnica, e a pobre ama-seca, encontrando nisso uma remuneração que a tornava independente, concordou sempre

mais em prestar-se às sessões, até que o mediunismo se lhe tornou ocupação única.<sup>27</sup>

Descrever uma por uma todas as experiências que se fizeram na Europa com Eusápia Paladino exigiria enorme volume.

Contentar-nos-emos em expor, integralmente, só as 17 sessões celebradas por mim em Milão, em 1892, com Aksakof, Richet, Giorgio Finzi, Ermacora, Brofferio, Gerosa, Schiaparelli e Du Prel, resumidas por Finzi, e em que se tomaram todas as precauções mais indicadas: examinar a médium, mudar-lhe a roupa, atar e prender-lhe pés e mãos, dispor a luz elétrica sobre a mesa, de forma a permitir ligá-la ou desligá-la à vontade. Resumirei as outras mais importantes, realizadas em Gênova, Milão, e nos últimos tempos em Paris, no Instituto Geral de Psicologia.

### **Experiências com Eusápia Paladino em Milão (1892)**

FENÔMENOS OBSERVADOS COM LUZ: Movimentos mecânicos não explicáveis, com apenas o contato das mãos.

*a)* Elevação lateral da mesa, sob as mãos da médium, sentada em um dos lados menores da mesma.

Para esta experiência, foi usada mesa de pinho construída especialmente para esse fim. Entre os diversos movimentos da mesa, por meio dos quais eram dadas as respostas, seria impossível não observar especialmente os golpes que, amiúde, se produziam em ambos os lados dela, elevados simultaneamente sob as mãos da médium, sem nenhuma precedente oscilação lateral, com força e rapidez e por muitas vezes bruscamente, como se estivesse pegada às mãos da médium, movimentos tanto mais notáveis porquanto a médium permanecia sentada em uma das extremidades da mesa e não deixamos de lhe ter seguras as mãos e os pés.

E porque este fenômeno se produz quase sempre e com a maior facilidade, para observá-lo melhor deixamos a médium sozinha na mesa, com as duas mãos sobre a tábua da mesma, as mangas do vestido arregaçadas até ao cotovelo. Estávamos em

pé, ao seu redor, e o espaço por cima e por debaixo da mesa era bem iluminado.

Em tais condições, o móvel se levitou, num ângulo de 30 a 40 graus, e assim se manteve por alguns minutos, enquanto a médium conservava estiradas as pernas e batia os pés um contra o outro.

Fazendo então força com uma das mãos sobre o lado erguido da mesa, sentimos considerável resistência elástica.

**b) Medida da força empregada na levitação lateral da mesa.**

Para esta experiência, a mesa foi suspensa, por um dos lados curtos, a um dinamômetro preso a uma corda fixada em travessão apoiado em dois armários.

Assim, elevando-se de 15 centímetros a extremidade da mesa, o dinamômetro marcava 35 quilos; sentou-se a médium no mesmo lado curto, com as mãos inteiramente sobre o móvel, à direita e à esquerda do ponto de união da corda com o dinamômetro, enquanto as nossas mãos formavam cadeia sobre a mesa, sem exercer pressão, e deste modo só podiam influir para aumentar a pressão exercida sobre a mesa.

Expressamos o desejo de que, ao revés, diminuísse a pressão, e de pronto a mesa começou a elevar-se pelo lado do dinamômetro, e o Sr. Gerosa, que observava a marcação deste, anunciou estas diminuições expressas nas sucessivas indicações: 3, 2, 1, 0 quilogramas, depois do que, tal foi a levitação, que o dinamômetro repousou horizontalmente sobre a mesa.

Então, invertemos as condições, colocando as mãos debaixo da mesa, e a médium em particular as situou não sob a borda, onde poderia alcançar a cornija e exercer tração para baixo, mas sob a própria cornija que unia os pés do móvel, e tocando-a, não com a palma, e sim com o dorso das mãos.

Assim, todas as mãos só poderiam diminuir a tração do dinamômetro.

Expresso o desejo de aumento, ao contrário de antes, o Prof. Gerosa, em seguida, viu e anunciou que as indicações cresciam de 3,5 até 5,6 quilos.

Durante todas essas experiências, cada pé da médium estava sob o do seu mais próximo vizinho da direita e da esquerda.

*c)* Elevação completa da mesa.

Era natural concluir que se o móvel, em aparente contradição com as leis da gravidade, pode levitar-se por um lado, podia também elevar-se totalmente. E assim sucedeu, com efeito, sendo este dos fenômenos mais frequentes com Eusápia, e se presta a exame satisfatório.

Produz-se de imediato nas seguintes condições: as pessoas sentadas, em torno da mesa, põem as mão sobre ela, formando a cadeia; cada mão da médium é presa pela mão adjacente dos dois vizinhos imediatos, e os pés sob os dos vizinhos, que, com os seus joelhos, pressionam os da médium, sentada, como é de costume, a um dos lados menores do móvel, posição menos favorável para levitação mecânica.

Ao término de alguns minutos, a mesa faz movimento lateral e se eleva, ora à direita, ora à esquerda, e por fim se levita completamente com os quatro pés no ar, horizontalmente, como se estivesse flutuando em um líquido, ordinariamente a uma altura de 10 a 20 centímetros (excepcionalmente até 60 e 70), caindo depois sobre as quatro extremidades simultaneamente.

Algumas vezes se mantém no ar alguns segundos, e faz também movimentos flutuantes, durante os quais se pode examinar completamente a posição dos pés que ficam sob ela.

Durante a ascensão, a mão direita da médium, unida à do seu vizinho, abandona amiúde a mesa, e está por cima. Durante a experiência, o rosto da médium está convulso, contraem-se-lhe as mãos, geme e parece sofrer, conforme lhe ocorre geralmente quando algum fenômeno está para produzir-se.

Para melhor observar o fato em questão, eliminamos, pouco a pouco, as pessoas da mesa, por haver reconhecido que a cadeia de muitas não era necessária, nem neste, nem em outros fenômenos, e, afinal, deixamos uma só pessoa com a médium.

Colocada à esquerda, esta pessoa apoiava os pés sobre os de Eusápia, e uma das mãos sobre os joelhos, mantendo, com a outra, a mão esquerda da médium, cuja direita estava sobre o

móvel, à vista de todos, e também se elevava durante a levitação. E porque a mesa permanecesse no ar alguns segundos, foi possível obter várias fotografias do fenômeno.

Pouco antes da levitação, observou-se que a fralda da saia de Eusápia se inflava pelo lado esquerdo até encostar numa das pernas da mesa e, tendo um de nós tentado impedir tal contato, o móvel não pôde elevar-se na mesma altura das outras vezes; mas, permitido novamente o contato, elevou-se, o que ficou evidente nas fotografias, apanhadas daquela face, e também naquela em que a perna da mesa em questão é visível de qualquer modo, na sua extremidade inferior.

Notou-se, ao mesmo tempo, sobre a face superior estar apoiada a mão da médium, e assim é que aquela perna estava sob a influência da médium, tanto na parte inferior, por meio da saia, quanto na parte superior, pela mão.

Para evitar esse contato, propusemos provocar a levitação, estando de pé, médium e cooperadores, porém negativo foi o resultado.

Alvitramos colocar a médium em um dos lados mais amplos do móvel, ao que ela se opôs, alegando ser isso impossível.

Releva dizer que não conseguimos obter levitação completa com os 4 pés da mesa, livres de todo contato, e há razões para suspeitar ter havido análogo inconveniente na elevação de 2 pés que se situavam do lado da médium.

Levitação completa, de 60 centímetros, foi obtida em Paris, no Instituto Psicológico, da qual foi publicada a fotografia no seu Boletim, nesse mesmo 1908; outra, mais completa ainda, em que a mesa aparece voltada para cima, se obteve, com o médium Carancini, de Roma, conforme publicação na *Luce ed Ombra*.

*d)* Variações de pressão exercida pelo corpo da médium sentada em uma balança.

A experiência se revestia de grande interesse, porém era difícil, pois se compreende que todo movimento, voluntário ou não, da médium na plataforma da balança podia originar oscilações na plataforma e, pois, na indicação.

Para que a experiência fosse concludente, deveria o fiel da balança, sempre que mudasse de posição, estacionar alguns segundos, para permitir a medida do peso mediante a deslocação do contra-peso da balança romana.

Com esta esperança se fez a tentativa. A médium foi sentada em cadeira posta sobre a balança, pesando o total de 62 quilogramas.

Depois de algumas oscilações, produzia-se pronunciadíssimo descenso no fiel da balança, durante alguns segundos, permitindo ao Prof. Gerosa, próximo a ele, medir imediatamente o peso, que foi de 52 quilos, o que indica a queda de pressão equivalente a 10 quilos.

Expresso o desejo de obter o fenômeno oposto, o extremo do jogo regulador não tardou em subir, indicando um aumento de 10 quilos.

Esta experiência foi repetida mais vezes, e em 5 sessões diversas; em uma não deu resultado, mas na última vez um aparelho registrador permitiu obter duas curvas do fenômeno.

Experimentou-se reproduzir, por nós outros mesmos, tais deflexões, e só se obteve êxito estando muitos sobre a plataforma e apoiando-se ora sobre um dos lados, ora sobre o outro, perto das bordas, com movimentos bastante amplos que, ao contrário, nunca observáramos na médium e lhe eram impossíveis, dada a posição na cadeira.

Todavia, reconhecendo que a experiência não se pode dizer absolutamente satisfatória, completamo-la com a que será descrita no nº 3.

Também nesta experiência da balança, por alguns dos nossos foi notado que o êxito parecia depender do contato do vestido da médium com o chão sobre o qual estava diretamente colocada a balança. Isto foi verificado com adequada experiência, na noite de 9 de outubro.

Colocada a médium na balança, aquele de nós outros incumbido de lhe vigiar os pés viu, em seguida, inflar a parte inferior da saia e propender a ficar pendente para debaixo da plataforma da balança.

Tão logo se intentou impedir esse movimento (o qual certamente não era produzido pelo pé da médium), a levitação não teve lugar; mas, apenas permitido o contato da fimbria do vestido tocar o pavimento, ocorreram repetidas e manifestas levitações, que foram assinaladas em belíssimas curvas sobre o disco registrador das variações do peso.

De outra vez, intentou-se realizar a levitação da médium, colocando-a sobre larga mesinha de desenho e esta sobre a plataforma da balança. A mesinha impedia o contato do vestido com o pavimento, e a experiência não logrou êxito.

Finalmente, na noite de 13 de outubro, preparou-se outra balança (*stadera*), com a plataforma bem isolada do pavimento, distando deste 30 centímetros.

Exercendo-se severa vigilância, de modo que não permitisse contato de qualquer maneira entre a plataforma e o solo, nem mesmo a ponta do vestido de Eusápia, a experiência fracassou.

Ao contrário, em símiles circunstâncias, algum ligeiro resultado parece se obtivesse, a 16 de outubro, mas desta vez a experiência não foi certa, havendo dúvida sobre se um mantelete, com o qual Eusápia envolvia a cabeça e as costas, havia tocado a ponta da balança (*stadera*) durante a persistente agitação da médium.

Concluimos que nenhuma levitação se conseguiu com a médium totalmente isolada do pavimento.

*e)* Aparições de mãos sobre fundo ligeiramente luminoso.

Colocamos sobre a mesa um papelão recoberto de substância fosforescente (sulfureto de cálcio) e espalhamos outros nas cadeiras e diversos pontos do aposento.

Desse modo vimos perfeitamente o negro perfil de mão que pousava sobre o papelão da mesa, e ao fundo, constituído pelos outros, a mão, projetada em preto, passar e repassar em torno de nós.

Na noite de 21 de setembro, um dos nossos viu repetidas vezes, não uma, porém duas mãos se projetarem simultaneamente

sobre a débil luz de uma janela de vidraça fechada (fora era noite, porém não completamente escura).

Essas mãos se agitavam rapidamente, porém não tanto que impedisse distinguir nitidamente sua forma; eram de todo opacas e se projetavam sobre a janela, em preto absoluto.

Não foi possível ao observador julgar quanto ao braço ao qual aquelas mãos estavam presas, porque só uma pequena parte, junto do pulso, se interpunha entre o foco de luz da janela, no lugar onde ele estava observando.

Estes fenômenos de visibilidade simultânea das duas mãos, ao mesmo tempo, são muito significativos, porque não se podem explicar com a teoria de astúcia da médium, a qual de modo algum pode liberar ambas as mãos do controle do seu vizinho. À mesma conclusão conduz o batido de duas mãos, uma contra outra, que foi ouvido muitas vezes durante o curso das nossas experiências.

#### *f)* Elevação da médium sobre a mesa.

Entre os fatos mais importantes e mais significativos, pomos esta levitação, executada duas vezes, isto é, a 28 de setembro e 3 de outubro, em consequência da qual a médium, que estava sentada perto de uma das cabeceiras da mesa, entre grandes lamentos foi erguida em peso, com a cadeira, e colocada com esta em cima da mesa, sentada na mesma posição anterior e sempre com as mãos presas e acompanhadas pelos vizinhos.

Na noite de 28 de setembro a médium, com as mãos presas pelos Professores Lombroso e Richet, queixou-se de mãos que a apertavam debaixo dos braços; depois, em transe, com a voz mudada, habitual neste estado, disse:

– Agora vou levar a minha médium para cima da mesa.

Ao término de 2 ou 3 segundos, a cadeira, com a médium sentada, foi, não atirada, mas erguida, sem artifício, e deposta sobre a mesa, enquanto Richet e Lombroso estavam seguros de não haver ajudado a ascensão com esforços próprios.

Depois de um discurso, em transe, a médium anunciou sua descida e, substituído Lombroso por Finzi, a médium foi reposta

no chão, com a mesma segurança e precisão, enquanto Richet e Finzi acompanhavam, sem os ajudar, os movimentos das mãos e do corpo, e continuamente se interrogavam sobre a posição das mãos.

Durante a descida, ambos sentiram repetidamente que invisível mão lhes tocava ligeiramente a cabeça.

Na noite de 3 de outubro, o fenômeno se repetiu em circunstâncias bastante análogas, estando ao lado da médium Du Prel e Finzi.

### **g) Contatos.**

Alguns destes merecem ser notados, com determinada particularidade, em razão de certas circunstâncias oferecerem indício interessante sobre sua provável origem, e primeiramente se deve notar aqueles contatos que foram sentidos pelas pessoas que estavam fora do alcance das mãos da médium.

Assim, na noite de 6 de outubro, o Prof. Gellona, que se achava a uma distância de três postos da médium (cerca de 1,20m, estando a médium no lado curto da mesa e o Prof. Gerosa num dos ângulos adjacentes ao lado curto oposto), tendo levantado a mão, por ser tocado, sentiu mais vezes que outra mão golpeava a sua para abaixá-la e, persistindo ele, foi golpeado com uma trombeta que momentos antes soara no ar.

Em segundo lugar, deve-se notar aqueles contatos que constituem operação delicada e impossível de executar às escuras com a precisão com que esta foi observada. Duas vezes, a 16 e 21 de setembro, tiraram os óculos do Prof. Schiaparelli e os deixaram sobre a mesa, na frente de outra pessoa. Esses óculos eram presos às orelhas por meio de duas espirais elásticas e retirá-los requeria cuidado, mesmo alguma atenção a quem agisse à luz plena. No entanto, às escuras foram retirados com tal delicadeza e rapidez que o professor só deu pelo fato porque cessara a sensação dos óculos sobre o nariz, aos lados da cabeça e nas orelhas, e teve de apalpar com as mãos para certificar-se de que os óculos não mais estavam no lugar costumeiro.

Análogas reflexões derivam de muitos outros contatos feitos com grandíssima delicadeza, a exemplo de quando um dos assistentes sentiu que lhe alisavam a barba e o cabelo.

Em todas as numerosíssimas manobras executadas por misteriosas mãos, nunca se notou um equívoco, ou choque, o que é inevitável nos casos ordinários com aqueles que agem na escuridão.

Esta era, no mais dos casos, salvo uma ou duas exceções já assinaladas, tão completa quanto possível, e não se pode imaginar que a médium ou os demais pudessem ver, aproximadamente sequer, o perfil das pessoas sentadas em torno da mesa.

Pode-se acrescentar, a este propósito, que corpos tão pesados e volumosos quanto cadeiras e vasos cheios de argila foram postos sobre a mesa, sem que jamais encontrassem uma das tantas mãos que estavam apoiadas nessa mesa, o que era especialmente difícil, pelas cadeiras que ocupavam grande espaço com a sua extensão.

Uma cadeira foi certa vez revirada sobre a mesa e posta em posição longitudinal sem esbarrar em ninguém, embora abrangesse quase toda a mesa.

#### *h)* Contatos com um rosto humano.

Um de nós, tendo expressado desejo de ser beijado, sentiu o contato de dois lábios, e por duas vezes (21 de setembro e 1º de outubro). Em outras três ocasiões, a um dos assistentes aconteceu tocar um rosto humano, com cabelo e barba; o contato da pele era absolutamente o de um rosto de homem vivo, o cabelo muito mais forte e áspero do que o da médium, enquanto que a barba parecia muito fina.

#### *i)* Som de trombeta.

Na noite de 6 de outubro, sendo colocada uma trombeta por detrás da médium e por detrás da cortina, em pouco ouvimos soar, por detrás de nossas cabeças, diversas notas. Os que estavam mais perto da médium ficaram em condições de assegurar-se de que os sons não provinham da direção dela.

j) Havendo um dos nossos deposto, no início da sessão, o sobretudo em cima de uma cadeira, fora do alcance da médium, no final da sessão foram vistos, trazidos para cima de um cartão fosforescente, que estava sobre a mesa, diversos objetos que o dono do sobretudo reconheceu, de imediato, serem os existentes em um dos bolsos internos do dito sobretudo.

Deve-se registrar que a médium começou a lamentar-se e a fazer gestos de desgosto, queixando-se de que algo lhe havia sido posto em torno da garganta e a apertava.

Ligada a luz, não se encontrou mais o sobretudo no lugar anterior, mas, fixando nossa atenção sobre a médium, que estava atordoada e de mau humor, nos apercebemos de que lhe estava às costas o dito sobretudo, com os braços enfiados em cada uma das mangas; entretanto, durante a sessão, as mãos e os pés da médium estiveram sempre controlados pelos dois vizinhos, pelo modo habitual.

Compreende-se que nesta, mais do que em qualquer outra ocasião, a confiança no êxito de um fenômeno tão grandioso repousa plena na segurança e na continuidade do controle das duas mãos; ora, desde que o fenômeno era de todo inesperado, a atenção dos vizinhos da médium não podia atuar de maneira constante sobre a vigilância; estes dois experimentadores declararam que a eles não lhes parecia haver abandonado a respectiva mão da médium; mas, não havendo outros desvios de atenção produzidos pelos fenômenos advindos, e tendo sempre fixa a atenção exclusivamente neste ponto, devemos admitir possível (não provável) que a hajam deixado livre momentaneamente, sem se aperceberem.

### **Fenômenos até agora observados na escuridade e obtidos afinal em plena luz, com a médium à vista**

Restava, para chegar a pleno convencimento, tentar obter os fenômenos importantes da escuridade, sem perder, porém, de vista a médium.

Pois que a escuridão favorece bastante, ao que parece, a sua produção, era necessário deixar na obscuridade os fenômenos e manter a luz para nós e para a médium.

Por isso, procedeu-se, na sessão de 6 de outubro, do seguinte modo: parte de uma câmara ficou separada por grossa cortina divisória, para ficar às escuras; a médium foi sentada em cadeira à frente da abertura da cortina, com o dorso na parte escura, ficando os braços, as mãos, o rosto e os pés na parte iluminada da câmara.

Detrás da cortina foi posta uma cadeirinha com uma campainha a cerca de meio metro de distância da cadeira da médium, e sobre uma outra cadeira mais distante um vaso cheio de argila úmida, perfeitamente lisa na superfície. Na parte iluminada, formamos o círculo em redor da mesa, a qual foi posta diante da médium. As mãos desta estiveram sempre seguras pelos seus vizinhos, os Srs. Schiaparelli e Du Prel.

O recinto era iluminado por uma lâmpada de vidros vermelhos posta em outra mesa. Pela primeira vez a médium era submetida a estas condições.

Presto começaram os fenômenos. Também à luz de uma vela, sem vidro vermelho, vimos a cortina inflar-se para nós, e os vizinhos da médium, pondo suas mãos nela, sentiram resistência; a cadeira de um deles foi puxada com violência e depois cinco fortes golpes foram dados nela, o que significava pedido de menor claridade.

Acendemos então uma lanterna vermelha, protegendo-a, além disso, em parte, com um interceptor de raios luminosos, mas, pouco depois, retiramo-lo e a lanterna foi posta sobre a mesa, em frente à médium.

As orlas da abertura da cortina foram fixadas aos ângulos da mesa e, a pedido da médium, também presas na sua cabeça, com auxílio de alfinetes.

Então, sobre a cabeça da médium algo começou a aparecer por várias vezes. Aksakof ergueu-se, pôs a mão na abertura da cortina, acima da cabeça da médium, e logo anunciou que dedos o tocavam repetidamente e depois sua mão foi agarrada através

da cortina e, por último, sentiu que algo lhe vinha empurrando a mão: era a cadeirinha, que Aksakof pegou, e lhe foi retirada, caindo ao solo.

Todos os presentes introduziram a mão pela dita abertura e receberam o contato de mãos. No fundo preto da própria abertura, sobre a cabeça da médium, as costumeiras luzes azuladas apareceram muitas vezes; Schiaparelli foi tocado com força, através da cortina, no espinhaço e na ilharga; sua cabeça foi coberta pela cortina e puxada para a parte escura, enquanto ele, com a esquerda, retinha sempre a mão direita da médium, e com a direita segurava a mão esquerda de Finzi. Nesta posição, sentiu-se tocado por dedos nus e cálidos, viu luzes descrevendo curvas no ar, e que iluminavam um pouco a mão ou o corpo que os transportava. Depois retomou seu lugar, e então nova mão começou a aparecer na abertura, sem mais se retirar tão subitamente, mas de modo mais distinto.

A médium, que jamais tal presenciara, ergueu a cabeça para ver, e logo veio a mão tocar-lhe o rosto.

Du Prel, sem soltar a mão da médium, introduz a cabeça pela abertura, por cima da cabeça da médium, e imediatamente se sentiu tocado fortemente de vários pontos, por muitos dedos. Entre ambas as cabeças, a mão ainda se mostrou.

Du Prel retornou ao seu lugar e Aksakof introduziu um lápis, que foi tomado e agarrado pela dita mão, e não caiu. Pouco depois foi atirado, através da abertura, sobre a mesa. Uma vez, um punho fechado apareceu sobre a cabeça da médium, abriu-se lentamente e mostrou a mão aberta com os dedos separados.

É impossível contar o número de vezes que esta mão apareceu e foi tocada por todos nós, de forma que nenhuma dúvida seria possível: era verdadeiramente mão humana, viva, que víamos e tocávamos, enquanto, ao mesmo tempo, o busto e os braços da médium permaneciam à vista e eram retidos pelos seus dois vizinhos.

Terminada a sessão, Du Prel foi o primeiro a passar para a parte escura e anunciou a moldagem na argila. De fato, constatamos que a argila fora deformada com profunda arranhadura de

cinco dedos de mão direita (o que explicou o fato de, ao finalizar a sessão, ter um pedaço de argila sido arrojado, através da abertura da cortina, sobre a mesa), prova segura de que não estivéramos alucinados.

Estes fatos se repetiram ainda mais vezes, sob a mesma forma ou em forma pouco diversa, nas noites de 9, 13, 15, 17 e 18 de outubro.

Se bem que as posições da misteriosa mão não permitissem supor que fosse pertencente à médium, todavia, para maior segurança, na noite de 15, foi aplicada na sua mão esquerda uma fita de borracha que envolvia separadamente os dedos, permitindo a todo momento distinguir qual das mãos cada vizinho tinha em custódia.

As aparições tiveram igualmente lugar logo, e assim também ocorreram nas noites de 17 e 18 (embora com intensidade menor), sob controle rigoroso dos professores Richet e Schiaparelli, e por eles solenemente atestado, pois que ambos prestaram especial atenção a esta parte. Tal condição era, aqui, e sempre, bastante difícil, porque a médium agitava as mãos continuamente e, em lugar de as manter sobre a mesa, à vista de todos, as colocava, mais abaixadas, sobre os seus joelhos.

### **Conclusão**

Assim, pois, todos os maravilhosos fenômenos que tínhamos observado em completa ou quase completa escuridade (cadeiras puxadas com força, com a pessoa sentada, contato de mãos, luzes, marcas de dedos, etc.), obtivemo-los afinal sem perder de vista, por um instante, a médium.

Por isto, a sessão de 6 de outubro foi, para nós, a constatação evidente e absoluta da justeza de nossas impressões anteriores na escuridade; foi a prova incontestável de que, para explicar os fenômenos na completa escuridade, não é necessário supor fraude da médium, nem ilusão de nossa parte; foi prova de que estes fenômenos podem resultar das mesmas causas dos produzidos quando a médium é visível, com luz suficiente para lhe controlar a posição e os movimentos.

Ao tornar público este breve e incompleto resumo das nossas experiências, devemos ainda expressar estas nossas convicções:

- 1º) que, nas circunstâncias dadas, nenhum dos fenômenos obtidos com luz, mais ou menos intensa, poderia ser produzido por qualquer artifício;
- 2º) que a mesma convicção pode ser afirmada para a maioria dos fenômenos na completa escuridade; para uma parte destes últimos, podemos reconhecer, no máximo, a possibilidade de imitá-los por meio de algum hábil artifício da médium; todavia, depois disto que dissemos, é evidente que esta hipótese seria não só IMPROVÁVEL, mas também INÚTIL, em nosso caso, pois que, com o admiti-la, o conjunto dos fatos não seria de modo algum comprometido.

*(seguem-se as assinaturas.)*

\* \* \*

E agora respiguemos, da lembrança dos outros experimentadores, os fenômenos mais interessantes.

Em Nápoles, no ano de 1893, com os egrégios colegas Bianchi, Tamburini, Vizioli e Ascensi, refiz com Eusápia estas experiências, em uma câmara propositadamente escolhida em nosso hotel, e aí, em plena luz, vimos uma grande cortina que separava nosso aposento de uma alcova vizinha, e que distava da médium mais de um metro, vir bruscamente sobre mim, envolver-me e apertar-me as costas, e foi com dificuldade incomum que dela me libertei.

Um prato com farinha de trigo fora colocado atrás, na alcova, à distância de 1,50m da médium, que, em transe, tinha pensado ou dito ao menos que me derramaria no rosto o conteúdo do prato, e à luz se encontrou o prato emborcado sobre a farinha, todavia seca, mas quase coagulada como se fora gelatina.

O fato nos parece duplamente inexplicável com as leis da Física e por manobras da médium, que não só estava com os pés atados, mas presas ambas as mãos nas nossas. Ligadas as luzes, quando todos estávamos de partida, viu-se um grande armário,

colocado atrás da alcova, a cerca de 2 metros de distância de nós, mover-se lentamente em nossa direção, qual um grande paquiderme que vagarosamente tencionasse atacar-nos, como que empurrado por alguém.

Em outras sucessivas experiências com o Prof. Vizioli e De Amicis, em plena luz, tendo pedido a Eusápia fizesse mover pelo seu “John” uma sineta colocada no solo, a um metro distante dela, médium, atada de pés e mãos, nós vimos várias vezes estender-se a sua saia, em um ponto, como se fosse um terceiro pé que apresentava pequena resistência, qual o do gás dentro de uma bexiga, e este terceiro braço, diremos etéreo, sob nossos olhos, a plena luz, finalmente, de um golpe se apoderou da sineta e a fez soar.

Eis agora algumas das experiências mais curiosas observadas em Gênova, pela condessa Celésia, no *Circolo Scientifico della Minerva*, e em Milão, na *Società di Studi Psicici*, presentes muitos cientistas, Bozzano, Venzano, Porro, Lombroso, Morselli, Marzorati, em 1906-1907, e descritas com exatidão por Barzini.<sup>28</sup>

A médium seguia, com frequência, as experiências sugeridas pelo capricho dos presentes.

Certa noite, pedimos que trasladasse para a mesa uma trombeta que estava sobre uma cadeira, no ângulo do gabinete mediúnico, e enquanto víamos Eusápia imóvel, sentimos a trombeta cair no chão, e depois, por longos minutos, ouvimo-la mover-se ligeiramente, como se uma mão a empurrasse, sem pegá-la.

Tendo um dos assistentes estendido os interruptores da luz elétrica que lhe havíamos confiado, rumo do gabinete e a cerca de dois metros de Eusápia, dito: “Pega!”, imediatamente lhe tiraram da mão o cordão a que estavam unidos os interruptores e que se lhe deslizou por entre os dedos quase um metro; atraindo-o com violência, sentiu uma resistência elástica, mas forte.

Depois de movimentos de estica e afrouxa, exclamou: “Faça luz!”, e uma das lâmpadas acendeu.

Esses exercícios algumas vezes são tão rápidos que podem surpreender e deixar a mais legítima dúvida acerca da sua verda-

deira natureza; porém, muito frequentemente são lentos, fatigantes e revelando esforço e concentração intensa.

Durante a sessão, Morselli sentiu que pesada mão lhe agarra o braço direito, da qual sente perfeitamente a posição dos dedos, ao mesmo tempo em que a médium adverte ainda: “Atento!” e a lâmpada verde acende e apaga. O interruptor da dita lâmpada, unido a amplo cordão pendente do teto, estava no bolso de Morselli e este não sentiu mão alguma que ali se introduzisse. Todos observamos que a lâmpada acendeu e apagou, sem que se percebesse o ruído do interruptor, e como para confirmar a nossa impressão, a lâmpada torna a acender e apagar, várias vezes, de igual modo silencioso.

Não devemos esquecer uma circunstância: o acender e apagar da lâmpada correspondiam a pequeno movimento que o dedo indicador de Eusápia fazia na palma da minha mão.

Esta sincronia, entre os fenômenos e os gestos da médium, havíamos encontrado quase sempre, e é notável o fato de que, nestes casos, o esforço da médium se verifica da parte oposta àquela em que se verifica o fenômeno; por exemplo: se o punho de Eusápia se contrai, quem está à sua esquerda sente provavelmente um toque de mão e pode reconhecer que tal mão é a mão direita.

Isso é um singularíssimo cruzamento, uma inversão que pode ser importante constatar.

Forte mesa, pesando dez quilos e trezentos gramas, situada no vão da janela e sobre a qual estavam postos uma caixa de placas fotográficas e um metrônomo de Morselli, se aproximou de nós e depois se distanciou. O metrônomo começou a funcionar e deu início ao seu tique-taque regular. Após alguns minutos parou. Depois recomeçou e tornou a parar. Não é operação difícil nem longa pôr em andamento e deter um metrônomo, é mínima; todavia, não é operação que os metrônomos tenham o hábito de realizar por si mesmo.

Amiúde, os objetos vindos à mesa medianímica são acompanhados com a cortina preta, como se fossem trazidos por pessoas

escondidas no gabinete, as quais pusessem o pano entre os objetos e suas mãos.

Em outra sessão, vimos um dinamômetro, quase em contato com a barra da cortina, que chegou até à mesa, movimentar-se e desaparecer por detrás da cortina. Não ouvimos o leve rumor que houvesse feito ao pousar em algum lugar e examinamos se alguém o havia tocado; e eis que de pronto, no gabinete e sobre a cabeça da médium, uma mão avançou sustentando o dinamômetro em atitude de mostrá-lo. Depois retirou-se e, decorridos alguns segundos, o dinamômetro reapareceu sobre a mesa. A agulha marca a pressão de 100 quilogramas. É a pressão que pode dar um homem robustíssimo.

É indubitável que o pensamento dos presentes exerce certa influência sobre os fenômenos. Parece que as nossas palavras são escutadas como sugestão para a execução das várias manobras: se falamos da levitação da mesa, esta se eleva; se damos golpes rítmicos sobre a tábua da mesinha, os golpes são exatamente repetidos e quase sempre, aparentemente, no mesmo ponto.

Entramos a discorrer sobre os fenômenos luminosos que, algumas vezes, se manifestaram com Eusápia, e que não mais havíamos visto nestas sessões e eis que, subitamente, vimos uma luz que aparece sobre os joelhos da médium, desaparece, mostra-se ainda sobre a cabeça de Eusápia, desce ao longo de seu lado esquerdo, faz-se mais vívida e desaparece à altura do seu quadril.

Em seguida, Morselli nota ao lado da cortina uma pessoa; sente que nela se apoia e todos vimos os braços envoltos na cortina.

De improviso, Bozzano colocou a cabeça na abertura da cortina para olhar no interior do gabinete e este estava vazio. A cortina se encontrava inflada e vazia. Isto que, por um lado, parece o relevo de um corpo humano que se move coberto pela cortina, da outra parte é uma cavidade no estofado, um *moulage*.

Vem à mente *O homem invisível*, de Wells.

Bozzano, tocando com a mão direita, que tem liberta, o enfundado da cortina, na parte externa, efetivamente encontra sob o tecido a resistência de uma cabeça vivente; identificou a fronte,

deslizou a palma da mão pelas bochechas e nariz e, quando tocou os lábios, a boca se fechou e lhe prendeu o polegar; sentiu nitidamente o morder de uma dentadura sã.

Um *carillon* chega sobre a mesa, como que caindo do alto. E ali, perfeitamente isolado, enquanto o olhamos curiosamente, soou durante alguns segundos. Tinha a forma de minúsculo moinho de café e esse instrumento, tão simples e tão pouco musical, para tocar, precisava do concurso das duas mãos, uma que o mantivesse firme e outra que lhe girasse a manivela. Apenas cessado o seu *glin-glin*, ouvimos o bandolim rastejar no chão. Bozzano viu-o sair do gabinete e parar por detrás do Prof. Morselli, onde mal tocou duas ou três vezes. Dali se elevou e veio para cima da mesa; girou em todo redor e terminou por alojar-se nos braços de R., qual criança lactante. Pondo nossas mãos sobre as cordas, nós as sentíamos vibrar por ignota força, e tínhamos assim uma prova sobre a realidade do fenômeno.

Havíamos observado que, no movimento do bandolim, e assim no de todos os objetos transportados, há uma espécie de orientação, ou seja, não giram nunca, têm mais translação do que revolução, movem-se precisamente como se fossem sustentados por uma mão e avançam, recuam, vão à direita e à esquerda, mantendo a mesma posição.

O bandolim conservou sempre o braço voltado para a *médium*.

As cadeirinhas, que fazem seus singulares passeios e sobem sobre a mesa, apresentam-se sempre como se fossem pegadas pelo encosto.

Morselli trouxe consigo uma cordinha de 40 centímetros de comprimento e, em dado momento, colocou-a sobre a mesa; a cordinha andou, indo e vindo, coleante. Quando Morselli exprimiu o desejo de vê-la enodada, ela desapareceu no gabinete e voltou pouco depois com três nós em lugares diferentes, nós iguais, grossos, bem feitos, simétricos, equidistantes.

Em uma quinta sessão, na qual Morselli havia atado perfeitamente Eusápia a uma rede, constatou, depois de todos os

fenômenos de aparições, que havia sido desatada e ligada de modo diverso.

### **Artes ou engenhos fantasmáticos**

Nos cinco primeiros anos, Eusápia apresentou mais fenômenos de movimento de objetos e de *apports* do que de formas fantasmáticas.

Depois dos primeiros anos, começaram a produzir-se mãos isoladas ou unidas a braços de vários tamanhos e, mais raramente, pés.

Nestes últimos anos, esses braços e mãos apareciam mais frequentes no meio ou no final da sessão.

Algumas vezes, acompanhavam os deslocamentos também de cadeiras, do bandolim e, em outras, apareciam pálidos e diáfanos rostos humanos.

Bottazzi,<sup>29</sup> que intensificou as observações a propósito, viu sair um punho negro, nitidamente, da cortina esquerda e avizinhar-se de uma senhora, que sentiu contato na nuca e na face; de outra vez, mão natural, da qual sentiu o calor e a solidez, pousou em seu braço e depois se reintegrou no corpo de Eusápia.

Em realidade, certa vez, o seu colega Galeotti viu distintamente, naquela sessão, surgirem de Eusápia, à esquerda, dois braços idênticos: um, preso pelo controle, o verdadeiro, e o outro, o fantasmal, que se despegava do ombro, tocava a mão do vizinho controlador, e depois tornava a fundir-se no corpo de Eusápia.

Esses braços são aqueles com que a médium faz mover, a 20 e a 30 centímetros para além da extremidade dos seus próprios, os objetos, e que, se espetados, provocam dor, como se fossem os seus, e têm conexão com aquele inflado tubular nas vestes que eu via preceder a levitação da mesa, com as variações do dinamômetro e da balança.

Algumas vezes, nas boas sessões, esses engenhos se prolongam um pouco, porém não mais de 1,50m da mesa.

## Fantasmas

Houve também, muito mais raras vezes, no final das sessões e nas melhores sessões, fantasmas verdadeiros.

Anoto entre os mais importantes, por haver sido presenciado por muitos e por se ter repetido, a aparição do falecido filho de Vassallo.<sup>30</sup> E também a narrada por Morselli a mim, pessoalmente, se bem que posta em dúvida depois, qual a de sua mãe, que o beijou, lhe enxugou os olhos, lhe disse algumas palavras e depois de novo lhe apareceu e acariciou, e para demonstrar a própria identidade, lhe alça a mão e a leva à sobancelha direita da médium.

– Não é ali – disse-lhe Morselli, e encaminha a mão à esquerda, onde, perto do supercílio, havia um pequeno defeito.

Morselli estava sentado à direita de Eusápia e Porro à esquerda.

Outra aparição tive a verificar, eu mesmo, com imensa comoção.

Em 1902, em Gênova, a médium estava em estado de semi-embriaguez e, por isso, pensei que coisa alguma poderia realizar.

Pedindo-lhe, antes de iniciar a sessão, fizesse mover, à luz plena, um pesado tinteiro de vidro, respondeu naquela sua vulgar linguagem:

– Por que te mergulhas nestas ninharias? Sou capaz de muito mais, sou capaz de te fazer ver tua mãe; nisto deverias ter pensado!

Sugestionado por essa promessa, à altura de meia hora de sessão fui presa do vivíssimo desejo de vê-la concretizada e imediatamente a mesa acedeu, com seus sólitos movimentos, acima e abaixo, ao meu pensamento; logo depois vi (estávamos em semi-escurecimento com luz vermelha) destacar-se da tenda uma figura um tanto pequena, qual era a de minha mãe,<sup>31</sup> velada, que fez um giro completo em redor da mesa, até chegar a mim, sussurrando-me palavras que foram ouvidas pelos demais (não por mim, devido à minha surdez), tanto que, quase fora de mim, pela emoção, supliquei que as repetisse, e ela repetiu:

– Cesar, fio mio!

Isto, confesso de imediato, não estava no seu hábito, pois, veneziana, costumava dizer-me, em seu dialeto: “Mio fiol”.

Pouco depois, a meu rogo, tornou a dar o giro e, destacando por um momento os véus da face, deu-me um beijo.

Menos distintamente, isto é, coberta pela cortina, me apareceu, beijando-me e falando-me, em oito sessões sucessivas, realizadas em 1906-1907, em Milão e em Turim.

Análoga aparição teve Massaro, de Palermo, na sessão de 26 de novembro de 1906, em Milão,<sup>32</sup> na *Società di Studi Psichici*, a que assisti.

Em ocasião anterior, tendo evocado, pela mesa-girante, o Espírito do filho, morto recentemente, teve uma promessa de materialização, para Milão.

Na sessão de 26, presente Massaro na formação da cadeia, Eusápia disse, quase em seguida, estar vendo um jovem que vinha de longe e, interrogada, precisou: “de Palermo”, e acrescentou:

– Retrato vivo feito ao sol.

Tal frase não foi entendida. Mas, Massaro, a estas palavras, recordou ter na carteira uma fotografia do filho, feita em campo aberto, e nesse mesmo instante sentiu que lhe batiam vivamente no peito, precisamente no lugar onde se encontrava o dito retrato, e percebeu que o beijavam duas vezes, na face esquerda, através da tenda que lhe ficava vizinha.

E aos ósculos seguiram-se carícias bem acentuadas, embora delicadíssimas. Depois de uma pausa, repetiram-se os contatos intencionais, sendo que desta vez uma mão se insinuava, com vivaz movimento, no bolso interior da sua roupa, justamente onde guardava a carteira, que se abriu onde estava o retrato.

A esta segunda manifestação acompanharam beijos e afagos, e depois se sentiu pegado pelo peito e atraído para a câmara escura e beijado reiteradamente.

Sobreveio, finalmente, a aparição, sobre a tenda, de uma cabeça vendada de branco, na qual reconheceu o filho.

Poucos meses antes da sua morte, Chiaia me mostrou alguns baixo-relevos obtidos, sempre em estado de transe, por Eusápia, colocando greda molhada sobre pedaço de madeira, dentro de caixa coberta com uma tabuinha, em cima da qual havia pesada pedra. Sobre esta a médium colocava a mão e, quando entrava em transe, dizia:

– Já está feito.

Abria-se a caixa e encontrava-se o molde, em baixo relevo, da mão ou do rosto de um ser, cuja expressão fisionômica oscilava entre a vida e a morte.

Não assisti a essas sessões, mas o testemunho de Chiaia, de honrada memória, e a de um ilustre escultor de Nápoles que moldava os relevos dos moldes, são suficientes, e também o juízo de Bistolfi, segundo o qual, para obter, em poucos minutos, estes moldes, que vistos de perto nada dizem, porém de longe têm expressão terrível e verdadeiramente macabra, seriam necessárias operações demoradas; seria preciso admitir na médium uma habilidade artística extraordinária, enquanto que Eusápia não tem sequer os primeiros elementos da arte.

Acrescente-se que estando a greda coberta de um véu sutil, medianímico, cuja trama se entrevê no molde, o artista mais exímio não poderia conseguir, valendo-se da pressão, e com o dedo da mão, nota Bozzano, produzir um molde exato, e sim estrias.

A verdade destes fatos me é provada também por se repetirem sob as vistas de Bozzano, no Círculo científico “Minerva”, de Gênova (1901-1902), e em França, sob o controle de Flammari- on, em Monfort-l’Amaury, onde se reproduziu a própria efígie de Eusápia, e, sob minhas vistas, em Milão e em Turim.

Certa noite, com as janelas completamente fechadas, enquanto tínhamos, Richet e eu, presas as mãos da médium, que fora previamente revistada – a seu pedido –, sentimos ambos, no terço inferior do braço, um corpo estranho, que depois se verificou ser uma rosa fragrante, com haste e algumas folhas. O talo parecia cortado obliquamente, como que por instrumento afiado, Não se pode explicar a louçania daquela flor, que devia estar

pelo menos pressionada pela manga do casaco. Eusápia, no início da sessão, havia predito um *apport*, mas não sabia dizer de que natureza seria.

Em Milão, Schiaparelli levou à nossa sessão uma resma de papel e pediu a Eusápia que escrevesse seu nome, e ela pôs o dedo e fez gestos de traçar caracteres gráficos sobre o papel, mas o seu nome se encontrou escrito, com cor violeta, no lado inferior da mesa; em uma segunda prova, sobre a linha da cortina, distante mais de três metros e ao alto; numa terceira prova, na última folha da resma.

O recentíssimo *Bulletin de l'Institut Générale Psychologique*, de dezembro de 1908, insere um relato de Courtier, sobre as sessões de Eusápia, nos anos de 1905 a 1908, em Paris, sob o controle de cientistas, como Curie, Courtier, Richet, d'Arsonval, Jouriewitch, Debiérne.

Notou-se a levitação da mesa até, 20, 50, 60 centímetros do solo, permanecendo no ar de 27 a 52 segundos.

Tendo Debiérne dito que “John” era capaz de quebrar a mesa, imediatamente foi quebrado o pé da mesma.

Para registrar a levitação do móvel, muniram-se os pés de contatos elétricos, que funcionavam quando o pé se separava do solo. Esses contatos estavam ligados, cada um, a um registrador Despretz que grafava sobre um cilindro.

Para verificar se o peso da mesa se somava ao da médium, durante a levitação, fixou-se a cadeira onde estava Eusápia sobre uma balança de Marey, e notou-se que quando os 3 ou os 4 pés da mesa se erguiam, conjuntamente, o aparelho registrava aumento de pressão, como se o peso da mesa levitada se unisse ao da médium sentada, e como se esta fosse o ponto de apoio da levitação.

Isto se confirma com o fato de quando se elevavam os dois pés da mesa, do lado oposto ao de Eusápia, havia decréscimo de pressão.

Com uma balança romana se observou que Eusápia aumentava de 10 para 13 quilos o peso da mesa, quando esta se elevava, mostrando que os fenômenos estavam conformes com as leis da

mecânica, porque os 3 quilos de mais provinham dos movimentos descompassados de Eusápia, de vez que a mesa pesava 10 quilos.

Eusápia aumentava e diminuía à vontade seu próprio peso e o das mesinhas. A 45 centímetros de distância, e no interior da câmara, pôde provocar a ruptura de um tubo de borracha da balança onde estava sentada, tubo que, antes de ser mutilado, sofre um estiramento e depois uma pressão. Ao mesmo tempo, rompeu em dois pedaços um lápis, que pedira, e disse: “Está quebrado”. Assim também, pouco depois, quebrou em três pedaços pequena mesinha de madeira que lhe haviam posto detrás da cadeira, e não se compreende como pôde anunciar o número de fragmentos a que foi reduzida, estando às escuras e de costas.

Sobre a frente, ao lado direito de Eusápia, se observavam luzes azuladas, fosforescentes, e uma espécie de centelha rósea, porém ampla, aos pés da mesa. Eusápia tirou de máquina elétrica, posta a dois metros de distância, três faíscas que se perceberam depois sobre sua cabeça; fez brotar também centelhas nos cabelos e nas mãos dos assistentes.

Agia sobre eletroscópios; descarregava-os lentamente, os dedos a dois centímetros de distância do contato.

Podia produzir fenômenos, à luz plena, ao final das sessões e ainda no início, quando se apaixonava em mostrar o seu poder mediúnico.

Mostra ter sensibilidade a distância. Dizia, por exemplo: “Este barro (a dois metros de distância) é mole ou muito duro”, e assinalava a viscosidade de um objeto distanciado, e assim, à distância, podia provocar rupturas de objetos, exteriorização da sensibilidade e da motricidade.

## CAPÍTULO II

### Resumo dos fenômenos mediúnicos de Eusápia

Morselli resume nesta sucinta síntese os fenômenos oferecidos por Eusápia em transe.<sup>33</sup> São eles, de forma catalogada:

**Primeira classe** – Fenômenos mecânicos, com produção de movimentos nos objetos ainda em contato com a pessoa da médium, que Eusápia produz facilmente, tanto na obscuridade quanto à luz plena.

1º – Oscilações e movimentos da mesinha, sem significação.

2º – Movimentos e golpes da mesinha, tendo significação, são frequentíssimos. Os golpes correspondem à linguagem convencional usada por Eusápia (2 golpes, “não”; 3, “sim”, etc.) e regulam geralmente o andamento da sessão.

Verdadeiramente, nas sessões de Eusápia a tiptologia se reduz a pouca coisa, em comparação às maravilhosas comunicações de caráter pessoal ou de ordem filosófico-social, dadas por outros médiuns.

Em compensação, a mesinha, com Eusápia, tem riquíssima linguagem, que se pode dizer mímica; e se assemelha à de um menino, se bem que pareça sorrir e, ao contrário, escarneça, quando não canta certas árias.

3º – Levitação total da mesinha até 78 segundos.

4º – Movimentos de objetos diversos, apenas tocados pelas mãos ou corpo da médium, que não são explicáveis com a debilíssima pressão por ela exercida.

5º – Movimentos, ondulações, inflação das partes da câmara medianímica, sem que Eusápia possa fazê-los com as mãos e com os pés, que estão sob severo controle.

6º – Movimentos e inflação da vestimenta da médium.

**Segunda classe** – Esta classe é o aperfeiçoamento da primeira. Os efeitos mecânicos se produzem sem contato algum com a pessoa da médium, a distâncias que podem variar de poucos centímetros a um metro. São os mais discutidos, porque em

desacordo com as leis ordinárias da Física, a qual ensina que uma força mecânica deve atuar diretamente sobre a resistência oposta pelos corpos materiais. Todavia, esta telecinesia mediúnica é entre as coisas mais frequentes a serem vistas nas sessões de Eusápia. Citemos sumariamente os fenômenos precípuos da classe:

7° – Oscilações e movimentos da mesinha mediúnica, sem contato.

8° – Levitação autônoma da mesinha. Presenciamos verdadeiros “solos de dança” da mesinha, à luz plena do gás, quando a médium estava fechada e imobilizada dentro do gabinete.

9° – Ondulações, inflações, prolongamentos das partes da câmara.

Ocorrem também quando a médium está distante: por exemplo, deitada e atada solidamente dentro da cabine, dir-se-ia que personagens invisíveis levantam com suas mãos a tela, estiram-na para abrir e estiram-na para fechar, etc.

10° – Movimentos impressos a corpos materiais por mãos voluntariamente voltadas para eles, porém à distância. Este fenômeno sobrevém ordinariamente à luz plena e ao finalizar da sessão. É a verdadeira exteriorização da motricidade, ilustrada por Albert de Rochas.

11° – Movimentos espontâneos ou deslocamento de objetos diversos, a várias distâncias e também até 2 e 3 metros da médium.

12° – Transportes, para a mesinha, de objetos distanciados. Muito frequentemente, porém, tais objetos parecem trazidos com as tendas pretas, que têm, na fenomenologia de Eusápia, uma função importantíssima, quase a abrigo de membros invisíveis.

13° – Deslocamento das cadeiras dos controladores. Com frequência, sentem que lhes tiram a cadeira de sob o corpo, etc.

14° – Movimentos funcionais de ordem mecânica e de colocação a distância. Por exemplo, a entrada em ação de instrumentos musicais (bandolim, cítara, piano, trombeta) e de outros

pequenos mecanismos (*carillons*, metrônomo, dinamômetro, etc.) distantes de Eusápia.

**Terceira classe** – Esta classe dos fenômenos mecânicos concerne à alteração da gravidade dos corpos, que são os fenômenos menos seguros, embora investigadores insignes lhes garantam a autenticidade.

15º – Mudanças espontâneas de peso em uma balança. Assistimos a oscilações do braço de uma balança romana, sem que visivelmente Eusápia a pressionasse. Mas, o fenômeno pareceu duvidoso.

16º – Mudança de peso do corpo da médium (de 5 a 10 quilos).

17º – Levitação do corpo da médium. Morselli teve a impressão de que a levitação fosse sincera em seu início, mas ajudada inconscientemente, na consumação, pelos dois controladores. Em minhas observações, isto é excluído.

Uma classe curiosa, pouco estudada até agora, é aquela dos efeitos mediúnicos térmico-radiantes. Essa consta de poucos, mas interessantes fenômenos.

18º – Vento do gabinete escuro. É frequentíssimo e se sente em quase todas as sessões. É verdadeira corrente de ar que vem do interior da câmara e por detrás da médium.

19º – Frio intenso. É sentido comumente pelos dois controladores, e preludia muitas manifestações.

20º – Radiações da cabeça e do corpo da médium. Aproximando a mão à cabeça de Eusápia, principalmente onde tem uma depressão óssea, conseqüente de antiga queda, e algumas vezes também de suas mãos, percebe-se sensível sopro, ora tépido, ora fresco.

A classe dos fenômenos acústicos já está em parte compreendida nas três primeiras, porque mui frequentemente os movimentos à distância se tornam possíveis mediante rumor, som, etc. dos instrumentos postos em ação. Mas, fora disso, nada têm de especial.

21º – Golpes, choques e outros ruídos na mesinha.

22° – Golpes e choques a distância da médium.

23° – Sons de instrumentos musicais. Verdadeiramente, jamais são acordes harmônicos, a menos que maestros assistam à sessão. Quando muito, são marcação de compasso.

24° – Rumores de mãos e de pés.

25° – Sons vocais humanos.

Passo a uma classe não menos impressionante de manifestações, isto é, aquelas que, segundo os espiritistas, deveriam revelar a ação de *Inteligências* ocultas, com efeitos duradouros sobre a matéria inerte. Eusápia, por sua incultura, é pobre destes fenômenos.

26° – Sinais misteriosos deixados a distância. Consistem em sinais ou borrões que se encontram sobre a mesinha, nos punhos dos presentes, nas paredes e parecem feitos a lápis.

27° – Escrita direta. Seria a escrita feita diretamente *pelos Espíritos*, sem ação notória de mão, ora porém com utensílios gráficos visíveis (lápis, grafite), ou sem eles.

28° – Marcas, imagens em matéria moldável (*plastilina*). São impressões de dedos, de palmas de mão, de punho, de pés, e também de rostos, geralmente todos de perfil e meio-perfil. Esses rostos têm certa semelhança com uma Eusápia envelhecida e seriam em realidade a reprodução do rosto de “John King”, seu pai em outra vida.

29° – Transportes. Aparição imprevista, sobre a mesinha ou na sala, de objetos vindos de longe, e entrados através de portas e paredes, tais flores, raminhos, folhagens, pregos, moedas, pedras, etc.

30° – Materializações. Trata-se da criação *ex-novo* de formas mais ou menos organizadas que têm os característicos físicos assinalados da matéria, isto é, de serem resistentes ao tato e ao senso muscular (*tangíveis*), e algumas vezes dotadas de luz própria (*luminosas*), e mais geralmente capazes de deter os raios exteriores de luz (fazendo-se *visíveis*). A primeira subclasse é a das materializações sólidas, que eu direi *estereosas* mediúnicas.

31° – Toques, apalpos e apertos de mãos invisíveis.

32° – Organização de formas sólidas, tendo os característicos de membros do corpo humano. São ordinariamente mãos, braços, costas (?) e ainda cabeças que se tocam através da tenda preta, e parecem pedaços ou fragmentos de uma criatura que se esteja formando; de raro, dão a impressão (tangível) de uma pessoa total. Apertadas ou agarradas através das tendas, retraem-se, no mais das vezes apressadamente; mas, outras vezes, permanecem também longo tempo e se deixam tocar, principalmente no rosto. A boca, invisível, faz o movimento de beijar, morder, etc., protegida, porém, quase sempre pelo pano.

32° bis – Organização de mãos perceptíveis, nuas ao tato. Algumas vezes, sente-se o toque de mãos verdadeiras, possuidoras dos característicos dos membros de uma criatura vivente, e sente-se a pele, o calor e a mobilidade dos dedos. E se as apertamos, a impressão é de que se dissolvem e fundem como se fossem compostas de substância semifluida.

33° – Ações complexas de formas materialíssimas (tangíveis-invisíveis). Aqueles braços, mãos, cabeças e meio-pessoas, embora imperceptíveis à vista, mesmo de quem olha o interior do gabinete, por detrás da tenda pela qual são cobertas, avançam para os assistentes, tocam-nos, palпам, abraçam e agarram, ou repelem, acariciam, atraem e beijam, com todos os movimentos de criaturas vivas e reais. Além disso, estas formas executam ações ainda mais complexas, seja na sombra da cabine, seja diante dela, com o intermédio das tendinhas pretas infladas e projetadas até ao plano da mesinha ou rumo das cadeiras dos vizinhos (ainda que fora da cadeia), seja afinal em liberdade e em pleno meio dos presentes, que se sentem invisivelmente tocados, abraçados, revistados nos bolsos, etc.; muitos assim vêem satisfeitos desejos apenas pensados.

**Quinta classe** – Uno em um pequeno grupo os *fenômenos luminosos* elementares, sejam os visíveis por si, sejam os visíveis por luz exterior, mas sempre inorganizados.

34° – Aparição de pontos luminosos. São as célebres *chamazinhas* espiritistas. Eusápia as produz de quando em quando, porém não com a intensidade de outros médiuns observados por

mim. São pirilampos indefiníveis, no mais das vezes de contornos esfumados e algumas vezes globinhos lucidíssimos, semelhantes às chamadas lágrimas batávicas, mas invertidas; outras vezes também são verdadeiras *línguas de fogo*, como se veem figuradas sobre as cabeças dos apóstolos. Não foram ainda fotografadas (que eu saiba), porém são evidentíssimas, às vezes múltiplas e intermitentes, sendo impossível e até absurdo, para quem as haja visto uma só vez, compará-las (não digo assimilá-las) a fosforescências artificiosas.

35° – Surgimento de nuvens ou nebulosidades esbranquiçadas. Estas não parecem dotadas de luz própria, pois que só se distinguem a uma débil claridade, aquém da tenda ou no interior da cabine; alguma vez, circundam a cabeça de Eusápia ou se elevam sobre o seu corpo, quando está deitada no gabinete.

Deixo para final as *materializações visíveis* que aparecem formadas com uma substância ou matéria sutilíssima, emanante da pessoa da médium e composta de partículas ou moléculas que interceptam a luz ordinária (*teleplastia*).

36° – Formação de prolongamentos escuros do corpo da médium. São os membros supranumerários entrevistos e descritos por todos aqueles que fizeram experiências com Eusápia. Visíveis à média ou debilíssima claridade, e quando as mãos anatómicas ou verdadeiras de Eusápia estão à vista e bem controladas, estes apêndices neoplásticos executam muitos dos fenômenos acima descritos (contatos e apalpações nos mais próximos, sacudir de cadeiras, transporte de objetos, etc.).

37° – Saída de formas com a semelhança de braços e mãos, do gabinete preto.

38° – Aparição de mãos. Está entre as mais comuns e antigas manifestações *espíritistas*. As mãos aparecem de contornos quase sempre indecisos ou evanescentes, de cor esbranquiçada, próximo de diáfanas, e com os dedos estirados. Eu as percebi muito bem, todas as vezes que me foi dado achar-me em situação favorável para vê-las, e não eram as mãos da médium, as quais *ao mesmo tempo* estavam não só controladas, mas também visíveis de todos sobre a mesinha.

39º – Aparições de formas escuras, de caráter indeterminado ou pouco evidente. São as *materializações incompletas*. Ora se veem, entre o claro-escuro, avançar e desaparecer globos pretos (cabeças?), apêndices indefiníveis de penumbra (braços? punhos?); ora sombras de perfil adunco e que se conjeturam barbudas (“John King”?); ora sobre fundo semiluminoso, larvas enegrecidas, planas, que aparecem como que transparentes, e ajustadas ou formadas de modo estranho, gesticulando de maneiras bizarras. A mim se manifestaram particularmente nas sessões de 1901-1902, e não tive tal percepção precisa (afirmada pelos outros companheiros) para que possa desenhar uma por uma.

40º – Aparições de formas com caráter determinado e pessoal.

A estas classes de Morselli, segundo a minha experiência, acrescentarei:

#### **Sexta classe**

41º – Influência sobre chapas fotográficas, envoltas em papel escuro.

42º – Fenômenos de leitura do pensamento, de visão na escuridade, à distância. (Veja-se o capítulo IV.)

43º – Compreensão de idiomas desconhecidos da médium (alemão, inglês). (Veja-se o capítulo IV.)

44º – Influência sobre eletroscópios que a médium descarrega com a mão, à distância.

Portanto, nos fenômenos com os quais se objetiva a mediunidade de Eusápia, temos, segundo este esquema provisório, quarenta e quatro ordens de manifestações. Morselli alega que sua classificação simplifica muito as coisas, distinguindo os fenômenos em ordens distintas, como se se produzissem separadamente. Em realidade, a sessão, por vezes, é extremamente complicada e se assiste a manifestações variadas, simultâneas, verdadeiras descargas potentes de mediunismo e confusões *espiritistas*.

### **CAPÍTULO III**

#### **Fisiopatologia de Eusápia. – Influência e ação dos médiuns**

##### **Eusápia Paladino estudada clinicamente <sup>34</sup>**

Vejamos agora se a explicação de todos esses maravilhosos fenômenos se pode encontrar no organismo da médium. Com este escopo, vamos estudar um: Eusápia, por exemplo, clínica e fisiologicamente.

Nos característicos externos, à primeira vista, Eusápia nada apresenta de anormal, salvo certa mecha de cabelo branco que rodeia um afundamento no parietal esquerdo, depressão causada não se sabe bem, se pelo golpe de uma caçarola, dado pela madrasta, ou pela queda do alto de uma janela, quando contava um ano de idade.

Pesa 60 quilos, e o peso varia pouco depois das sessões; tem estenocrotafia (ou seja, diâmetro bizigomático maior do frontal, 127 a 113); dolicocefalia com índice cefálico 73, que é étnica; circunferência da cabeça normal, 530; assimetria, tanto do crânio quanto do rosto, por maior desenvolvimento da direita.

O olho esquerdo apresenta o fenômeno de Claude Bernard-Horner, comum nos epiléticos; as pupilas coretópticas, no alto e interno, reagem escassamente à luz, e bem, ao invés, à acomodação.

A pressão arterial, medida com o esfigmômetro de Riva-Rocci, deu o seguinte resultado: 1ª prova – à direita, 200, à esquerda, 230; 2ª prova – à direita, 200, à esquerda, 239.

Oferece, pois, uma assimetria na pressão, que é frequente nos epiléticos, e, tal qual estes, apresenta notável canhotismo tátil, assinalando o estesiômetro nas polpas da direita grande obtusidade, 5 milímetros, e menor na esquerda, 2,5. A sensibilidade geral, estudada com a trena de Ruhmkorff, apresenta, ao contrário, destrismo, assinalando a distância de 73 milímetros à direita e 35 à esquerda; a dolorífica 60 à direita e 30 à esquerda, mostrando-se de todo modo muito mais delicada do que nos normais,

cuja sensibilidade geral, ensaiada com o mesmo método, assinala 45 milímetros e a dolorífica 20.

A sensibilidade bárica desigual, parecendo-lhe o mesmo objeto ser mais pesado na direita, que na esquerda; apresenta depois diferenças de peso de 5 gramas; a sensibilidade óssea, ao diapasão, é de 5 na direita e 8 na esquerda, porém falta na frente.

Com o dinamômetro pequeno de Regnier-Mathieu assinala 11 quilos na direita e 12 na esquerda. Próxima ao transe, marcou mais, isto é, 15 quilos em ambas as mãos. Com a mão direita e braço estendido sustém um peso de 500 gramas durante um minuto e dois segundos, e com a esquerda por dois minutos. Tem zonas hiperestésicas, especialmente no ovário; tem o bolo esofágico dos histéricos, e debilidade geral ou paresia nos membros do lado direito.<sup>35</sup>

O campo visual, estudado pelo Dr. Sgobbo, mostrou-se amplo e regular. Os reflexos tendinosos são mais obtusos à direita e se provocam com o fenômeno de Jendrassik, sendo nulos na esquerda. Nada se nota com o aparelho de d'Arsonval, nem aos raios Roentgen.

Certa vez, quando em estado normal e em plena luz, se lhe fez manter, por quatro minutos, a mão direita sobre uma chapa fotográfica, envolta em três folhas de papel escuro; isso bastou para que caísse em transe e sentisse na mão a sensação de frêmito elétrico. Revelada a chapa, no ponto correspondente ao seu indicador, ficou um sulco informe da extensão do dedo. Esse fato, que talvez se filie com a radioatividade espiritista, pode ser aproximado a uma outra sua anomalia, que Flammarion observou e que consiste em uma diafaneidade nos contornos dos dedos, que formam quase um segundo contorno deformado.

“Quando tenho este sinal – assevera ela –, posso obter coisas maravilhosas.”

A urina amarela, em quantidade de 2000 cm<sup>3</sup>, com peso específico de 1022, apresenta: açúcar 40%; fosfatos 1,20%; cloretos 3,598; leves traços de albumina. Depois de uma sessão mediúnica, aumentou de muito a albumina: 0,5% e diminuiu o açúcar para 20%. Das análises feitas em Nápoles, por Bottazzi e Galeot-

ti,<sup>36</sup> resulta que a densidade, imediatamente depois da sessão, é aumentada: 1023, em vez de 1022, e a albumina 2%, em vez de 1,25; o azoto 11,28%, em vez de 9,53; subiu a condutibilidade elétrica, 177,10, em lugar de 150,10; crescido o ponto de congelamento, 1,560 em vez de 1,260.

Os fenômenos hipnóticos, que tanto se ligam, até se confundirem, com os fenômenos espiritistas, são frequentes nela, se bem que insensível aos metais e ao ímã.

Assim, Arullani (ob. cit.), só em lhe deslizar a mão na fronte, pôde hipnotizá-la e fazê-la cair prontamente em estado cataléptico; Morselli, ao contrário, encontrou mais facilidade em magnetizá-la do que hipnotizá-la, se bem que, com o deslizar metódico da mão sobre a cabeça, lhe pôde cessar a cefalalgia e acalmar seus furores; e com passes magnéticos, de baixo para cima, provocar uma hemicatalepsia; com passes em sentido contrário, cessarem as contrações e a paresia (ob. cit.).

Duas vezes apenas teve claras premonições, expostas com aquela sua pseudologia fantástica, tão variável, que se torna difícil discriminá-la. A primeira, a propósito do furto de joias de que foi vítima, teve, segundo assegura, aviso em dois sonhos consecutivos nas noites precedentes ao acontecimento, mas resulta de outra narrativa que o roubo se verificou de modo mui diferente dos seus sonhos, e assim é que, para esclarecê-lo e descobrir o autor, teve de se curvar ante uma rival, sonâmbula, uma certa Del Piano, que lhe indicou o culpado na pessoa da porteira da casa, opinião que pareceu verdadeira, porque coincidiu com a da Polícia.<sup>37</sup>

Outra vez, na noite precedente à sua desclassificação em Cambridge, e esta foi a desgraça mais grave de sua vida, apareceu-lhe “John” movendo com tristeza a cabeça. Parece, pois, que “John” interveio também em Paris, quando, enferma, era cuidada por uma enfermeira, que negligenciava e dormia, em vez de velar por ela, e em quem, para despertar, “John” aplicava sonoros bofetões, que a espantaram e fizeram fugir.

O egrégio engenheiro Grauss refere, a propósito, que, tendo sido admoestada pelo comissário por haver lançado em rosto o

furto à porteira, tardiamente, quando já se tornavam inúteis as pesquisas em sua casa, Eusápia foi abalada até cair em delíquio. A mesa então começou a agitar-se, expressando tiptologicamente o pensamento de “John”:

“Salva minha filha, porque enlouquece; salva-a com a sugestão.”

E havendo respondido o engenheiro que “John” era mais forte do que ele, apareceu, em pleno dia, um velho alto, magro, com longa barba, que, sem falar, pousou a palma da mão à cabeça e depois na de Eusápia, deixando-a em profundo esgotamento.

Eusápia despertou esquecida de todas as agruras.

Na loteria, em que pecam todos os paroquianos de Nápoles, não teve nunca premonição segura.

Teve, em vez disso, singulares telepatias. Duas vezes, havendo sido apresentada a pretensos admiradores seus, ela os repeliu com brutal insolência, sem sequer lhes olhar o rosto, dizendo-os inimigos, e o eram efetivamente. Tinha muito amor próprio.

“Há muitos príncipes – dizia frequentemente – e muitos reis, mas só existe uma Eusápia.”

Sua cultura era a de uma paroquiana da última classe. Carece muitas vezes de bom senso e de senso comum, mas tem uma intuição e uma finura intelectual que contrastam com sua incultura e lhe faz, malgrado esta, julgar e apreciar o verdadeiro mérito dos homens com quem estava em contato, e sem ser sugestionada, no seu julgamento, pelo prestígio ou falsa notoriedade proporcionada pela riqueza e autoridade.

Ingênua, até se deixar iludir e mistificar por qualquer intrigante, ela própria é capaz de mentiras e velhacarias.

Muitos são os truques que fazia em estado de transe, inconscientemente; e fora disto, por exemplo, liberando uma das mãos, presa pelo controlador, para mover objetos que estavam ao seu alcance, tocar nos presentes e, com um joelho ou com o pé, levantar a perna da mesa, e, fingindo alisar o cabelo, arrancar um fio e com ele baixar a pequena balança de um pesa-cartas.

Foi também vista por Faifofer, antes da sessão, colhendo flores em um jardim, furtivamente, para simular *apports* na sessão da noite, prevalecendo-se da escuridade.

Parece ainda que tivesse aprendido, de algum pelotiqueiro, truque especial, por exemplo, aquele de simular rostos humanos, com o movimento das duas mãos circundadas de um lenço ajeitado à guisa de turbante.

Todavia, sua maior dor, mesmo durante a sessão, é quando acusada de truque (preciso é dizer que às vezes injustamente), porque só agora temos a segurança de que membros mediúnicos se sobrepõem aos seus naturais e fazem as vezes destes e foram tidos como sendo dela.

Tem memória visual bastante vivaz, a ponto de recordar 5 em 10 testes mentais apresentados em 3 segundos; e o dom de lembrar com grande vivacidade, especialmente fechando os olhos, os contornos das pessoas, com a visão exata de poder desenhar os traços característicos.

Retém perfeitamente série de 5 números,<sup>38</sup> mas comete erros na série de 6, e também se equivoca em recordar palavras, especialmente as de mais de três sílabas; tem uma faculdade de associação de ideias de todo elementar, e assim o papel só lhe evoca a ideia de caneta, e o cão a fidelidade; infiel lhe é a memória para figuras lineares.

A média dos tempos de reação simples auditiva foi nela de 113 milésimos na 2ª prova. Tem índices morbosos, que vão até à loucura histérica; passa rapidamente da alegria à tristeza; tem fobias estranhas: por exemplo, a de sujar as mãos, temer a escuridade; é fortemente impressionável e sujeita a sonhos, malgrado sua idade madura.

Tem, não raras vezes, alucinações, e com muita frequência vê sua própria sombra; na infância acreditava ver dois olhos que a fixavam por detrás das árvores e das sebes. Quando se encoleriza, especialmente se a ofendem em sua reputação de médium, é violenta e impulsiva, a ponto de maltratar seus adversários.

Estas suas tendências contrastam com uma singular bondade de ânimo, que a faz empregar seus ganhos para aliviar a miséria

dos pobres e das crianças; que a faz sentir pelos velhos e pelos débeis uma piedade sem fim, que a leva a perder o sono, e a impulsiona a proteger os animais a ponto de maltratar os sevicia-dores.

Antes da sessão, e às vezes no correr dela, pode prever o que se fará, se bem que depois não se recorde se se obteve ou não, quanto prometeu, e nem sempre acerta o que se gabava de fazer.

No princípio do transe (copio Morselli na sua belíssima diagnose), sua voz se faz rouca; todas as secreções, suor, lágrimas e até o mênstruo aumentam.

À hiperestesia, especialmente à esquerda, se sucede a anestesia; faltam os reflexos pupilares e tendinosos, se ocorrem tremores, miostenia, a que sucede amiostenia, paresia, especialmente na direita.

Igual aos faquires, quando quer entrar em transe, diminui a respiração, passando de 28 inspirações a 15, 12 por minuto, enquanto que, ao contrário, o coração aumenta as pulsações de 70 a 90 e até a 120; as mãos são presa de estremecimento e tremores, as articulações dos pés e as mãos têm movimentos de flexão e extensão e, outro tanto, se enrijecem.

A transição deste estado ao sonambulismo ativo é assinalada por bocejos, soluços, suores na fronte, transpiração nas mãos e estranhas expressões fisionômicas; ora parece presa de violenta cólera, que se manifesta por ordens imperiosas e por frases sarcásticas contra seus críticos, ora dir-se-ia vencida por um êxtase voluptuoso-erótico.

No estado de transe, antes de tudo, empalidece, volta as pupilas para cima, o branco do globo ocular à vista, agita a cabeça para um lado e outro, e depois fica extática e tem muitos daqueles gestos frequentes no acesso histérico: bocejos, riso espasmódico, mastigação frequente, visão a distância e linguagem às vezes seletíssima e também científica, ideação rapidíssima, que lhe permite apreender os conceitos dos presentes, ainda que eles não os expressem em voz alta ou os expressem em misteriosa forma.

Morselli notou em seu transe todos os característicos do histerismo, a saber: 1º) amnésia; 2º) a personificação com a de “John King”, em cujo nome fala; 3º) gesticulações passionais, ora eróticas, ora sarcásticas; 4º) obsessão, principalmente de não ter êxito nas sessões; 5º) alucinações.<sup>39</sup>

Nos fins do transe, quando ocorrem os fenômenos mais importantes, experimenta grande sede (fenômeno de polidipsia, próprio das histéricas); é agitada de verdadeiras convulsões e grita qual uma parturiente. Por fim, cai em sono profundo, e da massa do parietal se evapora um fluido quente, sensível ao tato.

Depois da sessão, Morselli notou nela canhotismo exagerado: 42 quilos na esquerda e 18 na direita; hiperestesia na esquerda; reflexos rotulares abolidos; pulso debilitado, 90; peso diminuído de 2.200 gramas.<sup>40</sup>

Assim como exercita em transe sua motricidade, fora das suas vias anatômicas, assim também percebe sensações visuais e táteis sem a intervenção costumeira dos órgãos dos sentidos específicos, e assim dá notícias de coisas que ocorrem em nosso derredor, em posições não acessíveis à sua vista, nem à de nenhum outro, notícias que depois se comprovavam verdadeiras; e mostra durante o transe conhecimentos que não tinha antes, nem conserva depois. Durante toda a sessão, permanece em contínua ligação com os presentes, exprime as próprias opiniões e a sua própria vontade, seja à viva voz, muitas vezes pronunciando mal as palavras, qual um paralítico progressivo, seja com golpes que se sentem provir, ora da mesinha, ora de outros objetos, seja em língua italiana, seja em idioma estrangeiro.

Depois da sessão mediúnica, tem a sensibilidade morbosa, hiperestesia, fotofobia e, amiúde, alucinações e delírio, no qual pede que a vigiem para que não se lhe faça mal, e sofre graves distúrbios de digestão, e vômitos se houver comido antes da sessão, e, finalmente, tem paresia das pernas, pelo que necessita que outros a conduzam e dispam.

Jourevitch notou que a hiperestesia é em zonas, nas falanges, no dorso da mão, no omoplata e no lado esquerdo da cabeça.

Estes distúrbios se agravam de muito se, por imprudência dos assistentes, for exposta, na sessão ou depois, a uma luz imprevista, o que recorda a pitonisa de Delfos, a quem as profecias abreviavam a vida, e o triste caso da d'Esperance, que, por ter estado exposta, subitamente, a forte luz, durante uma sessão, foi tomada de paralisia por muitos e muitos anos.

Devo acrescentar um fato descoberto pelo Dr. Imoda: é que Eusápia, em estado normal, não exerce influência alguma sobre o eletroscópio, mas, apenas desperta de transe intenso, tendo a mão suspensa sobre o eletrodo, pode, depois de 3 ou 4 minutos, provocar a queda das folhas de ouro. Isto, posto de acordo com a impressão de seus dedos na chapa fotográfica envolta em três folhas de papel escuro, confirma a radioatividade em transe, e também concorda ainda com a frequente aparição de nuvens brancas flutuantes, símiles de névoa luminosa sobre a superfície da mesa ou sobre a sua cabeça, durante a sessão, já que é propriedade dos raios catódicos provocar a formação de névoa quando atravessam uma camada de ar saturado de umidade.

## CAPÍTULO IV

### Condições e influências dos médiuns

Não são estes fenômenos morbosos só de Eusápia, pois que se verificam em quase todos os médiuns.

A célebre médium E. Smith <sup>41</sup> tinha avó, mãe e um dos irmãos sujeitos a fenômenos hipnóticos e mediúnicos; tinha obsessões e alucinações desde criança e, mais tarde, acessos de sonambulismo, dismenorreia e, no transe mediúnico, completa anestesia de uma das mãos, e aloquiria, pelo que, espetada na mão direita, sentia a dor na esquerda, e também acreditava ver à esquerda objetos que estavam à direita.

Na Sra. Piper o transe começa com ligeiras convulsões clônicas, seguidas de estupor, respiração estertorosa.<sup>42</sup> Tornou-se médium depois do susto por um raio, e após duas operações em tumores.

Home declarava produzir os mais maravilhosos fenômenos quando estava em letargo, o que o impedia de bem recordar-se depois; teve enorme atraso no seu desenvolvimento, e aos 6 anos ainda não caminhava; depois de um pleito com a Sra. Lyon, sofreu congestão cerebral, paralisia, amnésia.

“No letargo – dizia – os Espíritos se apoderam de mim, mudam o meu todo, meus gestos, e até meu corpo pode estender-se de oito polegadas.”

Não tem influência sobre os fenômenos, deseja muitas vezes realizá-los, mas não obtém êxito, visto que ocorrem quando ele está no leito, adormecido.<sup>43</sup>

“Caída em transe – escreve, de si, d’Esperance –, experimento uma sensação de vácuo e perco o sentido do espaço; não saberia dizer, por exemplo, onde é que movo o dedo, como se o movesse na água.”

Nas materializações lhe sai primeiro do abdômen um vapor luminoso, que se transforma num ser vivo, transformação essa tão rápida que não se sabe qual se forma antes, se o corpo, se a vestimenta.

“Quando aparece o fantasma, experimento dificuldade em encontrar meus pensamentos e minhas forças; estou como que em sonhos e não posso mover-me. Quando Iolanda se movimenta, faz-me transpirar e me exaure mais do que se me movesse eu própria; quando se materializa fora, sinto-me mais forte; quando toca algum objeto, sinto os meus músculos se contraírem como se fossem as minhas mãos a tocá-lo; quando imerge as mãos na parafina derretida, eu me sinto queimar; quando um espinho lhe penetrou no dedo, experimentei grande dor; eu a vi tocar o órgão, e a vi por vezes fora do gabinete.

No primeiro momento do semitranse, quando não está ainda formado o fantasma, tenho uma sensibilidade maior do que a normal, sinto quando transita uma pessoa pela casa, ouço o relógio da igreja e os silvos do trem, o que não ocorre quando estou em estado normal, e apreendo o que pensam os presentes. Quando toco as mãos de Iolanda, creio sentir as minhas, mas atino depois com o meu erro, quando vejo quatro mãos; quando estendo as mãos para tocá-la, não sinto nada; quando se assenta nos meus pés, não sinto peso algum. Todavia, num sábado, senti todo o peso do seu corpo.”<sup>44</sup>

Politi, que, fora do transe, não apresenta qualquer anomalia, no transe tem convulsões, anestesia, alucinações terroríficas, zoomórficas, e delírios de perseguição.

Tudo isso se liga à histeria, tal qual (nota mui justamente Morselli) à tabes e à paralisia geral, que não se originem de processos sífilíticos, mas que se desenvolvem com os avariósicos, bem como com os atingidos de areias biliares e asma, sem ser de natureza gotosa ou reumática.

Tudo isso pode bastar para concluir que nos fenômenos de transe domina o supremo automatismo; que o transe mediúnico é um verdadeiro equivalente histérico, tal qual o estro genial é, para mim, um equivalente do acesso psíquico epilético, sobre fundo neurótico e morboso, e assim os fenômenos mais estranhos dos hipnotizados e do sonho se devem às desagregações psíquicas na hipnose e no sono que, na paralisação comum das

faculdades, fazem prevalecer a ação do inconsciente (veja-se a parte I) e o automatismo.

Por isso, quando o Prof. Lucatello, em Pádua, acha em Zucarini completa insensibilidade dolorífica cutânea, e o sonambulismo levado até ao estado cataléptico imediato, com o simples esfregar da pele (e outras anomalias históricas já havia notado Patrizi: assimetria do rosto e do crânio, com menor desenvolvimento na metade esquerda, fenômeno de Claude Bernard-Horner, assim frequente nos epiléticos; disparidade na função visual nos dois olhos; ambidestrismo, desproporção entre a grande abertura dos braços (1,71m) e a estatura (1,60m); sonolência habitual e escassa força de atenção), isto não depõe contra a sua faculdade mediúnica, mas com maior razão sela e em parte explica como, a meu ver, os milagres do gênio e do hipnotismo são explicados pela concomitante neurose (veja-se a parte I).

Assim sendo, somos atraídos a crer que muitos dos fenômenos espiritistas derivam do estado neurótico do médium, enquanto que muitos destes fenômenos se assemelham aos hipnóticos, que com a nevrose têm tanta relação, e se desenvolvem sempre nas vizinhanças do médium, especialmente à sua esquerda. As mãos e os braços fantasmáticos saem geralmente do seu corpo e das suas vestes, e os fantasmas aparecem as mais das vezes sobre sua cabeça ou sobre a do controlador que está a seu lado, e quanto mais importantes e raros são os fenômenos – por exemplo, nos casos de materialização –, tanto mais se agrava o transe do médium.

Quando ocorrem movimentos de objetos, inclusive dos distantes do médium, notam-se movimentos sincrônicos no próprio médium, que foram fixados graficamente por Bottazzi e d'Arsonval, e frequentemente se notou, durante o transe, e especialmente durante as materializações, que o peso do médium diminui, e volta ao normal, ou quase, ao cessar dos fenômenos (veja-se o capítulo seguinte). Isto deve provir de que o próprio corpo do fantasma se forma a expensas do corpo real do médium, o que seria também confirmado pelo fato de que, nas primeiras materializações, os fantasmas têm muitas vezes certa

semelhança com o rosto e os membros daquele e com toda a sua pessoa.

Acrescente-se o fato descoberto por Albert de Rochas, da exteriorização da sensibilidade do médium, a centímetros para fora do seu próprio corpo. Ora, bastaria poder estender esta exteriorização à atividade psíquica e prolongar a motricidade a maior distância, para explicar boa parte dos fenômenos do Espiritismo e, até certo ponto, também aqueles fantasmas que saem do ventre ou da cabeça do médium (d'Esperance), e lhe assumem os gestos e as formas.

O médium, de resto, tem alguns especiais característicos além do olhar estranho, epileptoide, típico do transe.

Segundo Maxwell, apresenta manchas zoomórficas na íris, e, se não é normalmente canhoto, assim se torna no transe, ou vice-versa.

Afora isso, pode variar na inteligência, da ultramediocridade de Politi à genialidade da d'Esperance e de Moses, mas, no transe, o médium mais estólido pode desenvolver uma inteligência extraordinária, e Wallace narra o caso de um caixeiro ignorante e grosseiro que, em transe, podia discutir sobre a Fatalidade e sobre a Presciência, enquanto que, fora dele, sabia apenas falar de coisas comuns (e nós os vemos entender os idiomas estrangeiros mais díspares).

Pior a situação quanto à moralidade: muitos se mostram enganadores e lascivos, enquanto outros, tais a Smith e Stainton Moses, tocam os limites da santidade. Vi alguns, durante a embriaguez ou uma forte emoção aprazível, terem aumentadas as faculdades mediúnicas.

No mais das vezes, os médiuns necessitam de escuridade, de excitação, de rumor, de gritos, de cantos,<sup>45</sup> para desenvolverem a faculdade, e não conservam (exceto os célebres casos de d'Esperance e Home) consciência e memória do que fazem em transe, como sucede nos epiléticos.

As provas das transmissões do pensamento, ainda que se afirmem em alguns, são de todo modo frequentes e evidentes no transe de Eusápia.

Eu pensava fortemente em poder rever minha mãe; a mesa assentiu com energia ao meu desejo, inexpressado pela palavra, e em seguida apareceu a imagem de minha genitora.

O Sr. Becker pediu mentalmente que lhe desatassem e deslocassem a gravata, e isso se verificou imediatamente. O Dr. Surada pensou em que “John”, de uma garrafa, derramasse a água num copo, na cabine mediúnica, e o ato é executado em seguida, e o copo, cheio, é trazido para a mesa e, depois, para os lábios de um dos controladores.

A condessa de A. (em Veneza, do Prof. Faifofer) costurou sob uma dobra da barra do vestido um saquinho, que envolvia certa moeda, e veio à sessão com a ideia, não expressa pela palavra, de que fosse descosido e retirado, e isso foi feito apenas repensou; num outro dia, veio com um adereço escondido na cabeça, e pensou em que fosse transferido para a de Eusápia, a quem queria presenteá-lo; apenas isso pensou e o transporte se fez.

Como veremos, os médiuns adquirem no transe energias musculares e intelectuais que não têm antes e que só raras vezes se podem explicar pela transmissão do pensamento dos presentes, pela telepatia, e que exigem, pois, uma explicação especial, qual aquela da ajuda dos mortos.

Estes transmitem, durante o transe, algumas de suas faculdades também mais singulares, assim o canhotismo em Eusápia, a levitação e a incombustibilidade em Home, o qual podia pegar, sem se queimar, em carvões em brasa, e assim fazia que outro o pegasse com igual imunidade.

Muitos manifestam sua atividade em uma só direção. Os mais frequentes e menos importantes, e amiúde errados, são os médiuns tiptólogos, que transmitem com golpes emanados da mesa ou com movimentos de um ponteiro sobre alfabeto disposto num móvel. Muito frequentes são, todavia, os médiuns motores, que fazem mover mesas, cadeiras, etc.

Existem, conforme descobriu recentemente Ochorowicz, aqueles que atraem com os dedos os objetos, deixando-os suspensos no ar, como poderia o ímã fazer com o ferro.

Curandeiros há, frequentemente ignorantes da Medicina, e que, sem embargo, obtêm singulares resultados.

Vi uma estúpida mulher, à qual faquires hindus haviam reconhecido como irmã, melhorar, por dois ou três meses, com exercícios musculares apropriados, uma doente de tabes, em último grau.

Existem os médiuns pintores que, sem saber coisa alguma de desenho, se improvisam de súbito pintores, tal aquele Machner, ex-marinheiro alemão, que pintava quadros de flores e paisagens, e aquela camponesa, também alemã, que, sem haver jamais pegado um pincel ou um lápis na mão, desenha e pinta complicadas figuras de fantásticas e elegantes flores. E até os que compõem em poucas horas e às escuras, quadros a óleo que exigiriam dias inteiros de labor.

Sardou e Hugo de Alessy pintam automaticamente, procedendo ao acaso, e assim mesmo obtêm êxito nos retratos; Fernando Desmoulin, que já era artista, quando pintava espiriticamente terminava às escuras, em 25 ou 40 minutos, trabalhos bastante extensos, e pintava também com o rosto metido num saco. Desperto e cessado o transe, apesar de ser pintor, não conseguia terminar esses esboços.

Hugo de Alessy não era pintor, e acertou pintar retratos de mortos desconhecidos; o guarda campestre Destips, com a mão direita estropiada, a ponto de não poder escrever, traçava ao acaso, em estado de transe, flores e ornamentos orientais belíssimos.

E como já vimos, Eusápia, em transe, era hábil escultora.

Existem médiuns fotógrafos, com a presença dos quais aparecem, nas chapas fotográficas, ou retratos de vivos ausentes ou de mortos.

Há médiuns falantes e adivinhos que descobrem fontes e metais subterrâneos;<sup>46</sup> pneumatográficos que provocam a escrita direta; os desmaterializadores, que fazem os transportes de fora, apesar das portas e janelas fechadas e intactas; os evocadores dos fantasmas; os fotóforos, que provocam luzes mais ou menos circunscritas; os glotólogos, que falam idiomas desconhecidos;

os premonitores, que profetizam; os escreventes intuitivos, que ouvem no seu cérebro uma voz que lhes dita o que escrevem;<sup>47</sup> os acústicos, que ouvem a voz dos Espíritos no ouvido.

Outros médiuns são músicos, enquanto fora do transe não conhecem uma nota; outros, incombustíveis, manejam, sem se queimar, carvões acesos. Outros, os médiuns de incorporação, assumem, de improviso, o aspecto, os modos, a voz, etc. de um ou de vários mortos, um depois do outro.

Eu próprio vi Randone de Roma assumir sucessivamente o aspecto, os modos e a voz de um idiota, de um orador de igreja e de um professor afetado de paralisia geral.

Outros são volantes, desfazem-se subitamente e se refazem a grande distância, tais os irmãos Pansino de Ruvo (estudados por Lapponi), que, em 10 segundos, desapareceram de Trani e se encontraram em Ruvo;<sup>48</sup> outros só apresentam levitações, tal o Zaccarini de Bolonha. Eusápia e Home, ao contrário, reuniam muitos destes característicos: materializações, escrita direta, levitações.

A maior parte é de médiuns de efeitos físicos, motores; a menor parte é de efeitos intelectuais. Notei também, na vida de Eusápia, que as suas primeiras manifestações eram motrizes, as últimas fantasmáticas; também nas atuais sessões, primeiro ocorrem fenômenos motores e os fantasmas aparecem por último, quando chega o máximo de letargia.

### **Sobre o espaço a quatro e mais dimensões em relação ao médium**

Ocorrem certos fenômenos nas sessões mediúnicas que, segundo alguns autores, não se podem explicar com a energia própria do médium, mas com o supor que, mercê de ignota razão, em redor do médium se produza uma “atmosfera ultrafísica” na qual as leis comuns da gravidade, coesão, impenetrabilidade e inércia da matéria sejam suspensas, como se o nosso espaço assumisse quatro ou mais dimensões.<sup>49</sup>

Esta hipótese, que foi pesquisada primeiramente por Zöllner, viria, acima de tudo, explicar os fenômenos de transportes, autolevitações, de autodesaparição e reaparição.

Pode-se ver a este propósito o que me escreve Brofferio:<sup>50</sup>

“Para que um objeto possa penetrar, do exterior de uma habitação fechada, sem abrir as portas ou as janelas, é preciso fazê-lo passar através da madeira, ou do vidro ou dos tijolos; mas, para isto, é necessário que suceda uma destas três coisas: que passe através do vidro sem se desfazer, nem quebrar, isto é, que seus átomos passem pelos intervalos interatômicos dos vidros, ou seja, que o objeto se decomponha em matéria imponderável (operação que denominam, pouco felizmente, desmaterialização) antes de passar pelas paredes e recomposto depois,<sup>51</sup> ou seja, que, para aparecer ou desaparecer sem passar pelas paredes, seria necessário que ele entrasse em uma quarta dimensão do espaço e depois tornasse a sair. Para seres que vivessem em um espaço de apenas duas dimensões (tais as figuras fotográficas que parecem mover-se, mantendo-se sempre num plano, no eletro-taquiscópio), poderíamos fazer desaparecer uma flor que fosse pintada dentro de um círculo e depois fazê-la reaparecer fora desse círculo, porque podemos erguê-la no ar, fazê-la desaparecer numa terceira dimensão, na altura ou profundidade (que esses seres fotográficos não poderiam sequer imaginar).”

Assim se explicariam também os transportes de objetos, sem contato, frequentemente a grande distância, a escrita entre duas lousas, a passagem de dois anéis, um dentro do outro, ou de uma mesa para outra, a formação de nós em tiras de couro ou em cordéis presos nas duas extremidades, etc., os fenômenos de incombustibilidade de muitos médiuns, entre eles Home, e também a possibilidade de fazer que permaneça no ar a água derramada de um copo.

Se se admitisse, neste novo espaço, uma reviravolta, um distúrbio das leis normais do tempo, conseguir-se-ia explicar de que modo os médiuns podem, por vezes, transformar-se em profetas, como foi constatado pela Sra. Piper, que predisse a diversas

pessoas, perfeitamente sãs, sua futura enfermidade, e o nome de quem as curaria, etc. (veja-se o capítulo seguinte).

## CAPÍTULO V

### Médiuns e magos entre os selvagens e os povos antigos

Esta preponderante ação dos médiuns, nos fenômenos espíritistas, está confirmada pela observação de que todos os povos primitivos e selvagens, e também o nosso vulgo, especialmente o dos campos, veneram alguns seres, magos, feiticeiros, santarrões e profetas que são verdadeiros médiuns, os quais, segundo esse vulgo, se crê hajam transformado as leis comuns do tempo, do espaço e da gravidade: ver à distância, predizer o futuro, elevar-se no ar, passar através dos corpos opacos, transportar-se num relâmpago a milhares de quilômetros, etc., estar em comunicação com seres extraterrenos, diabos, santos e, acima de tudo, com as almas dos mortos.

Começando pelo nosso vulgo, leio em Pitré <sup>52</sup> que em Sicília é crença popular que os inspirados (homens nos quais entrou um Espírito, ou diabo, no corpo) falam todas as línguas, são bons ou maus, segundo os Espíritos que tenham no corpo; e que só podem ser libertos por outros inspirados mais potentes do que os outros e chamados “caporali” dos Espíritos, verdadeiros magos que frequentemente discutem entre os colegas acerca da sua superioridade; um tinha Espíritos benignos e falava inglês; outro possuía malignos, emitia sons inarticulados e, epilético, caía ao chão.

Exorcizam-se os inspirados com certas orações, com atadura de um lenço no braço, com puxão dos cabelos, com a queima de incenso em braseiro, com sopapos, pauladas, murros no peito. Em lugar dos “caporali”, algumas vezes conseguem o mesmo de certos santos, especialmente com S. Filipe.

As bruxas (*stria, magara*) têm aspecto ora de gatos, ora de morcegos e, feias, velhas de mau sangue, não saem de dia; aparecem à meia-noite, tratam de matar ou corromper meninos não batizados até 49 dias de nascidos. Quando praticam um malefício (*fattura*), vencem a vontade da vítima como que hipnotizando-a, e assim esta não pode exercer sua própria liberdade;

têm o hábito de voar à noite; têm especial atração pelo alho, grande horror ao sal; gostam das nogueiras, sob as quais se reúnem aos milhares; despertam nos homens amores e ódios violentos por uma dada mulher; podem torná-lo impotente, enfermo, louco, imbecil; para tal fim, porém, é preciso que tenham qualquer objeto da sua vítima, algum cabelo, meias, camisa, etc.

Para atuar sobre a mulher, é útil usar um pão, adicionado de pós de ossos pulverizados, e com algumas gotas de sangue da mulher amada ou do seu tributo mensal, misturado com cabelo de frade e com talo de salva.

Sabem enfeitiçar (*envouter*), introduzindo pregos e alfinetes numa laranja, num limão, num ovo, o que provoca dores fortíssimas no corpo da pessoa visada.

Algumas vezes se servem de bonecas e fantoches, com os quais afiguram a pessoa odiada. Mas, esses bruxos eram mais frequentes em épocas remotas, pelo que foram criados para eles cárceres especiais.

O arcebispo de Torres, em suas *Memórias*, distingue as bruxas e os bruxos que vão às danças dos que predizem o futuro, dos que curam a ciática.

Existiram depois e existem, em Sicília, as “*donne di fuori*”, ou “da noite”, belas, volumosas, que querem encontrar a ordem em toda parte, e são pouco avistadas, e somente nas quintas-feiras; preferem os bosques e as casas pobres e isoladas, nas quais penetram pelos orifícios das fechaduras ou pelas frestas das portas; caprichosas, se favorecem a casa, tudo marcha bem; caso contrário, tudo vai mal, de modo que os habitantes são constrangidos a mudar-se, e então cessa toda a triste sorte.

Muitos desses fenômenos coincidem com os dos nossos médiuns, tais a xenoglossia, atuar de noite, etc.

*Médiuns “cirauli”* – Esta é uma outra espécie de médiuns, para os sicilianos.

Ciraulo é o nascido na noite de 29 de junho ou 24 de janeiro. Esses têm especiais virtudes. São todos fortes, prósperos; manejam impunemente pastas venenosas, serpentes, escorpiões.

Ungindo com a saliva, neutralizam qualquer mordedura venenosa; com pequeno bastão, que batem no solo, encantam qualquer animal, inclusive as lombrigas nas crianças; adivinham o porvir e transmitem a todos os seus descendentes estas qualidades, reconhecidas oficialmente nas “Pandetas” protomédicas de Sicília (Pitré). Têm uma espécie de Meca ou cidade santa, em Palazzolo-Acreide. É lá que fazem moradia e os mais famosos domínios; é lá que realizam uma procissão, no dia de S. Paulo, conduzindo serpentes nas mãos.

*Benevente* – De Blasio<sup>53</sup> pôde estudar, nas circunvizinhanças de Benevente, 2.000 magos, aproximadamente 1% da população, e precisamente 180 “janare” (bruxos), 1.391 “occhiardi” provocadores de vento e 89 magos, 47 enganadores, muitos deles histéricos, 242 epiléticos, 333 bêbados, 339 muito sanguinários; todos usam uma gíria e gestos especiais; distinguem-se os que malefíam dos que desmalefíam.

*Portugal* – Não há país da Europa onde os impostores ganhem tanto dinheiro quanto em Portugal. Aí são velhas que predizem o porvir, preparam filtros de amor e executam outras obras de feitiçaria. Em Lisboa, o bairro onde predominam é chamado da judiaria ou Mouraria. O “Weltspiegel” anota que a Idade Média revive naquelas espeluncas. As pitonisas leem o futuro na água, no chumbo, no espelho, nas borras de café, e preparam as suas drogas segundo todos os preceitos da arte: com ossos de mortos, cérebro de cão, peles de gato, cauda de salamandra. A polícia intentou muitas vezes pôr termo a essas comédias da superstição, que repetidas vezes degeneram em tragédia, porém sempre em vão.<sup>54</sup>

*Vosges*<sup>55</sup> – Nos Vosges se crê que os bruxos vos podem extraviar do caminho; fazer tomar folha por ouro; com um sopro, um olhar, um gesto, secam a medula dos ossos; inoculam mil ferrões na pele; envenenam as estrebarias; destroem as colheitas com as suas ervas; com as suas orações podem fazer dos demais o que quiserem; nos seus espelhos malditos fazem aparecer os mortos e os vivos, e para isso não é mister deixar em suas mãos fragmentos de unhas ou de cabelos. Na sexta-feira à noite, e especialmente no sábado, vão ao bosque e são por isto então

mais perigosos. Podem transformar-se e transformar a outros em animais; com a varinha forquilhada descobrem as fontes, os tesouros, os ladrões (tal qual os rbdomantes).

*Bretanha* – Há na Bretanha mulheres nervosas que fazem predições e são chamadas “*Abision*”; inteiram-se da queda de um objeto, do suspiro emitido por invisível boca ou da aparição durante o sono da pessoa que deve morrer; em suas casas, as campainhas soam por si para avisá-las da morte de um parente em país distante.<sup>56</sup> Neste último caso, algumas vezes os parentes ouvem golpes ou rumores de gente que caminha sobre grãos, ou mãos que apertam e puxam as cobertas. Certa mãe viu a imagem de seu filho, ferido, coberto de sangue, e ele morria na mesma hora (são os costumeiros fenômenos espiritistas); uma outra viu um archote, na eira, acender-se e apagar-se três vezes, e ouviu chorar, enquanto tratava de uma vaca. Pouco depois soube que sua madrasta morrera.

Existem lugares especiais para os bruxos: Pes, Trevis, Canco-ret.

Crê-se que os feiticeiros têm a faculdade de matar os animais e algumas vezes os homens, atirando contra eles sortilégios, e sugestionando um bom número. Assim, em Trevis, tendo uma jovem recusado esmola a um mendigo, este lhe disse que ela se arrependeria e, desde aquele dia, as suas vestes eram rasgadas, mesmo dentro do armário, por mãos invisíveis.

Os bruxos, untando a pele com uma substância, por todo o corpo, podem voar; algumas vezes intentaram comer meninos; amiúde impediram que o leite produzisse a nata da manteiga. Para guardar-se contra eles, é preciso ter consigo uma serpente e vestir a roupa pelo avesso, ou pôr sal no fundo do boião.

Há alguns livros, tais o *Salomé* e *O Pequeno Alberto*, que dão o poder de evocar o diabo, dar-lhe ordens e de fazer tornar-se em animais.

### **Povos bárbaros e selvagens**

Vejamos, pois, quão pouco temos de ensoberbecer, sobre o assunto, ante os povos selvagens e bárbaros.

*Árabes* – Começando pelos árabes, beduínos, etc., vemos a seita dos Aissaua, que vive particularmente na Argélia, apresentar aqueles mesmos fenômenos de insensibilidade que os faquires indianos mostram: comer carvões em brasa e vidro, traspasam-se de lado a lado um membro do corpo com uma espada, sem que resulte cicatriz sequer, etc.

Osman Bey, no seu *Gênio do Islamismo*,<sup>57</sup> fala de fenômenos similares que se encontram junto dos derviches “*Cheik*”, os quais operam verdadeiros milagres, graças ao poder a eles transmitido pelo próprio “*Pir*”, o fundador da Ordem.

Os “*Cheik*” – continua ele – vendem “*muská*”, ou seja, amuletos; praticam o “*nefes*”, ou seja, tratamento das doenças por meio do magnetismo; recorrem ao “*buiu*” ou verdadeiro exorcismo “com objetivo de unir os bons Espíritos e tornar impotentes os malvados”.

Entre os fenômenos mais notórios aos muçulmanos estão aqueles que se obtêm pelo que os espiritistas denominam “mediunidade no copo de água”, embora em vez de água se faça uso de um cristal, de um espelho ou de algo símile.

Laborde, em estudo sobre a magia egípcia,<sup>58</sup> fala de um mago árabe, de nome Achmed, o qual chamava um rapaz qualquer dos presentes, fixava-o nos olhos, vertia-lhe tinta na cavidade da mão e depois, ordenando-lhe olhar para ela, lhe fazia aparecer a pessoa que os assistentes designavam. E foi assim que uma vez o rapaz viu no côncavo da mão Shakespeare e o Sr. Cradok, este em missão diplomática junto do Pachá de Alexandria, que os presentes reconheceram, sem a menor dúvida, ante a descrição que o rapaz deu.

Na colossal obra da *Exploração científica da Argélia*, relatório de El Akach, se lê que “As gentes de Trípoli são afamadas por sua sinceridade e pelo grande número de Medidube (pág. 100).

“Medidubim” se chamam lá aqueles indivíduos que sob o influxo de especiais circunstâncias, caem em um estado que lembra o dos convulsionários de S. Medardo. São numerosos na

Argélia e mais conhecidos pelo nome de “*Aisaovi*” ou “*Ammarim*”.

*Batas* – Os *batas*, quando encontram um homem possuído de gênio mau, respeitam-no profundamente e o olham por oráculo. Mostram-me – diz célebre viajante –, com respeito, uma jovem dita “filha do demônio”, porque o pai é louco. É sempre visitada pelos maus gênios, e logo todas as suas vontades se executam.<sup>59</sup>

Nos Nias, Modigliani<sup>60</sup> nota que se escolhem para magos ou médicos (*Ero*) aqueles atingidos de alguma especial deformidade, ainda que esta seja das deformidades mais desprezíveis. Acima de tudo, escolhem aqueles que os gênios (*Bela*) tornam loucos de súbito, demonstrando deste modo que os designam seus intermediários.

Então, fazem-nos sair do povoado, para viverem sobre as árvores e, quando seus patrícios os descobrem empoleirados, agarram-nos e os fazem descer, confiando-os ao chefe-mago, que os instrui por espaço de 14 dias, durante os quais devem banqueteá-los toda a vila e os mestres, mas, à sua volta, por toda a vida, são lautamente mantidos, e assim é que muitos fingem de loucos para conseguir a frutuosa honraria.

*Peru* – Existiam no Peru, além dos sacerdotes e virgens sagradas, os magos ou profetas de ordem secundária que improvisavam profecias (chamados “*Hecheloc*”) em meio de convulsões e contorções terríveis, e eram venerados pelo povo e desprezados pelas classes mais cultas.<sup>61</sup> Os patagônios têm magas e médicas que profetizam em meio de acessos convulsivos; podem ser eleitos ao sacerdócio também os homens, porém devem vestir-se igual às mulheres e ter demonstrado, desde a juventude, particulares disposições. Os epiléticos são eleitos por direito, porque possuem o espírito divino.<sup>62</sup>

Entre os índios caraiás (Brasil) se torna médico-mago qualquer que tenha nascido ou se revele epilético, nervoso, disposto, pois, à nevrose desde o nascimento.<sup>63</sup>

Nos Diujeric da Austrália do Sul, tornam-se “médicos” os que veem desde a infância o diabo, o que neles provoca medrosos sonhos, na modalidade de incubos.

## Os adivinhos entre os cafres

Os cafres são um povo em extremo supersticioso; a superstição tem grande importância nas relações da sua vida e faz parte das leis, dos costumes, da religião. O sistema religioso consiste na veneração do Espírito dos mortos (*Amadhlosi*).

“*Isanusi*” ou “*Isangoma*” chamam-se os adivinhos, os quais se podem considerar os sacerdotes dos cafres e são os intermediários entre vivos e mortos; sua influência para o bem e para o mal, e assim o seu poder sobre o coração dos cafres, é sem limites. A arte da adivinhação pode ser exercitada tanto pelos homens quanto pelas mulheres, e todos os que cumprem estes encargos formam uma classe bem distinta entre as raças sul-africanas.

Os europeus confundem os adivinhos com os magos; entretanto, na interpretação dos cafres, os adivinhos são uma seita religiosa que funciona para o bem do povo.

O dar a um “*Isangoma*” (adivinho) o título de “*Untakati*” (mago) é infligir-lhe a mais grave das ofensas, igual a, na Europa, chamar ladrão a um policial. Entre os cafres, o adivinho é protetor do povo: a ele incumbe desmascarar os réus, os bruxos, e submetê-los a juízo e penalidade.

Enquanto o mago exerce a arte no seu próprio interesse, o adivinho trabalha para o bem comum, qual um empregado do Estado. Antes de eleger um adivinho, prova-se a sua idoneidade na descoberta de malfeitores, no encontrar objetos perdidos, no reconhecer uma enfermidade e sua causa. Porém, pode ele ter outros dons, e há especialistas para a chuva, granizo, trovoadas, ervas, etc. O adivinho é também perito na arte médica. Mas, acima de tudo, deve ser capaz de comunicar com os Espíritos dos mortos para revelar seus auspícios. Aqui, a imaginação e o engano cooperam para resolver a tarefa. O que tem nervos sensíveis e sonhos agitados é considerado idôneo para relações com os “*Amadhlosi*” (Espíritos dos mortos), e é por isso que as mulheres têm maior predisposição. Ninguém pode, por si só, declarar-se adivinho. Os candidatos devem ser instruídos durante algum tempo por um adivinho sábio, escolhido entre os mais

idosos da raça, e é nomeado com o consenso dos chefes. Na primavera, com a renovação das folhas, aparecem os primeiros sintomas dos futuros adivinhos. Se, nessa estação, um jovem tem sonhos tumultuosos, imagina-se em seguida que os “*Amadhlosi*” tenham relações com ele: crê ouvir vozes; anda, errante, por lugares solitários; salta às águas profundas para receber as comunicações dos Espíritos e quando, à noite, regressa a sua casa, recusa o alimento, que antes devorava qual um lobo, e depois cai em êxtase.

Em continuação a esses fenômenos, seus parentes concluem em fazê-lo examinar por um adivinho. Se este não encontra autêntica a vocação, ordena-lhe medicação para reforço dos sintomas misteriosos; coloca-lhe um tufo feito de penas na cabeça e inicia-o nos segredos da ciência; o candidato continua a sua cura de medicinas e fricções e, tomado enfim pelo frenesi, atira-se contra as rochas, imerge na água, expondo a perigo a própria vida, se os amigos não o vigiarem. Conjura as serpentes e as enrosca em redor do corpo e do pescoço; enquanto isso, emagrece visivelmente, o que lhe aumenta o valor, porque os indígenas têm escassa confiança nos adivinhos gordos; muitos colegas vêm à sua cabana, e não raro disputam entre si sobre a arte que exercem, tachando-se um a outro de mistificador e ignorante. Depois de algum tempo, o adivinho se acalma, volta o apetite, seu sono é então mais tranquilo e começa a exercitar-se na busca de objetos perdidos. Antes de ser reconhecido publicamente, deve, ante o povo, passar por um exame. Em lugares de esconderijo são postos diversos objetos e, se sozinho não os sabe encontrar, outros adivinhos vêm em sua ajuda. Se a prova dá bom resultado, é declarado verdadeiro adivinho. Entre os cafres não se celebram consagrações sem carne e sem cerveja, e os mestres do novo colega, depois de lhe haverem revelado os segredos da ciência, por temor de que se afaste e torne ao viver anterior, matam-lhe o rebanho para uma festa pública; os amigos lhe fazem dádivas para atender às primeiras necessidades, e depois, com uma boa dose de astúcia e de desenvoltura, manobrando pelo faro seus clientes, poderá procurar riquezas. Se os seus auspícios se cumprem, torna-se célebre e faz em breve

frutuosa clientela; se se equivoca, basta que diga (e assim os espiritistas) que hoje os Espíritos o enganaram ou que estavam em lua má, ou que não quiseram pressagiar coisa alguma.

Curiosa é a confissão de velha maga cafre, chamada Paula, que vive em Marianhill, convertida há 12 anos ao Cristianismo, e que foi durante 40 célebre adivinha. Narra ela:

“Quando eu era jovem, depois de haver dado à luz meu terceiro filho, adoeci de convulsões, tive visões e fiquei magra qual um pau. Meus parentes interrogaram um adivinho e meu pai, que era célebre nessa arte, disse:

– Trazei-a a mim, quero fazê-la clarividente.

Meu marido se opôs primeiramente, temendo ter de gastar muito dinheiro, mas afinal fui levada a uma adivinha que, junto com meu pai, me ensinou a ver claro nos mistérios. Levaram-me as três excelentes medicinas (?) de bondade, de mansuetude, de conformidade com os Espíritos dos mortos. Bebi-as por trinta dias e depois fui com essas bem lavada e esfregada. Puseram-me nas costas peles de cabra, por distinção dos meus méritos. Os Espíritos falavam sempre mais comigo; nos sonhos, via os dos meus antepassados, sob a forma de lagartos pardos, e comecei a profetizar. Depois de todas as provas, fui declarada hábil, conduzida à minha terra, onde me foi feita a honraria de grande festa; mataram-se bois, bebeu-se “*utschwala*” (cerveja dos cafres); os meus mestres tiveram a dádiva de dois bois.

Peguei um galo, ao qual dava a beber umas medicinas, coloquei-o no teto da minha cabana e ali permaneceu ele, dia e noite, a fim de que visse, avisando-me com o seu cantar, a chegada dos meus clientes. Quando as convulsões estavam para me assaltar, eu gritava:

– Depressa, depressa, vinde em meu auxílio: os Espíritos me assaltam.

O povo acorria, cantava e dançava, pisando-se os pés. Há cerca de 17 anos, o juiz de Maritzburg mandou chamar-me porque fora roubado em dois cavalos. Eu lhe disse:

– Ide à cascata de Umgeni, lá encontrareis os cavalos, amarrados, mas os ladrões lhes cortaram a cauda e a crina.

Muitos policiais foram mandados ao local por mim indicado e encontraram os animais, conforme eu havia dito. Os ladrões, que estavam prontos para os levar, foram aprisionados.”

O adivinho se serve, para suas investigações, de ossos de animais, quando não de bastões, que atira ao solo. Alguns se servem dos bastões, baseando-se na posição em que caem no chão: se horizontalmente, a pergunta recebe resposta negativa; se bate contra o cliente, a resposta é positiva.

Se se trata de enfermo do estômago, os bastões devem cair-lhe sobre o ventre, mas se batem, ao invés, em outro ponto, quer dizer que o mal reside ali.

Tylor<sup>64</sup> e o missionário Rowley narram de um bruxo que se serve, para descobrir uma ladra, de dois bastões, morada de um Espírito, o qual, passando pelo esconjuro, aos quatro jovens que seguram os bastões, os impeliam rumo à cabana do réu. Os quatro jovens, com efeito, excitados pelas contorções e gritos do bruxo, depois de alguns minutos foram presa de nervoso tremor, que se transmudou em verdadeiras convulsões, durante as quais, em carreira louca pelas moitas, foram cair esfalfados e sujos de sangue na cabana de uma entre as mulheres de um chefe, que era a ladra.

## Na Índia

Passando à Índia, a terra clássica da magia e do ocultismo, encontramos os faquires, que são brâmanes de 2º grau, os quais já cumpriram um largo período de iniciação e são especialmente destinados a produzir fenômenos espiritistas. Constituem (diremos com linguagem europeia) os médiuns da Índia.

Luis Jacolliot, cônsul em Benares,<sup>65</sup> pôde aproximar-se de mais de um e, ainda que não crendo nas suas teorias espiritistas, certifica que:

- “1º) não dão representações públicas, em que a reunião de mais de uma centena de pessoas impossibilitaria o comparsa;
- 2º) não são acompanhados de nenhum assistente ou comparsa;
- 3º) apresentam-se dentro de casa completamente nus, salvo uma cinta de pano, com a largura não superior à da mão;
- 4º) não utilizam copinhos, nem sacos encantados, nem caixinhas de duplo fundo, nem mesas preparadas, nem algum dos mil objetos necessários aos prestidigitadores europeus;
- 5º) não levam consigo mais do que uma varinha de bambu, com sete nós, e um pequeno assobio, que prendem em madeixa de seus longos cabelos;
- 6º) operam à vontade da pessoa a cuja casa hajam ido;
- 7º) quando necessitam de outra pessoa para desenvolver os seus fenômenos de magnetismo, aceitam qualquer dos presentes que se lhes indique;
- 8º) se lhes é necessário um objeto qualquer, pedem que lho emprestem;
- 9º) recomeçam quantas vezes se deseje suas experiências, sob vossos olhos, para permitir sejam controladas;
- 10º) finalmente, jamais pedem remuneração, limitando-se a aceitar uma esmola para o templo do qual dependem.”<sup>66</sup>

Eis aqui alguns dos principais fenômenos observados por ele, com Covindasamy, com o qual obteve os mais importantes resultados e que, em síntese, se podem agrupar nestas 7 categorias:

- 1) levitações; 2) transportes; 3) aderência ao solo; 4) mediunidade musical; 5) escrita mediúnica; 6) vegetação acelerada; 7) materializações.

Com referência às levitações, é o próprio Jacolliot quem narra:

“Pegando um bastão que eu trouxera comigo de Ceilão, o faquir apoiou a mão direita sobre um ponto do corpo e, pronunciados alguns conjuros mágicos, se elevou a dois pés do solo, com as pernas cruzadas à moda oriental, em posição muito similar à das estátuas de Buda. O fenômeno durou 20 minutos.

Outra vez, distanciando-se, o faquir se deteve no vão da porta que comunicava o terraço com a escada e, cruzando os braços no peito, se elevou, pouco a pouco, sem apoio aparente, a uma altura de 25 ou 30 centímetros do solo. Durou o fenômeno algo mais de 8 minutos.”

Mas, eis um outro fenômeno mais maravilhoso:

“Três vasos de flores, bastante pesados, que requereriam considerável esforço para os levantar, encontravam-se na extremidade do terraço. Covindasamy escolheu um e, pondo-lhe a mão suspensa, à guisa de tocá-lo na borda com a extremidade dos dedos, lhe imprimiu, sem esforço aparente, uma oscilação regular, qual a de um pêndulo, sobre a sua base. Pouco depois, pareceu-me que o vaso abandonava o solo, sem modificar o seu movimento, ondeando no vazio, da direita para a esquerda, segundo a direção que lhe imprimira o faquir.”

Jaccolliot descreve em seguida um fenômeno de aderência ao solo:

“Peguei uma pequena mesinha de madeira de “tek”, que ergui sem esforço com o polegar e o indicador, coloquei-a no meio do terraço e perguntei ao faquir se poderia torná-la aderente ao local que ocupava. O malabar, impondo sobre ela as mãos, permaneceu imóvel 15 minutos. Transcorrido esse tempo, disse:

– Os Espíritos vieram, e ninguém poderá levar daqui a mesinha sem o consentimento deles.

Aproximei-me e, agarrando a mesinha, fiz o necessário esforço para erguê-la: não se moveu, como se estivesse encravada no chão. Redobrei os esforços, e o frágil tampo da me-

sinha me ficou entre as mãos. Peguei obstinadamente os pés do móvel, mas não obtive melhor resultado.”

Igualmente notável é outra experiência relatada por Jacolliot, da “harmônica que toca espontaneamente”.

Pegou ele uma harmônica, suspendeu-a mediante cordel a uma das barras de ferro do terraço, de modo que balouçasse a dois pés do solo, e pediu ao faquir que a fizesse soar, sem tocar no instrumento.

“Acedendo imediatamente ao meu pedido – prossegue o nosso autor –, Covindasamy prendeu entre os dedos polegar e indicador de cada mão a corda que suspendia a harmônica e se concentrou, na mais completa imobilidade. Depois de poucos minutos, o instrumento se agitou suavemente, o fole se contraiu em movimento de vaivém, semelhante ao que lhe tivesse imprimido invisível mão, e dele saíram prolongados sons, sem harmonia entre si, mas perfeitamente nítidos na sua emissão. Pedi obtivesse uma ária musical.

– Evocarei o Espírito de antigo músico do templo – respondeu.

Esperei. Depois de prolongado silêncio, o instrumento emitiu uma série de acordes que pareciam prelúdio, e em seguida soou resolutamente uma das árias mais populares da costa malabar. Durante o tempo que durou o trecho de música, o faquir não fez o mínimo movimento: limitava-se a permanecer em contato com o cordel que sustentava a harmônica.”

E agora vejamos a escrita direta.

“Covindasamy havia trazido consigo um saco de areia finíssima; derramou-a no solo e a nivelou com a mão, de modo a formar uma superfície de cerca de 50 centímetros quadrados. Pediu que me colocasse em frente a ele, com uma folha de papel e lápis. Tendo solicitado que eu lhe desse um pedacinho de madeira, atirei-lhe uma caneta, que depôs na areia.

– Escuta – disse-me. – Eu evocarei os Espíritos. Quando vires erguer-se verticalmente a caneta e ficar em contato com

o solo, por uma das suas extremidades, poderás escrever no papel o que quiseres, e vê-lo-ás reproduzido na areia.

Estendeu, então, horizontalmente, as mãos para diante, murmurando as fórmulas secretas das evocações. Ao término de alguns minutos, a varinha de madeira se elevou, e no mesmo instante fiz correr o meu lápis sobre o papel, traçando ao acaso as figuras mais estranhas. Vi a caneta de madeira copiar súbito, fielmente, todos os meus movimentos, e os arabescos caprichosos que eu estava desenhando desenvolverem-se detrás de Covindasamy, sobre a areia. Quando me detive, o improvisado lápis parou também.

– Pensa – disse-me o faquir – numa palavra sânscrita, porque os Espíritos se servem com maior facilidade desse idioma.

Estendeu as mãos, como o fizera antes; o lápis mágico se moveu gradativamente e traçou – *puruncha* – o vocábulo que eu havia pensado.

Entre as pretensões mais estranhas dos faquires – escreve Jacolliot <sup>67</sup> – está a de influir sobre a vegetação e de poder acelerar de tal modo o seu desenvolvimento, que obtêm em poucas horas resultados que, ordinariamente, requerem longos meses de cultivo.”

Jacolliot pensara sempre tratar-se de um truque, pelo que, avaliando a poderosa mediunidade do faquir, decidiu pedir-lhe a reprodução do fenômeno, em condições que lhe permitissem o controle. O faquir aceitou, querendo apenas que lhe dessem a terra de um ninho de carriás (térmitas), comuníssimas na Índia.

“Mandei meu criado trazer um vaso de tamanho ordinário e algumas sementes de diferentes espécies. Entreguei a Covindasamy o vaso cheio da terra pedida; o faquir a diluiu lentamente com um pouco de água, murmurando os “*metram*”. Quando julgou que a terra estava suficientemente preparada, pediu-me que lhe desse uma semente à minha escolha, e ainda alguns côvados de qualquer tecido branco. Apanhei ao acaso uma semente de mamoeiro e, antes de entregá-la ao fa-

quir, cortei ligeiramente a película da semente e lha dei, com alguns metros de musselina de mosquito.

– Dentro em pouco, dormirei o sono dos Espíritos – disse-me Covindasamy. – Jura-me que não tocarás em mim, nem no vaso?

Prometi. Então, plantou a semente na terra, que havia reduzido a estado de lama líquida; plantou também, num ângulo do vaso, o seu bastão de 7 nós, signo de iniciação, que não abandonava jamais e que serviu se sustentáculo sobre o qual estendeu a musselina que eu lhe dera.

Em seguida, acorrou-se, estendeu as mãos horizontalmente sobre o vaso e caiu em estado de completa catalepsia. Transcorreram duas horas sem que o mais insignificante movimento revelasse vida nele. O sol descambava quando leve suspiro me fez estremecer: o faquir voltara a si. Fez sinal para que me aproximasse e, tirando a musselina que velava o vaso, me mostrou, fresca e verde, uma tenra planta de mamoeiro, com cerca de 20 centímetros de altura. Para fazer germinar uma semente de mamão, em condições normais, são necessários nada menos de 15 dias.

O faquir pegou certo dia um braseirinho dos que se encontram em todas as casas da Índia, colocou-o em meio do terraço e pôs perto dele um prato cheio de pós odoríferos; feito isso, acorrou-se no solo, na posição que lhe era habitual, e encetou longo cântico. Terminado este “*metram*”, imobilizou-se, com a mão esquerda sobre o coração e a direita sobre o bastão de 7 nós. De pronto, uma nuvem fosforescente se formou no meio do recinto, e de todas as partes certas sombras de mãos saíam da nuvem e nela voltavam a entrar, com rapidez. Ao cabo de alguns minutos, muitas dessas mãos perderam a aparência vaporosa e semelharam mãos humanas. Perguntando ao faquir se me seria possível tocá-las, uma, destacando-se do grupo, veio ela apertar a mão que eu lhe estendia.

– O Espírito está ali, ainda que uma só de suas mãos seja visível – disse Covindasamy. – Podes falar-lhe, se desejas.

Perguntei então se consentia em deixar-me uma lembrança. Por toda resposta senti aquela mão esvair-se na minha e voltar na direção de um ramo de flores, do qual tirou um botão de rosa, que me atirou, e depois desapareceu.

Pouco a pouco, todas as mãos se desvaneceram; a nuvem de onde pareciam sair gradativamente sumia, à medida que as mãos pareciam desmaterializar-se.

A estes fenômenos sucederam outros mais maravilhosos ainda. Um instante depois da desapareição das mãos, uma nuvem, semelhante à primeira, veio sobrevoar por cima do pequeno braseiro. Pouco a pouco, revestiu forma humana e distingui o espectro de velho brâmane sacrificador, ajoelhado próximo ao braseiro. Quando o brâmane desapareceu, ouvi bizarra modulação executada com instrumento que me pareceu ser a harmônica. Os sons, distantes a princípio, se aproximaram a tal extremo que pareciam sair do recinto vizinho; pouco depois pareceu-me ouvi-los na minha alcova, e vi arrastar-se ao largo da parede o fantasma de um músico, do Pagode, que tirava de uma harmônica os sons flébeis e monótonos que caracterizam a música religiosa dos indianos. Quando terminou de dar a volta pela minha habitação e pelo terraço, o fantasma desapareceu.”

Mas, entre nós, os faquires indianos são mais notados pelos fenômenos da invulnerabilidade e pelo fenômeno de sepultamento e pseudo-ressurreição, do qual refiro um exemplo extraído de um livro intitulado *A Corte de Rundjet-Ling*, de M. Osborne:

“O faquir declarou estar pronto para sofrer a prova. O Marajá, o chefe “*sike*” e o general Ventura reuniram-se junto de um túmulo de tijolos, expressamente construído. Sob suas vistas, o faquir obturou com cera todos os orifícios do corpo que pudessem dar entrada ao ar, exceto a boca. Foi envolto num saco de pano e, segundo seu desejo, se lhe revirou a língua para trás, de modo a tapar-lhe a garganta. Súbito, caiu em estado de letargia.

O saco que continha o corpo foi fechado e o Marajá lhe apôs o seu selo. Colocou-se depois o saco em um féretro de

madeira, fechado a chave e selado, que foi introduzido na tumba, pondo-se-lhe em cima terra socada, na qual se semeou cevada, e, por fim, postadas sentinelas em redor, com ordem de vigiar dia e noite.

Não obstante todas essas precauções, ao Marajá restavam algumas dúvidas; por duas vezes, nos dez meses durante os quais o faquir ficou sepultado, fez abrir em sua presença a tumba: o faquir estava no saco onde fora envolto, frio e exânime.

Decorridos os dez meses, fez-se a exumação definitiva. O general Ventura e o capitão Wade viram abrir os cadeados, romper os selos e retirar a caixa do sepulcro, e desta o corpo do faquir. Nenhum batimento no coração, nem no pulso, indicava presença da vida. Uma pessoa introduziu o dedo na boca do desenterrado e restabeleceu a posição normal da língua. Unicamente na parte superior da cabeça permanecia um calor sensível. Derramando-se com lentidão água quente na cabeça dele, obteve-se, pouco a pouco, algum sinal de vida. Ao termo de duas horas de cuidados, o faquir se ergueu e começou a andar. Esse maravilhoso homem conta que, durante o seu sepultamento, teve deliciosos sonhos e que o instante de despertar é sempre penoso.”

O “*Weltspiegel*” (1909) registra algumas façanhas de faquires que o missionário alemão Schmidt afirma ter presenciado. Um “*jaghin*”, de nome Hassan Khan, convidou-o certo dia a pôr a mão sob a mesa e pedir o que mais lhe agradasse. Schmidt pensou em uma garrafa de rum; fechou a mão, retirou-a depois de debaixo da mesa; empunhava a garrafa. Repetiu-se a façanha iguais vezes com iguais objetos, mas, não raro, Schmidt, em vez de estender a mão embaixo da mesa, estendia atrás da porta, e o resultado era sempre igual.

Outro faquir, chamado Gorvindarvanin, lhe espalhou areia aos pés e deu um pedaço de papel e lápis; pronunciou seus conjuros, pediu-lhe que desenhasse qualquer coisa no papel. Schmidt fez um desenho, que apareceu imediatamente na areia. Mas, o lance mais extraordinário foi quando o faquir pegou um novelo e, com a extremidade do fio preso na mão, atirou o nove-

lo para o ar. O fio começou a desenrolar-se e a subir até desaparecer. Então, ordenou a um menino que subisse por aquele fio. O menino obedeceu e em breve desaparecia também. O homem mandou depois que descesse, e não foi obedecido.

São fatos tão estranhos que provocam cepticismo.

### No Extremo Oriente

*Mongóis* – Kiernan<sup>68</sup> diz que entre os povos nômades da Mongólia os fenômenos apresentados pelos magos-fetiches, “*Shaman*” são totalmente símiles à epilepsia, pelos furores e suas visões; que ambos os estados se confundem (como ocorre com os gregos e os latinos) sob o nome único de “doença sagrada”. E sempre se acreditou que fossem devidas a alguma influência sobrenatural, benigna ou maligna, conforme o que se procedia para aplacá-la ou expeli-la.

Em certas tribos siberianas, a virtude mediúnica, a “força sciamana”, sobrevém de pronto, qual enfermidade nervosa: manifesta-se por debilidade e tensão nos membros, tremores e gritos inarticulados, febre ou acessos convulsivos, epiléticos, até que os atingidos caem em insensibilidade, pois pegam e atiram para cima ferros candentes, sem dano algum; tornam-se delirantes até quando, de improviso, apanham o tambor mágico e começam as manifestações. Depois se acalmam. Se encontram oposição ao seu profetar, tornam-se estúpidos ou loucos furiosos.<sup>69</sup>

*Entre os chineses* – Passando à China, encontramos, nos conventos dos lamas, monges budistas, as mais maravilhosas práticas espiritistas e, entre outros, os fenômenos de invulnerabilidade. Nos *Souvenirs d'un voyage dans la Chine et la Tartarie*, escritos pelo padre Huc, antigo missionário apostólico, e em *Di Vesme* (obra citada), se encontra o relato de maravilhoso caso de invulnerabilidade de um lama, o qual, abrindo o ventre com a faca sagrada, recolheu na mão direita um pouco de sangue do seu ferimento, levou-o à boca, nele soprou três vezes e depois o atirou para o ar, emitindo grande grito; passando em seguida, rapidamente, a mão sobre a ferida do ventre, tudo voltou ao

estado primitivo, sem que ficasse traço da diabólica operação, salvo extremo abatimento.

Nem todos os lamas têm poder para esta prodigiosa ação, que, as mais das vezes, só se encontram nos dos últimos graus da hierarquia.

Os lamas mais autorizados mostram, em geral, horror a semelhantes espetáculos.

Abrir o ventre é um entre os mais famosos “*sié-fa*” (modos perversos) que possuem os lamas. Os demais, ainda que do mesmo gênero, são menos grandiosos e mais em voga, e consistem em passar repetidamente a língua por um ferro ardente, em fazer incisões no corpo, sem que, um instante depois, reste o mínimo traço, etc.

Tcherpanoff <sup>70</sup> cita um método em uso no Tibet, para descobrir os objetos roubados.

O lama se serve, para esse escopo, de mesinha quadrada ante a qual se senta no solo e pousa sobre ela a mão, lendo um livro. Ao cabo de meia hora, ergue-se, tirando a mão da mesa, porém mantendo-a na mesma posição, como se ainda a tivesse pousada. A mesa se eleva do chão e se dirige em algum rumo; o sacerdote a segue sempre com os braços estendidos, mas algumas vezes isto se prolonga e fatiga, tanto ela se apressa. Assim, a mesinha vai colocar-se sobre o lugar onde jaz o objeto roubado, ou dele perto.

“No caso que *presenciei* – diz Tcherpanoff –, a mesa se projetou a grande distância, cerca de trinta metros, porém o objeto buscado não foi recuperado. Mas, na direção indicada pela mesa estava a cabana de um colono russo, que, tendo notícia do fato, se suicidou. O suicídio despertou suspeitas, foi revistada a cabana e nela encontrada escondida a coisa roubada.”

John Bell, que percorreu a Ásia em 1719, referiu que, tendo sido roubado um comerciante russo perto de uma tribo mongol, certo lama pegou um banco, fê-lo girar e revirar várias vezes, até que este, por si, rumou em direção da tenda do larápio. Para ali

se transportou o lama, que ordenou a restituição da fazenda roubada, e foi obedecido.<sup>71</sup>

*Entre os japoneses* – Entre os japoneses, a crença nos Espíritos dos mortos é tão viva que a religião popular, o Sintoísmo, se reduz, em última análise, no culto dos mortos, e existem certos médiuns, denominados “*ieiko*”. São jovens de 15 a 20 anos, que não têm domicílio estável, mas percorrem o país em busca de clientes. O método das suas evocações é o seguinte: sobre um tabuleiro põem uma taça de porcelana cheia de água; o experimentador escreve o nome da pessoa com a qual deseja entrar em comunicação, sobre larga tira de papel, que enrola e imerge em água, fazendo o “*ieika*” três aspersiones. Este, com a cabeça apoiada entre as mãos, murmura orações até que seja evocada a alma do morto ou do ausente, a qual se apodera do médium e pela sua boca responde às interrogações que lhe façam.

### **A magia entre os antigos gregos, hebreus, etc.**

Dos selvagens, passando aos povos antigos, vemos repetirem-se quase os mesmo fatos. Médiuns e magos se encontram nos povos escandinavos e teutônicos, cujos reis, a darmos crédito a Sasson, o “Gramático”, e a João e Olao Magno, se valiam largamente de artes mágicas nas suas guerras. Segundo Tácito, na Germânia as mulheres particularmente sobressaíam na magia e na arte adivinatória.

A magia foi praticada por todos os povos do antigo Oriente: caldeus, assírios, babilônios e persas, cujos sacerdotes e magos (do zendo, “*mah*”, que se pronuncia “mag” e se traduz por *grande*) se dedicaram largamente à Astrologia e a todas as ciências ocultas, e assim é que sua denominação se torna sinônima de *nigromante*.

Segundo Estrabão, três métodos estes sacerdotes aplicavam para descobrir o futuro e influir sobre o presente, a saber: 1º) evocando os Espíritos; 2º) valendo-se de copos e mesas; 3º) servindo-se de água, isto é, visão no copo de água, de tripodes moventes e de outras práticas, ainda usadas atualmente.

Em todos esses povos as práticas mágicas eram mais especialmente dirigidas para a adivinhação do porvir.

*Hebreus* – Nos tempos de Saul os profetas eram bem mais raros, mas Samuel fundou um Seminário exclusivo, em Rama. É sabido que entre os hebreus, ser louco ou nevrótico era um título para passar por profeta, e Saul foi reconhecido profeta quando se despojou de seus vestidos.<sup>72</sup> No 1º Livro de Samuel vemos turmas de falsos profetas correrem desnudos pelos campos, comerem imundícies e cortarem-se as mãos. Sob os Reis, depois de Jeroboão II, cerca de sete séculos antes da era vulgar, o profetismo assumiu importância sempre maior. Pode-se dizer que os hebreus interrogavam seus profetas tal qual hoje se vai consultar as sonâmbulas, e assim os gregos e romanos aos oráculos.

*Gregos* – Em todos os graves assuntos, os governos helenos expediam a Delfos, para que trouxessem as respostas, plenipotenciários, chamados “*teori*”, e também os romanos, pois não tinham oráculo nacional, se voltavam, em caso de necessidade, para lá. Junto de alguns oráculos era usada a mediunidade do copo d’água.

Na vizinhança de Telemesso, havia um templo de Apolo onde os consulentes, fixando o olhar em um poço, viam, em imagem, a resposta às suas perguntas.<sup>73</sup>

Segundo Apuleio,<sup>74</sup> que se reporta a Varão, o êxito da guerra Mitridática foi predito aos habitantes de Tralles por um menino que olhava num copo d’água.

Outros oráculos davam as respostas por meio de sonhos (oniromancia). Tais eram os oráculos de Amfiarao, perto de Potnia, e em Oropo, aquele de Pasife, em Talamia, na Lacônia, aquele de Calcante, na Daunia. Os dedicados a Esculápio, existentes em Epidauro, em Roma, etc., estavam particularmente consagrados à cura de enfermidades, tal como ocorre agora no santuário de Lourdes, no de Caravaggio, etc.

Os autores informam que a sacerdotisa de Delfos, no entusiasmo, falava idiomas ignorados por ela, exatamente como sucede com os nossos médiuns. Também o oráculo de Amon falou em

grego a Alexandre Magno, porém com sotaque estrangeiro. Os oráculos respondiam aos bárbaros em seus respectivos idiomas. Quando Mys foi ao templo de Apolo Ptônico, aquele vate profetizou no idioma Lario.<sup>75</sup>

Também na Itália havia oráculos, embora o uso etrusco, dos áugures, dos arúspices e dos livros sibilinos tornassem menos florescente a instituição.

Abstraindo os da Magna Grécia, podem recordar-se: em Itália, aquele de Marte, em Tiera Matiena (Abruzzos); o de Fauno, em Tivoli, e sobre o monte Aventino; o de Gerione, em Albano, sobre as colinas Euganei; o de Hércules, em Tivoli e Roma; o de Jove, Terracina; o da Fortuna, em Preneste e Ânzio.

Em alguns desses templos, os oráculos se obtinham mediante “sortes”, que eram algo semelhante aos “pianeti” dos nossos charlatães; em outros, e assim naquele da Fortuna, em Ânzio, eram as estátuas e os simulacros dos mesmos deuses que respondiam de viva voz às perguntas que lhes eram dirigidas (oráculos autófonos).

Bastante consultados eram em Roma os áugures ou arúspices, os quais recebiam o augúrio da observação das vísceras das vítimas; mas as consultas proféticas, às quais só se recorria nos casos mais graves e difíceis, eram feitas às sibilas.

Na história teúrgica da antiguidade, avulta a figura de Apolônio de Tiana, que viveu no I século do Cristo. Parecia dotado da chamada dupla vista; em Alexandria, encontrou, por acaso, certo dia, com doze malfeitores que levavam ao patíbulo. Observou-os e disse:

– Não são todos culpados; eis um que é inocente.

E procrastina por todos os meios a execução deles, até que chegou, à rédea solta, um cavaleiro portador de contra ordem para que fosse posto em liberdade o dito condenado, por haver sido reconhecida a sua inocência. Outra vez, de Alexandria, anunciou a Vespasiano o incêndio do templo de Júpiter, no Capitólio, ocorrido um dia antes, em Roma. Acusado de conspirar contra Domiciano, a favor de Nerva, e levado ante o tribunal daquele, depois de haver brevemente respondido ao interrogató-

rio, no qual se pretendia fazê-lo parecer réu de magia e conspiração, desapareceu de improviso da presença do imperador e de toda a corte. A desapareição de Apolônio se deu pouco antes do meio-dia; antes do pôr-do-sol, encontrava-se em Pozzuoli, com seus dois discípulos, Demétrio e Damide, que para ali havia antes enviado.

Certo dia, enquanto ensinava Filosofia, sob os pórticos de Éfeso, ele baixou o tom da voz, como que tomado de espanto, e gritou:

– Ferido, ferido o tirano!

Alguns dias depois, chegou a Éfeso a notícia do assassinio de Domiciano, e o dia e a hora da morte estavam perfeitamente concordes com as indicadas por Apolônio.

### **Entre o “Messias” e os apóstolos**

São conhecidos os dotes taumatúrgicos de Jesus.<sup>76</sup> No Talmude se diz: “Na vigília da Páscoa, Jesus foi crucificado, por ser dado à magia e aos sortilégios.”

Bem frequentemente Jesus operava curas, com a imposição das mãos.

“Todos os que tinham algum mal se precipitavam para ele, para tocá-lo.” (S. Marcos).

Como nota Di Vesme, as curas logradas por Jesus, deste modo, não eram sempre *instantâneas*, mas “demandavam, às vezes, a repetida aplicação da sua virtude curativa, *revestindo as formas de simples fenômeno espiritista*”. Não direi, para abreviar, das transfigurações de Jesus, a exemplo daquela notabilíssima do Monte Tabor, presentes os apóstolos Pedro, Tiago e João, as quais se assemelham às hodiernas transfigurações dos *médiuns*.

Nas atuais sessões espiritistas, o médium frequentemente se transforma e assume a imagem do Espírito que opera ou nele parece operar.

*Apóstolos* – Frequentes eram entre eles os fenômenos *espiritistas*. Nos “Atos dos Apóstolos”, cap. II, se lê:

“Todos estavam recolhidos juntos, em comum pensamento. Subitamente, veio do céu um ruído como de impetuoso vento que sopra, encheu toda a casa onde estavam. E lhes apareceram como que línguas de fogo, e pousaram sobre cada um. E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar *línguas estrangeiras*, segundo lhes fazia o Espírito raciocinar...”

Di Vesme nota a esse respeito:

“Pelo que concerne às línguas de fogo, basta observar que um fenômeno comuníssimo é a aparição de luzes no ar ou sobre uma parte qualquer das pessoas que assistem a uma sessão espírita.”

Conhecidíssima é, enfim, a rivalidade surgida e o paralelismo dos fenômenos entre os apóstolos e os magos, dos quais “queimaram os livros publicamente”.<sup>77</sup>

Entre estes, o mais celebrado foi Simão de Gitton, conhecido sob o nome de “Simão Mago”.

Nos “Atos dos Apóstolos” se admite que ele operava coisas extraordinárias por meio de artes mágicas: fazia andar estátuas; precipitava-se nas chamas, sem se queimar; assumia formas diversas; evocava sombras e produzia fenômenos de transportes; e tudo isso, segundo ele, com ajuda das almas dos mortos.

Seu rival foi Simão Pedro. Muitas anedotas desta competição foram registradas.

“Certa vez, na Corte de Nero, fez o Mago de Gitton aparecer, de improviso, grandes cães que se lançaram à cabeça dos apóstolos, ameaçando lacerá-los. Em outra oportunidade, Simão Mago desafiou Pedro, na presença do César, a elevar-se e voar nos ares... Na data preestabelecida, o bruxo subiu de fato sobre o Capitólio e de lá se atirou sobre as penhas que lhe ficam embaixo.

Então Pedro, que se encontrava entre os espectadores, pronunciou as seguintes palavras:

– Senhor Jesus, manifesta o teu poder, e não permitas que este povo, que em breve deve crer em ti, seja por mais tempo enganado com tais ilusões.

E, apostrofando os Espíritos:

– Vós, Espíritos que sustentais e conduzis este homem, eu vos conjuro, em nome de N. S. Jesus-Cristo, a abandoná-lo a si mesmo.

Com efeito, subitamente abandonado, caiu Simão e, se não morreu imediatamente, fraturou as duas coxas.”

### **No Baixo Império e na Idade Média**

Percorrendo rapidamente o período da Idade Média, e absten-do-me de falar dos prodígios dos filósofos neoplatônicos, entre os quais abundaram os teúrgicos, e dos mártires que permaneceram insensíveis aos mais atrozes tormentos, é oportuno recordar um caso de premonição tiptológica, como poderia ocorrer agora, exposto por Ammiano Marcellino. Narra ele que, em 371, dois filósofos gregos, Patrício e Hilário, foram presos sob a imputação de haverem tirado horóscopo para saber quem sucederia no Império a Valente. Submetido a tortura, Hilário confessou:

“Construímos de madeira de loureiro este infausto velador (*infaustam hanc mensulam*), à imitação da cortina délfica, pois que a tínhamos consagrado ritualmente com secretos conjuros, e a pusemos em movimento. Logo que se movesse, nós o consultávamos acerca das coisas ocultas e operávamos da maneira seguinte: colocava-se o velador no meio da casa, toda purificada de antemão com perfumes árabes, e sobre ele uma bandeja funda, feita com vários metais, e *que tinha esculpadas em redor das bordas as 24 letras do alfabeto*, separadas umas das outras.

Perguntando-se-lhe quem sucederia no Império, e porque havia dito que seria um homem digno sob todos os respeitos, o anel, sempre saltando, tocou as letras *Theo*. Assinalada a última letra, um dos presentes exclamou que o predestinado era Theodoro (*Theodorus*), e não mais interrogam sobre o caso,

sendo para nós bastante acertado fosse Theodoro o nome que buscávamos.”<sup>78</sup>

O Theodoro, que aos consulentes parecia designado pelo oráculo, era um entre os cortesãos do Imperador e homem tido por todos em unânime estima de engenho e virtude. Hilário declarou que Theodoro de nada sabia, porém Valente também o fez morrer na carnificina de todos que suspeitou implicados na conjura.

A resposta tiptológica obtida por Hilário e Patrício não era errônea: inexata foi, entretanto, a interpretação. Quem sucedeu a Valente foi Theodósio Goto, o que talvez os consulentes teriam sabido, se houvessem deixado o velador concluir a resposta.

De Jâmblico se narra que, caindo em êxtase, ele se elevava 10 côvados no ar e então se transfigurava e sua cabeça se rodeava de luminosa auréola.<sup>79</sup>

Orígenes, contemporâneo dos Mártires, fala de aparições que, em estado de vigília ou em sonho, bastam para dar a coragem do martírio àqueles que obtiveram a graça de obtê-lo.<sup>80</sup>

Tertuliano narra as mesmas coisas dos martírios de que foi espectador, e particularmente dos de Perpétua e Saturo. No fundo de tenebroso cárcere, consumiam-se de dor e espanto, quando uma visão os consolou; a Saturo revela que morrerá de uma única dentada de leopardo, como se verificou, e que Perpétua permanecerá insensível às torturas. E assim foi, pois durante estas, viram-na tranquilamente alisando os cabelos, compondo as dobras da roupa, e pedir, por fim: “Quando começareis?”

Aqui, Santo Agostinho exclama: “Onde estava, pois, seu Espírito? Que bebida podia tê-la alucinado a tal ponto?”

## Os Ordálios

E chegamos, sem mais, aos famosos juízos de Deus, chamados todavia “Ordálios” pelos anglo-saxônios. “Ordal”, que significa *juízo*, e que Patilta define: “um procedimento com o qual se acreditava poder induzir os seres sobrenaturais a manifestar a sua decisão sobre um assunto, com efeitos jurídicos, ou pergunta feita aos Espíritos em certas condições e com tal forma-

lidade que os induza ou constrinja a responder por forma prefijada”.

A prática dos Ordálios se encontra em quase todos os povos selvagens, ainda mesmo naqueles de outra religião, a menos que não tenham fé na sobrevivência da alma dos mortos.

Começando pela África, vemos a prova do fogo adotada em Serra Leoa,<sup>81</sup> junto aos Joloffi,<sup>82</sup> os Waswaheli,<sup>83</sup> no Benin, onde o acusado deve provar sua inocência, com o deter, por algum tempo, entre as mãos, um ferro candente, ou então fazê-lo passar três vezes sobre a língua, por um sacerdote. Em Luango, passa-se sobre uma perna do acusado um facão em brasa, que deve esfriar-se imediatamente.<sup>84</sup> Entre os Mandingos<sup>85</sup> e os Kros,<sup>86</sup> os acusados têm que imergir a mão em água ou azeite fervendo. Em Bakalai, na Serra Leoa, perto dos Wanika,<sup>87</sup> o acusado deve extrair de caldeira fervendo qualquer objeto: o inocente triunfa, não assim o culpado – que se queima.

Alguma vez se consulta o Espírito dos mortos, especialmente quando se trata de descobrir a causa de sua morte. Assim, segundo Koeler, Cruickshank, Wilson, o cadáver é pego pelos bruxos, pela cabeça, e então eles, sacudindo-o para lá e para cá, chegam à cabana do culpado.

Mais usada dos selvagens africanos é a prova do veneno, misturando-se, na água ou no pão, a casca do teli (“*Erythrophlæum guineense*”) ou outra substância venenosa.

O inglês Lander, acusado de traição por alguns mercadores portugueses, teve que se submeter à prova do veneno, em Badagey, região do Níger. A beberagem devia ocasionar-lhe a morte, se culpado fosse. Pouco seguro da própria inocência, Lander, retirando-se para a sua cabana, bebeu grande quantidade de água morna, e conjurou assim todo o perigo.<sup>88</sup>

Os Ordálios em uso pelos australianos se limitam a várias formas de interrogar o morto sobre a causa da sua morte, que raramente se considera natural. Frequentemente se coloca o cadáver em uma padiola, e se lhe pergunta:

– Alguém te feriu no sono? Tu o conheces? É este, este outro?

Se a padiola se move, considera-se a resposta afirmativa; caso contrário, prossegue o interrogatório. Creem que Huinyo, deus da morte, produz os movimentos. Outras vezes, a padiola é sustida por várias pessoas, que sentem uma sacudidela se é mencionado o nome do culpado, fenômeno símile dos a que assistimos em nossas sessões espiritistas.

Nas ilhas Hawai, os bruxos pretendiam ver o retrato do culpado na superfície da água (habituada aplicação da “mediunidade” do copo de água) ou durante o sono fatídico em que caíam depois dos conjuros; ou, então, recitavam rogativas, enquanto o acusado aproximava a mão do copo com água, que se encrespava, se era ele culpado.

Menos usados foram os juízos de Deus entre os selvagens da América; entre os antigos hebreus era bastante usado o juízo de Deus, por meio de “sortes”.<sup>89</sup>

Do juízo de Deus já se fala nos *Vedas*, que, na sua parte mais antiga, remonta a 3000 anos antes do Cristo, e dos Ordálios falam todavia os códigos de Gautama, Bandhayana, Vasishtha, Apastamba, Vichnu, etc., redigidos poucos séculos antes do Cristo; no de Vichnu são descritas as provas da balança, do ferro candente, da água fria, do veneno e da poção sacra.

A prova da balança consistia em pesar o acusado, mediante uma pedra ou outro objeto equivalente, e tornar a pesá-lo, depois de haver dirigido conjuros à balança: o inocente devia tornar-se mais leve.<sup>90</sup>

No mesmo princípio se fundava a prova da água fria, na qual se metia o acusado e uma pedra, em dois sacos unidos por uma corda, os quais eram atirados num curso de água. Se o homem fosse ao fundo e a pedra sobrenadasse, aquele era considerado réu; se o homem viesse à tona e a pedra afundasse, o acusado era reconhecido inocente.

É interessante notar desde então, e assim muito mais tarde, na Idade Média, que de um símile resultado se induzisse, não a inocência, mas a culpa do acusado.

É sabido, com efeito, em que consistia a “prova da água fria”, da nossa Idade Média, mais conhecida pelo nome de “banho das

bruxas”, porque especialmente usada para descobrir os feiticeiros. Atirava-se à água a pessoa, bem atada com uma corda da qual uma das pontas ficava na mão dos julgadores; o acusado era tido por inocente, se afundava, e réu se sobrenadasse. Esta crença no menor peso das bruxas fazia que elas fossem condenadas, quando a balança marcava menos que o seu peso normal.<sup>91</sup>

Assim, no famoso processo de Seghedino, em 1728, foram queimadas 13 feiticeiras, que, atiradas à água, não ficaram na superfície, como se fossem de cortiça, e pesadas depois, não excederam meia onça de seu peso.<sup>92</sup>

Os juízos de Deus não eram desconhecidos dos antigos gregos, e Sófocles, na *Antígona*, fala de um acusado, o qual, para provar sua inocência, estava disposto a “apertar com a mão um ferro candente, e atravessar o fogo”.<sup>93</sup>

Os celtas se serviam de três espécies de provas: o ferro em brasa, a água fervente e o duelo.<sup>94</sup>

Mas, foram os germanos que deixaram nos Ordálios maiores pegadas do que qualquer outro povo, e difundiram este costume na Idade Média.<sup>95</sup> Um juízo de Deus peculiar dos germanos é o duelo, quando o impunham os tribunais ou as leis. Raciocinava-se que o Altíssimo não poderia deixar sucumbir um inocente, quando débil, e não lhe multiplicasse as forças, paralisando as do adversário.<sup>96</sup> Frequentemente usada era, contudo, a prova do fogo, a qual, na Germânia e, conseqüentemente, em toda a cristandade, consistia em fazer passar entre duas piras o acusado, no mais das vezes com uma camisa coberta de cera.

Pedro Aldobrandini, em 1063, provou a simonia e a heresia do Bispo de Florença, atravessando, descalço, um fogaréu formado por duas pilhas de lenha, de 10 pés de extensão, 5 de largura e 4 e meio de altura, entre as quais havia passagem suficiente apenas para uma pessoa. Corpo e roupa ficaram intacos. E sofreram também prova de fogo, com êxito igualmente feliz, Bonifácio, que pregou o Evangelho aos germânicos e aos russos, Pedro Gonzalez e S. Guilherme.

Na mulher de Carlos, o Gordo, acusada de adultério, vestiram uma camisa impregnada de cera e piche, e lhe deitaram fogo, mas, sem embargo, a inocente esposa ficou ilesa.

Uma esplêndida prova de fogo se tem na história dos “Camisards”. João Cavalier, testemunha ocular, referia:

“Meu cunhado, que era nosso chefe, em agosto de 1703 havia convocado uma assembleia dos oleiros de Cannes, perto de Sevignan. Vieram 500 ou 600 dos nossos, entre homens e mulheres. Então, o irmão Clary foi tomado pelo Espírito e, entre fortíssimas convulsões, anunciou que na reunião havia dois traidores. Com a cabeça e peito convulsos, foi agarrar dois entre os presentes, os quais, sem mais nada, caíram de joelhos e confessaram seu culposo propósito.

Entretanto, a inspiração de Clary prossegue por pressentir que muitos julgavam ser tudo aquilo uma comédia adrede preparada, e exclamou:

– Homens de apoucada fé! Quero que imediatamente se acenda um grande fogo, no qual penetrarei sem sofrer coisa alguma!

Aceso, em poucos instantes, grande montão de lenha, Clary subiu, ereto, sobre a pira, com as mãos entrelaçadas na cabeça, e continuou pregando.

A multidão, em redor, ajoelhada, chorava e orava, enquanto sua esposa gritava desesperadamente. Todos tiveram vagar para vê-lo no meio das chamas que o envolviam totalmente. Clary não quis sair daquele inferno senão quando restava apenas um montão de brasas. O Espírito não o abandonou mais naquela prova, que, a meu ver, durou além de 15 minutos.”<sup>97</sup>

Mais usado era o Ordálio do ferro candente, que, com feliz êxito, suportou Conegundes, esposa de Santo Henrique, Duque de Baviera, e por Emma, filha do duque de Normandia e esposa de Etelredo, rei da Inglaterra, a qual, para desvanecer a acusação de adultério, caminhou descalça sobre nove relhas de arado em brasa.

À prova do fogo e do ferro candente se acresce a da caldeira com água ou azeite fervendo, da qual se havia de extrair um objeto qualquer.

A antiguidade deste Ordálio nos povos teutônicos está documentada naquela passagem de *Edda Kemundar* (Niebellungen), na qual Gudruna, mulher de Átila, rei dos Hunos, acusada de infidelidade por uma escrava chamada Erkia, para provar sua inocência imergiu a mão em uma caldeira de água fervente e retirou um seixo musgoso. A escrava acusadora tenta a mesma prova, mas retirou a mão terrivelmente queimada e foi então afogada no paul.

E a isso se coliga todavia a forma, das mais comuns, do Ordálio com água, na qual o acusado era imerso com a mão esquerda ligada ao pé direito e a direita ao esquerdo, de modo que não pudesse nadar. Se afundava, era considerado inocente. O vice-versa, nos finais da Idade Média, se estabeleceu, ou seja, que devia considerar-se culpado ao que imergisse.

Temos um último exemplo, em 1836, em que os habitantes de Hela, perto de Dantzig, submeteram a esta prova uma velha acusada de magia, e a mataram porque sobrenadou.

### **Os taumaturgos cristãos**

A religião cristã é, talvez, depois das asiáticas, a mais fecunda em prodígios e fenômenos espiritistas.

“Desde o primeiro dos padres até o último dos papas – escreve Gibbon –, apresenta-se uma sucessão ininterrupta de bispos, de santos, de mártires e de milagres.”

Milagres que, na sua maior parte, são de curas de doenças. Para referir todos os que se consignam nas obras hagiográficas, não bastariam volumes. Limite-me, pois, a citar alguns que se atribuem a santos mais conhecidos e que viveram em tempos relativamente modernos.

Afetada de grave tumor em um dos seios, os médicos de Lucrecia Gazia julgaram indispensável a intervenção cirúrgica. Mas a senhora, na noite precedente à da operação, abandonou o leito

e se apresentou a S. Filipe Néri, que, tocando-a na parte enferma, lhe disse:

– Vai contente, e não temas que te sobrevenha mal algum.

Lucrécia regressou a casa e, pouco depois, enquanto jantava, ergueu-se, dizendo:

– Não sinto dor alguma; estou curada.

Quando chegaram os médicos para operá-la, não mais encontrando qualquer vestígio da enfermidade, retiraram-se estupefatos (“*vehementer obstupuerunt*”).<sup>98</sup>

Um monge do Convento de S. Caetano de Tiena caiu e fraturou uma perna. O médico, depois de lhe haver aplicado, em vão, diversos remédios, decidiu proceder à amputação. Poucas horas antes que esta tivesse lugar, S. Caetano se aproximou do leito dele, confortou-o, convidando-o a orar; depois mandou que tirasse as bandagens da perna, beijou-a, fez sobre ela o sinal da cruz e determinou que a enfaixasse novamente. E retirou-se.

Pela manhã, o médico encontrou a perna completamente sã.

A santidade não era considerada requisito indispensável para execução de tais prodígios. Também Santo Agostinho reconhece haver pessoas que podem curar diversas feridas com o olhar, com o contato ou com o sopro.

De maravilhoso poder curativo era dotado o cavaleiro irlandês Valentin Greatrakes. Em 1669 teve, em sonho, a revelação de poder curar a escrófula: tocou alguns escrofulosos e os sarou. Sobrevindo uma epidemia, na Irlanda, sonhou poder minorá-la e o conseguiu, e assim também sarava feridas, úlceras, a hidropsia, as convulsões, etc. Glauville recolheu e conservou os mais autorizados testemunhos dos fatos. Deles se deduz que “o profeta irlandês”, como era chamado, procedia precisamente ao modo dos nossos médiuns espiritistas que curam.

“Com a aplicação da sua mão – dizia Jorge Rust, bispo de Dromar, na Irlanda –, fazia desaparecer a dor, empurrando-a para a extremidade dos membros. O efeito era, às vezes, rapidíssimo. Posso afirmar que curava vertigens, enfermidades de olhos e ouvidos gravíssimas, epilepsia, úlceras inveteradas,

escrófulas e tumores cirrosos e cancerosos. Vi fazer amadurar, no espaço de cinco dias, tumores que datavam de muitos anos. Estas curas não me induziram a crer que se tratasse de coisa sobrenatural. Ele também não o pensava e o seu modo de curar prova que não eram milagres, nem influência divina. Ao que parece, emanava do seu corpo um fluido balsâmico e salutar. É um dom de Deus.”

Jorge Fox, fundador dos quáqueros, converteu talvez menos gente com as predicacões do que com as curas.

### **Estigmas dos santos**

Depois que S. Francisco de Assis depôs o generalato de sua Ordem e se retirou para um lugar deserto do Apenino toscano, julgou ouvir a voz do Altíssimo que lhe ordenava abrir o Evangelho, a fim de que seus olhos lessem o que devia fazer de mais grato ao Senhor.

Três vezes o santo abriu o Evangelho, e três vezes caiu sob seu olhar a parte onde é narrada a Paixão do Cristo.

Desde esse dia, o seráfico se tornou absorto na contemplação daqueles sofrimentos. E eis que, no dia da Exaltação da Cruz (14 de setembro), enquanto estava imerso nas suas contemplações, viu um anjo descer do céu até ele, sustendo um homem crucificado. Quando desapareceu, S. Francisco experimentou, nos pés e nas mãos, sensações dolorosíssimas, seguidas de chagas sangui-nolentas, por entre as quais se viam cravos, formados por excrescências do tecido celular; por um lado apareciam aguçados e por outro tinham a cabeça rebatida, de modo que entre eles e a mão se podia insinuar um dedo; eram móveis em todos os sentidos: quando se empurrava uma extremidade, sobressaía a outra, mas, não obstante, não podiam ser arrancados e, ainda após a morte de S. Francisco, Santa Clara, em vão, tentou fazê-lo. Nas costas, tinha o santo outro estigma: o do lançaço de Longinos, de três dedos de extensão, bastante largo e profundo.

A esses estigmas, que duraram até sua morte, jamais se aplicou curativo e, sem embargo, não supuraram.

Depois de S. Francisco – graças quiçá ao espírito de imitação e de emulação – surgiram novos estigmatizados, os quais foram sempre crescendo em número, até que o fenômeno se tornou comuníssimo.

A segunda a ser favorecida foi Santa Catarina de Siena.

Entre os monges mais tarde estigmatizados, pode-se enumerar Benedito de Reggio, Filipe d'Acqueria, Carlos de Sazia e Dolo; entre os simples irmãos leigos, Matias Careri, Cherubim d'Aviliana, Nicolau de Ravenna, cujas chagas só se descobriram depois de sua morte.

Mas, impossível seria enumerar todas as mulheres que foram distinguidas com as mesmas marcas. Algumas viveram no século passado, tal foi Rosa Cerra, de Ozieri (Sardenha), religiosa capuchinha. Nas proximidades de 1812, todos puderam estudar os estigmas de Ana Catarina Emmerich. O prussiano Von Hartwig visitou, em 1840, Maria Mœrl, de cujas feridas emanava sangue todas as sextas-feiras, mas especialmente na Semana Santa; fala também da “Dolorosa”, de Capriana (Trentino), Maria Domênica Lazzari, que tinha, além dos sinais da crucificação, as da coroa de espinhos, que se encontraram todavia em outras beatas, tais Joana Maria da Cruz, Maria Villani, Vicenta Ferrera, etc.

Pico de Mirandola viu, ele próprio, a marca de coroa na cabeça de Santa Catarina de Racconigi, e disso deixou a descrição: uma espécie de sulco que rodeava a cabeça, e sua profundidade era tanta que o dedo de uma criança podia nele penetrar.

Mas os estigmas não eram privilégio sacro; algumas vezes apareceram em pessoas que não eram precisamente relíquias de santidade.

Na *Vida de Santo Inácio de Loiola* se menciona, por exemplo, uma jovem, de não muito severos costumes, que, com frequência, caía em êxtase e trazia na cabeça, nas mãos e nos pés os sinais da crucificação do Cristo, por quem sentia amor vivíssimo. O padre Drebegne, trapista e médico, fala de outra estigmatizada (1840), cuja conduta desordenada fazia suspeitar que recorresse à fraude para produzir o prodígio. Cobriram-lhe e

selaram as mãos, para impedir que se tocassem, mas o fenômeno persistiu igualmente.<sup>99</sup>

De resto, nos heréticos abundaram os estigmatizados. Entre os convulsionários de S. Medardo, uns duzentos sentiam as dores da Paixão do Cristo. O Dr. Arnhard fala dos frequentes estigmatizados religiosos entre os maometanos, os quais reproduziam as feridas que o Profeta recebeu na batalha travada por sua fé.<sup>100</sup>

Nos santos extáticos se verificava algumas vezes a incombuscibilidade, que já temos encontrado em alguns mártires, nos juízos de Deus e em alguns médiuns espiritistas.

De Santa Catarina se assegura que o fogo não tinha sobre ela ação alguma e que, muitas vezes e na presença de testemunhas, era atirada às chamas por uma irresistível força. Narra o seu biógrafo Raimundus que ela, certo dia, sentada a sós na cozinha, com um espeto-assador na mão, resvalou da cadeira, e a encontraram caída com o rosto sobre as brasas, porém incólume.

Algo semelhante se narra de Simeão de Assis, que um dia, estando em êxtase, lhe caiu um carvão aceso no pé descalço e aí se consumiu sem lhe causar dores nem lesão alguma.

A célebre Bernadete de Soubirous, que descobriu a água de Lourdes, certo dia, ajoelhada diante de centenas de pessoas, manteve durante quinze minutos uma tocha cuja chama lhe atingia os dedos, deixando-os incólumes.

Mas, também este fenômeno não é privilégio dos taumaturgos cristãos. Na Bíblia se encontram idênticas passagens, nas quais se faz menção do culto tributado a Moloch, um entre os “*Baal*”, ou numes cananeus, ao qual se rendia homenagem, “passando-se através do fogo, sem se queimar”.

Estrabão refere que as sacerdotisas de Diana, em Castabalis (Capadócia), caminhavam, indenes, a pés nus, sobre carvões acesos.

Plínio<sup>101</sup> escreve:

“Não distante de Roma, no país dos Falisques, acham-se algumas famílias que oferecem, cada ano, um sacrifício a

Apolo, no monte Soracte, e caminham sobre um braseiro, sem se queimar.”

Esses sacerdotes de Febo e da deusa Ferônio eram chamados “*Irpini*”.

Também Vergílio <sup>102</sup> faz menção:

“Sumo deus, Apolo, custódio de Soracte... tu, por quem, sustentados de santo zelo (“*freti-pietate*”), caminhamos, confiantes, sobre tições ardentes...”

Andrea Lang, na “*Contemporary Review*”,<sup>103</sup> fala dos “*nistinari*”, seita religiosa antiquíssima dos arredores de Burgas (Rumélia Oriental), que, cada ano, em maio, celebram estranhíssima festa. Eis a parte que interessa ao nosso argumento:

“... Então, um nistinário, inspirado, empunha o ícone de Helena, em êxtase, mostra-o à multidão, e entra, a pés nus, no vasto braseiro ardente, dança no fogo, enquanto a música prossegue a tocar e palavras sacras surgem de seus lábios. Suas profecias se aplicam a pessoas e a coisas, anuncia as calamidades que golpearão as famílias, os animais, as colheitas... nada, em sua aparência, indica sofrimento: dir-se-ia que é incombustível. Não sai daquela fornalha até que haja terminado sua profecia e, com olhar tranquilo e passo grave, vai submergir os pés no lodo produzido pela água das libações. Rápido, um segundo “*nistaro*” entra no fogo e segue o exemplo do primeiro. Todos os sacerdotes se sucedem assim em seu redor. A incombustibilidade só se limita, porém, ao mês de maio.”

Estêvão Ponder, no “*Langman’s Magazine*”, fala de uma tribo indiana, chamada dos Klings, os quais atravessam, nus e imunes, lenha acesa em cerca de 18 metros de extensão, para expiar os pecados cometidos pela comunidade.

A incombustibilidade dos sacerdotes existe todavia na Polinésia, nos Nbennga, nos Ivilankata, que costumam descer à fornalha, na qual se faz cozinhar “*masawe*”, e por ela caminhar impunemente.

Mas, a prova mais extraordinária da incombustibilidade é a oferecida por Maria Sonnet, por isso exatamente conhecida dos seus contemporâneos com o pseudônimo de Salamandra. Sabe-se que Paris, nos meados do século XVIII, se revolucionou com os prodígios dos “convulsionistas”, a propósito dos quais o historiador Carré de Montgeron assim se exprime:

“Veem-se convulsionários permanecer arejados no meio do fogo, que não costuma poupar os corpos e igualmente as vestimentas... *Todo Paris não presenciou muitas vezes* Maria Sonnet se deitar nas chamas ou carvões acesos, sem que aquelas nem estes tivessem ofendido nem as partes do corpo, nem os panos em que era envolta? E que também tantos outros, seus companheiros, sem dano algum, comiam brasas vivas? E com outros ainda punham a cabeça na chama de grande fogueira, sem nada sofrer, *sem sequer se lhes chamuscarem os cabelos?*”

“O exemplo de Sonnet não era único – prossegue Montgeron –; não viu *todo Paris, por espaço de muitos anos*, outros convulsionários se estenderem no meio de grandes fogaréis e ali permanecerem, e até adormecerem, sem que as chamas, investindo de todos os lados, lhes causassem o mais leve dano ao corpo, nem às vestes? Ou como punham os pés sobre as ardentes brasas, que lhes queimavam o calçado, sem experimentarem sombra de dor? Ou que submergiam o rosto nas chamas, sem resultar ofensa e sem que sofresse um só fio do seu cabelo?”

### **As levitações dos santos**

Entre os fenômenos mais frequentes que se verificam, entre os extáticos cristãos, está o denominado pelos espiritistas de *levitação*.

Görres, em sua *Mística*, cita uma infinidade de exemplos, em sua maior parte bem documentados.

Margarida de Hungria elevava-se do solo depois de cada comunhão. S. Domingos, na abadia de Castres, recolheu-se para

rezar na igreja, onde um frade, que o foi buscar, o encontrou suspenso entre o céu e a terra. O mesmo ocorreu com S. Bernardo, enquanto pregava aos monges reunidos em capítulo; a Santa Lutgarda, enquanto as religiosas cantavam o *Veni Creator*; a S. Francisco Xavier, enquanto dizia missa e dava comunhão aos fiéis; a Santo Alberto, enquanto recitava, à noite, os Salmos, ajoelhado ante o crucifixo.

Durante suas preces ou meditações, aconteceu o mesmo a Santo Inácio de Loiola, a Santa Catarina de Siena, à carmelita Catarina Texada, a Santo Estêvão, rei da Hungria, a Ângela de Milão, a Nicolau Fattori, a Gaspar de Florença, a Teresa, rainha de Castela, a Maria Gomes, a Camilo de Lellis, a Ângelo de Bressanone, a Domingos do Paraíso, a Francisca Olímpia, a Úrsula Benincasa, a Catarina de Seins, a Matias de Baseio, a Maria Villani, a Inês de Assis, a Joana de Orvieto, a Liberta de Civitella, a Pedro de Garde e a Francisco de Assis.

Os historiadores das diversas Ordens regurgitam de relatos em torno de fatos semelhantes, ocorridos ante as multidões. Bernadette, a extática de Lourdes, que morreu em 1893, foi também vista muitas vezes elevar-se e flutuar enquanto rezava. S. Luís Gonzaga ficou por vezes suspenso no espaço, privado do uso dos sentidos e imóvel.

De S. Pedro de Alcântara, célebre por suas levitações, dizem que superava, nos voos, a altura da copa das mais elevadas árvores.

Santa Teresa de Jesus assim fala das suas levitações extáticas:

“Algumas vezes meu corpo se sentia atraído até o ponto de se elevar do solo; mas isto me ocorria raramente. Aconteceu uma vez, enquanto estava no coro com as outras religiosas, e ajoelhada para comungar. Vezes diferentes, quando começava a dar-me conta de que o Senhor ia repetir o mesmo prodígio, estendia-me no chão, e as companheiras se acercavam para reter-me, mas, apesar disso, a divina operação se efetuava e uma vez, entre outras, tal me aconteceu no dia da festa do nosso santo patrono (S. José), durante o panegírico, ao qual assistiam *várias damas de qualidade*. Por isso, depois de

tal fato, supliquei insistentemente ao Senhor que não mais me concedesse a graça que d'Ele desse mostra externa... Desde então, nada tornou a ocorrer de parecido e verdade é que só de há pouco assim pedi a Deus. (...)

Quando queria resistir, sentia sob meus pés como que maravilhosa força que me erguia ao alto; não saberia a que compará-la: o ímpeto parecia muito maior do que em outros semelhantes de fervores do espírito; era terrível luta em que eu ficava débil e desfeita.”

Mas, nenhum santo se pode paralelar, em tais raptos, com S. José de Cupertino, que viveu no século XVII. Tão avaramente fora dotado pela natureza, que os capuchinhos o julgaram incapaz até para a cozinha; porém, mercê da sua ascética piedade, adquiriu tal intuição das coisas espirituais que doutíssimos membros da sua Ordem confessavam haver obtido grande proveito dos seus colóquios. Lia o estado de ânimo e o pensamento dos que se lhe avizinhavam, tinha o dom da profecia e, em vida, duas vezes apresentou o fenômeno da ubiquidade. Entre os testemunhos dos seus prodígios, figura até o de Urbano VIII, pois quando levaram José para lhe beijar a sandália, o papa esteve a ponto de perder os sentidos, ao vê-lo, em êxtase, elevar-se no ar. Os êxtases de José se repetiam com tal frequência e duração, que por espaço de 35 anos seus superiores não o admitiram com os demais irmãos no coro, nem nas coletas, nem no refeitório. Para provocar seus raptos bastava que alguém estimulasse o fervor em suas devoções. Imerso nesse estado, não mais acusava sensação alguma, ainda que lhe metessem os dedos nos olhos ou o queimassem com fogo, ou o espetassem com agulhas. E então voava seu corpo, ordinariamente para determinada meta, da qual costumava regressar com segurança plena. Certa vez, em que convidara alguns pastores para a adoração ao Menino Celeste, emitiu alto grito e voou qual pássaro, numa distância de 50 passos, do centro da igreja para o altar-mor. Ali, abraçado ao tabernáculo, esteve flutuando 15 minutos. Nenhum dos círios acesos, que em quantidade ornavam o altar, caiu, nem ateou fogo à sua túnica. Tendo feito erigir um calvário sobre pequeno cerro, observou, depois de erguidas as duas cruzes laterais, que a do

centro, devido ao seu peso (a altura era de quase 54 palmos), 12 homens, empregando toda a força, não a podiam colocar. Rápido, saiu pela porta do convento e voou, oitenta passos de distância, até sobre a cruz, que levantou, como se se tratasse de uma palha, e a colocou na abertura que se fizera para tal fim.

Mas, também os fenômenos de levitação não eram exclusivos dos santos, de vez que se viam com frequência nos endemoniados.

“Vi – refere Sulpício Severo – um possesso, ao aproximar-se de S. Martinho, elevar-se com as mãos eretas sobre a cabeça e permanecer suspenso no ar.”

Santa Genoveva, diz a tradição, fez permanecer no ar, enquanto os interrogava, doze energúmenos que haviam levado à sua presença. Algo semelhante se pretende fizesse o seu mestre, S. Jerônimo.

No livro intitulado *L’Affaire curieuse des possédés de Louviers* são citados muitos exemplos de monjas prodigiosamente transportadas de suas celas, ao pátio, ao teto, para alto muro, e a um bosque vizinho.

É conhecido o caso daquela pobre possessa de Vervins, chamada Nicolette Aubry, que, na catedral de Laon, ante imensa multidão, se elevou por nove vezes no ar, sem embargo dos esforços de seis homens que, com todas as suas forças, pretendiam sujeitá-la.

Fenômenos não menos extraordinários são os transportes corporais *invisíveis*, nos quais uma pessoa desaparece de um lugar para reaparecer em outro. Encontramos um exemplo nos Atos dos Apóstolos, onde, de Filipe, diácono, se diz:

“O Espírito do Senhor o arrebatou, e o eunuco que com ele estava não o viu mais... Filipe se encontrou em Azot.”

S. João da Cruz passava a vida, por assim dizer, em voo contínuo. Dele dizem os bolandistas que aconteceu desaparecer do leito onde jazia enfermo e reaparecer depois de algum tempo.

Mas também este fenômeno, raríssimo na hagiografia, nós o vemos repetir-se em alguns médiuns modernos, a exemplo dos irmãos Pansini, de Ruvo, na Puglia.

### **Magos e bruxos**

Também na época cristã, ao lado dos milagres dos santos, encontramos os sortilégios dos bruxos e vemos que as ciências ocultas, e assim em todos os períodos da História, eram mais especialmente voltadas para conhecer o porvir. Às antiquíssimas formas de adivinhação, outras inumeráveis se foram agregando, até formar uma cadeia deveras interminável. Eis um pequeno elenco:

Aburomancia, alevromancia, cristomancia (adivinhação com a farinha sobre a cabeça da vítima nos sacrifícios), aeromancia (pelo vento), aletromancia (pelo galo), aritmomancia (pelos números), astragalomancia e cubomancia (pelos dados e fichas), astrologia (pelos astros), axinomancia (por um círio), belomancia (pela flecha), botanomancia (pelas folhas), bibliomancia (por um livro), cartomancia (pelo baralho), capnomancia (pelo vapor), catoptromancia (pelos espelhos), cleidomancia (pelas chaves), cefalomancia (pela cabeça do asno), cerauromancia (pelos raios), ceromancia (por figuras de cera), coscinomancia (pela peneira), cromniomancia (pelo cabelo), dactilomancia (pelo exame dos dedos), dafnomancia (pelo louro), epatocoscopia (pelo exame do fígado da vítima), filorodomancia (pelas pétalas de rosa), farmancia (pelos perfumes), geomancia (pela terra), gastromancia (por vasos cheios de água), giromancia (por círculos traçados no solo), hidromancia (pela água), ictiomancia (pelos peixes), lampadomancia, licnomancia (pela forma da chama nas lâmpadas), lebanomancia (pela fumaça do incenso), leconomancia (pelos recipientes cheios de água), margaritomancia (pelas pérolas), metatoscopia (pelas rugas do rosto), molibdomancia (pela cera ou chumbo), miomancia (pelos ratos), necromancia (evocando mortos), nefelomancia (observando as nuvens), ofiomancia (por serpentes), oniromancia (pelos sonhos), ooscopia (pelos ovos), onoma-

mancia (pelos nomes próprios), partenomancia (pelos sinais da virgindade), piromancia (pelo fogo), quiromancia (pelo exame das mãos), rabdomancia (pela varinha), rapsodomancia (pelos livros proféticos), sicomancia (por folhas de figueira), estafilomancia (por passas de uva), tefromancia (pela cinza dos sacrifícios), terascopia (pelas imagens), xilomancia (pelos ramos espargidos no solo).<sup>104</sup>

Entre esses sistemas adivinhatórios sobressaem a catoptromancia, que se exercia com espelhos; a hidromancia, a leconomancia, a gastromancia, que tinham por base a água.

Os spiritistas denominam a primeira de “visão no cristal” e as outras “mediunidade no copo de água”, mas todas, no fundo, têm um mesmo princípio e um mesmo alvo: a alucinação produzida pelo fixar uma superfície brilhante. Alguns, ao contrário, obtinham os mesmos efeitos contemplando uma das unhas, um escudo, a lâmina de uma espada.<sup>105</sup> A antiguidade desses sistemas de adivinhação é indubitável e encontramos traços na Bíblia, onde se faz menção do copo pelo qual José fazia suas adivinhações;<sup>106</sup> na Grécia, ao oráculo de Apolo, cujas respostas se obtinham olhando em um poço.<sup>107</sup>

Varrão<sup>108</sup> assegura que o uso de espelhos mágicos é originário da Pérsia. Santo Agostinho<sup>109</sup> diz que Numa via aparecer na água a imagem dos deuses que lhe indicavam o que devia fazer. Plínio<sup>110</sup> e Apuleio<sup>111</sup> assim descrevem a “leconomancia”: colocavam-se em um recipiente cheio de água algumas lâminas de ouro e prata, e pouco depois se viam aparecer as figuras desejadas; ouvia-se adiante a resposta, com o que o fenômeno auditivo se unia ao visual. Espartiano<sup>112</sup> narra que Dídio Juliano, antes de dar batalha a Septímio Severo, consultou o espelho mágico, por intermédio de um menino, sobre cuja cabeça se havia previamente feito encantamentos.

Em época mais moderna, vemos que o astrólogo Ruggieri se servia de um espelho mágico para dar a conhecer, a Catarina de Médicis, o futuro dos seus dois filhos, Carlos IX e Henrique III. Natale Lecomte narra que, durante sua guerra contra Carlos V, o rei Francisco I, desde Paris, tinha conhecimento do que acontecia

em Milão. Nesta cidade se encontrava um espião, o qual escrevia suas informações em espelho mágico, em tudo símile de outro que Francisco I tinha e no qual lia o que o espia tinha escrito em Milão.<sup>113</sup>

Mas, os que usavam estas práticas mágicas não estavam isentos dos perigos. Em 1609, foi queimado na praça da Greve, de Paris, um tal Saint-Germain, por haver feito uso de espelhos mágicos com uma mulher e um médico.<sup>114</sup> Certo bispo de Verona foi condenado à morte, por Martin de Scala, porque encontraram debaixo do travesseiro dele um espelho em que estava escrito o nome de “Fiorone”, nome que certos magos davam ao demônio. Assim era também o espelho que se descobriu na casa de Cola de Rienzi.<sup>115</sup>

O uso da “catoptromancia” e da “hidromancia” é todavia bastante difundido também em nossos dias no Oriente.<sup>116</sup> O orientalista Reinaud<sup>117</sup> escreve:

“Os levantinos ainda têm espelhos mágicos, nos quais imaginam fazer aparecer anjos e arcanjos. Perfumando o espelho, jejuando durante sete dias e mantendo-se no mais absoluto retiro, dizem perceber, com os próprios olhos, ou por meio de uma virgem, ou um menino, os anjos que se deseja evocar.”

Os muçulmanos e brâmanes da Índia fazem também uso dos espelhos mágicos, “*unsun*”, “lâmpada negra”.

Quando se trata de pessoa suspeita de ser vítima de obsessão, colocam o espelho em mãos de um menino, e este não tarda a ver desenharem-se as feições do Espírito possessor.<sup>118</sup>

A esse propósito escreve Ibn Khaldun:<sup>119</sup>

“Creem alguns que a imagem, deste modo aparecida, se desenha na superfície do espelho, mas se equivocam. O adivinho olha fixamente essa superfície até que esta desapareça, e um velário, símile de névoa, se interponha entre ele e o espelho. Nesse velário se desenhavam as formas que ele deseja discernir, o que lhe permite dar indicações afirmativas ou negativas sobre quanto se deseja conhecer. Os adivinhos, enquanto estão nesse estado, não percebem o que normalmente se vê

nos espelhos: é um outro modo de perceber o que neles nasce.”

Essa descrição é idêntica àquela que, do mesmo fenômeno, dão os nossos médiuns espiritistas.

### **Convulsionistas**

Enquanto antigamente os fenômenos de inspiração, profetismo, obsessão e similares apareciam de ordinário em casos esporádicos e insulados, nos séculos XVI, XVII e XVIII vemos produzir-se um fato quase novo na História: a epidemia desses fenômenos. Foi ao redor de 1550 que estalou, simultaneamente em diversos pontos da Europa, a epidemia demonopática que os franceses designam com o nome de “*Possessions des Nonnains*”, porque atacou mais especialmente as monjas (“*nonnes*”).

Segundo o ritual católico, os fenômenos nos quais se podia reconhecer a possessão eram os seguintes:

- 1º) faculdade de conhecer o pensamento alheio, ainda que não expresso;
- 2º) inteligência de idiomas desconhecidos;
- 3º) faculdade de falar esses idiomas desconhecidos;
- 4º) conhecimento de acontecimentos futuros;
- 5º) conhecimento de quanto ocorre em lugares distantes;
- 6º) desenvolvimento de forças físicas superiores;
- 7º) suspensão do corpo no ar, durante certo tempo (levitação).

Pois bem, exceto este último fenômeno, todos os demais se encontram, dentro de dados limites e em dadas condições, em nossos médiuns. Os convulsionistas apresentavam estranhos fenômenos de invulnerabilidade, que quase não têm confronto na História.

Maria Sonnet se colocava em posição de arco invertido, com a cabeça e os pés no solo e os rins sustidos no ar por aguçada estaca. Depois, por meio de uma roldana, deixavam cair repetidamente sobre o seu estômago, do teto do recinto, uma pedra do

peso de 23 quilos. Nem a pele, nem a carne acusaram jamais a menor ofensa: ao contrário, ela pedia sempre pesos maiores. Carré de Montgeron golpeou Joana Maulet, com todas as suas forças, na concavidade do tórax, com uma peça de ferro, que depois transferiu a um homem vigorosíssimo, que, por sua vez, assentou uma centena de golpes na convulsionada, a qual sempre os achou muito débeis, e também não lhe ocasionaram a menor contusão.

Certa mulher, do burgo de Meru, diocese de Beauvais, se fazia dar golpes de espada por todo o corpo e, se bem que a pele cedesse sob a ponta da arma e resultasse alguma vez um pequeno sinal avermelhado, nunca se lhe rompeu a carne.<sup>120</sup>

### **Fabricação artificial de médiuns e bruxos**

Vimos anteriormente que todos os povos primitivos recorriam aos nevróticos, aos histéricos, no grau de profetas ou médiuns, para consultar sobre o futuro. E quando os médiuns, profetas ou bruxos escasseavam entre os selvagens, estes, havendo certamente percebido que a faculdade mediúnica se ligava a graves neuropatias, provocavam sua aparição, infligindo, nalguns predispostos, medo na infância, na concepção, e prolongados jejuns, fabricando-se assim magos artificiais. Um primeiro método desta fabricação artificial de magos consiste em modificações impressas após o nascimento. Os aleutas – diz Réclus –, quando têm meninos graciosos, os vestem e educam como se fossem meninas, e os vendem, aos 15 anos, a um rico qualquer, quando não os consagram a um sacerdote; apenas passada a juventude, entram, com grande facilidade, nas ordens sagradas.

Em Bornéu, o daiaco que se faz padre toma trajes e nome femininos, esposa um homem e uma mulher, o primeiro para acompanhá-lo e protegê-lo em público. Também o sacerdote aleuta recebe, para educação, as meninas adaptáveis, aperfeiçoando-as na arte da dança, dos prazeres e do amor, e as transformam em magas e sacerdotisas.<sup>121</sup>

Para fazer que se tornem sacerdotes e profetas, submetem-nos a especiais tratamentos. Também se dirigem a determinados

esposos para que provoquem nos futuros filhos uma nevrose, com prolongados jejuns, comendo certos alimentos e evitando outros, e, apenas nascida a criança, é banhada com urina e esterco; por dias, deixam-na só; depois, passa por uma série de iniciações. Para poder comunicar com os Espíritos, deve abster-se, a intervalos, por muito tempo, da comunidade, participar de caça e pescar só de vez em quando; tanto mais prosseguem neste regime, tanto mais se tornam alienados; não se sabe se estão desperto ou sonham, pois tomam as abstrações como sendo realidade; criam enormes simpatias e antipatias em torno de si: iguais aos iogues, aos faquires da Índia e aos shamani da Sibéria, têm por aspiração suprema o êxtase; dão manifestações que entram na categoria da epilepsia, têm estranha lucidez e hiperestesia; creem na perseguição dos demônios que os vêm atormentar; nos acessos proféticos se entregam a estranhas contorções, convulsivas, a gritos não humanos, com espuma na boca, congestionamento da face e dos olhos, com perda da visão. Se encontram facas, ferem-se e ferem os outros.

Passadas essas iniciações, o indivíduo escolhido se torna mago ou “*hangacoc*”, ou seja, “grande” ou “ancião”, que acumula os cargos de conselheiro, de juiz de paz, de árbitro nos negócios públicos e privados, de poeta, de médico. A iniciação para a Medicina se pratica, entre os bículas, com jejuns e rezas; entre os peles-vermelhas, com jejuns, sonhos e estada nos bosques e na soledade; entre os negroides da Austrália, com a busca de um Espírito de médium morto na solidão; entre os índios de Gamina, por três meses deve o candidato alimentar-se com folhas especiais e viver sozinho no bosque, até que lhe apareça um fantasma.

Os futuros médiuns dos Wascows, dos Caiuso, dos Walla-Walla, iniciam a carreira mágica dos 8 aos 10 anos; devem dormir, em cabana, sobre a terra nua, onde recebem o Espírito sob a forma de búfalo-cão, que lhes faz importantes revelações, e quando isto não aconteça, devem jejuar até sua vinda; depois comunicam o que ouviram ao médico mestre.

Entre os cafres-kosa, o candidato vive solitário na cabana, até que lhe apareça, em imagens, leopardos, serpentes, pássaros de

fogo, que o ajudem no trabalho; por último lhe aparece o fantasma do chefe-morto, que o obriga a dançar e a estar inquieto.

Na Sumatra, por um dia inteiro, o candidato deve permanecer num cesto suspenso na janela de uma casa, com um mínimo de alimento, e durante esse tempo de quase inédia, rogando aos deuses que o tornem invulnerável. Se o cesto se agita, significa que o Espírito penetrou no candidato; então o espetam, ferem-no com lança e espada, e as feridas cessam de manar sangue e se fecham quando tocadas por ele com a mão.

Ao Thay-Phap, médico-profeta dos anamitas, se prescreve uma dieta especial: não pode comer carne de cão ou de búfalo, mas deve alimentar-se sempre de uma certa planta que tem as folhas em forma de coração.

Os gangas, de Luango, só podem beber em certos sítios e horas determinadas do dia; têm igualmente muito limitada a alimentação de carne, com proibição da de alguns quadrúpedes, mas, em troca, podem comer muitos vegetais.

\* \* \*

Outro método consiste em provocar convulsões e delírios, com movimentos precipitados da cabeça ou com substâncias inebriantes.

Os aissauí, seita de fanáticos, difundida entre os árabes da Argélia, devem sua origem a Mohamed Ben-Hissa, que, maior de uma caravana, rodeado de todos os perigos do deserto; insolação, simun, ladrões e fome, recorreu ao expediente extraordinário do fanatismo religioso, lá onde a força humana pouco valia. Quando a caravana estava faminta, ele, em nome de Alá, mandava comer escorpiões e serpentes, e quando estes faltavam, ordenava o “*djedjeb*”, os gestos que faziam calar a fome. O “*djedjeb*” é um mover violento dado à cabeça, da esquerda à direita, enquanto os braços permanecem pendentes e as pernas acompanham os movimentos da cabeça e do tronco. Depois de uma hora de semelhante exercício, sobrevém uma espécie de furor e de embriaguez, que logo se transforma em estado de insensibilidade.<sup>122</sup>

Mas, desçamos a maiores particularidades. Os sectários estão recolhidos em sala adequada para o caso e muito iluminada, os músicos batem, em enorme tambor, dois golpes lentos e um rapidíssimo, e os irmãos ou aissauís os acompanham com uma bárbara canção:

*Deus, Deus, Deus, nosso Senhor, Deus, nosso Deus*  
*Ben-Hissá ordena o amor de Deus*  
*A serpe obedece a Deus*  
*Ben-Hissá me fez beber o seu segredo, ... etc.*

Este cântico insulso é inconcludente, e assim todos os dos ascetas; contudo, no dizer de um europeu, dá um frêmito entusiástico também nas veias do mais incrédulo espectador. Então, aqueles entre os fiéis, que mais avassalados ficaram pelo cântico, caem no *djedjeb* ou sacra convulsão: o coro cessa o canto, mas os tambores continuam a acompanhar as contorções dos desatinados, que cantam:

*O teto é alto, Ben-Hissá o levantou, ... etc.*

À medida que o aissauí gira na sua furiosa dança, o sangue lhe aflui ao rosto, as veias do pescoço de tornam túrgidas, a respiração passa a sibilante, pela traqueia comprimida, e todo o traço do canto desaparece para dar lugar a um som inarticulado, que é o derradeiro esforço de uma respiração obstaculada.

Chegado a este ponto, o aissauí empunha uma barra de ferro candente e golpeia com ela a fronte e a cabeça, lambe-a, morde-a com os dentes.

“Senti – diz o egrégio viajante – o nauseabundo mau cheiro da carne queimada e o crepitar da pele.”

Não era, pois, ilusão. Então, o *djedjeb* se torna geral: todos gritam e correm, ferindo-se ferozmente nos braços e nas costas; alguns imitam, de gatinhas, o rugir do leão ou o ronco do camelo; pedem comida e lhes dão folhas de cactos e escorpiões vivos, que gulosamente deglutem.

Um adido ao Consulado francês, na Argélia, não dando crédito aos próprios olhos, prometeu dinheiro a um sectário para que,

diante dele, devorasse uma víbora que havia matado antes um galo e uma galinha.

O aissauí provocou o *djedjeb* e, atingido o ponto de exaltação, a devorou.

Outras quatro seitas são conhecidas, na Argélia, análogas a esta. Um décimo e não raro um quinto do total da cidade o admite. Uma sociedade tão numerosa quanto violenta e cruel existe atualmente entre os negros de S. Domingos: é a denominada Sociedade do Voudou. Ignota é a origem desta palavra, que talvez signifique “país das serpentes”. Assim se designam a divindade, a instituição e, inclusive, seus adeptos. Esse deus, em S. Domingos, é a cobra, e na ilha de Orleães a serpente cascavel. É de origem puramente africana e especialmente do Congo e de Juidala. Os sacerdotes do deus exercem autoridade extraordinária, tanto em Haiti quanto no Congo... Ao fundo da sala onde se reúnem os adeptos está a arca santa onde jaz a serpente; ao lado, o papai e a mamãe (o sacerdote e a sacerdotisa do deus) sob grande manto de trapos vermelhos; o papai, pondo o pé e a mão sobre a arca, entoa um cântico sagrado:

*Eh! Eh! Bomba, hon, hen  
canga basio te,  
canga mouni de li*

E transmite uma sacudidela à mamãe, e esta a todo o círculo de espectadores, que é agitado de movimentos coreicos laterais, em que a cabeça e os ombros parecem deslocar-se; exaltação febril se propaga a todos os filiados; os negros entram em singular furor, imergem os braços em água fervente, cortam e rasgam as carnes com uma faca e com as unhas e fazem colocar pilões sobre as costas, e vigorosos homens socam (pilam).

Fatos análogos a estes se registram entre os derviches otomanos. Cada convento de derviches tem uma espécie particular de dança sacra, ou melhor, de convulsões epileptoides. Alguns rezam, fazendo movimentos laterais com a cabeça, outros dobram o corpo da esquerda para a direita e de diante para trás, porém na maioria dos conventos, tais os Kufai, Cadria e Beyrami, usam colocar-se apertados em círculos e, pondo adiante o pé

direito, aumentam a cada passo a força. Começa os Kufai com o cântico de Alá e fazem movimentos laterais de cabeça e põem os braços sobre os ombros dos outros e giram cada vez mais rapidamente, até que caem no “*haleth*” ou raptos. Nesse estado sofrem a prova do ferro candente, ferem-se com alfanjes, etc.

Estranheza análoga narra a Bíblia, dos sacerdotes de Baal, confirmada nos monumentos de Nínive.

Na Índia, os sacerdotes de Siva e de Durga repetem iguais convulsões, seguidas de símiles dilacerações voluntárias, que direi voluptuosas. Outro tanto se observa ainda nos santões do Egito. Uma das cerimônias mais curiosas que praticam os ulemas do Egito é a do “*Zikr*”; realizam-na pronunciando a palavra Alá e agitando continuamente a cabeça e o corpo, até que, sacudidos, exaustos por esses movimentos, caem por terra, a face congestionada, espuma na boca, tal qual os epiléticos, e durante esse frenesi se mutilam e queimam as carnes.

A coexistência de uso tão estranho em raças assim diversas e distantes, semitas, caucásicas, camitas, indica uma causa mais profunda e fisiológica do que a religião, a qual, resultando dos sentimentos do povo, a ele se amolda e, pois, não é uniforme.

E entre as tendências ao contrário, mais características das raças humanas, é o uso daqueles excitantes artificiais do cérebro, a que chamam *inebriantes*, e que crescem em número e atuam com o aumento da evolução. As substâncias mais estranhas têm sido adotadas pelo homem com esse escopo: o vinho, o álcool, a mandioca, a noz de cola, a cerveja, o soma, o ópio, até o ácido láctico e acético (Tártaros) e as injeções nasais de niopo, no Kamtschatska.

Povos que, pelas particulares condições de selvageria, assim os aissuaí, ou pelas leis, tais os maometanos, não podem usar alcoólicos, nem substâncias análogas; suprem-nas com movimentos laterais da cabeça, o mais selvagem modo de inebriedade que seja possível. Que aquele movimento lateral do corpo e da cabeça produza uma congestão cerebral, qualquer um que faça a experiência por algum tempo ficará mais do que convencido.

Uma vez descoberto como com estas práticas obtinham a embriedade e as convulsões – estados tão anormais que só podiam ser interpretados, pelos povos primitivos, como sendo uma obsessão dos deuses, uma segunda, uma nova personalidade que lhes parecia sagrada, divina –, aplicaram tais práticas para entrar em comunicação com os deuses, de igual modo que se serviam dos epiléticos e dos loucos, e mais tarde dos intoxicados e inebriados.

\* \* \*

Mais frequentemente, em verdade, recorreram às substâncias embriagantes. Os sacerdotes antigos, que primeiro notaram a ação estimulante das bebidas fermentadas sobre a mente, reservaram-nas para eles, declarando-as sagradas, como, por igual motivo, declararam sagrada a epilepsia.

A lenda afirma que a vida nasceu de uma gota de sangue divino caída na Terra, o *meth*, bebida da feiticeira nórdica de Quasio, o mais sábio dos deuses. Deuses foram Lieo, Osiride, Dionísio, inventores da vida e iniciadores da civilização. Baco é o deus salvador, o deus mago, o deus médico, e deixa ainda rastros da sua grande influência na blasfêmia: *Sangue, corpo di Bacco!*

Os egípcios só permitiam o vinho aos sacerdotes. O vinho entra no grau de licor sagrado nas liturgias, nas libações e abluções.<sup>123</sup>

O sacerdote indiano é um bebedor de soma. Ao suco da Asclépias, fermentado, ao soma, atribuía a inspiração poética, a coragem dos heróis e a faculdade de immortalizar a vida (Amritam, de onde o abrótono dos gregos, a água da vida, o álcool).<sup>124</sup>

No *Rig-Veda* (VIII, página 48) se lê: “Havíamos bebido o soma, fizemo-nos imortais, entramos na luz.”<sup>125</sup>

No *Yacna*, de Zoroastro, o suco do Haoma, que é o mesmo soma, “distancia a morte”.<sup>126</sup>

O mesmo soma se torna um deus, a rivalizar com o fogo: “Soma, tu que fazes os Richis, que dás o bem, tu immortalizas homens e deuses”, se lê no *Rig-Veda*.<sup>127</sup>

O soma só era permitido aos brâmanes, tal qual no Peru a coca só se concedia aos descendentes dos incas e, entre os Chibcha, aos sacerdotes que se serviam dele como agente de inspiração

Note-se que o soma se denomina “*madhu*”, em sânscrito, e que, em zend, tem significado de vinho, o que liga o *Med* nórdico, o *Madus* lituano e o *Mad* sânscrito com o nosso louco, e, com efeito, Baco, que nasceu deus, é derramado em honra aos deuses, e o delírio báquico é uma virtude profética e a possessão do deus; Esculápio é filho de Baco.<sup>128</sup>

Parece que os primeiros a observarem os efeitos benéficos e maléficos do vinho criaram a lenda da árvore da ciência, ou do bem e do mal, o que se pretende fosse precisamente da maçã, de cuja putrefação saíram os primeiros licores fermentados.

Os assírios tiveram exatamente uma árvore sagrada, a árvore da vida, que era primeiro a asclépias, depois a palma, de onde se extrai ainda agora um licor fermentado. Com os egípcios, era o “*Ficus religiosus*”, cujo suco fermentado tornava imortal a alma.<sup>129</sup> Outros recorreram aos eflúvios de gases tóxicos.<sup>130</sup>

Os oráculos de Delfos, de Delo, de Abe, de Tegiro, etc., na Grécia, estavam em mãos dos sacerdotes, que faziam profetizar uma, duas e por fim três históricas, depois de as intoxicar com fumaça de louro e com as emanções de alguns gases. A pitonisa, essencialmente, se preparava com abluções, fumigações de louro e de cevada queimada. Sentava-se numa trípode, com uma bacia de mão, sobre uma fenda que exalava gases tóxicos – hidrocarburetos e hidrossulfuretos (segundo me escreve Giacosa) –, que lhe envolviam toda a parte inferior do corpo,<sup>131</sup> até que caía em transe, tão enérgico que, às vezes, terminava com a morte; outras vezes, falava em verso e delirava com verbiagem descosida, à qual os sacerdotes davam sentido apropriado e também forma rítmica, valendo-se para isso de poetas especiais.

Nos labirintos de um penhasco de Delfos – escreve Justino – havia pequeno plano e neste um buraco ou fenda na terra, pelo qual manava um sopro frígido, que saía com a força igual à do vento, para o alto, e que mudava a mente dos poetas em loucura (*mentes vatum in vecordiam vertit*”, XXIV);<sup>132</sup> ao princípio, era

ignorada esta virtude, e os pastores para ali levavam os animais a pastar; mas, certo dia, uma cabra, caindo naquela fenda, foi acometida de convulsões imediatamente. Dado o preconceito que relacionava, também no “*djedjeb*”, a convulsão com a inspiração divina, e por isso eram sagrados os epiléticos, daí surgiu a ideia de servir-se desses vapores tóxicos para provocar o profetismo. Mas este se associou primeiramente com a embriaguez báquica, pelo que algumas pitonisas eram dionisíacas, e Dionísio-Baco, segundo a lenda, permaneceu longamente em Delfos.

Esses oráculos, provocados pelos gases intoxicantes, aumentavam onde emanasse gás dos terrenos: nos lagos Averno, Eráclio e Figalo; e, por isso, acreditavam-nos em comunicação com o Inferno, pretendia-se que dessem lugar à evocação dos mortos e, o que é mais simples, à intoxicação inebriante dos vivos, que assim se constituíam em intérpretes dos mortos, ou nigromantes.

É curioso consignar que Porfírio, depois de haver observado de que modo o profeta ou médium se acha frequentemente em estado patológico, e como venha este provocado artificialmente com vapores, bebidas alcoólicas, etc., acrescenta, repetindo quanto analogamente notou Platão:

“A causa, pois, que produz o êxtase pode bem ser uma afecção mental ou loucura patológica derivada de sobre-excitação da psique, tal a que resulta de vigílias prolongadas e de excitações medicamentosas. Quanto ao demônio, aderido a nós, suspeito possa ele ser uma certa parte do Espírito humano.”

Outro exemplo desses médiuns artificiais por intoxicação se pode colher entre os atuais abissínios, nos *Liebescaias* ou “magos descobridores de ladrões”, segundo me refere, atendendo a meu pedido, o colega, Dr. de Castro, em carta que transcrevo:

“Ocorrido um furto, a vítima corre ao *Liebescaia* e confia completamente na sua arte para encontrar o culpado e reaver o furto. Ele, antes de tudo, faz que lhe antecipem o estipulado e, acompanhado de um rapazote de seus 13 anos, se traslada ao local do delito. Feita rápida inspeção, faz que se lhe dê de comer e de beber, e ao jovem comparsa. À noite, um ajudante

do *Liebescaia* permanece no local para fazer a toailete do jovem, lavando-o cuidadosamente com sabão, polindo-lhe as unhas e, depois de nova inspeção do lugar, para certificar-se de que não há substâncias ácidas, que têm efeito antagônico ao da poção da qual diremos, ambos se agacham em um ângulo da casa e dormem até à manhã seguinte. Ao raiar o dia, chega o *Liebescaia*-chefe, acompanhado de um servo, com bolsa de couro a tiracolo, com todo o necessário para a atuação; conduz o jovem para fora da casa e o faz sentar-se no chão; apresenta-lhe um cachimbo amarelo, que é afinal uma cabaça ocada, com água dentro, e um canudo longo, aderido de um lado, com boquilha para sorver, e outro tubo aplicado no extremo da cabaça, com um forninho para acender o fumo.

A preparação da droga se faz com duas ou três espécies de pós, um cor de café, outro violeta e um terceiro de cor por mim desconhecida. Dessa mistura se derrama parte em uma cubeta de madeira, que contém leite, mas, antes de dá-la a beber, fazem-se passes cabalísticos com a cubeta e com o vaso sobre a cabeça do jovem. Outra parte da amálgama é posta no forninho do cachimbo, adicionada de um pouco de fumo aceso. O jovem, depois de haver bebido do vaso, absorve com fortes aspirações o fumo do cachimbo, enquanto o chefe lhe queima incenso debaixo do nariz. Depois de várias e profundas fumadas, o jovem começa a respirar mais frequente, os olhos parecem saltar das órbitas, congestionam-se o rosto, até que, de um salto, sai correndo, com um bastão para abrir caminho, e o ajudante o segue, segurando-o pela borda da vestimenta ou pela extremidade do lençol que leva enrolado em redor do tronco.

Na vez que presenciei este fato, o rapaz, derrubada uma cerca do recinto, depois de haver divagado aqui e ali, entrou em uma cabana indígena, mostrou que o ladrão havia saído dali, reconstituindo seu percurso e reproduzindo as pegadas que aquele teria deixado; depois, reentrando na cabana, atirou-se ao solo, qual corpo morto, dormindo prazenteiro sono de cerca de hora e meia. Despertando, deram-lhe a beber qua-

tro ou cinco copos de água, que vomitou, ficando, embora visivelmente exausto, desperto como antes da hipnose.

O dono da cabana foi, deste modo, acusado de furto. Encontrado o ladrão, ou o que se acreditava o fosse, o infeliz é logo atado. Sequestram-lhe a casa, os utensílios e o dinheiro, até que haja restituído o roubo ou pago seu valor e mais as custas judiciais.

Às vezes, o desgraçado é um pobre que não tem nada de nada, e então é constrangido, para se livrar dos cepos, a angariar a soma imposta entre os piedosos que o queiram ajudar.

Justiça estranha, mas à qual ainda os que dela descreem estão sujeitos de bom grado, porque expedita, e, com todos os seus erros, corta cerce as questões e evita um longo processo. Todos a ela recorrem, até o Negus, que deixa tenham crédito tais usanças, às quais ele próprio não dá muito valor, mas que têm o salutar efeito de fazer medo aos ladrões. Todavia, a fraude ocorre no meio da fraude mesma, se esta como tal se devesse considerar, pois se diz acontecido o caso de algum ladrão pagar o *Liebescaia* para fazer recair a culpa sobre um inocente.

Foi também cômico o caso de um *Liebescaia* que vimos no cárcere de Adis-Abeba, acusado por um colega, com os mesmos materiais do ofício, de falsidade em um furto praticado por aquele.

A profissão de *Liebescaia* é monopólio secreto de certas famílias privilegiadas, que o transmitem de geração em geração. O segredo está, naturalmente, na composição dos pós. Sendo vedado aproximar-se do *Liebescaia*, enquanto está em função, para impedir qualquer indiscreto exame, só resta o recurso da indução. Certo, naquele estado, o mago dos ladrões corre, como se vê frequentemente, por toda parte, superando impunemente os passos mais perigosos, caminhando presto pela borda de precipícios, saltando espinhosas moitas e altos muros, sem cair, nem se ferir e detendo-se somente no local do delito. Crê-se, porém, que, atravessando um curso de água, a ação hipnótica desaparece. Pareceu-me reconhecer, no odor da fumaça do cachimbo, o cheiro da *cânabis índica*

ou “*haschich*”, cujos efeitos inebriantes são bem notórios, máxime se misturados com o “*cat*” ou “*celastrus edulis*”, e o ópio, e se fala também no estramônio e no fumo. Porém, nada, repito, se sabe ao certo.”

### **Castidade nos magos**

Recorrem a outros singulares procedimentos, entre eles, aquela castidade que ficou depois por signo de santidade em algumas religiões, e que é totalmente desprezada pelos selvagens.

É sabido, com efeito, quanto nos povos bárbaros o celibatário é desprezado. Entre os santalos, o velho celibatário não é considerado homem; entre os cafres, não tem voz deliberativa no “*kral*”; no Brasil, entre os tupis não podia tomar parte nas festas; na Polinésia, crê-se que deva sofrer uma pena antes de entrar no reino dos mortos; com os astecas, excetuados os sacerdotes, ninguém pode permanecer solteiro além dos 22 anos e as mulheres além dos 18.

Os atlascalas cortavam o cabelo, em sinal de desonra, aos que recusavam casar; com os hebreus e maometanos o matrimônio era dever religioso; nos sequazes de Zoroastro o homem que não tem filhos vai para o Inferno; em Roma os censores podiam obrigar os celibatários ao pagamento de um imposto especial.

Pois bem: apesar disso, é estranho ver que a castidade se impunha, em câmbio, aos magos e aos sacerdotes, e pelo rito.

Os tlinkiti creem que o mago sciamano, se não permanece casto, é morto pelos seus Espíritos protetores. Os magos patagônios, as sacerdotisas mexicanas, as do Sol, na Pérsia, eram mantidas em castidade absoluta. Os indianos, que tanto honram o matrimônio, acham meritório o celibato para os seus magos e santos.

Westermarck,<sup>133</sup> que recorda tudo isso, explicaria com o fato de que se consideravam as sacerdotisas como esposas de Deus, do Sol, etc., tendo por impureza o contato sexual, ou porque se buscava assim acalmar, com uma penalidade, a cólera dos deuses.

Creio, em troca, que especialmente para os magos se pretendia, com a abstinência absoluta, provocar aqueles transtornos sexuais que se refletem com enorme excitação do sistema nervoso, que pode conduzir ao histerismo e, assim, à mediunidade.<sup>134</sup>

### **Mulheres preferidas ao homem**

Mas, existe outra prova ainda mais curiosa na preferência que, por este aspecto, o da castidade, se dava preferência à mulher.

Nos povos selvagens, e assim nos povos mais antigos, as mulheres, salvo raras exceções que explicaremos, eram tidas em grande desprezo, e alguma vez em horror. Sobejam as provas.

Nos “*barca*”<sup>135</sup> homem e mulher ocupavam rara vez o mesmo leito, porque, diziam, o hálito da mulher debilita o marido. Em Vitória do Oeste (Western W.), a mulher menstruada não pode comer, nem beber; ninguém toca nos alimentos que ela haja preparado, porque debilitariam. Entre os dayaks, de Bornéu Noroeste, aos jovens é vedado carne de animais selvagens, que é o alimento especial para as mulheres e os velhos, pois que os tornaria tímidos qual o cervo.

Um zulu recém-casado não ousa entrar em batalha: se vai, é ferido, pois os homens dizem que o regaço de sua mulher é impuro, isto no evidente intuito de fazer medo à infecção da timidez feminil.

Na tribo Wivaijuri,<sup>136</sup> proíbe-se aos meninos brincar com as meninas e com os omahas, os que o fazem são depreciativamente acoimados de “hermafroditas”.

Entre os samoiedos, os ostiakis e outras populações bramânicas, as mulheres são olhadas como que contaminadas, tanto que o homem evita, inclusive, tocar nos objetos a elas pertencentes e, por isso, as mulheres têm louça e utensílios especiais, e só podem andar, nas lojas, pelos ângulos que lhes estão assinalados; não podem passar na mesma rua dos homens; também não se podem aproximar do fogo, porque até este ficaria contaminado.<sup>137</sup> Se algum homem é obrigado a fazer uso de utensílios

pertencentes a mulheres, tem de purificar-se com fumigações, e assim, quando a mulher aplicou pez na tenda, deve fumigá-la antes de o homem se dignar de ali entrar.

Nas ilhas do sul, às mulheres é proibido tocar no alimento reservado aos homens ou oferecê-lo aos deuses, como se estes pudessem ser contaminados.

Um australiano, verificando que a mulher havia dormido no seu leito, matou-a e morreu de terror 15 dias depois.

Entre os índios da Costa Rica, a mulher, na sua primeira gravidez, infecta a vizinhança inteira: todas as mortes são postas à sua culpa e o marido deve indenizar os danos. Em algumas tribos brasileiras acredita-se que a mulher impede a fermentação do vinho. Em Nukaiva, se acontece a qualquer mulher tocar ou sentar perto de um objeto que seja tabu (tornado sacro) em contato com um homem, aquele não pode mais ser usado, e a mulher é punida de morte. No Taiti, a mulher deve respeitar os lugares frequentados pelos homens e seus apetrechos de pesca e de combate; a cabeça de um marido ou de um pai se contamina com o contato de mulher, e uma esposa ou irmã não podem tocar objeto algum que tenha estado em contato com essas cabeças tabus.

Entre os bürmah, é considerado indignidade ter qualquer mulher acima da cabeça e, para tal evitar, só se constroem casas de um andar. Entre os maoris, as paredes das casas são tabus e nenhum homem a elas se encosta, porque as mulheres costumam esconder nos seus interstícios a roupa usada no período catamenial. Entre os kassas, o marido só pode ver a mulher à noite; ela fica recolhida na parte interior da casa, sem utilizar o resto; à mulher é vedado sair, e qualquer infração se pune com três anos de cárcere (Craroby).

Quando à mulher bakairi se pergunta o nome, responde: “Sou mulher.” Entre os samoiedos, os coreanos, as mulheres não têm nome e assim na antiga Roma. E, entre muitos povos, acreditam que as mulheres não tenham alma. A mulher, por isso, é muitas vezes excluída dos templos, como fazem os árabes, em Meca;

segundo alguns teólogos, não há para elas lugar no Paraíso; assim, também, nas ilhas Sandwich.

Entre os fijis, os cães são excluídos de alguns templos e as mulheres de todos. Nas ilhas Marquesas, são diretamente mortas as mulheres que penetram no templo onde se celebram cerimônias religiosas, ou toquem com os pés as sombras das suas árvores; a segregação das mulheres se estende, pois, às festas, aos banquetes; muitas vezes há danças de pessoas, todas de um só sexo, nas quais a intervenção do outro sexo à punida com a morte. Tal separação dos dois sexos se faz, entre os groenlandeses, inclusive nos acompanhamentos fúnebres. Se uma indiana toca em uma imagem, a divindade desta é anulada e deve ser posta fora.

### **Magos, padres vestidos de mulher**

Sendo tão grande o desprezo pela mulher entre os povos selvagens, parece bastante estranho o fato de que exatamente entre os selvagens e entre os povos mais antigos os sacerdotes e os magos adotassem vestes, ornamentos e, pode-se dizer, a aparência de mulher.

Por exemplo, nos teadyaks, alguns padres pretendem ser mulheres, assim se vestem e querem ser tratados nessa condição. Entre os kodyaks, homens há, vestidos de mulher, que são olhados e respeitados como magos. Vimos anteriormente que o mago Daiaco se veste de mulher e desposa um homem e uma mulher.

Os sacerdotes persas usavam na cabeça uma tiara que tinha uma espécie de máscara com duplo véu na parte inferior do rosto, para que o hálito não emporcalhasse a sagrada vestimenta. Ora, é sabido que as mulheres em quase todo o Oriente, entre os frígios e entre os scioanios, cobrem a cabeça com véus, de igual modo que os assírios trazem a tiara. Os hebreus usavam uma espécie de coifa, tiara ou mitra, ornada de ouro, coberta precisamente com um véu, amplos calções e dupla sobrepeliz. Os sacerdotes frígios, da deusa Cibele, eram chamados “curetos” ou “coribantes” e também “galos”; usavam, na festa de Cibele, conduzir a imagem da deusa, dançando ao redor desta, e depois,

com a espada desembainhada, cortavam a pele, flagelando-se, castrando-se, gritando em altas vozes e, cantando, atiravam os órgãos no lugar sagrado. Em seguida vestiam-se de mulher.

Esses “galos” eram uma espécie de charlatães (nota Plutarco) que vendiam oráculos, em maus versos, a mulheres de baixa condição. Amiúde levavam em sua companhia velhas que faziam encantamentos, murmurando versos.

Os sacerdotes egípcios eram barbeados e depilados, e usavam colares de pérolas ou anéis nos pés, tal qual as mulheres; os sírios e fenícios usavam vestes de várias cores e túnicas brancas, ornadas de púrpura, que se atavam com um cinturão de linho ou seda; eram vestidos de mulher e, tal qual esta, pintavam o rosto e as sobrancelhas.

Em muitas tribos selvagens da América do Norte, certos homens se vestem de mulher. Segundo Marquette, próximo de Illinois ou dos Nadovessi, estes homens, assim tão afeminados, eram considerados, pelo estranho modo de viver, no grau de maniteus ou santos. Encontravam-se também entre os americanos do Noroeste, mas ali se relacionavam com o sacerdócio ou magia.<sup>138</sup> Em Virgínia, os magos traziam pregueada saia de mulher, presa na espalda direita e descendo até meia coxa, cabeça raspada, salvo o vértice, onde ficava um tufo, e o corpo pintado de várias cores.

Entre os patagônios, há sacerdotes profetas para os dois sexos; os homens devem usar vestes femininas e observar o celibato, ao qual, em contrário, não estão sujeitas as mulheres. Sua vocação se anuncia com paroxismos epilépticos e convulsões.

Os cristãos, nos primeiros quatro séculos, não usavam vestimenta particular. S. Jerônimo (século IV) é o primeiro dos santos que fala de vestes especiais dos ministros do altar, imitadas dos orientais. Os antigos padres vestiam túnica branca, como se vê no mosaico de Santo Ambrósio.

Os sacerdotes de alta categoria usavam e usam a tiara, a estola, sobrepeliz, casula e o amito, lenço branco que colocavam no pescoço para não molhar de suor os hábitos. A alva era uma espécie de camisa que chegava aos pés, mas nos primeiros

séculos se usava também fora da igreja, ficando depois apenas para os sacerdotes ante o altar.

Antigamente, usavam panos, ornados de seda e ouro, no peito e costas, nos punhos e nas faldas, tal qual as mulheres usam.

Na catedral de Viterbo se conserva uma alva do bispo Firentino, em conjunto com um amito, onde se vê uma tiara de brocado sobre ele, com letras góticas trabalhadas com missangas. Esses usos duraram até 855.<sup>139</sup> Atualmente esta sobrepeliz é ornada com rendas, mais ou menos belas, segundo o grau, e com seda, como usam as mulheres. Na sexta-feira santa as alvas eram de tecido preto.<sup>140</sup>

### **Histeria e magia na mulher**

Qual pode ser a causa dessas contradições? Como compreender que a mulher, desprezada pelo homem, em nível abaixo dos animais, fosse ao mesmo tempo objeto de tanta veneração? A explicação não é muito difícil, porque, antes de tudo, os sacerdotes conservaram sempre o uso mais antigo, e o vestuário feminino, que se pode reduzir a um grande lençol posto em torno de todo o corpo, é mais antigo do que o masculino comum, o qual, como foi bem demonstrado por Hæckel, é a redução do traje militar. Quando o homem adotou uma veste especial, à imitação do guerreiro, o sacerdote não o seguiu, mas adotou o da mulher, não o vestido, e sim os adornos, a moda de cortar o cabelo, a ausência de barba.

Isto me parece facilmente explicável, pelo fato de que a mulher, mais predisposta à histeria, era mais apta para a hipnose e, portanto, para dar lugar àqueles fenômenos verdadeiramente misteriosos da telepatia, da mediunidade, dons a que o sacerdote, que costumava monopolizar tudo quanto se relacionava com o seu ofício, aspirava mais do que a qualquer outro dote.

Que a mulher seja mais facilmente histérica do que o homem é coisa notória, porém poucos sabem, talvez, quanto é mais facilmente sujeita aos fenômenos hipnóticos. Segundo Pitres, 1/3 das mulheres e só 1/5 dos homens histéricos são sujeitos a fenô-

menos hipnóticos. Sobre 350 pessoas hipnotizadas por Bertillon, 265 eram mulheres, 50 homens e 45 meninos.

De um estudo feito entre 17.000 indivíduos, resultou que 12% das mulheres e 7% dos homens têm alucinações verídicas. Segundo Jastrow, 15 por 1.000 dos homens e 26 por 1.000 das mulheres sonham com frequência; 7 por 1.000 dos homens e 8,3 por 1.000 das mulheres sonham todas as noites.

Ora, a observação prova que o histerismo e o hipnotismo, com os povos selvagens, tomam mais facilmente a forma de magia, de bruxedo e de profecia e, por isso, se acredita sejam as mulheres mais idôneas para aquela função.

Bodesi calcula que a proporção entre bruxas e bruxos é de 50 por 1.

Os haffiros, do Estado livre de Orange, acreditam que a maldição do homem seja sem consequência, mas a de mulher seja sempre eficaz.

*As mulheres* – diz o povo de Peshawar – *são todas bruxas*; por várias razões, podem não exercitar seus poderes, mas estes lhes são inerentes. E, assim, as mulheres são todas tidas por bruxas em Gampur e em Faos, etc.; em Pangar, se ocorrem três ou quatro mortes sucessivas, as mulheres do lugar se tornam suspeitas imediatamente e a culpada é descoberta por meios especiais.

Na Costa dos Escravos são as histéricas tomadas pelos Espíritos, e por isso destinadas aos ofícios religiosos; dominam completamente os maridos, que as servem.

Os fuegianos celebram uma festa comemorativa da liberação dos homens das mulheres que, possuindo os segredos da bruxaria, tinham em mãos o poder.

Todos conhecem que o oráculo de Delfos estava essencialmente em mãos de mulheres histéricas, convulsionárias, dirigidas por sacerdotes masculinos.

A função de profetizar, a princípio, era confiada a adolescentes consagrados a Apolo; mas, havendo surgido inconvenientes, escolheram-se mulheres avançadas em idade, que se chamavam Pitonisas (veja-se Parte I). Não podiam profetizar quando queri-

am; só o faziam uma vez ao ano, depois duas, e antes deviam tornar o deus propício. Para os dias solenes, a Pitonisa se preparava com grandes jejuns, que duravam três dias, depois imergia na fonte Castália, e mastigava folhas de louro. No dia prefixado, Apolo se manifestava, agitando o louro que estava sobre a porta do templo, e então se colocava a Pitonisa sobre uma trípode, em meio de uma atmosfera densa de vapores de ervas odoríferas, que eram queimadas debaixo dela. Apenas sentia o sopro divino, eriçavam-se-lhe os cabelos, extraviava-se-lhe o olhar, boca espumosa, o corpo se contraía tremente e, debatendo-se em mãos dos sacerdotes, emitia grunhidos e gritos que enchiam o templo. Depois desse culto a Apolo, enfermava por dois meses e muitas vezes sobrevinha a morte.

Até entre os hebreus, onde a mulher era assim desprezada, houve mulheres profetisas: Maria, irmã de Moisés; Débora, Holda e, no Novo Testamento, Ana Maria e as quatro filhas de Filipe, o evangelista.

As mulheres hebreias não tomavam parte nas funções sacerdotais, o mesmo se verificando entre os muçulmanos, pérsios, budistas; porém, entre os romanos e os gregos presidiam a muitas funções religiosas, especialmente aos oráculos nos santuários, e mulheres eram vestais.

Os gauleses e os germanos acreditavam as mulheres mais aptas do que os homens para receber o Espírito profético. Entre os etruscos, as mulheres tinham grande parte no culto, sendo também admitidas ao sacerdócio em maior número do que os homens. As druidesas, segundo uns, só podiam revelar o porvir ao homem que as havia profanado; segundo outros, deviam consagrar-se a largo celibato, não ver o marido mais do que uma ou duas vezes ao ano. Parece que dividiam com ele as funções do sacerdócio, pelo que, durante sua ausência, podia ele imolar vítimas à divindade. Em alguns santuários, só as mulheres davam oráculos, tal era, por exemplo, o de Namnete, na ilha de Sena, onde as assim chamadas “virgens terríveis” davam oráculo só aos marinheiros; curavam males incuráveis; conheciam o futuro e, algumas vezes, assistiam ao sacrifício noturno, nuas, pintadas de preto, agitando-se em frenesi. Sua principal função

era consultar os astros, tirar horóscopos e predizer o futuro, pelas vísceras da vítima ou pelo modo do coagular do sangue.

Eram as druidesas de última classe as que davam as consultas nas margens dos lagos.

Os germanos nada empreendiam sem a interpretação da profetisa que supunham inspirada, e nem davam batalha, ainda que com condições favoráveis, se a interpretação a tal se opunha. As druidesas conservaram-se influentes na Gália, mesmo depois da dispersão dos druidas, sob os imperadores romanos e, com o nome de “Fanice-Fatue”, que está em relação com o nosso *fanático*, e decerto com “Fee” (fada), profetizavam do fundo das cavernas, dos poços secos.<sup>141</sup> As “*fades*”, ou fadas, eram, em sua origem, um colégio de mulheres profetisas, que sucederam as druidesas. Acreditavam-se imortais; atribuía-se-lhes poder sobrenatural; tinham especiais funções sacerdotais, que exerciam em afastados bosques. Sob a dinastia dos primeiros reis de França, eram todavia muito influentes. Sob Carlos VII, tinham ainda crédito, e no processo de Joana d’Arc lhe foi perguntado se ela era fada.

### **O traje do homem pré-histórico**

Talvez esta função provavelmente mágica da mulher se inicie no final da época paleolítica, e quiçá também explica a sua primeira vestimenta.

Até agora se supunha que na época pré-histórica o homem vivesse nu e que se vestisse ou mesmo se cobrisse com adornos muito antes do que a mulher, cujo vestuário e coquetismo surgiram em tempo quase histórico, aparecendo nos poucos fragmentos que se possuem com a estranha peculiaridade das hotentotes, o ventre enormemente avultado pela gestação, porém nua sempre.

Um singularíssimo documento publicado na *Anthropologie* (fasc. 1 e 2, 1909), trata da pictografia encontrada na rocha, perto de Cretas, sobre o Ebro, na Espanha, exibindo, ao revés, o homem completamente nu, a cujo redor dançam oito mulheres

cobertas de saias, com o peito descoberto, mostrando os seios muito prolongados, tal qual os das hotentotes.

É notória a maneira com que os magos e os bruxos se adornam, no momento da sua função: de ossos, chifres, enfeites estranhíssimos e também de peles, que constituem seu uniforme de cerimônia.

É provável que aqui se trate de uma dança mágica e que a mulher, que pelos povos primitivos é desprezada como mulher – e venerada como maga, provavelmente pelo seu maior histerismo – adotasse, como tal, aquela espécie de vestimenta, não por adorno, mas por dique às emanções genitais, tão temidas pelos selvagens, pois podiam perturbar as sagradas cerimônias. E quiçá deste princípio a mulher começou a usar vestimentas que a coqueteria completou e perpetuou.

### **Que fez o sacerdote?**

Isto posto, que restava ao sacerdote fazer, a fim de que a desprezada mulher não lhe tirasse os atributos mais específicos de suas funções? – Nada mais do que tentar o confisco do privilégio, assumindo-lhe o sexo. É sabido que o sacerdote monopolizou sempre, na antiguidade, todas as artes e noções que, de perto ou de longe, dissessem com o seu ofício. Com efeito, nos primitivos tempos, da cozinha (o primeiro sacerdote foi, como atesta Atênio Dipnosofista, cozinheiro que dava a carne cozida e salgada aos antropófagos, aos quais presidia depois nos sacrifícios) passou à Astronomia, à Medicina. São padres, médicos e adivinhos na América, na África, e os há também nos países católicos, nos quais se fizeram de médicos, e muitas farmácias têm o nome de monges e de santos.<sup>142</sup> Jahova aos Jahiti fazem de sacerdote e de médico no Brasil (?); entre os guaranis e piaies são médicos e padres. Segundo o Eclesiaste, 38, I, a virtude dos remédios vem de Deus e os reis deviam saber Medicina (Isaías, 3: 7).

Na Idade Média, a Medicina foi exercida longos anos pelos eclesiásticos, na espécie de curandeiros. Foram célebres Constantino Cartaginês, Alfonso (século X), Menge, bispo de Winchester, Pedro Lombardo e Bruno.

O Concílio de Revins (1131) proibiu os monges de exercer a Medicina, porém Bonifácio X levantou a proibição.<sup>143</sup>

Mais ainda se poderia dizer da Meteorologia, pois que, não faz muitos anos, acusavam de sacrílegos os que se dedicavam a ela sem serem clérigos.

Como, pois, não deviam monopolizar a arte mágica e profética, tão comum e tão especializada na mulher?

Que fizeram? Em alguns sítios, arrolaram as mulheres ao seu serviço, tal como eram as pitonisas na Grécia, ou trataram de mear com elas a arte e os proventos, desposando-as ou violentando-as, como foi com os druidas, ou deixando a elas uma parte secundária, como se fez entre os povos romanos e etruscos; algumas vezes venceram-nas totalmente, como ocorreu com os fuegianos, que ainda festejam a liberação dos homens da bruxaria feminina.

Mas, a supremacia da mulher se sobrepôs a todos os esforços, porque se baseava em suas condições orgânicas, e vimos que os gauleses e os germanos as consideravam mais aptas às profecias, não obstante esses esforços dos sacerdotes masculinos, seus rivais. E vimos que na ilha de Sena as druidesas predominavam completamente, como a fundo predominavam em Delfos, e também totalmente predominavam nas Costas e na Gália medieval.

Então, só restou aos sacerdotes o recurso de dizerem: *Sejam mulheres*, e, porque o hábito faz o monge, assim começaram a vestir trajes femininos, deixando de parte todo o resto da vestimenta de guerreiros, que ficou apenas para os leigos.

Isto era visto, em parte, também na antiga Roma. Nos mistérios da Boa Deusa só consagravam mulheres; as vestais não eram sacerdotisas. Os homens eram excluídos.

Ora, segundo Juvenal, como os homens queriam imitar os mesmos mistérios, para observar antigos ritos vestiam-se de mulher, adornando também a cabeça com faixas e pondo colares no pescoço. Em alguns casos, e assim entre os frígios (coribantes), patagônios e em muitos peles-vermelhas chegaram até à autocastração (v. supra) ou à efeminação, e acrescentaram, para

completar a transformação, as joias no penteado e barbeando-se, característico este que se observa nos padres católicos hodiernos.

Não podendo vencer ou suprimir as mulheres, mascararam-se de mulher e tiveram suas razões, porque a supremacia lhes foi completa, havendo também, na magia e na profecia, reconquistado a primazia.

E se agora, pela voz do Vaticano e dos seus órgãos, decretam anátemas contra o Espiritismo (que eles exercitaram sob o nome de *profecia*, para o que fizeram tantos sacrifícios) e contra o hipnotismo, é porque, nas rápidas descobertas sobre estes fenômenos, ainda não encontraram o modo que tornaria fácil monopolizá-los e confiscá-los a seu talante.

Assim, anatematizaram os meteorologistas, porque entravam nos seus domínios, e os fundadores da moderna Astronomia, Galileu e Copérnico; porém, quando viram que seus decretos não produziam efeito, porque partidos de leigos, dedicaram-se a fazer, quanto lhes era possível, astrônomos e meteorólogos, jurando e perjurando que sempre haviam protegido as ditas ciências, quando, ao revés, as perseguiram.

Assim, em Astronomia, destacaram-se os padres Secchi, Denza, Piazzzi, Francott e Giovanazzi, que fundaram, no mínimo, quinze Observatórios.

O mesmo não sucederá dentro de não muito tempo, quando os fenômenos mediúnicos entrarem (o fundamento seria justíssimo) a fazer parte de uma nova religião ou das antigas; então procurarão tirar proveito.

\* \* \*

O que mais importa em tudo isto é a analogia entre todas as variedades de médiuns, nos vários tempos e povos. As manifestações especiais dos faquires repetem, exageram aquelas dos nossos médiuns, em especial as levitações, transportes, materializações, invulnerabilidade, incombustibilidade, profecia, xenoglossia. E quando falamos de convulsionários, quando encontramos os magos-médicos nos peles-vermelhas, como quando falaremos dos camisardos, encontrar-se-ão os mesmos caracteres, que são todavia análogos aos notados por Clemente XII para

distinguir os verdadeiros dos falsos santos;<sup>144</sup> os mesmos caracteres davam os hebreus aos profetas.

Ora, estes fenômenos, vistos singularmente, parecem justamente inverossímeis, porém surge a grande verossimilhança, por não dizer a certeza, do fato de que se repetem em épocas, em regiões e em nações diversas, sem ligações históricas entre si, e algumas, ao contrário, em completo antagonismo religioso e político. E, a exemplo dos nossos médiuns, trazem nevroses graves e dão lugar aos maiores prodígios, quando em estado de coma, êxtase, catalepsia, e também agem como se estivessem em um espaço de quarta dimensão, sob a influência de seres diferentes dos vivos e que prestam aos médiuns momentânea superioridade sobre os viventes privados desta associação.

À objeção de que as maravilhas mediúnicas se tornaram raríssimas, é fácil responder que, como vimos pouco acima, nos níveis populares são frequentíssimas, e que seriam também mais frequentes nas outras classes, se fossem acolhidas pela opinião pública, porém são negadas ou esquecidas, como se não houvessem ocorrido. Isto se depreende, porque a Estatística, a História e a imprensa suprem a curiosidade do público, dando respostas mais seguras de fatos distantes e ainda sobre as probabilidades futuras.

Eu, que por muitos anos venho estudando os fenômenos hipnóticos, tão análogos aos espíritos, observei que muitos destes deviam ter sido mais frequentes em tempos anteriores, em que a magia, a telepatia, a revelação em sonhos e a profecia estavam tão disseminados, e em que havia profissionais para as provocar e comunicar.

É provável que em tempos antiquíssimos, em que a escrita era embrionária, a transmissão do pensamento dos hipnotizados, a profecia e a magia mediúnica fossem mais repetidas e mais resguardadas. E que, por isso, os povos selvagens, em vista da sua maior frequência nas mulheres, nos castos e nos neuróticos, chegassem a escolher entre estes os seus médiuns e fazê-los ou criá-los artificialmente.

Mas, com o incremento da civilização, com a escrita, com a linguagem sempre mais aperfeiçoada, o trâmite direto – o da transmissão do pensamento – se tornou para eles incerta e, com maior razão, prejudicial e incômoda, traindo o segredo e comunicando as ideias com erros e confusões sempre maiores do que quando por meio apenas dos sentidos, pelo que foi desaparecendo de todo, e assim diminuíram e sumiram também os profetas, os magos e as aparições.

E enquanto perduram, em vasta escala e em nossos vulgos, nos selvagens e bárbaros (indianos, peles-vermelhas, etc.), em nossos tempos na alta classe só repululam em casos absolutamente patológicos ou nos nevropatas, o que se harmoniza com a genial explicação de Myers (veja-se a Parte I).

Segundo Myers, estes fenômenos acontecem porque, além da nossa personalidade comum consciente, que age e pensa, possuímos uma segunda personalidade inconsciente (que ele denomina *eu subliminal*), de capacidade muito superior à consciente, na qual se englobam faculdades que se foram perdendo na luta pela vida, tal o sentido do rumo, o do tempo, o dos pressentimentos, o da telepatia. Quando esta segunda personalidade (ainda que pululando de vez em quando) pode ser sotoposta e dirigida pela primeira, surgem os gênios e os santos que dominam o mundo; quando, ao contrário, as duas personalidades se fundem e se confundem, temos os histéricos e, o que é pior, a loucura.

Nossas faculdades ordinárias são as que ficaram vitoriosas na luta pela vida e continuamente se vão modificando; assim, por exemplo, o sentido artístico e o moral são faculdades desenvolvidas com o dano do sentido do rumo, do tempo, do olfato e de quantas outras faculdades possuídas pelos nossos antepassados.

\* \* \*

Assim é que a demonstração da existência, da potência e da origem patológica do médium se confirma com o consenso universal de todos os povos antigos e selvagens, consenso levado até ao ponto de adoração do epilético e da produção artificial de nevróticos para obter um profeta e um mago (que é o gênio dos povos bárbaros), e até a respeitar e a exigir, por isso, a despreza-

da castidade, e ainda a mais desprezada feminilidade, e até, com maior razão, a mascarar de mulher o sacerdote-homem.

## CAPÍTULO VI

### Limites à influência do médium

Tudo isto prova e confirma a grande influência do médium nos fenômenos espíritos, que pareceriam devidos à projeção e transformação da sua energia, visto seu enorme esgotamento depois das sessões, perda de forças e peso ao ocorrerem fenômenos na sua imediata vizinhança, etc.

Seria, porém, enorme exagero acreditar que tudo isto fica explicado, embora à primeira vista esta hipótese nos sorria. Assim, é em verdade fácil supor que, quando ocorre a transmissão do pensamento, a distância, aquele movimento cortical, no qual consiste, se transmite pelo éter a grande distância, de um cérebro predisposto a um outro e que o pensamento, movimento molecular do cérebro, se propague em vibrações etéreas e que, como essa força se transmite, possa também transformar-se, e de força psíquica converter-se em motora e vice-versa, tanto mais porque temos no cérebro centros que presidem oportunamente o movimento e o pensamento, e que, quando irritados, e assim nos epiléticos, provocam ora movimentos violentos das artes, ora as grandes inspirações do gênio ou o delírio do louco.

Mas, justamente Ermacora me fez observar que a energia do movimento vibratório está em razão inversa do quadrado da distância, e então, se se pode explicar a transmissão do pensamento a curta distância, mal se compreende os casos de telepatia de um a outro hemisfério terrestre, que se produzem em idênticas manifestações espíricas, e mal se compreende como este movimento vibratório fira o percipiente sem sofrer desgaste, mantendo um paralelismo de milhares de quilômetros e partindo de um instrumento não fixado sobre base imóvel.

Se a exteriorização da motricidade e da sensibilidade encontrada por Albert de Rochas no médium explica muitos fenômenos espiritistas, por exemplo, que o médium veja, em transe, a distância, na escuridade, com os olhos fechados; que sinta os pontacos feitos no fantasma; que se transporte com o pensamento a distância, e alguma vez com o corpo a um ponto distanciado,

e aí fazer que se mova e atue um corpo igualmente a uma certa distância por meio dos apêndices fluídicos do seu duplo (v. cap. I), e ainda possa dar lugar a um fantasma, ou melhor, à reprodução exata do seu corpo (v. capítulo XI), tal exteriorização não pode explicar o desenvolvimento de forças e de energias muito maiores do que as suas próprias, que adquire da associação com o Espírito, nem pode explicar a formação de fantasmas absolutamente diferentes do seu corpo, nem ainda os fenômenos de profecia, de materialização e rematerialização que se subtraem a toda potência humana. Quanto à explicação intentada, principalmente para os médiuns escreventes, de que neles atua um único hemisfério cerebral, preferencialmente o direito, permanecendo o esquerdo inerte, e fundada na inconsciência e no improvisado canhotismo de muitos deles (Smith), a explicação não serve para aqueles que escrevem simultaneamente duas ou, o que é pior, três comunicações. Vale recordar aqui, contra esta hipótese, a simultaneidade de vários fenômenos nas sessões mediúnicas. Por exemplo: Numa sessão realizada em Milão, em que Eusápia estava em completo transe, apareceu à minha direita e dos vizinhos uma figura de mulher que me disse uma palavra. No centro, estava Eusápia adormecida, próxima, e sobre mim se inflava a cortina; ao mesmo tempo, à esquerda, se movia um velador na câmara mediúnica e dali um pequeno objeto era trazido para a mesa, que estava interposta no meio.

Em Gênova, Barzini tocou, entre os cabelos de Eusápia, em estranha mão, que se movia, ao mesmo tempo em que a parte esquerda da cortina inflava, segura por um punho que avançava, agitando o pano sobre a cabeça dos controladores que se achavam em torno da médium. Simultaneamente, Bozzano, que estava a um metro de distância da médium, sentiu que lhe tocavam nas costas várias vezes.

Enquanto um me toca e se apoia por detrás de mim (escreve Visani Scozzi; veja-se cap. XIII), vejo na janela um perfil de pessoa e outro ser toca em Mainardi. O Dr. Imoda observou que, enquanto um fantasma tirava uma pena das mãos do Sr. Becker e a devolvia, outro fantasma apoiava a fronte em suas costas. Outra vez, enquanto eu era acariciado por um fantasma, a prince-

sa Ruspoli sentia-se tocada na cabeça e Imoda sentia que outra mão apertava fortemente a sua.

Temos notado que muitos médiuns escrevem simultaneamente com ambas as mãos e falam com um terceiro (Aksakof).

Mansfeld escrevia com as duas mãos, ao mesmo tempo e em dois idiomas, e falava de outro assunto com os presentes, e, entre outras coisas, anunciou a morte de Jacobs, que ocorria naquele instante (Mosers). E Mosers, em uma sessão mediúnica, ouviu soarem simultaneamente três instrumentos.

Como explicar que a força psíquica de um médium não só se transforme em motora e sensória, mas também, ao mesmo tempo, aja em três diferentes direções e com diversos objetivos? E se não é possível a um homem são, no pleno uso dos seus sentidos, voltar a atenção ao extremo de conseguir fenômenos objetivos em três diferentes direções, como é possível isso a um médium em estado de automatismo? E há fatos que ocorrem contra a vontade do médium e também contra a vontade do pretense Espírito operante.

Tendo ouvido dizer que em uma sessão, com o Duque de Abruzzi, a mesa, com o movimento de seus quatro pés, marcou o ritmo da Marcha Real, eu disse, pilheriando, que em Turim também as mesas, e até “John King”, eram monarquistas; mas, não havia ainda terminado a frase, quando a mesa começou a protestar, com movimentos tão expressivos, que os teria interpretado qualquer profano em linguagem tipológica.

E tendo eu repetido: “Oh, John, então não és monarquista?”, a mesa negou fortemente com os dois habituais golpes, e isto se deu em outras sessões. Então me veio à mente que a ideia houvesse partido de Eusápia, tanto mais que em Nápoles os paroquianos são ardentemente devotados à Monarquia. Na intimidade que mantinha com ela, fiz um dia recair a conversa para esse tema, e a pobrezinha que, em sua movimentada vida, teve muitos e nem sempre alegres contatos com príncipes e reis, me afirmou que não possuía nenhuma ideia política; que o rei não lhe interessava de todo; que o governo que mais teria preferido seria o que pensasse nos pobres, e em suas conversações seguintes

jamais se contradisse. Com relação ao Duque de Abruzzi, que a remunerou largamente por uma sessão, estava queixosa, porque S. A. não lhe dera o cartão de visitas e não tivera para com ela o tratamento que outros lhe davam. Aquela manifestação monárquica não podia, pois, partir nem de Eusápia, nem de “John”, e estava, mesmo, em contraste com os seus sentimentos.

Algumas vezes, escreve Aksakof,<sup>145</sup> o médium não quer que um nome seja pronunciado, e vice-versa, e a mesa o revela.

Frequentemente se pedem letras e são obtidos algarismos, que nada expressam, se o Espírito não dá a chave para decifrá-los. Também com frequência surgem anagramas, palavras escritas em sentido contrário e com transposição de letras, que embarçam; a ortografia é abreviada e simplificada e do modo mais curioso, e as mensagens se sucedem com tal rapidez que não as podemos seguir e entender. Outras vezes, os Espíritos se opõem à vontade do médium, e Aksakof refere o caso de um médium que, desejando entrar em comunicação com sua falecida mãe, recebeu recusa e a comunicação tiptológica: “Não quero que te ocupes de Espiritismo.” E a de um viúvo que fundou um Centro com o exclusivo objetivo de obter comunicações de sua falecida mulher, círculo formado só por parentes dela, que lhe conheciam intimamente a personalidade; mas, assim mesmo, não puderam jamais entrar em comunicação com ela, enquanto que podiam fazê-lo com outros Espíritos.

Bozzano refere que, certo dia, propondo a Eusápia uma outra sessão para o dia seguinte, ela se opôs formalmente, sabendo quanto a sequência de sessões a exauriam; porém, “John” não só protestou, exigindo a sessão, mas, porque Eusápia persistisse na recusa, chegou a esbofeteá-la.

Stainton Moses, médium religiosíssimo, teólogo, encontrou muitas vezes em seus escritos automáticos proposições ateias, satânicas. “Quase todos os meus escritos automáticos – confessa ele – eram contrários às minhas convicções.” Médiuns pios escrevem, inconscientemente, blasfêmias, obscenidades, e uma rapariga chegou a confessar, em transe, vergonhas tais que teria preferido morrer antes do que as revelar.

Certo dia, disse Eusápia ao Sr. R.: “Este fantasma vem por tua causa.” E imediatamente caiu em profunda letargia. Apareceu então mui formosa mulher, com os braços e espádua cobertos com as bordas da cortina, porém deixando adivinhar as formas. Cobria-lhe a cabeça véu finíssimo, soprou cálido hálito no dorso da mão de R., levou-lhe a mão aos cabelos e lhe mordeu levemente os dedos. Nesse entretempo, Eusápia dava gemidos prolongados que denotavam penoso esforço, que cessou ao desaparecer o fantasma. Este foi visto por dois outros dos presentes, e voltou mais vezes. Pediu-se-lhe então que se deixasse fotografar. A isso assentiram Eusápia e “John”, mas o fantasma, acenando com a cabeça e as mãos, se opôs e rompeu por duas vezes a chapa fotográfica. Pediram que se obtivesse ao menos o molde de suas mãos, mas, desta vez ainda, o fantasma fez repetidos gestos de negativa, com a cabeça e as mãos, e, conquanto Eusápia e “John” promettessem interceder pelo nosso desejo, nada conseguiram.

Na última sessão, a promessa de Eusápia se tornou mais intensa, e os habituais três golpes de assentimento se repetiram várias vezes, e, com efeito, se ouviu na câmara o ruído de mão submergindo no líquido; segundos depois, R. teve na mão um bloco de parafina com o molde completo, porém, uma mão fluídica, saída da câmara, o fez em pedaços. Tratava-se – sabemos depois – de mulher viva, porém adormecida, outrora amante de R., residindo na mesma cidade, e que tinha grande interesse em não deixar prova da sua identidade.

É assim evidente, pois, que nos fenômenos espiritistas pode interferir uma terceira vontade que não a do Espírito, nem a do médium, nem dos presentes à sessão, mas, ao revés, contrária à de todos juntos.

Os Espíritos dão com frequência aos médiuns instruções acerca do regime de vida que devem seguir e, se estes se opõem, eles os obrigam até à força.

Aksakof narra, por exemplo, o caso de um médium muito guloso, ao qual o Espírito proibiu carne, chá, café e fumo. Quando o médium se dispunha a transgredir-lhe as ordens, o Espírito o advertia por meio de golpes sobre a mesa em que estava comen-

do. E, se acontecia não se desse por entendido, a mesa se colocava em oposição direta com ele, e alguma vez a voz mesma do Espírito se fazia ouvir para exortá-lo a seguir as prescrições dietéticas que haviam sido impostas. A saúde do médium terminou assim se restabelecendo completamente. Mas, uma vez em que, numa travessia marítima, se deixou vencer pela tentação de fumar um charuto, foi amargamente castigado, porque, apenas desembarcado, durante um transe, foi atirado violentamente ao chão, e um coto de charuto lhe foi introduzido à força na boca.<sup>146</sup>

E quando o médium abusa das faculdades e se entrega a excessos que possam ter funestas consequências para a sua saúde, os Espíritos que dele se servem recorrem nessas ocasiões a meios violentos para reconduzi-lo à razão, como se vê no seguinte caso que Aksakof<sup>147</sup> tirou de um artigo de M. Brackett:<sup>148</sup>

Uma viúva, que abusava de suas faculdades mediúnicas, foi muitas vezes advertida pelos Espíritos para que moderasse sua ação, mas, porque não os quisesse ouvir, certo dia estes a convidaram a descer à adega e a entrar em um tonel. Um seu irmão, médico, que já duvidava das faculdades mentais da irmã e a julgava louca, surpreendendo-a naquele lugar, confirmou sua opinião e a fez encerrar em uma Casa de Saúde. E porque ela se lamentasse com os Espíritos pelo mau gracejo que lhe haviam feito, eles responderam: “Fizemos para teu bem, a fim de te subtrair à ruína moral e física para a qual te encaminhavas. Aqui, ao menos, te tranquilizarás.” E assim acontece em muitos casos.

Os fatos precedentes poderiam explicar-se ainda admitindo que, em parte, fossem desejados das vítimas, porque redundam em seu proveito, mas veremos que não são raros os casos de pessoas perseguidas ferozmente pelos Espíritos, para que, contra toda a vontade, se façam médiuns, e ainda sem razão alguma. É conhecido o caso do Dr. Dexter, céptico dos fatos do Espiritismo e do qual lhe repugnava ocupar-se, apesar de constrangido por uma série de perseguições.

Certo dia, estava sentado em seu gabinete – com o pensamento bem distante do Espiritismo –, quando, de golpe, sentiu num braço estranha impressão como se duas mãos o tivessem apertado à altura do ombro. Tentou erguê-lo, mas não o conseguiu. Em

seguida, sua mão começou a tremer como que violentamente sacudida; no mesmo momento, ouviu dois golpes fortíssimos batidos na parede.

– Estes golpes são produzidos pelos Espíritos? – indagou em voz alta.

E ouviu outros três golpes. Perguntou ainda:

– Os Espíritos querem exercitar sobre mim a sua influência?

E os três golpes foram repetidos. Quis deitar-se, mas os golpes perseguiram-no no quarto de dormir. E então se distanciou de qualquer sessão espírita, julgando assim ficar a coberto de toda perseguição, mas os fenômenos, ao revés, cresceram de frequência e de intensidade, até fazê-lo sofrer levitação quando no leito, e só cessaram quando aquiesceu a entrar em comunicação com os Espíritos.<sup>149</sup>

Em casa de Harry Phelps, um jovem, filho de pastor protestante nos Estados Unidos, viu-se, de improviso, moverem-se cadeiras, mesas, tições ardentes, as roupas espedaçadas ou infladas como que simulando corpos humanos. Quando o jovem ia para a escola, os rumores e movimentos o seguiam. Em poucas semanas, setenta e um objetos se quebraram em torno de Harry. Indo a passeio, caíam pedras no carro, atiradas por mãos invisíveis, e os fenômenos só cessaram quando ele acedeu em entrar em comunicação com os Espíritos.<sup>150</sup>

O agente russo Schtchapov refere no *Rebus*, de 1886, as perseguições a que foi sujeito com a família, por espaço de seis meses, a partir de novembro de 1870. As perseguições começaram com os rotineiros fenômenos: golpes dados nas paredes e nos móveis, deslocamento de pequenos objetos, etc. Mas, num dia de janeiro do ano seguinte, a mulher do agente viu sair de sob a cama um globo luminoso, que se agrandava pouco a pouco, até alcançar as dimensões de uma sopeira. Espantados, os infelizes cônjuges decidiram mudar de residência e se estabeleceram na cidade vizinha, onde possuíam um prédio, esperando assim fugir às perseguições. Mas, os fenômenos não cessaram na nova moradia: começaram os costumeiros golpes e os objetos foram de novo atirados ao ar: facas e garfos saíam das caixas onde

estavam guardados e se cravavam nas portas e janelas. Retornados à herdade, os fenômenos se reproduziram com maior violência. Certo dia, à luz plena, pesado canapé, onde repousava a mãe de Schtchapov, se elevou do solo e começou a dançar, caindo depois em sua posição normal; os objetos ardiam, e um dia até a esposa dele se viu de repente rodeada de chamas que lhe destruíam os vestidos, porém – coisa curiosa – não lhe causaram queimadura alguma.

Não pode ser o inconsciente do médium o agente de todos esses malefícios, mas deve tratar-se certamente de força estranha à sua vontade, porque, inconsciente e instintivamente, trataria de defender-se de atos tão danosos.

E assim se diga dos primeiros involuntários propagadores americanos do Espiritismo, da família Fox, cujas revelações foram provocadas por violentas perseguições, às quais em vão tentaram esquivar-se.

É notável que no transe espiritual se manifestem energias motrizes e intelectivas muito diferentes e, vez por outras, maiores e frequentemente desproporcionadas com as do médium, energias que fazem supor a intervenção de outra energia, de outra inteligência, ainda que transitórias.

Assim, para a força muscular, vimos que, há tempos, a força dinamométrica de Eusápia, correspondente a 36 quilos, subiu, por ação do braço fluídico, que ela dizia ser de “John”, e em pleno dia, a 42 quilos, ou seja, aumentou 6. Nestes últimos tempos, em que estava afetada de diabetes e albuminúria, e sofria de esgotamento pelo excesso de sessões, a sua dinamometria desceu para 15 e 12 quilos. Pois bem: em uma sessão, com Morselli, em Gênova, a força no dinamômetro chegou a 110 quilos, e em uma sessão, em Turim, projetou tal força que rompeu duríssima mesa, força que se pode calcular, no mínimo, em uma centena de quilos. Em 80 quilos se deve presumir a força necessária para elevar do chão a mesa com o editor Bocca sobre ela, e muito mais ainda para arrastar, por segundos, Bottazzi sentado em uma cadeira cujo peso total era de 93 quilos. O médium de Ochorowicz, cuja força é de 120 quilos, chega, em transe, a 240.<sup>151</sup>

Mas, se já é difícil explicar estes fenômenos com a só projeção e transformação das forças psíquicas do médium, que dizer, pois, daqueles casos em que o médium se eleva muito lentamente do solo, com a própria cadeira, sem pousar os pés, sem nenhum apoio e, além disso, contra a vontade dos controladores?

Oportuno é recordar aqui que o centro de gravidade de um corpo não se pode deslocar no espaço sem que atue sobre ele uma força externa. Sob a ação única de forças internas se pode certamente ter deslocamentos particulares em regiões do corpo, mas os deslocamentos dessas partes são sempre de natureza a manter inalterada a posição do seu centro de gravidade.

Como se pode, pois, explicar a levitação de Home, que gira em posição horizontal em redor de todas as janelas de um palácio, e que se sente levitar enquanto dorme, e aquela dos dois Pansini, de Bari, que percorrem 45 quilômetros em 15 minutos?

Não se admite a explicação dada por “John” a Ochorowicz de que das mãos dos assistentes e das do médium emana um fluido que se eleva, qual um feixe de fios, e sustém os corpos, que caem, se quebrada a corrente.

Mas, quem assistia Home e Pansini em seus voos? Além disso, em uma levitação de Eusápia, em Milão, “John” me disse: “Agora eu levo a médium para cima da mesa.” E, com efeito, toquei duas mãos fluídicas, sob as axilas de Eusápia, que ajudavam a levantá-la.

Uma observação ocorre ainda a acrescentar: nas sessões, o movimento dos objetos tem uma espécie de orientação, como se fossem conduzidos por mãos (Barzini); algumas vezes, ao contrário, a mão fluídica foi vista, a plena luz, “*pizicar*” o bandolim, soar tambor, pôr em andamento o metrônomo, sem chave, e a mão era maior que a de Eusápia.

Verdade é que o maior número de fenômenos motrizes e os intelectuais, mais intensos, partem sempre das proximidades do médium, especialmente do seu lado esquerdo, onde, sendo canhoto no transe, é mais potente. É certo que tais fenômenos são precedidos de movimentos sincrônicos da médium; vê-se em volta da sua saia ou do seu dorso, a plena luz, sair um corpo

fluídico que se funde em braço e move os objetos; mas, seja o médium uma grande ajuda, até o máximo, não se deduz que se torne obra sua exclusiva. E quanto aos movimentos sincrônicos, não se repetem mais do que quando naturalmente sobrevêm em todos os inícios de um esforço, de um movimento, até daqueles que se irritam com um outro, como, por exemplo, de uma mãe que levanta o braço e a voz, a fim de que a criança se aproxime dela, e, sem dúvida, a ninguém ocorreria afirmar que isso complete o movimento da criança.

Nem podemos – conforme indicamos (cap. IV) – explicar, com a influência do médium, aqueles fenômenos nos quais as leis da gravidade, coesão e impenetrabilidade da matéria parecem abolidas, porque semelhantes mutações, possíveis tão somente com um espaço da quarta dimensão, estão completamente fora da influência humana.

Quanto à inteligência, como se explica que o médium, em transe, adivinhe o futuro e veja à distância?

Eusápia é quase iletrada, decifra com dificuldade uma página impressa e não entende as letras manuscritas, sem que lhe sejam lidas e explicadas. Pois bem: em uma sessão, em Turim, tendo vindo à reunião um jovem com um bracelete no bolso, ela adivinhou não só que lhe era destinado, mas, mediante mão fluídica, a um metro de distância da sua própria, o retirou do bolso dele e o pôs no seu braço, sem embargo de ter as mãos sob controle. Interrogada sobre que outra coisa havia no bolso, respondeu: “Uma carta, e nela se faz um pedido.”

Ora, o jovem sabia ter papéis com fórmulas químicas, porém não se recordava, em verdade, de uma carta que lhe havia sido entregue por pessoa que lhe era indiferente, tanto assim que lhe ignorava o conteúdo, pois ainda não a tinha lido. À luz, esvaziou-se o bolso do estudante e foi encontrada, com efeito, a carta na qual alguém lhe pedia poder avistar-se com Eusápia.

Como pôde ela, sendo iletrada, às escuras, não só ler a carta, mas fazer rapidamente, em transe, o seu transunto? Neste passo, nenhum dos vivos presentes a ajudou. E como se explicam as

belíssimas e improvisadas esculturas de Eusápia, ignorante da arte de Fídias?

E como pôde a Srta. Edmonds, em Nova Iorque, declarar, em transe, à Sra. Evangelides que seu filho morria, na Grécia, como era verdade, quando essa senhora, pelo que sabia, o julgava são?

Uma vez, em Veneza, com o professor Faifofer, um médium, que não sabia latim, ditou, de improviso: *Sordidi sunt hic, pel-tenda sunt sordida* (Aqui há sujos, é preciso repelir as coisas torpes).

Não se compreendia a quem desejava aludir, até que o velador, com a sua sólita linguagem tiptológica, advertiu:

– O “tal” tem um livro.

O aludido convidado confessou que, efetivamente, tinha no bolso um livro, *O Templo de Vênus*.

Compreendo que o latim possa ter sido sugerido por algum dos doutor presentes, mas quem indicou ao médium a presença do livro? É lógico admitir que o próprio dono do volume sugerisse a ideia para ser publicamente acusado, e como que a de grave culpa? Nenhum dos presentes à sessão chegaria a esse extremo: a censura, pois, devia ter partido de alguém estranho ao círculo, que sentisse e pensasse de modo diferente de todos.

É sabido que Eusápia tem grande antipatia pelos instrumentos técnicos e ignora completamente o manejo deles. Ora, é curioso observar que, em experiências realizadas em Gênova, Turim e Nápoles, “John” pôde abrir e fechar interruptores, apertar tambores de Marey, ajustar estetoscópio e pôr em andamento um metrônomo.

E se é certo que os médiuns, o mais das vezes, ainda que pareçam inventar, dizem coisas que estão na mente dos presentes, casos há, todavia, nos quais esta influência dos presentes à sessão se deve excluir.

Assim, os americanos elogiaram o livro filosófico *Arcana of Nature* e Büchner, que também dele gostava, ao cumprimentar o autor, Hudson Tuttle, simples camponês, este lhe respondeu dizendo ter sido unicamente o médium de um Espírito.

“Por minha vez – escreve Brofferio <sup>152</sup> –, conheci um médium escrevente a quem Boccacio, Bruno e Galileu faziam escrever respostas que, por sua elevação, estavam mais à altura dos três do que ao nível do médium, e poderei citar testemunhas competentes.” Assim, as respostas que Kant e Schopenhauer davam, medianimicamente, a Hellenbach não eram indignas de Schopenhauer e Kant.

A Scaramuzza, Dante, ou alguém por ele, ditou três cantos em tercetos. Li apenas alguns tercetos, mas até onde posso julgar, eram muito belos. Certo, aquele médium, se bem que excelente em sua arte, não o era na arte poética.

Citarei um exemplo, por ser breve: uma Inteligência oculta, que havia tomado o nome ou o pseudônimo de Manzoni, era evocada com alguma insistência por quatro experimentadores que conheço, e dos quais não tenho nenhum motivo de dúvida e de quem posso dar particularmente os nomes. A resposta ao reiterado chamamento foi esta sextilha:

*Perchè si spesso il fremito  
Della tua mano audace  
Suole dal sonno togliere  
Di desiata pace  
Gli spiriti incorruttibili  
Di quei che furo un di?*

Barkas, com um médium não profissional, obteve sábias respostas sobre acústica musical, em sessões às quais não assistia nenhum técnico. <sup>153</sup>

E como se explica que o Espírito de Spencer Stattford revele o telefone a d’Esperance, ignorante de Física, trinta anos antes da sua invenção, e quando nenhum físico estava presente à sessão? E como se explica o caso daquele rapaz inglês que, sem haver jamais saído da sua ilha, escreve rapidamente em caracteres chineses, e o daquela senhora francesa, lembrada por Charles Richet, que escrevia páginas inteiras em grego, sem haver jamais estudado sequer o alfabeto? Como se explica o fato de que, tanto em Milão quanto em Nápoles e em Turim, “John” respondesse, imediata e preferentemente em inglês, idioma que era apenas

conhecido por um dos presentes e ignorado pelo médium? Nas experiências de Bottazzi era incluído o idioma árabe, e em Nova Iorque a médium Srta. Edmonds falou em grego, indiano, havaiano, etc., que *nenhum dos presentes vivos sabia*. Além do mais, como pode o médium que emprega esta linguagem, pela primeira vez, ter facilidade de a entender, falar e escrever?

Home disse certo dia a Soffietti ver, vizinha a este, a preta que fora sua nutriz e lhe salvara a vida aos três anos de idade, quando estava na iminência de ser colhido pela roda de um moinho, circunstância que Soffietti havia esquecido completamente e que foi depois verificada verdadeira. Outra vez, o mesmo Home relembra a Pisk um retrato de sua mãe, com uma Bíblia sobre os joelhos. Pisk, procurando em casa, terminou por encontrar um daguerreótipo, de cinco lustros antes, no qual sua genitora estava fotografada naquela atitude e não era possível que Home já a tivesse visto, de vez que a própria Pisk ignorava tal existência.<sup>154</sup>

Ainda mais importante, pela maior autoridade pessoal e pela natureza dos fatos, são, por exemplo, as observações de Stainton Moses.<sup>155</sup> Entrado em comunicação com um Espírito que se dizia chamar Home, filho de um maestro e nascido em 1710, que citava quem o havia educado, Moses colheu informações e verificou exatos todos os pormenores. Pediu-lhe que escrevesse o último verso do poema de Vergílio e este foi reproduzido corretamente; mas, na dúvida de que influísse a sua memória inconsciente ou a sua sugestão, solicitou que reproduzisse a última linha da página 94, do último volume da terceira estante da sua biblioteca, do qual ignorava o título, e a dita linha foi reproduzida exata.

Como é possível querer explicar tais fatos com os rastros ficados no inconsciente, se eles ali não podiam existir? Dir-se-á que era visão a distância; mas, quando a filha de Edmonds declara haver recebido mensagem de certa Debiel, que era então falecida – o que era exato, mas ninguém sabia, e estava, havia cinco anos, em um manicômio<sup>156</sup> –, a visão a distância não cabe, e menos ainda neste caso, narrado por Moses:<sup>157</sup>

“Apresentou-se-nos um menino que dá o nome de dois seus irmãos e a data da respectiva morte, na Índia. Ninguém conhecia o fato, porém Walther pôde comprovar a veracidade do caso.”

Falam, pois, contra a influência do médium e dos presentes, os fenômenos das casas secularmente assombradas, onde, de improviso, se veem mover, de modo vertiginoso, cadeiras, mesas, camas, etc., e onde parece excepcional a influência dos presentes, pois que se trata frequentemente de casas desabitadas e onde esses fenômenos perduram por vezes através de gerações e séculos.

E dado, com Pull, que em 28% se encontre a influência de médium, quase sempre meninos (21 em 28 casos), e *frequentemente a distância*, como, sem a ajuda de outros seres, se explica a grande energia atlética continuada desses movimentos?

Em alguns desses casos (Home com Soffiatti e Pusk, por exemplo) se dá a explicação como no caso das palavras sânscritas escritas pelo médium Smith, que não conhecia o sânscrito e só uma única vez havia visto uma gramática dessa língua, pela criptomnesia, recordação inconsciente de antigas percepções, ou pela ecmnesia, lembrança aguçada. Hipótese admissível, porém exagerada.

Eis, pois, um caso no qual essa hipótese não se adapta:

Para facilitar as comunicações, Aksakof<sup>158</sup> escreveu num papel os alfabetos russo e francês e adaptou o dito papel a uma prancheta que devia pôr-se em movimento e indicar as letras. Foi pedido primeiro o alfabeto russo, mas depois de algumas frases nesse idioma, a prancheta assinalou estas letras do alfabeto francês: “emek habbacha”.

– Mas isto não tem sentido; em francês não existe uma palavra símile – observou Aksakof.

– E quem vos diz que são francesas?

– Então, que idioma é?

– Devíeis, todavia, saber; em russo, isto significa “vale de lágrimas”.

- Não é verdade; isto é mistificação.
- Aquele que saiba o hebraico pode verificar as minhas palavras.
- Então, é hebraico?
- Sim.
- E de quem é essa frase?
- É sentença de um douto hebreu português chamado Sardovy.

Interrompida a sessão e consultado um vocabulário da língua hebraica, verificou-se que “emek habbacha” quer, de fato, significar “vale de lágrimas” e que a frase só se encontra uma vez no Antigo Testamento, Salmo 83, versículo 7, que nenhum dos presentes conhecia. Mas, por mais que se buscasse, não se encontrou indício de Sardovy.

Reaberta a sessão, a prancheta corrigiu o nome, para o de B. Cardósio ou Cardovi. Consultado um Dicionário biográfico, encontrou-se que um Fernando Cardoso, médico português, que havia renegado a religião católica pela judaica, viveu no século XVII, e que a frase “emek habbacha” fora posta por ele como epígrafe de um seu livro.

E tratando-se de homens cultíssimos, que assistiam à sessão, não é improvável que algum tivesse a criptomnesia da pouco conhecida obra de Cardoso e da epígrafe; mas se havia um que a recordava, embora inconscientemente, porque tantas investigações, tantas contradições e enganos, antes de chegar ao resultado final?

Mas, nem a ecmnesia, nem a criptomnesia podem explicar como, em 1887, em Vilna, a professora suíça, Ema Stramm, médium escrevente, tenha, do seu irmão Luís, falecido anos antes, a notícia de que um seu amigo, que a pretendeu em casamento, Augusto Duvanel, havia falecido naquele mesmo dia. E três dias depois, tem Ema, em carta de Neuchatel, a confirmação da notícia, que por meio da escrita automática lhe fora dada, em Vilna, 5 horas depois do acontecimento.<sup>159</sup> Aqui, não se pode mais falar de visão a distância, nem de inconsciente, nem de criptomnesia.

## **Automatismo. – Precocidade dos médiuns**

Em grande parte, os atos dos médiuns são automáticos, conforme o prova a uniformidade dos seus gestos e a reprodução dos seus movimentos, etc. (Morselli). No que escreve tiptologicamente, o automatismo é claríssimo, porque sua mão escreve, enquanto a mente é ocupada em assuntos completamente diversos. É bastante provável que esse automatismo dependa de um fato pouco notado até então, e isto porque quase todos os fenômenos espiritistas partem do lado esquerdo (d'Esperance, Eusápia, Politi) ou são sentidos à esquerda, ainda que se produzam à direita, e que nas sessões se transmite transitoriamente o canhotismo também aos controladores do médium, como se pôde controlar com cifras dinamométricas que assinalavam depois de uma sessão a perda de 6 quilos à direita e 14 à esquerda (Morselli). No transe espirítico, como já se notara no hipnótico, prevalece o trabalho do cérebro direito, o menos apto para o trabalho psíquico, aquele que menos participa da atividade da consciência, e por isto os atos que se realizam em transe parecem automáticos.

Ora, pergunto: Quem anima este autômato? Como se concilia com o automatismo do médium a sua múltipla atividade e a sua produção artística?

Aqui surge, e necessária, a hipótese de uma intervenção externa, que será precisamente a do Espírito, que, impotente por si, se torna potente, associando-se ao corpo vivo do médium.

Considera-se ótimo o dizer que age aqui o inconsciente do médium, mas, quando se trata de um idioma ou de uma arte completamente ignorados do médium e dos presentes, como se concilia isso, se é verdadeiro o *Nihil est in intellecta quod prius non fuerit in sensu*? Analogamente ao automatismo e em sua corroboração, adianta notar aqui a precocidade extraordinária de alguns médiuns, que operam tal qual adultos fortes e educados.

O menino Attwood, de Waterford (Nova Iorque), não só fazia mover mesas, cadeiras, etc., mas obtinha comunicações tiptológicas que pareciam provir de parentes dos presentes; o menino Jencken, aos dois meses, dava respostas mediante “raps”, aos

cinco começou a escrever e aconselhou o pai regressasse da cidade a Londres, pois a moradia lhe era nociva pelas fadigas que lhe causavam as muitas frequentes viagens; a sobrinha do barão Seymour Kirkups, aos nove dias, escrevia automaticamente; A. Omerod, com quatro semanas, dava comunicações tiptológicas.<sup>160</sup>

Estes fatos não mereceriam crédito se não fossem confirmados por aqueles historicamente verificados com os “Camisards”, cujos meninos, de catorze e quinze meses, e na lactância, predizavam em puríssima linguagem.<sup>161</sup>

Vernet ouviu um, de treze meses, que falava em correto francês e ainda não sabia andar; Bonnemère<sup>162</sup> e Figuier<sup>163</sup> explicam o fato pela exaltação religiosa, porém esta não pode criar faculdades que ainda não existiam. E veremos que os poucos médiuns de casas assombradas são, na maioria, crianças.

Grande é, realmente, a influência dos médiuns nos fenômenos espirituais, e isso explica boa parte deles, mas não todos.

A explicação completa se pode encontrar com o integrar a força mediúnica com outra força, ainda que fragmentária e transitória, porém que adquire, por um dado momento, com a integração do médium, potência maior. Esta força, da tradição de todos os séculos e de todos os povos e da observação experimental, é mostrada na ação resídua dos mortos; assim é que Davin atribuía 60% dos fenômenos medianímicos aos Espíritos e só 16% à auto-sugestão do médium, e nós acrescentaremos – à sua momentânea desintegração psíquica no transe, como acontece no estro pela inspiração para as criações geniais, e ao sono hipnótico para certos maravilhosos fenômenos hipnóticos (v. Parte I). Esta momentânea desintegração, que explica o automatismo do médium, se pode tornar mais fácil de compreender de que modo o Espírito de um morto possa penetrar nele e ter acesso mais facilmente e mais facilmente servir-se dos seus órgãos como se fossem próprios, o que buscaremos melhor demonstrar mais adiante, e explica como algumas vezes o médium, em transe, manifesta força e inteligência maiores do que as que possui.

## CAPÍTULO VII

### Experiências fisiológicas com os médiuns

Não se pode estudar o grande problema mediúnico senão através de instrumentos de precisão, que impedem todos os erros de interpretação e premunem contra todas as sugestões. A eles devemos a solução de grandes problemas científicos.

#### Peso

Os estudos físicos que mais importam são, talvez, aqueles que se referem ao peso dos médiuns e dos chamados Espíritos.

Crookes já observara, com a médium Cook, quando ocorria a aparição do fantasma, que ela perdia quase a metade do seu peso e que o readquiria depois do desaparecimento do fantasma, o que seria indício de que os fantasmas se formam a expensas do corpo do médium.

O fato se confirmou depois.

Em uma sessão, com a Srta. Fairlamb, a médium foi, por assim dizer, costurada em uma rede, cujos sustentáculos estavam providos de um aparelho que permitia registrar as oscilações do seu peso. Depois de poucos minutos do transe, o peso começou a diminuir gradualmente e, quando apareceu um fantasma, os aparelhos assinalaram a perda de 27 quilos no peso da médium, ou seja, a metade do seu peso normal.

Quando o fantasma começou a desmaterializar-se, o peso da médium foi de novo aumentando, e no fim da sessão não assinalaram mais do que uma perda de um a dois quilos.<sup>164</sup> Morselli notou em Eusápia, depois do transe, diminuição de dois quilos e duzentos gramas no peso, e fora do transe e a plena luz, variações no peso de 60 e 56 quilos, subindo de novo a 60, e assim procedendo, alternadamente, várias vezes, sem que fosse possível descobrir fraude alguma no fenômeno.<sup>165</sup>

Em Milão, em 1892, Eusápia baixava do seu peso normal de 62 quilos para o de 52.

D'Arsonval, em Paris, experimentou-lhe as variações do peso, medindo, de segundo em segundo, no correr do transe, e verificou que, quando se produzia a levitação da mesa, o peso do corpo de Eusápia aumentava com o de toda a mesa. Em outra experiência, em lugar dos médiuns, foram pesados os corpos dos fantasmas que apareciam durante a sessão. Isso se fez, por exemplo, com a Srta. Wood, e constatou-se que o peso dos fantasmas, que se materializavam sob a influência dela, variavam de 15 a 80 quilos, que era o peso normal dela,<sup>166</sup> o que coincide com a desapareição de parte ou de todo o corpo de d'Esperance, em transe, à aparição do fantasma, fato também verificado com a desapareição da manga de Marta, quando aparecia Beni Boa (Richet).

Resultados interessantíssimos se obtiveram também, estudando a alteração do peso dos corpos submetidos à influência de Home: de 8 libras subia a 36 e 48, e depois descia a 46, enquanto que, em outra experiência, ascendeu a 23 e 43 para descer a 27 libras.<sup>167</sup> E, para estudarem cientificamente essa variação de peso dos corpos sob a influência dos médiuns, construíram, entre outros, um aparelho simples, que se compunha de uma tabuinha de madeira, provida de dois pés, apoiada por uma extremidade na borda de uma mesa e suspensa pela outra a um dinamômetro no máximo, sustentado por sólido cavalete.

Ora, enquanto uma pressão se exercitava na extremidade da tabuinha que pousava na mesa em condições normais, não devia turbar o equilíbrio, Home, com a simples imposição das polpas dos dedos, obtinha o abaixamento da tabuinha, até fazer descer o índice do dinamômetro de 3 a 6 e também a 9 libras.<sup>168</sup>

Antes de Crookes, o Dr. Hare havia construído um aparelho semelhante, com o qual o médium só podia ter comunicação por meio da água e, todavia, o dinamômetro assinalou uma tensão de 18 libras.<sup>169</sup>

Bechterew, da Universidade de Petersburgo, fez Home impor as mãos sobre um aparelho construído de modo que a pressão delas diminuísse, em vez de aumentar, a tensão do dinamômetro; contudo, assinalou a de 150 libras, sendo a normal de 100.<sup>170</sup>

Morselli <sup>171</sup> notou, depois da sessão mediúnica, nos cinco assistentes a diminuição, no dinamômetro, de 6 quilos à direita e 14 à esquerda, e que Eusápia, durante o transe, perdeu o canhotismo e fez Morselli se tornar canhoto transitório.

Há alguns anos vimos que a força dinamométrica de Eusápia, correspondente a 36 quilos, subiu, por ação de um braço fluídico, que ela dizia ser de “John”, a 42 quilos, em pleno dia, ou seja, um acréscimo de 6 quilos.

Nestes últimos anos, em que ela está afetada de diabetes e de albuminúria e sofre de exaustão, pelo excesso de sessões, a sua dinamometria desceu a 12 quilos. Pois bem: em uma sessão com Morselli, em Gênova, a sua força ao dinamômetro chegou a 110 quilos, e em uma sessão, em Turim, “John” desenvolveu tal energia que chegou a romper uma mesa, força que se pode avaliar, no mínimo, em uma centena de quilos.

Crookes anotou o número de pulsações cardíacas de Katie King, diferentes das da médium; Richet verificou a emissão de ácido carbônico na respiração do fantasma Beni Boa.

Mas, acima de tudo, notáveis são os resultados obtidos nestes últimos tempos, aplicando também ao estudo dos fenômenos mediúnicos os métodos do registro gráfico, que conquistaram tanta importância nas ciências modernas experimentais. A 18 de fevereiro de 1907, colocamos no gabinete mediúnico um cardiógrafo de Marey, comunicando por meio de um tubo que atravessava a parede do dito gabinete, com uma pena sobre cilindro enfumaçado. A pena escrevente estava situada a 51 centímetros da parte lateral esquerda do gabinete mediúnico e cerca de 1,50m da médium. Tudo preparado, rogamos a “John” que apertasse o botão do cardiógrafo. Após minutos, ouvimos o ruído da pena que deslizava pelo cilindro e que, posto a rodar, nos ofereceu dois grupos de curvas que rapidamente decrescem; uma parte do segundo grupo se entrelaça com o primeiro, por não havermos podido, na escuridade, afastar a tempo o cilindro.

O primeiro grupo corresponde, segundo o sinal Desprez, a cerca de 23” e o outro a cerca de 18”.

Esses traçados, que indicam grande exaurimento e, por sua dessemelhança e brevidade, diferem dos traçados normais, foram obra de “John” ou do duplo de Eusápia, certamente não dela, porque estavam seguras as suas mãos.

Bottazzi, em Nápoles, em 1907, entre muitas experiências com Eusápia, pôs, no gabinete mediúnico, distante cerca de um metro e meio, um tímpano-receptor, de Marey, sobre cujo botão central fez aplicar um disco de madeira, com o objetivo de aumentar a superfície sobre a qual se havia de exercer a pressão e, mediante um tubo de borracha, se pôs em comunicação com um manômetro, de mercúrio, de François Frank, colocado no aposento contíguo. Toda pressão exercida na rodela de madeira colada sobre a membrana elástica do tímpano se traduzia em uma elevação do flutuante e depois da pena do manômetro que lhe era conjunta e podia correr ao longo do cilindro coberto de papel enfumaçado, e toda depressão em descenso. Assim preparado o aparelho, pediu-se a “John” que pressionasse o botão do tímpano. No traçado que se obteve eram vistos grupos de linhas ascendentes e descendentes, algumas mais altas, outras mais baixas.

Naturalmente as mais altas correspondiam a pressões mais fortes; as medíocres, a pressões de média intensidade e as mais baixas a débeis contatos do disco de madeira. As ditas pressões mais fortes só podiam ter por efeito as linhas mais altas, se executadas sobre a membrana do tímpano; mão ou pé invisível devem, pois, haver premido fortemente a membrana do tímpano-receptor.

Bottazzi,<sup>172</sup> em outras experiências com Eusápia, conjugou um metrômetro colocado no gabinete mediúnico com um assinalador Desprez, cuja pena corria sobre cilindro enfumaçado, e convidou “John” e pô-lo em movimento. Depois de bater um pouco, o metrômetro, que estava pouco carregado, parou. Observando o traçado, notam-se irregularidades que podiam também derivar das tentativas feitas por Eusápia em seguida ao convite dos experimentadores para fechar a haste do metrômetro.

Referirei, enfim, o resultado de duas sessões mediúnicas, celebradas em Turim, com Eusápia, pelos Drs. A. Herlitzka, C. Foá

e A. Aggazzotti, nas quais foram aplicados os métodos de registro gráfico ao estudo dos fenômenos mediúnicos.

Esses três experimentadores escrevem:

“Para registrar objetivamente os movimentos que o médium pode projetar, tínhamos preparado um cilindro rotativo ao redor de um eixo vertical, que realizava giro completo em seis horas. O cilindro estava envolto em papel claro recoberto com uma camada de fuligem. Sobre esta capa roçava uma ponta fixa que, pelo movimento do cilindro, riscava na fuligem e marcava no papel uma linha branca horizontal. Se a ponta se move de cima para baixo, marca no papel uma linha vertical. A alavanca escrevente podia ser posta em movimento por um pequeno eletroímã (assinalador Desprez) e coligada com um acumulador e um manipulador telegráfico. O cilindro rotativo com o assinalador Desprez estava sob uma redoma de vidro e sobre sólida prancha de madeira. A redoma, provida, embaixo, de grosso rebordo, se fixava à tábua mediante uma fita que passava através de três orifícios formados de pequenos nastros selados com lacre ao eixo; o bordo da redoma servia de detença à fita. Através de dois orifícios abertos na espessura da tábua, os fios condutores, provindos do assinalador, saíam da redoma para se introduzirem imediatamente em um tubo de vidro que impedia o contato intencionado ou casual dos fios entre si e, portanto, que fechasse o circuito elétrico. Dos fios, um chegava ao acumulador. Todas as porções do fio que não se podiam isolar com vidro eram envoltas em fita isolante coberta com fita selada com o nosso sinete. A tecla (manipulador), enfim, estava fechada numa caixinha de papelão pregada na tábua e fechada mediante duas cintas em cruz e seladas. Dois pequenos furos da caixa davam passagem a dois tubos de vidro que continham os fios condutores. Acumulador e tecla eram fixados na mesma tábua sobre a qual se achava o cilindro. Em tal disposição, devia-se ter um sinal no cilindro só quando o manipulador fosse abaixado.”

Na primeira sessão, foi obtido um traçado no cilindro, produzido pela repetida descida do manipulador, executado por efeito mediúnico:

Eis o relato da segunda sessão:

“Para a segunda sessão havíamos modificado o nosso aparelho, e para assinalar, não só os movimentos executados, mas também para medir sua intensidade, renunciávamos à sinalização elétrica, substituindo-a pela manométrica. Com esse intuito, unimos um vaso com água, provido de um tubo de vidro com um manômetro, formado de tubo, e que continha mercúrio. A abertura superior do vaso era coberta por uma espessa membrana de borracha estreitamente atada ao recipiente. Desse modo tínhamos um espaço fechado, cheio de líquido, na extremidade do qual estava colocado o manômetro; uma pressão exercida na membrana traduzia-se em uma alta na coluna de mercúrio, na parte livre do manômetro. E porque sobre o mercúrio flutuava uma barrinha provida de ponta escrevente sobre o cilindro, toda pressão ficava registrada em documento objetivo.

O cilindro rotativo e o manômetro foram colocados fora da câmara mediúnica, em posição visível e controlável durante toda a sessão; no gabinete pusemos apenas o recipiente de vidro, sobre cuja membrana devia experimentar-se o poder do médium. Este recipiente estava em uma caixeta de madeira em cuja abertura se havia estendido e pregado um véu; a membrana de borracha também estava recoberta de uma camada de fuligem para comprovar a existência de impressões digitais.

Em fotografia feita à luz de magnésio, em outra sessão, durante uma levitação da mesa, e que fora gentilmente anunciada, viram-se faixas luminosas debaixo dela. Para verificar se tais faixas de luz são um fenômeno constante e se atravessam os obstáculos opacos, havíamos fixado sob a mesa mediúnica uma chapa fotográfica cuidadosamente envolta em papel preto. A chapa foi fixada com quatro cravos recurvos e resistiu a todos os choques e estremeções violentos da mesa na movimentada sessão.

De todos os nossos preparativos não se disse palavra a Eusápia, para não impressioná-la. Não serviu de muito a precaução de cobrir com um véu o aparelho; em dado momento ouvimos que se rasgava o véu, e Eusápia convidou uma senhora, sentada quase defronte dela, que estendesse a mão, e a senhora sentiu que uns dedos, saídos de sob a cortina, lhe entregavam alguns pedacinhos do véu; outros pedaços foram dados à própria médium, que os apanhou, erguendo a mão – acompanhada pela do controlador – por cima da cabeça.

A essa altura, sentia-se mover a mesa onde estava o aparelho e avançar para a abertura da câmara, o que pôde muito bem observar quem estava sentado à direita da médium. Eusápia chamou então para seu lado aquele de nós que ficara fora da cadeia (H), e lhe fez pousar a mão sobre a mesa, frente a ela, e, acariciando-lhe e palpando-lhe lentamente a mão, disse:

– É coisa redonda.

Depois lhe premiu a mão com o punho e acrescentou:

– Muito dura.

Com efeito, a membrana sobre a qual se desejava fosse exercida pressão estava muito esticada e representava uma calota. Repitamos que Eusápia ignorava, não só a forma do aparelho, mas até sua presença ali.

Por desejo da médium, H. substituiu no controle de vigilância ao Dr. Arullani, que se instalou à esquerda, vizinho ao gabinete mediúnico, onde, súbito, sentiu um punho e pés que o pisaram e uma unha se lhe cravou na mão. Entretanto, alguns dos assistentes observaram uma espécie de névoa branca em torno da cabeça da médium, e poucos segundos depois foi ouvido, do interior da câmara, reiterado som que nos advertiu estar sendo tocada a membrana do nosso aparelho. E, sincronicamente com esses rumores, o controlador da direita sentiu a mão premeida pelo punho da médium. O aparelho estava à direita desta e, no momento em que se deram estes fenômenos, se encontrava a poucos decímetros do controlador e perfeitamente visível. Não havia ninguém na câmara mediúnica.

O Dr. Arullani se aproximou de uma mesa, que, movendo-se para ele, com violência, o repeliu; o doutor agarra uma sólida mesinha de madeira branca, de 80 centímetros de altura, 90 de extensão e 55 de largura, com o peso de 7 quilos e 800 gramas, que lhe vem ao encontro, e pediu à câmara um aperto de mão, e a médium respondeu, de viva voz:

– Primeiro quero quebrar a mesa, depois darei a mão.

A esta declaração seguiram-se três novas levitações completas da mesinha, que caía, cada vez, pesadamente no chão.

Inclinou-se a mesa e passou para detrás da câmara, seguida por um de nós (F), que a viu tombada sobre o ângulo de um dos seus costados menores, enquanto uma perna se separou com violência, como que sob a ação de uma força de alavanca sobre ela. A mesa, a essa altura, saiu violentamente como que arrancada da câmara e, à vista de todos, continuou quebrando-se, primeiro pelas juntas, e despedaçando-se por último cada parte. Suas pernas, ainda unidas por uma banda, vieram equilibrar-se em nós, indo parar na mesa mediúnica.

A mesita se deslocou para o centro do aposento e se elevou depois completamente no ar. Após certa espera, durante a qual se mencionou, falando entre nós, haver uma chapa fotográfica sob a mesa mediúnica, e enquanto estávamos todos de pé e a certa distância da mesa, Eusápia fez que Aggazzotti lhe desse a mão, e subitamente a chapa caiu sobre a dita mesa.

Visitamos o campo de batalha: a mesita número um, rota, em vários pedaços, de diversos tamanhos. Sob a mesa mediúnica faltavam dois dos pregos que sustinham a chapa fotográfica. O nosso manômetro havia traçado no papel enfumaçado diversos riscos, dos quais o mais elevado correspondia à pressão de 56mm de mercúrio, o que indica – dadas as proporções da membrana elástica – que contra ela fora exercitada uma pressão igual a 10 quilos aproximadamente. Sobre a membrana de borracha, coberta de fuligem, encontraram-se só em parte as marcas do véu rasgado.

Das várias chapas fotográficas, duas deram resultado incerto, que não pudemos tomar em consideração, mas, em troca, uma outra, que esteve alguns segundos segura e controlada

por *mão invisível*, mostrou claramente a imagem negativa negra de quatro dedos grossos que, pela posição e forma, correspondiam ao indicador, médio, anular e mínimo: a impressão do polegar parecia existir, mas não era evidente.”

Os três experimentadores não insistem mais sobre esses fatos ocorridos em circunstâncias que permitem um controle perfeito, mesmo depois da sessão, e assim resumiram:

“1º – Os sinais do aparelho empregado na segunda sessão foram produzidos enquanto o cilindro rotativo estava fora da câmara mediúnica, de modo que ninguém dele podia aproximar-se sem ser visto, enquanto que o aparelho transmissor se achava encerrado numa caixa de madeira mais alta do que a membrana elástica, perfeitamente visível e também vista por um de nós (H). Este sentiu, no momento dos golpes da membrana, pressão da mão direita da médium sobre a sua mão esquerda. A outra mão de Eusápia estava na do professor Foá. O aparelho se encontrava à esquerda de Herlitzka, cuja mão esquerda, como se disse, segurava a direita da médium, enquanto que a sua direita estava com a do vizinho. Outro de nós (F), sentado detrás de Herlitzka, vigiava-o, e se, inconscientemente, houvesse ele pressionado a membrana, tê-lo-ia revelado. Assim se exclui também a participação inconsciente, nossa, no êxito do fenômeno. A vigilância se estendia à médium e aos demais partícipes da sessão e também a nós mesmos. Não sabemos dizer por que foi necessária a ruptura do véu que cobria a caixa de madeira. Decerto Eusápia não compreendeu a importância que teria a experiência, se o véu houvesse permanecido intacto, porém não diminui, por isso, seu valor, quando se considere que o aparelho era visível quando se exerceu a pressão sobre a membrana.

2º – A sólida mesa sofreu ruptura completa sob o olhar de todos, sem que ninguém a tocasse; os pregos foram arrancados e as juntas e a tábua despedaçadas. A ruptura, como se disse, ocorreu lateralmente à médium e para a frente e à esquerda, ante muitos dos assistentes e em boas condições de visibilidade. Uma intervenção fraudulenta da médium, com

as mãos ou pés, se exclui, acima de tudo, porque Eusápia estava impedida ao lado de dois controladores e, a seu pedido, um terceiro tinha as mãos nas costas dela, isto porque, à frente do grande esforço necessário para quebrar a mesa, à médium seria preciso fazer movimentos amplos, violentos e certamente não mascaráveis. Por outra parte, repitamos, enquanto os controladores vigiavam a médium, todos os demais viram a mesa, por ninguém tocada, fazer-se em pedaços.

3º – A chapa fotográfica, cravada sob a mesa, veio com ímpeto para cima da mesma, enquanto todos os presentes estavam de pé, em cadeia, em ótimas condições de luz; todos, inclusive a médium, distantes da mesa, que estava livre e bem visível em todas as suas pontas. Os documentos objetivos de tal fenômeno foram estes: terminada a sessão, a chapa estava em cima e não embaixo da mesa, e dois pregos, dos que prendiam a chapa, não mais estavam encravados no seu lugar; antes que o fenômeno sobreviesse, Eusápia fez que lhe desse a mão também aquele de nós (A) que havia colocado a chapa, de modo que a mão direita da médium estava segura, ao mesmo tempo, pela mão de dois de nós.

4º – A chapa fotográfica envolta em papel preto, que um de nós (F) manteve sobre a cabeça da médium e que por poucos segundos estivera mantida por aquela a que chamamos *mão*, mostrou, depois de revelada, a marca *preta* negativa de quatro dedos. Evidentemente se trata de um fenômeno de radioatividade e não de luminosidade, porque a impressão da chapa foi feita através de um obstáculo opaco.”

## **Radioatividade**

É evidente que, ao lado da ação do médium, nestas experiências se manifesta outra mais débil, porém frequentemente diversa, que presumimos seja a do morto que obtenha, fundindo-se no médium, uma energia para si mesmo, maior do que a mediúnica. Mas, isto melhor veremos no capítulo seguinte.

Recordemos aqui os muitos indícios de um estado radiante dos médiuns em presença dos supostos mortos: a descarga do

eletroscópio conseguida por Eusápia, tendo as mãos suspensas a 10 centímetros (o que é fenômeno radioativo); a impressão dos quatro dedos que ela deixou em uma chapa fotográfica envolta em três papéis pretos; as névoas fosforescentes flutuando sobre sua cabeça e sobre a mesa onde estava sentada, em transe, e as nos dois médiuns, em transe, de Beni Boa, de Richet, e aquelas fluorescências do abdômen de d'Esperance ao se formarem os fantasmas; as faixas e globos luminosos nas sessões de Politi, de Eusápia, de Randone;<sup>173</sup> as luzes em forma de estrelas ou globos de 60 e até 70 centímetros de diâmetro, que não aquecem e não iluminam e se elevam lentos e descem rápidos, frequentemente atravessam o espaço em seu menor trajeto e são ora azuis, ora verdes, amarelados, e correspondem por vezes aos “*raps*”, e frequentemente se dirigem com movimentos intencionais e podem ser projetados e dirigidos pelo médium, como se este fosse um fio condutor, mas manifestando-se ao longe, anos seguidos (Aberden), e com um percurso e horário sempre igual, com verdadeira direção intencionada, qual em Berbenno e em Quargentá.<sup>174</sup>

Anote-se também o caso de Stasia, cujo corpo fantasmático consta de globos luminosos e pode provocar clarões em seu redor, e o fato da reprodução, na escuridade, dos fantasmas obtidos pelo conde de Boullet e Reiners com o médium Firman, e recentemente por Ochorowicz.

E isto é reconfirmado na citada experiência na qual uma chapa envolta em três folhas de papel preto (posta pelos Drs. Hertlitzka e Foá sobre a cabeça da médium, diante da cortina negra da câmara mediúnica, para fotografar um fantasma aparecido), obstaculada por uma grande mão, que não pertencia a nenhum dos presentes, e menos à médium (e também isto demonstra haver nas sessões enérgicas vontades contrárias à da médium e à dos presentes), reproduziu quatro enormes dedos que não se assemelhavam aos de Eusápia.

Este fato tão estranho, que os observadores, por pudor científico, atenuaram no seu relato (mas cuja importância eu medi pelas próprias palavras que me disseram, e que me parece em grande conexão com o consignado anteriormente, com a impres-

são da mão de Eusápia sobre uma chapa fotográfica), é verdadeiramente de valor extraordinário, porque, excluída a radioatividade do Dr. Foá<sup>175</sup> e a da médium, que estava distante, e de mãos inteiramente diversas, resta única a hipótese de que as radiações partissem diretamente do corpo encarnado, cuja imagem apareceu primeiro, tal qual de seres símiles obtiveram-se impressões na parafina, sobre gesso, sobre chapas fotográficas, sem analogia com as formas da médium.

Com esta experiência, salvo equívoco, nos avizinhamos mais intimamente dos fenômenos, melhor direi, do organismo assim chamado *espirítico*, aqueles representantes transitórios, evanescentes, do Além, dos quais não se quer admitir a existência, por pudor científico, não obstante a tradição universal renovada por milhares de fatos que continuamente repululam sob nossos olhos. E se descobre que estes corpos parecem pertencer àquele outro estado da matéria, ao estado radiante, que agora pôs seu pé firme na Ciência, oferecendo assim a única hipótese que pode conciliar a crença antiga, universal, da persistência de algum fenômeno da vida depois da morte, com os postulados da Ciência, segundo os quais “sem órgão não há função”, e isso se concilia, sob nossos olhos, nas experiências espiritistas.

Com efeito, salvo os casos excepcionais de Katie King, em Londres, e de Leonora, em Barcelona, nos quais estes seres espirituais perduram em nosso meio por dias e por anos entre os vivos, destes fantasmas nós raras vezes vemos rosto e corpo completos, e mais frequentemente vemos alguns membros, a mão, um braço, etc., que saem de alguma parte do médium ou da cortina da câmara mediúnica, e têm a tendência instintiva de regresso à tenda, depois do seu voltear.

E, palpando-os, raras vezes e por pouquíssimo tempo nós verificamos o estado sólido, porém mais frequentemente sentimos partir da cortina ou da saia da médium um corpo fluídico que se infla e se desvanece sob a nossa pressão, sem que por isso possamos declarar não existentes, e sim, exatamente por isso, que é formado de alguma substância<sup>176</sup> que foge ao nosso tato, porque mais fluida, mais sutil do que alguns daqueles gases cuja exis-

tência negamos e talvez ainda negaríamos se a Química não os tivesse confirmado.

Evidentemente, porém, esses seres ou remanescentes de seres não teriam um meio de adquirir completa consistência, de incorporar-se, se não tomassem por momentâneo empréstimo uma parte da substância do médium, que está naquele instante amodorrado, quase agônico, perdendo transitoriamente parte do próprio peso (v. mais adiante), e também, parece, do próprio volume corporal. Mas, o tomar emprestado a força e o corpo do médium não quer dizer identificar-se com ele. Tudo, pois, conduz à hipótese de que a alma resulta de matéria radiante, provavelmente imortal, ao menos resistente a muitos séculos, e que se centuplica de energias, para atingir a dos vivos, assimilando a própria matéria radiante de que estão providos com exuberância os médiuns, durante o transe, e os seus órgãos. E com isto se explicaria a grande potência dos médiuns.

## CAPÍTULO VIII

### Fantasmas e aparições de mortos

Quando se trata de fenômenos fantasmáticos, vem súbito à mente o conselho de Dante:

*Sempre a quel ver ch'ha faccia di menzogna,  
De l'uomo chiuder le labbra quant'ei pote,  
però che senza colpa la vergogna.*<sup>177</sup>

E é ótimo conselho para quieto viver, no caso, no mundo acadêmico, que é propenso a dissimular, a negar os fatos que se rebelam a qualquer explicação, tais os precisamente tão pouco aceitáveis de influência do além-túmulo. Assim mesmo, repito, se bem seja perigoso fazê-lo, nenhuma outra explicação dos fenômenos espiritistas é possível, senão aquela segundo a qual os mortos conservam ainda suficiente energia para realizar, sob a influência dos médiuns, o que estes e os assistentes às sessões não poderiam fazer por si mesmos. E aqui recordo oportunamente que os povos primitivos que creem nos magos, e até os criam artificialmente, atribuem grande potência a esses seus médiuns, um poder que se baseia, em mor parte, no conselho e ajuda dos Espíritos. E no poder dos Espíritos dos mortos todos os povos antigos acreditaram, como veremos mais adiante, e creem, também, quase todos os povos bárbaros do mundo (e foi esta quiçá a base de todas as religiões), com uma tenacidade e uma uniformidade que deve ser tida, se não por prova, ao menos por indício importante da verdade.

### Hipótese fluídica

E com isto não viria abater-se a Ciência positiva: tratar-se-ia, não já de puros Espíritos privados de matéria, que de resto nem a nossa imaginação pode conceber, mas de corpos nos quais a matéria está de tal modo sutilizada que só pode ser ponderável ou visível em especiais circunstâncias, tais os corpos radioativos que podem desenvolver luz e calor, sem aparentemente perderem o peso.

Oportunamente, linhas atrás, vimos quantos indícios de radioatividade apresentam os fluidos dos médiuns e dos fantasmas.

Lodge compara as materializações “aos fenômenos do molusco que pode extrair da água a matéria da sua concha, ou ao animal que pode assimilar a matéria da sua nutrição e convertê-la em músculos, pele, ossos, penas. E assim esta entidade viva, que não se manifesta ordinariamente aos nossos sentidos, se bem esteja em relação constante com o nosso universo psíquico, possuindo uma espécie de corpo etéreo (melhor diremos *radian-te*), pode utilizar temporariamente as moléculas terrestres que a circundam, para confeccionar uma espécie de estrutura material capaz de manifestar-se aos nossos sentidos”.

Isto que cremos compreender por incorpóreo é produto de uma concepção fictícia: trata-se, em suma, de um grau de consistência atenuado, sem qualquer efeito sobre os nossos sentidos.

Vergílio, para conciliar na mente de Dante o conceito da própria materialidade que o torna a ele invisível, com aquela absoluta transparência, lhe diz:

*Ora se innanzi a me nulla s' adombra,  
No ti meravigliar più che de' cieli,  
Che l' uno all' altro raggio non ingombra.* <sup>178</sup>

O éter que enche o espaço completamente é, todavia, uma substância, se bem que não seja diretamente perceptível; o próprio ar, do qual se conhecem os elementos, o peso, a densidade, não é habitualmente notado como sendo uma entidade corpórea. É que nossos sentidos possuem uma extensão de perceptibilidade muito limitada ante a ação das possíveis influências externas; as ondas sonoras, por exemplo, são por nós notadas dentro de um limite mínimo e um máximo numérico; para além deles, não existem sons para nós, nem conseqüentemente corpos sonoros.

O mesmo ocorre com a luz, cujo indefinito campo nos foge, desde que esteja para além do vermelho e do violeta. Mas fazemos depender dos médiuns todos os fenômenos espiritistas, porque vemos os médiuns e não vemos os Espíritos dos mortos.

## Fantasmas

Isso, porém, não é de todo verdadeiro, porque os Espíritos concordam fazer-se visíveis, não só dos médiuns, mas aos não médiuns, em materializações, em fantasmas que as máquinas fotográficas reproduziram (vide capítulo IX), e viveram momentaneamente uma vida terrestre.

O caso de Katie King, verificado durante três anos, 1882-1884, sob a observação dos maiores experimentadores ingleses, parece-me afastar toda suspeita sobre o fenômeno mais controvertido, o da reencarnação.<sup>179</sup>

Florence Cook, sem nenhuma disposição anterior, sentiu-se impulsionada ao mediunismo depois de haver assistido em casa de uma sua amiga a uma sessão espiritista, quando havia atingido 15 anos de idade. Em sua presença, o velador se elevou até ao teto e deu golpes, e escritas diretas revelaram sua extraordinária aptidão mediúnica. Depois de algumas sessões, começou a aparecer-lhe o fantasma de belíssima jovem, que todos os presentes puderam ver e tocar. Na dúvida,<sup>180</sup> e para evitar toda forma de truque, foi a médium atada, sob selo, sinete-chancela, e imobilizada em nicho murado, como se fosse múmia, cintados os braços com fios elétricos que assinalavam qualquer movimento, e submetida ao controle de Crookes, Gully, Wallace e Varley.

Sem embargo, o fantasma continuou a aparecer, por espaço de três anos, e foi visto três vezes simultaneamente com a médium em transe; no terceiro ano, desaparecia, dissolvendo-se no solo; disse ser filha de “John King”.

Escrevia, falava, brincava com meninas, aparecia fora da câmara escura, desaparecia, frequentemente se desmaterializava à vista dos assistentes. Era mais alta que a médium e, com esta, no rosto, parecia um pouco, mas enquanto a médium tinha uma cicatriz no colo, a pele morena e os cabelos longos e escuros, o fantasma os possuía alourados e curtos, o colo sem marcas, pele branca, os dedos mais compridos e as orelhas não furadas.

O seu coração, auscultado por Crookes, acusava 75 pulsações, enquanto que o da médium pulsava 90, e o pulmão se mostrava mais sadio do que o da médium, encatarrado.

Por muitos anos duraram as aparições de Iolanda, com a Sra. d'Esperance, e foi possível fotografá-las juntas: o fantasma emergia de um globo de vapor luminoso, que se formava do corpo da médium e se materializava a expensas desta, especialmente dos membros inferiores, que desapareciam durante a materialização. Iolanda parecia uma jovem semi-selvagem, sem inteligência, porém muito curiosa; apenas aparecia e, ignorando que coisa fosse uma cadeira, intentou sentar-se no espaldar de uma e caiu; não demonstrou afeto por ninguém; brincava com os filhos de Fioller, por estar a isso habituada; em dez anos, aprendeu apenas algumas letras do alfabeto, mas tinha grande vontade de ser louvada e aplaudida; assimilou de imediato o uso de joias.

O seu corpo parecia tão real, tão carnalmente feminino, que alguém, tomando-a por mulher verdadeira, quis ofendê-la, e com fatal dano para a médium, a quem isso causou enfermidade quase mortal.

Em Barcelona, Marata, com a médium Cármen Dominguez, na quarta sessão surgiu a aparição de Leonora, um fantasma completamente materializado, que saudou os presentes com voz um tanto velada; desapareceu depois de poucos minutos, voltou ainda, reentrou no gabinete e dele saiu iguais vezes, e uma vez permaneceu entre os experimentadores quase uma hora, revelando engenho não comum.

Durante estas aparições, sentou-se três ou quatro vezes em uma cadeira trazida por ela do gabinete, deu a mão aos presentes, permitiu que tocassem sua negra cabeleira, e assim na branca vestimenta que a todos pareceu de tule finíssima, com reflexos luminosos.<sup>181</sup>

Estela Marta apareceu ao marido, Livermore, por cinco anos seguidos, durante horas inteiras, em 388 sessões, com a médium Kate Fox, à noite e em completa escuridade. A materialização foi gradual, completando-se na 43ª sessão. Pôde, por fim, suportar a luz e ser fotografada<sup>182</sup> e reconhecida. Falava pouco, escrevia diretamente, de próprio punho, estilo pessoal e caligrafia sua, frequentemente em francês, idioma ignorado pela médium, enquanto esta estava com as mãos presas por Marata. Em 1866

cessou de aparecer materializada, porém continuou comunicando-se com mensagens e com fotografias transcendentais.

Pude verificar uma vez a aparição completa de minha mãe. Foi em Gênova, certa noite, com Eusápia em estado de embriaguez, pelo que pensei nada seria obtido. Solicitada por mim, antes da abertura da sessão, a que fizesse mover-se, a plena luz, um pesado tinteiro de vidro, respondeu, com aquela sua habitual linguagem:

– E por que te enredas nestas pequeninices? Sou capaz de muito mais; sou capaz de te fazer ver tua mãe. Nisto devias pensar.

Sugestionado por esta promessa, depois de meia hora de sessão fui tomado pelo vivíssimo desejo de vê-la transformada em realidade, e a mesa imediatamente assentiu, com os seus conhecidos movimentos, de cima para baixo, ao meu pensamento. E súbito, depois, vi (estávamos em semiescuridade, com luz vermelha) destacar-se da tenda uma figura, algo baixa, velada, que fez o giro completo em torno da mesa até mim, sussurrando-me palavras ouvidas por muitos (não por mim, meio surdo que sou), tanto assim que, quase fora de mim, pela emoção, roguei as repetisse, e o fez, dizendo:

– *Cesar, fio mio.*

Isto, confesso, não estava no seu hábito; natural de Veneto, tinha o costume de chamar-me “*Mio fiol*” (são, porém, notórios os erros de expressão dos mortos) Afastando depois, por momentos, os véus do rosto, deu-me um beijo. Eusápia nesse instante estava bem segura, mantida por duas pessoas, e tem estatura no mínimo 10 centímetros mais alta que a da minha mãe. Depois daquele dia, a sombra de minha mãe (Ah! muita sombra!) reapareceu pelo menos vinte vezes nas sessões de Eusápia (quando esta, em transe, mas envolta no véu da tenda, apenas expondo a cabeça e as mãos), dizendo-me “*fiol*” e “*tesoro*” e beijando-me a fronte e os lábios. Duas vezes estes me pareceram secos e ásperos.

A Richet<sup>183</sup> apareceu, em vinte sessões, junto do general Noel, na Argélia, um fantasma, Beni Boa, com elmo e turbante.

Richet pôde ouvir o ruído dos seus passos, constatar o calor, notar-lhe a respiração e também premir os ossos das suas mãos. Tendo Richet preparado um copo com água de barita límpida, de modo que, soprando em um tubo, se podia fazer gorgolejar o ar expirado, Beni Boa tomou o tubo das mãos do general Noel e, seguindo suas indicações, soprou de modo a fazer gorgolejar por espaço de meio minuto o ar expirado, provocando o embranquecimento do líquido, o que prova haver expirado ácido carbônico, como se vivo fosse.

E é curioso, a propósito, que ele depois, como que em uma ribalta, fora da tenda, agradeceu, com inclinações cômicas, os aplausos dos assistentes, que julgou a ele endereçados, e não pelo êxito da experiência científica. Vaidade que se perpetua no Além!

Em outra sessão, em dado momento, apenas Beni Boa entrou novamente na câmara, junto desta se viu, entre a cortina e a mesa, formar uma bola luminosa, branca, que rodava pelo chão. Desta bola desabrochou, ereto, como que saindo de um alçapão, Beni Boa, não muito alto, com um pano e cinturão; andava coxeando, arrastando-se como se não pudesse sustentar-se nas pernas, e depois, vizinho à tenda, caiu e desapareceu no solo, produzindo um ruído de *clac-clac*. Três ou quatro minutos depois, aos pés do general, reaparece a mesma bola branca, ao rés do chão, e dela de novo repula Beni Boa, para depois tornar a desaparecer no solo, com idêntico ruído, e abalroando, com alguma violência, as pernas do general.

Este fato é de grande importância, porque não se pode atribuir a truque a bola luminosa no solo e que se transforma em um ser vivo, tanto mais que, no dia seguinte, Beni Boa aparece trasladando a câmara para outro ponto atrás da qual se havia formado primeiro. Três vezes se renovou este estranho fenômeno. Uma vez, Beni Boa apareceu só com o turbante e com bigode negro. Estava agigantado, quase tocando os bordos do baldaquino, e teve de inclinar-se devido à grande estatura que assumira; depois, abaixa a cabeça até ao chão, desaparecendo junto com o manto que o envolvia.

As sessões eram celebradas em um quiosque isolado de qualquer habitação, ante sete pessoas, quase todas da família Noel, entre elas Marta, a médium, de 19 anos de idade, e esposa do filho do general, quase sempre acompanhada de uma preta, chamada Aisha, que se acreditava também fosse médium.

A câmara mediúnica era constituída por um baldaquino triangular, fechado por tenda espessíssima, dentro da qual se viam Marta à esquerda e Aisha à direita.

Destas sessões se obtiveram, simultaneamente, cinco fotografias, à luz de magnésio e clorato de potássio, com uma Kodac e um aparelho estereoscópico Richard, o que exclui toda possibilidade de fraude fotográfica. As chapas foram reveladas em Argel, por um óptico que ignorava todo o ocorrido precedente. Na fotografia emerge, na abertura da câmara, uma pessoa corpulenta, envolta em manto branco que esvoaçava; sob o manto, muito sutil, transparece o cúbito, o braço e uma das mãos do fantasma, enquanto a outra mão, completamente materializada, termina em um vapor branco. À esquerda se vê o encosto da cadeira de Aisha, com a espádua esquerda bem clara e distintos os desenhos da sua veste. Em outras sucessivas fotografias não se vê toda a figura, mas apenas o queixo, a barba e algo do nariz; abaixo do fantasma, à sua esquerda, no lugar de Marta há uma espécie de manga que parece oca. O pano pendente dos braços esquerdo e direito é como que uma nuvem branca que cobre a cabeça e o corpo de Marta. Os dois médiuns estão unidos por uma larga mancha luminosa. Decerto são formas incompletas neste fantasma, porém, apesar disso, bem estudado; pois, exatamente por tratar-se de seres não vivos e completos, a forma incompleta é a regra, e não exceção, e a estereoscopia exclui toda dúvida, dando à direita, mais nítidos contornos da espádua de Aisha, e abaixo, à esquerda, fazendo distinguir bem a manga de Marta em plano posterior.

Na fotografia estereoscópica, tomada em outro dia, se vê nitidamente a figura de Aisha, que se volta para Beni Boa, que tem a cabeça coberta com elmo e em cima do elmo um turbante; uma espécie de banda lhe cobre a bochecha e a orelha direita. Do

turbante parte uma tela flutuante, cuja luminosidade se reflete sobre a mesa; sua face é menos distinta do que a da parte escura.

Em outra fotografia, a face de Beni Boa está descoberta, tem longa barba, e junto dele se vê bem Aisha; em outra se distingue, ao lado de Aisha, Marta, sentada, de quem se pode distinguir o vestido, a cintura e o braço direito voltado para ela própria; nas várias fotografias é diferente a estatura de Beni Boa: ora é maior, ora é menor.

Tudo isto exclui qualquer possibilidade de engano. Além do mais, Marta é de idoneidade absoluta; supor que possa levar o elmo, o manto e o turbante, que antes da sessão não se encontravam na câmara, e que depois desaparecessem repentinamente, é ridículo, tanto mais que as vestes de Marta, quase transparentes sobre o seu talhe gentilíssimo, não poderiam ocultar todas as volumosas vestimentas de Beni Boa, nem o manequim de apoio.

Acrescente-se que Beni Boa aparecia vivo, movia-se e falava; não havia cavidade no chão onde, por três vezes, se enfossou e desapareceu; a câmara mediúnica e o quiosque foram revistados antes e depois da sessão. Está, pois, demonstrado que alguns, ao menos, destes fantasmas apareceram, e não por breves instantes, nem fragmentários, e sim com todo o corpo e por anos inteiros, de modo que se pôde verificar peso, temperatura, pulsações, expirações de gás carbônico, e fixar o caráter moral deles: doce, benévolo, apostólico, em Katie King; vaidoso e palrador, em Walther e em Finoit; sério, austero e orgulhoso, em Imperator; genial e ambicioso, em Pelham; inculto, em Iolanda; de dois se possuem os retratos simultaneamente com seus médiuns.

\* \* \*

De resto, se o fenômeno do fantasma completo é bastante raro, frequentemente surgem aqueles fragmentos de fantasmas (rostos, braços, mãos) que aparecem amiúde nas sessões mediúnicas. E se também os fantasmas completos ou incompletos não aparecessem, teríamos a demonstração da sua presença e ação naqueles gestos e atos inteligentes, algumas vezes estéticos e também artísticos que têm lugar a distância e fora da esfera de exteriorização da sua habilidade e competência.

Há a bela frase de Flammarion: nada de singular foi revelado pelos Espíritos e pelos médiuns que não estivesse já ao nível da capacidade dos presentes; mas, eu pergunto: Em uma sessão, onde não havia nenhum escultor, com um médium que não saberia esculpir um ovo, como se podiam formar aquelas maravilhosas esculturas, que também artistas não se sentem capazes de executar em tempo tão breve? E como se poderiam formar aqueles quadros, alguns verdadeiramente belíssimos? E como puderam Finoit e Pelham fornecer profecias de fatos absolutamente não previstos e que, sem embargo, se verificaram?

Em menor escala, pode-se dizer outro tanto daquela série de movimentos que supõem a ajuda de mãos de pessoa prática, tais o tocar bandolim, violino e em piano fechado, porque não se compreende que Eusápia, ainda que exteriorizando a motilidade de seu duplo, obtivesse resultado que não teria podido conseguir quando desperta, com sua mão feminina, por hábil que fosse. Entretanto, compreendemos que o possam as formas fluídicas animadas pelo corpo vivo da médium, e compreendemos que, fundindo-se um Espírito mais ou menos iluminado no corpo de Eusápia, pode dar lugar a energias e atos dos quais ela sozinha não seria capaz, qual ocorre com o espermatozóide que se torna fecundo se chega a penetrar no óvulo, e nada mais vale se nele não se integra.

## ESTATÍSTICA

As numerosas aparições fantasmáticas estudadas na magnífica recompilação *Phantasms of the Living*, de Gurney, Myers e Podmore, trazem uma prova até estatística da sua realidade. Sobre 5.705 pessoas submetidas à sua investigação, 96 tiveram alucinações verídicas de fantasmas; 44 de pessoas mortas havia muitos anos e 13 de mortos de pouco tempo; 23 (ou seja, uma para 248) foram alucinações visíveis de pessoas vivas adormecidas ou enfermas e 1 sobre 40 de pessoas mortas nas últimas 12 horas.

Assim, como tais cotas sobrepassam em muito aquelas das leis de probabilidades acidentais, e de igual modo a maioria dessas aparições eram imprevistas e cerca de 93 delas foram

vistas por muitas pessoas simultaneamente em diferentes lugares, e muitas constatadas com os sentidos da vista, do ouvido e do tato, assim vem a quase certeza da influência do moribundo e também do recém-morto no fantasma transitório que, na maior parte dos casos se apresentava uma vez apenas.

E aqui também se acrescenta o fato de que, não raras vezes, esses fantasmas foram percebidos igualmente por animais domésticos, prova de que não existiam apenas na fantasia excitada do homem.

Samuel Johnson cita o caso de cavalos que se empinaram quando seu cavaleiro via um fantasma; um fantasma foi visto por duas meninas de 13 anos de idade e por um cavalo, que estremeceu e não mais quis andar para a frente.<sup>184</sup>

Zecchini possuía um cãozinho que saía da sua casinha, saltava e ladrava de alegria quando se evocava o Espírito do menino Emílio, com quem antes brincava. Parece, pois, que se deve integrar a força mediúmica com uma outra, ainda que transitória, a qual seria a dos mortos – assim denominada pela tradição de todos os tempos, de todos os povos e pela observação experimental.

## PROVAS HISTÓRICAS

Acrescento que idênticas aparições têm chancela histórica.

No dia 1º de fevereiro de 1733, o feldmarechal von Grumbkow se encontrava enfermo, em Crossen sobre o Oder, aonde fora a convite do seu soberano, um mês antes, para render homenagem a Frederico Augusto, o qual, em seguida, regressou para a sua Polônia. Às três horas da tarde, o marechal ouviu rumor em seu aposento e, na penumbra do recinto, cujas janelas estavam fechadas, viu o dito rei que se aproximava até tocá-lo, dizendo:

“Acabo de morrer, em Varsóvia.”

Três dias depois, chegava a notícia oficial de que Augusto I havia falecido na mesma hora em que Grumbkow tinha visto e ouvido o seu fantasma.

Em sonhos, Petrarca viu aparecer o bispo Colonna, que então regia uma diocese na Gasconha, que lhe disse (escreve o próprio

Petrarca, em carta ao bispo João Andréa) “com o ar assim de quem costuma ser risonho”:

“– Recordas quão fastidiosas te foram as tempestades dos Pirineus, quando estavas comigo diante da Garenna? Pois bem: a mim também chegou o tédio, e vou para Roma, para não voltar jamais.

Eu lhe rogava que me levasse consigo, mas ele, depois de estender-me a mão aberta, duas ou três vezes, me replicou, mudando de pronto a expressão do rosto e do tom da voz:

– Agora não te quero para companheiro.

Fixando o olhar, reparei, por sua exangue palidez, que estava morto. Presa de medo e de pesar, emiti um grito e, ao mesmo tempo, despertei ouvindo desse grito o derradeiro som. Tomei nota do caso e do dia, narrando-o aos presentes, e o relatei em carta aos amigos. E eis que, depois de 25 dias, recebi a notícia da morte do bispo e, confrontada a data, era a mesma da aparição. Seus despojos (eu não sabia, nem mesmo o suspeitava) foram dali trasladados a Roma no terceiro dia.” (Epístola.)

Um abade de Saint-Pierre, nos “*Discours pour expliquer la cause de quelques apparitions*”, refere o relato do protagonista de uma aparição, Bezuel, e que ele depois constatou verídica através de diversas pesquisas. Em 1876, Bezuel, que então contava 15 anos de idade, tinha grande amizade com o filho do procurador Abaquene, com o qual antes havia permutado a promessa de que o primeiro que morresse viria dar notícia do próprio estado ao sobrevivente. Transcorrido quase um ano daquela macabra promessa, e havia 6 semanas que Bezuel não recebia cartas do amigo, cognominado Desfontaines e residente em Caen, um dia, achando-se no palheiro da casa do Sr. de Sorteville, se viu presa de tal aturdimento e debilidade, que perdeu os sentidos. Socorrido pelas pessoas presentes, tornou a si e, enquanto o ajudavam a descer a escada, percebeu Desfontaines junto desta, o qual o pegou pelo braço direito e o conduziu a uma via solitária, a trinta passos dali, e lhe disse:

– Afoguei-me no rio de Caen, anteontem, a esta hora aproximadamente (eram cerca de duas e meia da tarde); eu fora tomar banho com Fulano e Sicrano. Na água, tive um delíquio e afundei.

Desfontaines lhe relatou em seguida quanto lhe havia sucedido, durante esse último passeio ao rio, e o que havia falado aos companheiros. Todas as particularidades foram verificadas verdadeiras por Bezuel, que posteriormente teve ainda, por duas outras vezes, aparições do amigo.

## CAPÍTULO IX

### Fotografias transcendentais

A confirmação da existência dos fantasmas, a prova de que estes não são um fenômeno alucinatório, subjetivo, estaria fornecida, completa, nas chamadas fotografias espiritistas, se sobre algumas não houvesse suspeita. Eis qual é a história e a lenda.

Em março de 1861, Mumler, gravador da casa Bigelow Bros e Kermant, que dedicava suas horas de ócio à fotografia, viu certa vez aparecer em uma das suas provas uma figura estranha ao grupo que fotografara e concluiu que uma chapa já impressiionada se havia, por engano, misturado com as novas. Mas, uma segunda prova deu igual resultado, com aparência humana ainda mais nítida. Esta seria a primeira fotografia espiritista ou transcendental. A notícia se espalhou rapidamente, e bem depressa o pobre diletante foi assediado com pedidos que chegavam de toda parte e, para satisfazê-los, houve de consagrar duas horas por dia a esta nova indústria. Depois, fazendo-se a clientela sempre mais numerosa, teve de renunciar ao ofício de gravador.

Importantes personagens desfilaram ante a sua objetiva, conservando o incógnito, e só a algumas pôde conhecer posteriormente. Dizem que aceitava todas as condições que exigissem para o controle. As figuras que apareciam eram as de seres cuja recordação preocupava a mente da pessoa que posava.

O célebre fotógrafo M. Black, de Boston, inventor do banho de nitrato, fez um inquérito acerca do método de Mumler. Por mediação de um amigo, que precisamente havia obtido uma prova do fantasma, Black ofereceu 50 dólares a Mumler para que operasse em sua presença. Com completo escrúpulo crítico julgou dever examinar objetivas, chapas, recipientes e banhos; não mais perdeu de vista a chapa nos seus preparativos preliminares e ele próprio a levou à câmara escura. Lá, ao revelá-la, viu aparecer o fantasma de um chinês sobre a espádua do seu amigo.

Mumler foi em seguida encorajado a continuar publicamente suas provas; com esse fim, abriu um gabinete em Nova Iorque, depois de ter convencido seus colegas Silver, Gurney, etc., e não

mais hesitou em aceitar trabalhos nos seus estúdios, com seus aparelhos e chapas, conseguindo sempre idênticos efeitos. Um dia, Mumler é preso, em Nova Iorque, sob acusação de bruxaria e fraude. Seu processo foi clamoroso, numerosas testemunhas o defenderam, e ele foi absolvido.

Muitos continuaram depois as tentativas, com maior êxito. Afamado entre todos foi, pela constância, João Beattie, de Clifton (Bristol), homem de provada honestidade e habilíssimo em matéria fotográfica, que quis rodear-se de seguros controles e que, para maior precaução, quis operar no laboratório de um outro colega, Josty, usando um bom médium, Butland. Em uma primeira sessão, foram feitas nove poses, sem resultado; mas, na segunda sessão, depois de oito infrutíferas, na nona chapa apareceu qualquer coisa que, na revelação, tinha vaga semelhança com uma forma humana.

Nas experiências sucessivas, obtiveram-se imagens que se assemelhavam à parte superior de um corpo de mulher ou se aproximavam à forma de uma estrela, de um cone, de uma garrafa. Com frequência, o médium, durante a pose, descrevia a forma das aparições, que depois se verificavam na chapa, e as suas descrições foram sempre confirmadas verdadeiras. Notável era a rapidez com que apareciam estas imagens na chapa, muito superior à em que se revelam as imagens normais.<sup>185</sup> Ainda aqui, e assim em outras provas, nos encontraremos, pois, frente a produções de uma certa matéria, invisível aos nossos olhos e luminosa por si mesma, e que reflete sobre a chapa fotográfica raios de luz aos quais a nossa retina é insensível, e que seria dotada de tal energia fotoquímica que as suas impressões aparecem antes de todas as outras imagens, antes mesmo das figuras normais, cuja revelação exige mais longo tempo.

Também dele suspeitaram, porém não foram estas as últimas provas de fotografias espiritistas. Experiências símeis e com igual fruto foram tentadas por Guppy, Parkes, Reeves, Russell, Slater, Williams, na Inglaterra; Reimers, na Alemanha; Damiani, na Itália.

Wagner, na Suíça, com Slater, obtém um dia o retrato de uma sua irmã, entre dois rostos, um dos quais era sem dúvida o de

Lorde Brougham, morto algum tempo antes, e no outro Slater reconheceu o retrato de Robert Owen, ao qual estava ligado por sólida amizade e que antes de morrer lhe havia prometido que, caso existisse um outro mundo, lhe apareceria.

O editor Dow, de Boston, tinha entre os empregados uma jovem a quem era grandemente afeiçoado e que morreu aos 27 anos de idade. Sete dias depois da sua morte, um médium lhe disse que uma bela jovem queria vê-lo e oferecer-lhe rosas que tinha na mão. Depois de algum tempo, em Saratoga, conheceu outro médium, Slade, que, em sessão, ignorando totalmente os antecedentes, apenas tocou a mão de Dow, escreveu automaticamente sobre o oleado: “Estou sempre convosco.” E a seguir a assinatura da morta.

“De regresso a Boston – escreve Dow –, apresentei-me à médium Hardy e com a sua ajuda tive a aparição da minha amiga, a qual me disse que, em Saratoga, me havia dado prova da sua identidade. Acrescentou que estava sempre perto de mim e desejava dar-me o seu retrato, sugerindo-me ir ao fotógrafo Mumler. Fui, e não o encontrando, anunciei-me à sua esposa com o nome de Sr. Johnson. Depois de uma semana, durante outra sessão, minha amiga apareceu, dizendo-me:

– Como está, Sr. Johnson? Não havia notado até agora que V. se envergonhasse do seu nome.

Tornei à casa de Mumler e, depois de duas poses negativas, na terceira, estando a Sra. Mumler em transe, compareceu minha amiga, dizendo:

– Hoje, terá V. meu retrato. Estarei perto de V., apoiando a mão em seu ombro e com uma coroa de flores na cabeça.”

E assim foi. E se trata de um céptico em Espiritismo, que desconfiava do fotógrafo.

Escolhi este único exemplo entre os numerosos que poderia citar de Mumler, porque é o mais documentado e ocorreu quando as dúvidas e acusações contra ele deviam fazer aumentar as suspeitas de um já céptico.

Também Hartmann, de Cincinnati, por ter obtido dessas fotografias, foi acusado de fraude, porém obteve os mesmos resultados quando uma comissão adversa quis presenciar as experiências e nelas tomou parte.

O que entre tantas incertezas mais fala em prol da fotografia espiritista é o ver que, longe de cessar, depois dos processos clamorosos contra os fotógrafos, continuou e foi difundindo-se sempre mais, até nossos últimos dias.

Recentemente, Carreras<sup>186</sup> contava de dois médiuns, não profissionais, nem remunerados, de honradez inatacável, os irmãos Randone, que obtiveram curiosíssimas fotografias desse gênero.

Em novembro de 1901, o fotógrafo Benedetto, à luz do magnésio, fotografou Randone e o Sr. Bettini, e ao revelar a chapa, além da imagem, encontrou uma série de rastos luminosos e transparentes.

Na manhã de 18 de março de 1901, Filipe Randone sentiu-se impulsionado<sup>187</sup> como que por irresistível sugestão a tentar uma fotografia transcendental, servindo de médium uma sua irmã. Desembaraçou para isso o recinto da mesa que estava no centro, colocou uma poltrona e uma cadeira ao lado uma da outra, com a ideia de que na primeira se acomodasse a médium e na segunda pudesse tomar lugar um Espírito materializado, conforme acontecera em vez anterior. A senhorita caiu adormecida, subitamente, estando de pé, e então o irmão a ajudou a sentar-se na cadeira, por estar mais próxima do que a poltrona. Imediatamente viu que se formaram em torno da irmã como que flocos de algodão branco, que rapidamente se condensaram em nuvem sobre a poltrona, à direita da médium. A Sra. Mazza também distinguiu *perfeitamente* uma figura branca, com cabelos pretos, meio difusa, ao lado da médium adormecida, gemendo, como o fazem todos os médiuns em transe.

Tomou Randone a máquina fotográfica, abriu a objetiva, fazendo uma exposição de 30 segundos, finda a qual viu apenas a irmã; antes, o fantasma permanecera materializado de 10 a 12 minutos, sem emitir som algum ou mover-se, parecendo apenas

que se agitara quando Randone o tocou, e parece que foi perdendo densidade no momento da pose.

Revelada a chapa, em presença de seis pessoas, chapa controlada e que se reconheceu ser uma das contra-senhadas, apareceu uma figura que, no negativo, não se distinguiu bem, mas depois deixou aparecer o fantasma de uma jovem, aparentando 17 ou 18 anos de idade, vestida de branco, com bastos cabelos negros, que, à semelhança de dois bandos, lhe encobriam o rosto.

“A pressa e a agitação com que foi feita a fotografia foram causa de que faltasse a parte inferior do fantasma.

Nenhum de nós a conhecia, porém, em muitas comunicações sucessivas, dadas pela voz da dita médium Randone, o véu do mistério foi em parte levantado. Com efeito, aquela personalidade disse, não sem uma certa confusão de ideias, que desejou comparecer no dia anterior; quando viva, era jovem e bela, tão bela, que estava noiva; morrera em 1889; do véu em que a envolveram foi cortado um pedaço que seus pais conservam; que lhe cortaram o cabelo na parte da nuca; que eram mui formosos seus cabelos; fora rica e habitava um castelo nas terras de Ar...

Em uma série de sucessivas comunicações, deu outras particularidades: chamavam-lhe *Bebela*; tivera *todas as coisas rubras* à sua frente; que fora exposta ao povo durante três dias e que os aldeões vinham contemplá-la e diziam:

– Pecado! Era tão bela!

Viu-se levada a enterrar *em um alto*, no meio do bosque, em capela que tem uma janela, pela qual se pode ver o lugar onde está sepultada; que há uma luz acesa na capela, a propósito da qual fala:

– Dizei a Camilo que nem sempre acendem a luz, conforme ele desejaria. Quando faleci, estavam todos assim de vermelho;<sup>188</sup> quando viva, ia com as monjas e com elas brincava.

Por todos estes pormenores imaginei à qual família podia ter a morta pertencido. Atendo-me às informações, averigui que, efetivamente, do Príncipe M., em Ar..., em 1889, morreu uma filha de 16 anos e meio, vítima de nefrite consecutiva

a escarlatina; de nome Isabel (de onde o carinhoso familiar *Bebela*, conhecido unicamente da família e dos íntimos da casa, como me foi confirmado por fidedigno intermediário); bela de talhe e de rosto, e abundante cabeleira; esteve exposta ao público três dias e foi inumada em capela familiar, sita na parte mais elevada da vila e adjacente ao castelo medieval.

A mãe, porém, declarou não reconhecer a morta no pouco de rosto que se mostrava na fotografia e acrescentou que os cabelos nesta apareciam mais escuros e mais lisos; que sua filha nunca esteve prometida (o que se explica pelos erros que os Espíritos costumam cometer), e que não lhe haviam posto o véu de que falava e no qual se mostrava envolta. Afora isso, *confirmou-me* todos os detalhes indicados.

A 27 de junho, quando a Srta. Randone estava já vestida e colocara o chapéu para sair, caiu de inopino em transe. Subitamente se formou a seu lado um fantasma envolto em volumosos panos brancos, visível da cabeça a um pé, que parecia calçado com meia, fantasma que foi fotografado, mas, pela escassez de luz, rapidez da aparição e por não estar bem formado o rosto, não saiu bem.

Simultaneamente à aparição, foi feito o transporte (*apport*) de uma tira de véu crespo, verde, com sinais de pregado, e de algumas flores fanadas. Os transportes de flores continuaram no dia seguinte, a plena luz, em presença de cinco pessoas, e isso constatei perfeitamente com os meus próprios olhos.

Na última fotografia, embora não bem sucedida, há uma particularidade interessante: os cabelos do fantasma eram *crespos*, conforme, com efeito, os tinha *Bebela*. Parecia, com isso, que a entidade manifestada quisesse responder à objeção da genitora acerca da sua cabeleira.”

Tummolo, em Roma, em uma sessão com Politi, obteve a fotografia de sua filha morta havia alguns anos. Para evitar toda suposição de fraude, ele próprio comprara a chapa e, para maior precaução, nela após sua assinatura, que se vê reproduzida no fundo da chapa, junto com a imagem da filha.<sup>189</sup>

Mas, talvez mais do que tudo, pela autoridade do nome, prevaleçam as provas de Stead e de Ochorowicz. Stead nota, ele próprio, quanto é fácil o truque fotográfico; porém ele se serve de chapas contra-senhadas e reveladas por ele mesmo, e a garantia se estriba em ser o retrato, perfeitamente reconhecível, de um morto cuja existência era ignorada tanto dele quanto do fotógrafo que o ajudava.

“De tais fotografias – escreve – obtive diversas provas, porém referirei apenas um bem documentado caso. O fotógrafo, a quem a mediunidade permite fotografar o invisível, é velho e sem instrução, clarividente e clariaudiente. Na época da última guerra dos boers, pedi-lhe uma sessão.<sup>190</sup> Apenas me havia sentado diante dele, disse-me:

– Outro dia tive uma surpresa: um velho boer se apresentou no meu estúdio, armado de fuzil, e seu olhar feroz me sobresaltou.

– Vai-te embora – disse-lhe –, não me agradam armas de fogo.

E ele desapareceu. Mas, eis que voltou, entrando com V. Está desarmado e tem o olhar mais tranquilo. Deve-se consentir que fique?

– Certamente – respondi-lhe –, e poderá V. fotografá-lo?

Sentei-me frente à objetiva e o operador enfocou a máquina. Nada podia discernir, mas, antes de retirar o “chassis”, solicitei ao fotógrafo que lhe perguntasse o nome. O fotógrafo mostrou atitude de formular uma pergunta e de aguardar a resposta. Depois:

– Diz que se chama Piet Botha.

– Piet Botha? – objetei em tom dubitativo. – Conheço um Filipe, um Luís, um Cristiano, e não sei quantos outros Botha, porém nunca ouvi falar deste Piet.

– Ele insiste em que é esse o seu nome.

Quando foi revelada a chapa, vi, apoiado no meu ombro, um tipo galhardo e hirsuto, que tanto podia ser um boer quanto um mujique. Não disse nada, mas aguardei o término da guerra, e, à chegada do general Botha a Londres, lhe remeti a

fotografia, por mediação de M. Fischer, agora Primeiro Ministro do Estado de Orange. No dia seguinte, M. Wessels, Delegado de um outro Estado, veio ver-me e me disse estar maravilhado de ver aquela fotografia:

– Esse homem é meu parente, e tenho seu retrato junto comigo. Foi o primeiro comandante boer que sucumbiu no assédio de Kimberley. Petrus Botha – acrescentou –, a quem chamávamos Piet para abreviar.

A fotografia eu a conservo e foi igualmente identificada por outros colegas dos Estados Livres que conheceram Piet Botha. Foi por simples acaso que pedi ao fotógrafo o nome do Espírito.

Este fato não se explica com a telepatia. Ninguém na Inglaterra, pude assegurar-me, tinha notícia da existência de Piet Botha.”

\* \* \*

Mais importante é a fotografia do Espírito-guia de um médium, obtida por Ochorowicz. Eis o que ele escreveu:

“Envio-lhe a fotografia da pequena Stasia, tomada em 6 de abril de 1909, em câmara vazia, completamente escura, contígua à em que nos achávamos, eu e a médium Tomczyk. A médium, colocada à frente da porta fechada do outro recinto, viu, por debaixo daquela, um clarão. Não podendo vê-lo do lugar onde eu estava, desejei que se reproduzisse; não se fez possível naquele momento repetir a fotografia completa. Estavam também presentes De Vesme e Manuell.

Pudemos constatar 12 clarões mediúnicos em diferentes pontos do aposento pouco distante da médium, da qual eu tinha presas as mãos. A fotografia da pequena Stasia foi tomada a meio metro de distância com um Anastigmat Sutar, com a chapa Lumière, retirada de uma caixa adquirida expressamente poucas horas antes, e intacta. Esta luz ou clarão mediúnico iluminava só o fantasma e uma parte do encosto da cadeira em que ele estava sentado.

Vê-se, examinando-a com uma lente, em torno da figura do fantasma uma espécie de franja luminosa, que, segundo a explicação do fantasma, provinha da concentração, naquele ponto, de um vapor luminoso que o circundava e do qual estava impregnado o mata-borrão (papel secante) com que, à falta de outra matéria, se havia confeccionado o busto. A toalha esponjosa destinada a cobrir o resto do corpo do fantasma, pouco materializado, estendida por mim no encosto da cadeira, se encontrou (arrastada pelo solo e enxovalhada) sobre a mesa ao lado da parede; os cabelos estavam materializados incompletamente.

Entretanto, a médium, em estado de vigília, sente apenas calafrio e tremor intenso, mas, algumas horas depois da sessão, o retardado prazer do êxito obtido se manifestou com força excepcional, prova da sua exaustão na sessão.”

Nos últimos *Annales des Sciences Psychiques*, com maiores detalhes, Ochorowicz explica como ocorreu o fato.

Sua médium T. sofrera um desgosto; em seguida advertiu, pelos movimentos de um cestinho próximo a ele, que seu Espírito-guia, Stasia, desejava falar-lhe.

“Em seguida recebemos o aviso tiptológico:

– Quero fotografar-me; preparai o aparelho, instalai-o no centro do recinto, enfocando-o a dois metros; não necessito de magnésio, nem de médium.

No dia seguinte, 29, fui comprar chapas Lumière. A pequena Stasia, depois da refeição, anunciou-se com movimentos do cestinho e repetiu:

– Quero fotografar-me; ponde o aparelho sobre a mesa, perto da janela, regulando-o a meio metro; colocai uma cadeira diante da mesa e depois deem-me algo para cobrir-me.

Contentou-se com uma toalha que estendi no encosto da cadeira onde devia sentar-se; abri o obturador e fui reunir-me à médium em minha câmara, fechando a porta.

Sentamo-nos pouco esperançosos de êxito, quando de pronto a médium viu, pela fresta da porta, um clarão, e aos

dois ou três minutos um toalheiro, em que a médium apoiava a mão, se moveu e se recebeu a mensagem:

– Está feita, revelai a chapa.

Entrei na câmara escura para fechar a objetiva, acendi a luz e vi que a toalha, antes posta no dorso da cadeira, estava sobre a mesa, amarfanhada; uma grande folha de papel secante (mata-borrão), rasgada em parte, e úmida, estava na mesa de cabeceira. Aos três quartos de hora se revelava na chapa a imagem de Stasia, que parecia não ter peito, nem ventre, nem pernas, e não podia, pois, ter sido substituída por uma pessoa viva e muito menos por um quadro recortado, porque em toda a periferia da cabeça eram vistos, com a lente, pequenos globos luminosos que provinham de vapores luminosos fluídicos, com os quais, conforme explicou, se havia constituído, porque globos luminosos menores formavam o resto do rosto e da cabeça.

Ora, pergunta-se: não havendo ninguém entrado na câmara, quem havia mudado a posição da toalha? Quem trasladou e usou o papel secante que se encontrou molhado, para entrar em contato com os vapores fluídicos?

A luz que permitiu fazer a fotografia proveio da esquerda, mas veio de cima, onde se assinalam bordas luminosas; e, na parte de baixo, caindo sobre a metade esquerda da toalha e projetando sombra no papel secante.

Interrogada, Stasia respondeu que se havia sentado à frente da objetiva; que conseguira materializar-se no rosto e um pouco no cabelo; que toda a sua figura era apenas o acúmulo daqueles globos luminosos de vapor de que estava formada; que havia provocado uma luz à esquerda e acima da parede.

– Não sei porque este clarão ilumina o meu rosto ao alto, e em baixo, pela esquerda.

A maior quantidade de luz que se refletiu na frente de Stasia vinha de cima. Ora, um clarão de magnésio que eclodisse sobre a cabeça não teria fotografado o rosto, e sim velado a chapa. A participação da médium, que não se notou no momento, pois que parecia normalíssima, e com maior razão

contente pelo êxito do fenômeno, se revelou mais tarde, à noite, com fortíssimas convulsões e mal-estar.”

\* \* \*

Numerosa série de fotografias espiritistas foi conseguida nestes dois últimos anos pelo Dr. Imoda, com a médium Lina G. (especialmente desenvolvida neste gênero de experiências), com o controle dos Drs. Marzocchi e Audenino, em Turim, em casa da marquesa de R., e também do prof. Richet, em Paris. A médium tinha por guia o Espírito Vicente, de quem se fala no capítulo “Identidade”, o qual demonstra nas sessões o caráter brutal e cínico que apresentava em vida. Nas primeiras sessões provocava fenômenos desordenados, incoerentes, queda de objetos pesados, ruptura de móveis e de instrumentos científicos e nem sempre com respeito à incolumidade das pessoas.

Mas, com o progredir das sessões, foi-se, pouco a pouco, suavizando nos modos e na linguagem, embora conservando sempre o caráter brutal, violento e, em sumo grau, a autonomia. Prometeu, ante os insistentes pedidos dos experimentadores, que com paciência e tempo seria possível a fotografia de mãos e vultos mediúnicos, e, com efeito, ao cabo de um ano da citada sessão, manteve a promessa.

Primeiro deixou ver (apenas perceptível) na sessão, com o eclodir do magnésio e do clorato de potássio, a sua efígie em um busto de gesso, tronco na parte inferior, em ângulo agudo; depois, uma mão que rodeava, à guisa de colar, a cabeça da médium, mais tarde, um crisântemo na cabeça de um dos controladores (esta flor desapareceu; disse Vicente que, tendo-a materializado, teve de desmaterializá-la) e depois ainda fez demonstrações; finalmente, fez alusão cínica a um incidente ocorrido – mão branca (de gesso?) em posição de figurar chavelhos e que dava essa sombra.

Doutra feita, aparece outra mão, aparentemente de gesso, sustentada antes por um braço do que por uma tabuinha retangular coberta pela cortina.

Após três meses destas aparições incompletas, conforme havia prometido nas precedentes sessões, apareceu, contornada por

véus postos no gabinete mediúnico, a face de mulher carecedora de tronco, que se dizia amiga de Vicente. Ao termo de um mês apareceu o rosto delicadíssimo de uma menina de 4 anos de idade, contornado por um véu mediúnico e que Vicente disse ser filha da anterior aparição.

Depois de idênticas outras sessões sem novas imagens, apareceu belíssima e completa mulher, que se disse campesina e rival da precedente. Antes da sua aparição, foi sentida forte alteração na câmara mediúnica; repetiu-se com a própria voz da médium uma discussão de pessoas que “queriam passar”, para serem fotografadas.

Apareceram depois figuras belíssimas e roçagantes, quase vivas. Ao todo, três mulheres, uma delas algo parecida com a médium, e três meninas, quase todas carecentes de mãos, de pés e de orelhas. Tinham, no geral, um véu mediúnico na periferia; os panos do gabinete lhes rodeavam o resto do corpo, como que a dissimularem a ausência das mãos e dos pés. Mas, o que mais importa: faltavam as sombras; sempre, em todos os retratos, as figuras não projetam sombra ou a projetam só quando envoltas nos panos do gabinete.

Em uma sessão de Richet, na qual Vicente pretendia apresentar um louco por mim curado, apareceu um rosto de mulher convulsionária, com a cabeça revirada para a da médium.

Ora, essas fotografias, cuja autenticidade é segura, porque as vimos revelar sob nossos olhos, parecem ser, pela falta de sombra, reprodução de retratos feitos estupendamente sobre chapa e retalhados depois para simular um corpo verdadeiro. Não são decerto pinturas diretas, que a médium não podia realizar, pois possui apenas rudimentos de desenho, nem trazê-las escondidas, porque é revistada antes e depois da sessão, e menos Vicente, por ser inculto e antítese de esteta.

A única hipótese possível é que, tal qual ocorre com as moldagens de gesso, sejam elas mediunicamente transportadas às sessões, de onde desaparecem depois, à semelhança de muitos transportes (*apports*) mediúnicos.<sup>191</sup>

Noto nesta altura que a muitos profanos devem parecer fictícias tais imagens, porque são carecentes de uma parte do tronco e do rosto, quando não gessiformes ou rígidas, como se fossem fantoches plantados em bastões ou neles envoltos.

Mas podemos assegurar haver visto os fenômenos em uma casa particular, em que preparamos o gabinete mediúnico e onde ninguém era suspeito, nem podia fazer truques.

Pouco antes, vimos que Stasia aparecia com o tronco quase completo na fotografia, e ainda Ochorowicz pôde constatar que aquele busto e aquele tronco eram formados com papel secante e com um pano que se encontrava no recinto.

Nós, como humanizamos os instintos dos animais, errando frequentemente na interpretação, também assim damos por pessoa completa de ser vivente esses fantasmas que são quase sempre fragmentários e incompletos, que se ataviam, com diabrura, com os objetos que se acham ao seu redor, além do véu mediúnico para tomar forma que seja mais acessível aos nossos olhos, quando não assumem aquele aspecto de luzes errantes que talvez seja a sua imagem mais sincera.

Nestas, de Imoda, compareceram sob a forma de bustos, quadros e retratos. Creio, a este propósito, que aquela estranhíssima fotografia que Randone e sua irmã obtiveram, de uma certa Baruzzi, serva residente em Roma, e morta na Sardenha, na qual, além da própria imagem, aparecia a de um bastião de Civitavecchia, ante o qual aparece de novo a mesma Baruzzi, com traços desvanecidos, ou seja, o misto de uma paisagem e do retrato da morte.

E a este propósito, recordemos que, pelos últimos estudos de Taylor e de Rochas,<sup>192</sup> as fotografias espiritistas se devem classificar em 6 espécies:

- 1º) retratos de entidades espirituais, invisíveis em condições normais;
- 2º) flores, escritos, coroas, luzes, imagens estranhas ao pensamento do médium e ao do operador no momento da impressão da chapa;

- 3º) tipos que parecem a reprodução de estátuas, pinturas ou desenhos; estas imagens se podem atribuir, injustamente, a fraude ou truques grosseiros, quando são talvez a reprodução de imagens mentais mais ou menos conscientes do médium, ou signos voluntários dados por inteligências estranhas do espaço;
- 4º) imagens de formas materializadas, visíveis por todos os assistentes;
- 5º) reprodução do corpo astral ou duplo de pessoas viventes;
- 6º) provas nas quais parece que a revelação nada tenha feito aparecer, porém nas quais os médiuns e os clarividentes distinguem uma imagem que ali consta, absolutamente autônoma da personalidade do observador.

Análoga, parece-me, é a formação de esculturas perfeitas por obra de médiuns ignorantes da arte e que, portanto, não podem ser seus verdadeiros autores (vejam-se, por exemplo, as esculturas obtidas por Eusápia).

Em 1875, Denton, com o médium Hardy, obteve em parafina o molde de mãos e pés, enquanto o médium estava a 60 centímetros de distância da parafina. Mais tarde, foram obtidas, com a parafina fechada em uma caixa, constituída por uma tela de ferro de malhas densas e solidíssimas, com o fundo e tampa de madeira. A tampa se compunha de duas partes munidas de fechadura. Para maior precaução, a caixa foi envolvida em um pano, selando-se o orifício do fecho.

Depois de 40 minutos, foram ouvidos golpes animados que anunciavam o bom êxito da experiência.

Rotos os selos e aberta a caixa, encontrou-se a forma completa de grande mão, que flutuava na água fria. O escultor O'Brien não hesitou em afirmar que, entre os escultores de fama, talvez não se encontraria um entre cada 100, capaz de modelar semelhante mão, com todas as suas menores particularidades, e que correria ainda o risco de não triunfar, pois que, para reproduzir os objetos, se emprega o cunho em peças, o que ocasiona depois o incômodo do desbaste para tirar as barbelas das juntas.

Com Reimers, em 1876, renovou-se a experiência, encerrando-se o médium num saco, que lhe tapava a cabeça e as mãos. Os dedos que se obtiveram eram de um centímetro mais curtos e dois menos na circunferência dos do médium; porém algumas das características das mãos do médium (tais as rugas da idade) figuravam entre as do fantasma, que era jovem.

## CAPÍTULO X

### Identificação de fantasmas

Àquelas das fotografias espíricas se juntam outras provas para documentar que as aparições e as comunicações tiptológicas não são ilusão imaginativa dos médiuns ou dos presentes às sessões.

#### Nomes

Morselli afirma que, dos Espíritos revelados até agora, não se conhece exatamente o nome, porque são criações da fantasia do médium. Seria esta uma forte objeção contra a realidade dos fantasmas, porém podemos responder que o mais importante de todos eles, Pelham, viveu com o nome de Pelhev, e que Katie King era a Srta. Annie Owen Morgan.

E se é verdade que muitos desdenharam revelar seus nomes, o que se deu exatamente com sua mãe, e se esconderam sob pseudônimos, é também certo que, na intimidade, depois de numerosas sessões, muitos, assim Imperator e Rector, terminaram revelando-os a Stainton Moses.

No último livro de Joire, *Les Phénomènes Psychiques*, encontro larga série de indivíduos que não só deram seus nomes nas sessões tiptológicas da *Società de Studi Psichichi*, de Nancy, senão que também provas de identidade, confirmadas 19 vezes em 20 casos.

Tais foram, por exemplo, Garcia Moreno, que comunicou a única palavra pronunciada quando estava para morrer, assassinado a golpes de “machete” pelo irado Rayo; Henrique Carlos Montagne, morto no Annam; e precisamente Nhatrant, que declarou ter sido morto por um tigre, quando estava de serviço, e apelou para o testemunho de Daniel Richer, que confirmou todos os dados que aquele havia mencionado. E assim Maurício Bauss, tecelão em Viry, que declarou haver morrido aos 20 anos, em Gerbipol, por embriaguez e frio, e o prefeito do dito lugar confirmou tal morte, na neve, em 1877.

Impossível tratar-se aqui de criptomnésia, pois os presentes àquela sessão também não existiam em 1877.

Também a Sra. Duchen manifestou haver falecido aos 78 anos, em Vendrett, o que foi pelo prefeito local confirmado. E assim Luís Naude e ainda João de Boutoris, que declarou ter vivido sob a Regência, ter sido amigo do Cardeal Dubois, ter nascido em Montauban, que seus parentes estavam agora em Monteccome, o que foi confirmado pelo prefeito.

Sixnoma de Levitz falou de uma irmã, Isabel, que se constatou ter existido e que se manifestou em sessão, e citou certos parentes que residiam em Perpignan, Rua Nova, o que igualmente se positivou.

De resto, uma comunicação de Gurney<sup>193</sup> justifica a renitência dos Espíritos em revelar os nomes, porque, se estes recordam ao médium fatos comuns ou que lhe são conhecidos, e então inspirando associações pessoais, revelam a atividade subconsciente que tece novelas fantásticas; e, quando não são novos, não despertando associações antigas, só logram fixar-se pelo médium com muita dificuldade.

### **Coincidências**

Muitas coincidências provam a realidade das aparições e to-lhem toda suspeita de origem sugestiva, como bem demonstra Laurent.<sup>194</sup> De 666 aparições anotadas por Gurney,<sup>195</sup> das quais antes falamos, 20 eram coletivas. Em 5 casos, o agente era desconhecido do paciente e, assim mesmo, foi descrito. Em 9 casos, a aparição apresentou alguma particularidade, um novo vestido, uma ferida, etc., cuja existência o percipiente ignorava.

Eu, contudo, ouvi da Sra. de March ter ela visto em sua vila, situada a 20 quilômetros de Siena, a sombra do Prof. Bar..., que foi seu médico, com o rosto metade barbudo e metade imberbe, como jamais o houvera visto em vida. Ora, eu pude verificar que ele possuía esta anomalia que, em vida, sempre escondeu de todos, barbeando-se diariamente, o que era ignorado pela Sra. de March.

É certo que muitas vezes firmar a identidade das aparições, no dédalo dos truques, confusões e erros de linguagem (erros frequentemente, como veremos, involuntários), e separar o que cabe ao inconsciente do médium e dos assistentes é difícil, mas casos há em que isso se consegue, com a confirmação dos vivos presentes ou distantes.

Tais eram, por exemplo, as comunicações de Pelham. Este pertencia a uma grande família da Norte América, estudou Direito, mas depois se dedicou completamente à Literatura e à Filosofia, tendo publicado duas belas obras filosóficas. Interessaram-lhe vivamente as investigações psíquicas e a Sociedade de Estudos Psíquicos Americana, mas sustentou, particularmente com Hodgson, vivas polêmicas a respeito da sobrevivência, na qual ele não acreditava, prometendo que, a ser possível, trataria, depois de morto, de comunicar com ele.

Pelham conhecia a potência da médium Piper, tendo assistido a algumas das suas sessões. No mês de fevereiro de 1892, caiu de um cavalo e morreu, ainda muito moço, e a 12 de março se manifestou, por escrita automática, quando Piper era guiada por Phinuit, que procurou repeli-lo, mas depois se adaptou à sua intrusão. Das 156 pessoas que estiveram em contato com a Sra. Piper, reconheceu 30 e a cada uma dedicou palavras alusivas ao respectivo passado e relações com ele antes de morrer. Assim, perguntou a Alhoar se ainda se ocupava em escrever acerca da sobrevivência, e acrescentou:

– Resolverei o problema de Catarina.

Esta frase não podia ser entendida por quem não soubesse (e Alhoar o ignorava) que, anos antes, havia com ela discutido a respeito da Eternidade e do Espaço, e lhe dissera:

– Resolverei estes problemas.

À Srta. Vance, inscrita em uma Sociedade Mútua pela Arte de Escrever, perguntou:

– Quem corrige os escritos, agora que não estou aí?

E lhe falou do irmão, dela, que fora seu condiscípulo, e da casa de campo onde existia uma vinha de um lado e um balouço do

outro lado; reconheceu os botões de punho de João Hart, os mesmos que lhe havia ofertado antes de morrer.

– E minha mãe – acrescentou – os pegou, deu a meu pai, que lhos remeteu.

E olhando a fotografia:

– É a vossa casa de campo, mas lhe falta uma dependência.

E, com efeito, faltava na fotografia um galinheiro. Pediu a Evelina, filha de Howard, notícia de um livro que lhe havia ofertado com dedicatória e, recordando sua incapacidade para a Matemática, disse:

– Eu não te atormento mais, hoje; porém, serias capaz de me dizer que coisa faz 2 somado com 2?

Apresentam-lhe as primeiras linhas do *Pater*, em grego, e ele, depois de longas hesitações, o traduziu, mas, no segundo versículo, acertou apenas com as primeiras palavras, conquanto fosse ajudado por Moses, como Stattford, em uma questão de Anatomia Nervosa, se fez auxiliar por Wilis.

Ora, a Sra. Piper não sabe uma palavra de grego e, se o traduzisse do pensamento dos presentes, teria sabido traduzi-lo no todo, e não em parte. Acrescente-se que à Sra. Piper, por exemplo, se manifestou uma havaiana e comunicou três ou quatro palavras do seu idioma, que nenhum dos circunstantes conhecia, e isto vale para atalhar ao meio aquelas objeções de que o médium recolhe do inconsciente dos presentes as noções que ele não tem.

Certo dia, Lodge pediu ao seu falecido tio Jerry, que se comunicava pela Sra. Piper, revelasse algum incidente de sua vida, e ele respondeu:

– Íamos num barco, que soçobrou, e tivemos de atingir a margem a nado. Perguntem ao meu irmão Roberto.

Disto não sabia Lodge, nem a Sra. Piper, pelo que se deve excluir o inconsciente e a criptomnésia. Interrogado Roberto, recordou que, efetivamente, estiveram em perigo de afogamento, não porque a barca soçobrasse (erros comuns nos Espíritos), e sim porque, saídos da barca, se puseram a brincar de luta, e

caíram na água. Todos ignoravam o fato e, como se vê, o ignorava, em parte, o próprio comunicante, que o desfigurou. Jerry também recordou que seu irmão Franck, muito jovem, subiu certa vez ao teto de uma cabana e se escondeu; que deu sopapos em um tal João e foi ameaçado pelo pai deste, porém pôde fugir. Tudo isso era verdadeiro, mas ninguém o sabia.<sup>196</sup>

Outra prova de identificação psíquica é proporcionada pelas comunicações do pai de Hyslop, Roberto,<sup>197</sup> que faleceu em 1896. Levava vida muito retraída, sofrendo de apoplexia, de ataxia locomotora e de câncer na garganta, do qual morreu, de modo que, por 35 anos, não se moveu da distante granja onde nascera. Religioso, parcimonioso, de limitada mente, usava uma linguagem de provérbios, que, já morto, repetia, por exemplo:

“Não fiques de mau humor, não se ganha nada com isso. Ainda que não tenhas o que desejas, aprende a contentar-te com o menos e não fiques mal humorado.”

Tudo isso a Sra. Piper teria podido recolher das recordações dos presentes; mas ele, um dia, acrescentou:

– Como está Tom?

Tratava-se de um cavalo, morto anos antes, do qual o filho ignorava a existência, de modo que teve de fazer longa investigação para entender a pergunta. Ainda pediu notícias de um gorro preto que, afirmou, usava. O filho de nada sabia (era filho do primeiro matrimônio), porém a sua madrasta confirmou o uso de tal gorro, durante muitos anos antes, e confirmou também a existência de uma garrafa redonda e outra quadrada, que teria tido sobre a sua mesa, garrafas a que continuamente se referia em suas comunicações.

– Lembras-te – dizia ao filho – da faquinha preta com que eu cortava as unhas e guardava depois no bolso da jaqueta?

Embora o filho de nada soubesse, a madrasta informou que, em verdade, muitos anos antes, ele a usou, mas guardava-a no bolso da calça e não no da jaqueta. Falou de um filho não muito bem, mas recomenda, a propósito, o costumeiro: “Não fiques de mau humor.”

Recordou um sacerdote calvinista com quem discorria sobre a vida futura, e que no fundo não estava errado. Voltando ao filho:

– Tu tens – disse – tuas ideias próprias, que te pertencem exclusivamente.

Era uma frase feita que, em vida, muito repetia. Depois ele, que morreu vítima de câncer na laringe, com aqueles habituais erros próprios dos Espíritos, pretendia ter estado enfermo do estômago, fígado e cabeça e, acima de tudo, do coração.

– Parecia que me apertavam até sufocar-me o peito, mas depois adormeci.

Comprovou-se que teve dispneia, mas, isso, na agonia, quando os batimentos do coração eram quase imperceptíveis, o que demonstraria que, também na agonia avançada, se pode conservar a consciência.

São sempre as mesmas inépcias observadas também com os vivos, bem como aqueles pequenos equívocos que se observam constantemente na linguagem espiritista, quer se trate do obtido por Moses ou por d'Esperance ou pela Sra. Piper; mas, exatamente por isso, são uma prova de identidade e que mostram o seu especial caráter, que se devia presumir, tratando-se não de seres orgânicos completos, e sim de seres fragmentários, que, ao demais, pensam e sentem com a imperfeição semelhante à nossa nos sonhos e que, se eram débeis da mente, em vida, tanto mais o devem ser depois da morte. Enganos que não ocorreriam se as notícias viessem telepaticamente através dos vivos.

### **Fatos judiciários**

E há comunicações que deram prova de identidade, revelando fatos ignorados, de grande importância econômica e judicial.

O Dr. Davey tinha um filho médico, residente no estrangeiro. Desejando regressar à pátria, embarcou em um navio, porém faleceu durante a travessia. Chegando a Londres, o capitão notificou o ocorrido ao pai e lhe fez entrega de 22 esterlinos, que dizia ter encontrado no bolso do morto. Poucos meses depois, em uma sessão espírita, compareceu o filho ante o pai e lhe disse ter

morrido envenenado com essência de amêndoas amargas, em vez de essência de hortelã, dissolvida em óleo de rícino, que se receitara, e que deixara 70 e não 22 esterlinos. O caso foi depois comprovado judicialmente.<sup>198</sup>

Levaram certo dia ao médium Powell, de Boston, uma folha de papel em que uma senhora, não presente à sessão (note-se), havia escrito, ocultando de todos, um nome. Apenas o médium colocou o papel na testa (era o modo que ordinariamente usava para obter comunicações dos mortos), empalideceu horripelmente e caiu ao solo como que desmaiado. Depois, ergueu-se lentamente, pegou a mão de um dos presentes e disse:

– Digam a Hattie (senhora que havia escrito na pequena folha de papel) que não foi desgraça, nem suicídio, e sim vil assassínio... e foi meu marido que o praticou. Existem cartas que o provarão. Eu sou a Sra. Sallie Laner.

Era o nome escrito no papel, o da mulher que, dias antes, fora encontrada morta por um tiro de fuzil e do qual não se havia conseguido descobrir a procedência. No dia seguinte, o marido era preso.<sup>199</sup>

Certo Jack comunicou tipologicamente ter um débito de 35 dólares e centésimos e um crédito de 15 dólares com A., sapateiro, e o fato se confirmou judicialmente.

Foi encontrado morto um homem distante de sua casa, com roupa que não era a dele, suja de lama. Apenas chegou a notícia à sua residência, uma de suas filhas caiu em desmaio e, ao despertar, disse haver visto o pai com o traje mudado e que lhe referiu que na roupa que lhe roubaram estava costurada grande soma de dinheiro, que fora subtraída. Este fato foi confirmado. O fantasma, pois, comunicou duas notícias: uma que só ele sabia e a outra conhecida por pouquíssimos.

Brofferio cita alguns casos nos quais estaria o de haver sido revelado em sonhos o lugar onde encontrar um recibo ansiosamente procurado. Caso semelhante refere Santo Agostinho:<sup>200</sup>

“Quando nos encontrávamos em Milão, soubemos, com toda a certeza, *“pro certo”*, que, depois da morte de ..., alguém apresentou ao seu filho uma promessa de pagamento firmada

pelo genitor, mas que, em verdade, foi por ele saldada, antes de expirar. O jovem ficou triste, angustiado e admirado de que o pai não houvesse, no testamento, dito palavra sobre esse débito. Mas, numa das noites seguintes, eis que o pai lhe aparece e indica o lugar onde o recibo se conserva. O jovem se dirige ao local, acompanhado do magistrado, e, assim, não só confundiu a calúnia, como recuperou o recibo que seu pai se esquecera de levar quando pagou o débito.”

Outro caso é referido por Ernesti,<sup>201</sup> outro pelo Dr. Kerner<sup>202</sup> e um terceiro por Party.<sup>203</sup> O mais curioso é narrado por Machish.<sup>204</sup>

O Sr. R., de Bowland, foi chamado ante o Tribunal para pagar considerável soma que lhe era reclamada, e que seu pai havia satisfeito. Buscou o recibo entre os papéis testamentários, sem resultado. Chegada a véspera do prazo fixado para efetivação do pagamento, decidiu pagar no dia imediato. Mas, à noite, apenas adormecido, apareceu-lhe o pai, que lhe disse:

– Os documentos relativos a esse assunto estão em mãos do procurador M., agora aposentado e residente em Suveresk, perto de Edimburgo. Recorri a ele naquelas circunstâncias, se bem que não mais o tivesse incumbido dos meus negócios. Se não se recordar, lembra-lhe que houve entre nós dois pequena discussão a propósito de uma moeda portuguesa, e que decidimos beber a diferença num botequim.

O Sr. R. se transportou para Suveresk, antes de ir a Edimburgo, e encontrou o procurador muito envelhecido e que havia tudo olvidado; mas, o pormenor da moeda de ouro lhe reviveu o caso. Encontrou-se o documento e foi ganho o pleito.

Aqui ficam excluídas a telepatia e a criptomnésia.

A Sra. de Marteville, viúva do Ministro da Holanda, em Estocolmo, foi intimada a pagar um débito do marido, dívida que ela recordava perfeitamente estar saldada, porém, por mais que procurasse, não encontrava o recibo. Nesse entretempo, a senhora, sem outro motivo que o de se aproximar de Swedenborg, que tão famoso já se tornara por suas relações com o mundo invisível, foi visitá-lo. Perguntou-lhe se havia conhecido seu marido, e

Swedenborg respondeu não o ter jamais avistado. Oito dias depois, o Espírito do extinto ministro apareceu, em sonho, à esposa e lhe indicou uma caixeta de finíssimo lavor onde encontraria, além do recibo, um alfinete-joia que ela julgava perdido. Ergueu-se súbito do leito, fez luz no quarto e correu ao lugar indicado pelo marido, onde encontrou a caixinha, o recibo e o alfinete. Pela manhã, recebeu ela a visita de Swedenborg, que lhe anunciou ter, durante a noite, conversado com muitos Espíritos e, entre eles, o do marido, com quem teria desejado entreter-se mais tempo, se ele não tivesse dito que ia ver a esposa, para revelar-lhe onde se encontrava um documento para ela de suma importância e um alfinete-joia extraviado.

O barão Korff, falecido em 1867, em abril, havia deixado um testamento que não se encontrava. Ora, em julho desse mesmo ano, os Korff receberam uma carta do príncipe de Wittgenstein, que os comunicava de haver recebido, em nome do extinto, comunicação espiritista revelando o local onde estava oculto o testamento.<sup>205</sup> E assim foi.

### **Fatos verdadeiros, ignorados do médium e dos presentes**

Aqui a identidade resulta da revelação de fatos e pessoas desconhecidos do médium e dos presentes e que se verificaram autênticos.

À médium Prosper, em 1857, em Nova Iorque, apareceu um Espírito desconhecido de todos e lhe comunica ser Chamberlain, ter quase um século de idade, onze filhos, e haver falecido em 1847, em Point Plaisant, e ter sido soldado. Tudo isso se verificou ser exato, salvo que, em vez do quase um século, chegou aos 104 anos de idade (sólitos erros de datas nas comunicações espiritistas).<sup>206</sup>

Em Londres,<sup>207</sup> o médium K... teve, em 1874, comunicações de Abraão Florentin, que se disse natural de Nova Iorque, ter morrido aos 83 anos, um mês e 17 dias de idade, ter sido soldado na guerra da Independência norte-americana. Dava ao velador violentas sacudidelas, dizia-se feliz por se haver libertado das dores da vida. Verificou-se, em Washington, ser tudo isso verda-

de, e a viúva afirmou que fora sempre violento e muito sofrera antes de morrer.

“A morte de Carducci – escreveu-me o amigo Faifofer – nos foi notificada no mesmo dia. A 18 de fevereiro, à noite, nossos Espíritos amigos não davam sinal da presença deles; depois de iniciada a sessão, tivemos de esperar cerca de meia hora. Remígio, solicitado a dizer a razão da demora, respondeu:

– Estamos aqui agitados e confusos; regressamos de uma festa dolorosa para vós e de alegria para nós. Festejamos Carducci.

Tinha falecido naquele dia e naquela hora, e em Veneza ainda não havia chegado a notícia.

Num outro dia assisti a algumas sessões, em Chiusaforte, para ser agradável a uma senhora, Elisa Bier..., que não pôde comparecer à segunda sessão, na qual o velador comunicou:

– Elisa foi amada por mim.

Solicitado ao Espírito dizer quem era, respondeu recusando, mas pedindo ao mesmo tempo que não se dissesse nada a Elisa. Após muitos rogos, disse ser um certo G... Quando soube isto, a Sra. Elisa confessou que, antes de casar, cerca de 40 anos antes, um jovem, G..., dela se enamorara verdadeiramente, porém, por timidez, não lhe declarara seu amor. A timidez perdurara depois da morte.”

Em Paris, um velador, enunciando o sobrenome do Espírito comunicante, acrescentou que fora farmacêutico em Quebec, e que um dia começou a duvidar sobre se havia ocasionado a morte de uma pessoa, errando ao manipular certa receita, e temer que o erro pudesse ser descoberto, do que lhe resultaria grande desastre. Não o pudera confortar um amigo, a quem comunicou sua desconfiança, de modo que terminou por afogar-se no S. Lourenço. Tudo isso se verificou ser verdade.

Um tal tenente Vicente apareceu, por dois anos, nas sessões com Lina, das que nos ocupamos no Capítulo IX, ao tratar das fotografias espiritistas do Dr. Imoda, em Turim. Ocultava tenazmente os elementos para sua identificação, que pareciam

tanto mais curiosos porque, nas sessões, mostrava um caráter muito seu, brutal, violento, ignorantíssimo, a ponto de pretender que só se lhe falasse em dialeto piemontês; grosseiramente erótico, com gestos também expressivos para as senhoras, frequentemente aos homens ministrava bofetões na primeira oportunidade. Nos últimos meses do segundo ano, embora continuando a resistência em dar seu nome, escapou-lhe dizer que morrera havia 13 anos, em duelo, com um jornalista, em Savigliano. Seguindo esta pista, verificou-se ser ele um certo Demos, oficial de Cavalaria que, por ignóbil causa, se batera, em Savigliano, com grande escândalo público. Todos seus antigos companheiros o recordavam tal como se manifestara a nós: homem brutal, inculto, provocador e mulherengo, de modo que se obteve não só a identidade do homem, mas a do temperamento do indivíduo que se manteve tal, mesmo depois de morto.

### **Moribundos que anunciam sua morte**

Existem casos de moribundos que anunciam, quase sempre com seu próprio fantasma, seu fim a parentes que se encontram distantes.

Um maestro, que com frequência se sentia impulsionado a escrever automaticamente e em latim, sem conhecer esse idioma, certo dia, ao distanciar-se, a pé, do seu povoado, sentiu que a bengala lhe tremia na mão. Deixando-a livre, ela traçou na neve as palavras: “Volta; teu pai faleceu esta manhã; encontrarás R., que te dará a notícia.” E, efetivamente, nessa hora, faleceu-lhe o pai.<sup>208</sup>

A Sra. Laura Edmonds, durante uma sessão, recebeu mensagens de uma certa Dabiel, de Glasgow, que havia conhecido anos antes e lhe anunciava, por aquele meio, sua entrada no mundo dos Espíritos. E a notícia se verificou certa.

A morte de Querini, no Polo, foi comunicada a Faifer dois meses antes que tal se soubesse na Itália.

Refere Myers<sup>209</sup> que certa ocasião, entre 11 e 12 horas da noite, estando desperta ainda, a Sra. Dadeson ouviu ser chamada

pelo nome, por três vezes, e viu a figura de sua mãe, falecida havia 16 anos, com duas crianças nos braços, e que lhe disse:

– Cuida-as, porque acabam de perder a mãe.

No dia seguinte, recebeu a notícia de que sua cunhada morrera em consequência de parto, três semanas depois de haver dado à luz ao segundo filho.

Doze casos quase símiles são citados no *Phantasms of the Living*. Desses, três apareceram antes que expirassem, e nos demais é provável que aparecessem depois do decesso. Parece que nisso possa influir uma promessa feita em vida, ou outro vivo sentimento, mas, de qualquer modo, provam esquisitamente a identidade.

Num caso, certo tísico, que havia prometido à jovem amante aparecer-lhe, sem a assustar, caso morresse, apareceu, com efeito, porém não a ela, e sim a uma sua irmã, que se encontrava numa sege. Apurou-se que ele estava então agonizante, e morreu dois dias depois.<sup>210</sup>

Edwin Roussen devia cantar, baixo que era, em uma sexta-feira, na Igreja de S. Lucas, em S. Francisco, quando caiu morto na rua, vítima de apoplexia. Três horas depois da morte, Beeves, maestro da capela, que ignorava o trespassse, viu o fantasma de Roussen, que tinha uma das mãos apoiada na testa e na outra empunhava um rolo de música. Decerto seu único pensamento foi que não podia cumprir o combinado, e desse modo dava o aviso.<sup>211</sup>

Cite-se aqui o caso referido por Owen:<sup>212</sup>

Sherbroke e Wynyard, capitão um e tenente o outro, do 23º Regimento da Guarnição de Sidney, a 15 de outubro de 1895, às 9 horas da manhã, quando tomavam café em casa, viram, na porta do corredor, a figura de um jovem que passou lentamente no aposento de dormir. Wynyard exclamou de súbito:

– Deus meu! É João, meu irmão!

Sherbroke, que não o conhecia, pressentindo possível equívoco, revistou, com o tenente, toda a casa, sem encontrar ninguém. Pouco depois, chegou a mensagem que anunciava a Wynyard a morte do irmão, ocorrida nesse mesmo dia e hora em que haviam

visto o fantasma. Porém, mais ainda: Sherbroke, que jamais vira João Wynyard quando vivo, reconheceu, na Inglaterra, um outro irmão, pela semelhança com o aparecido em Sidney. Aqui a identidade também ressalta do fato de haver sido a aparição vista por duas pessoas, uma das quais não conhecia o aparecido.

Talvez ainda melhor deponha o caso da viúva de Weatcroft, que, na noite de 14 de novembro de 1857, viu em sonho o marido, de uniforme, porém com os cabelos em desordem, face pálida, e com as mãos comprimindo o peito, o rosto exprimindo grande emoção. Quis falar e não pôde; permaneceu visível cerca de um minuto. No dia seguinte, referiu ela o sonho à sua genitora, e pouco tempo depois recebeu telegrama comunicando a morte do marido, ocorrida a 15 de novembro, em Sucknow. Escreveu ela ao seu advogado, dizendo-lhe que na comunicação oficial devia estar incorreta a data da morte, que devia ser a de 14, em que teve a aparição. Aqui se deu o caso singular de que o advogado encontrou, poucos dias depois, um médium que lhe declarou ter visto, às 9 horas da noite de 14 de novembro, a figura de um capitão que afirmava ter sido morto na Índia, naquela data, depois do meio-dia. Feitas novas verificações oficiais, resultou que verdadeiramente fora morto por bomba no peito, a 14, pós-meridiano. No caso, a mesma aparição se apresentou a duas mulheres, distantes uma da outra, e os pormenores quanto à hora e dia foram averiguados por uma terceira pessoa, e coincidiram perfeitamente.

\* \* \*

Recentemente Stead, na *Revue des Revues* (janeiro de 1909), dá novas provas da identidade dos Espíritos, as quais adquirem grande valor pela elevada idoneidade do observador. Tinha ele duas amigas íntimas, muito ligadas entre si, Júlia e M. E., que se haviam prometido mutuamente aparecer uma à outra, em caso de morte. Júlia faleceu, em Boston, pouco tempo depois de haver firmado este pacto e, semanas após, compareceu à frente da amiga M. E., radiante de felicidade; permaneceu muda na cabeceira da cama e depois se diluiu, lentamente, em ligeira névoa, que perdurou no aposento por espaço de meia hora. Apareceu de novo, depois de alguns dias, na Inglaterra, para onde a amiga se

havia trasladado, e esta a viu tão nitidamente como se fosse viva, exceto que não podia falar. Pediu M. E. a Stead que procurasse obter uma mensagem dela. Este, que é médium escrevente, sentou-se à mesa e, antes de tudo, rogou ao Espírito que desse prova de sua identidade, e viu a mão escrever estas palavras, aparentemente absurdas:

– Diga à amiga recorde o que me falou quando nos vimos pela última vez, junto de Minerva.

Estranhou ele esta resposta, mas M. E. a julgou justíssima, pois que Júlia, com ela, pouco antes da sua morte, havia visitado uma amiga a quem chamavam Minerva, e com aquelas palavras evidentemente aludia a esta última visita, que Stead decerto não conhecia. Ela, porém, lhe deu depois uma outra prova de identidade, fazendo-o escrever:

– Pergunte-lhe se se recorda de que nós fizemos um passeio, quando ela se feriu na espinha dorsal.

A amiga, em verdade, não recordava este incidente, porém Júlia insistiu:

– Estou perfeitamente certa; isso ocorreu há 7 anos e ela o esqueceu. Íamos por detrás da igreja e, havendo neve, ela resvalou, defronte da casa Buell.

Então a amiga lembrou o olvidado incidente.

Admitamos, todavia, seja este caso de criptomnésia, mas a morta também fez predições verdadeiras.

M. E. estava empregada havia alguns anos no escritório de Stead; era agradável, porém leviana. Certo dia, em meados de janeiro, Stead obteve esta mensagem de Júlia:

– Seja paciente com M. E.; ela virá reunir-se comigo, aqui, antes do fim do ano.

Mensagem insistentemente repetida nos meses consecutivos e coisa alguma permitia supor devesse realizar-se. Em julho, M. E. ingeriu, por infelicidade, um preguinho, e os médicos não alimentavam esperança de salvá-la, porém outra mensagem participou:

– Não, ela ficará boa, mas sucumbirá perto do fim do ano.

De fato, sarou. Em dezembro, foi atacada de influenza grave, mas, ainda aqui, o Espírito informa:

– Ela não virá para aqui de modo natural e virá ao expirar o ano.

No Natal, enfermou, e Júlia, interrogada, disse:

– Posso ter-me equivocado em alguns dias, porém o que anunciei é verdade.

A 10 de janeiro, escreveu:

– Vereis, amanhã, M. E. e lhe dareis adeus; não a vereis mais sobre a Terra.

Stead foi vê-la, e a encontrou febril e com tosse. Dois dias depois, recebeu telegrama participando que M. E., em delírio de febre, se havia arrojado pela janela, matando-se.

“Posso provar – esclarece Stead – a autenticidade deste fato, com os manuscritos das minhas mensagens originais e atestados assinados por meus dois secretários, aos quais, confidencialmente, comuniquei as advertências de Júlia.”

A mesma M. E., que, em vida e longe de Stead, escrevia amíúde automaticamente, lhe havia feito quatro promessas, que trataria de cumprir, se o precedesse na morte: servir-se de sua mão para comunicar-lhe como se encontrava no Além-túmulo; aparecer a qualquer dos seus amigos; fazer-se fotografar; enviar-lhe mensagem por um médium, estabelecendo a autenticidade da comunicação com uma espécie de sigla – uma cruz dentro de um círculo.

“M. E. – continua Stead – manteve as quatro promessas:

- 1º) escreveu muitas vezes com a minha mão;
- 2º) apareceu a dois amigos meus, uma vez em recinto de refeições, cheio de convidados, entre os quais passou invisível para todos, exceto para a sua amiga, que declarou havê-la visto distintamente; outra vez, na rua, em pleno dia, e após dar alguns passos desapareceu, mas a aparição ela a apresentou de modo que não deixava dúvida alguma acerca da sua identidade;

- 3º) foi fotografada pelo menos uma dezena de vezes depois de sua morte; os seus retratos são perfeitamente reconhecíveis e nenhum deles é reprodução dos que tirou em vida;
- 4º) mandou mensagem acompanhada com a sigla convencional: uma cruz dentro de um círculo; só pude obter esse documento há poucos meses. Eu já havia perdido toda esperança, quando, de improviso, um médium, que fazia refeição com um dos meus amigos e que não a conhecia e ignorava a promessa, recebeu esta comunicação, firmada com o sinal: “Diga a William que não fique enfadado. Não tinha outro meio. *Não conhecia o médium* e meu amigo não esperava a mensagem.”

### Mortos antigos

Existem comunicações de pessoas mortas há séculos.

Um exemplo desse gênero encontro na comunicação feita a um descendente de Sebastian Bach, por um músico italiano, Baldassarini, que viveu na Corte de Henrique III, de França, comunicação que o leitor pode encontrar no livro de Delanne<sup>213</sup> e que foi confirmada verdadeira graças a um folheto encontrado no interior de uma espineta de 1664, com quatro versos escritos pela mão de Henrique III, cuja autenticidade se controlou com manuscritos de Henrique III, existentes na Biblioteca Imperial.

“Um dia me apareceu – escreve Moses<sup>214</sup> – um Espírito que dizia ser o Dr. Dee, químico alquimista que fora Leitor na Universidade de Paris, na época da Rainha Isabel, que o visitou em Mortlake, onde morreu.”

Tudo Stainton Moses confirmou, à vista de documentos inéditos do Museu Britânico.

Um certo Zacarias Gray me comunicou ter sido o eclesiástico que, em 1728, em Cambridge, escreveu um livro, *The Immortale Holibrass*. Escrevia com uma caligrafia estranhíssima, que se averiguou autêntica, confrontando-a com os manuscritos conservados no Museu Britânico.

\* \* \*

Mas a prova maior de identidade é dada por aquelas 50 ou mais “mensagens complementares” (*cross-correspondences* dos ingleses), obtidas graças ao Espírito-guia de Myers (que conserva sua grande posição científica no Além), surgidas, quase no mesmo momento, com a escrita automática da médium Holland, na Índia; com as médiuns Farbes e Verrall, em cidades diversas da Inglaterra; com a Sra. Piper, na América – mensagens que conteriam comunicações, idênticas no fundo (ainda que um pouco confusas e fragmentárias), do Espírito de Myers, o qual teria ditado a mesma ideia a quatro médiuns, em várias partes do mundo e ao mesmo tempo.<sup>215</sup>

\* \* \*

Muitos destes fatos, considerados insuladamente, podem inspirar alguma dúvida, mas a reunião do todo dá a certeza, que vem, acima de tudo, de se verem reveladas circunstâncias da vida, insignificantes por si e ignoradas por todos, ou em que havia o supremo interesse de não dá-las a conhecer, mas de ocultá-las; e da completa identidade da escrita, da qual o médium ignorava absolutamente a forma, tratando-se muitas vezes de caligrafia de passados séculos e que condiz, no tempo e no pensamento, com idênticas comunicações mediúnicas em regiões muito distantes entre si.

E é uma prova, em certas comunicações tiptológicas, o caráter mesmo fragmentário e contraditório do diálogo, que retrata muito bem o confuso cruzamento de diversas personalidades e as condições intelectuais do comunicante, como, por exemplo, quando, interrogado acerca de uma questão de anatomia, Stafford pediu o auxílio de Willis para resolvê-la, não sendo ele anatomista, e quando, na sessão com Thompson, a menina Nelly disse, a propósito de um objeto contido num estojo, selado, que lhe apresentaram:

– “A pessoa que o introduziu no estojo não se sentia bem naquele momento. Inanição. Delicada. Tem necessidade de ser alimentada. Não sei: é a Sra. Cartwright quem usou aquela palavra.”

Evidentemente, Nelly repetia aquela frase papagueantemente, embora contivesse uma verdade, porque se tratava de uma pessoa anêmica.<sup>216</sup> E a mesma Sra. Cartwright, ante Piddington, corrigiu outra comunicação da menina Nelly, acerca do bispo Benson, acrescentando:

– “Temo que a menina se haja equivocado. Vós não deveis permitir-lhe palrar assim. E, quando ela o faça, deveis mandá-la de novo a nós.”<sup>217</sup>

A médium Corwin, durante um transe, de improviso cessou de falar e continuou a comunicação com especiais movimentos das mãos, que foram depois reconhecidos como da linguagem usual dos surdos-mudos, o que a médium então ignorava. O Espírito comunicante era, com efeito, o de uma surda-muda.<sup>218</sup>

Nestes gestos, nestes diálogos fragmentários, porém característicos e que se corrigem uns aos outros, nota Bozzano, mui justamente, em sua bela obra *Identificazione dei fenomeni spiritice* (Gênova, 1909), há tanta ingenuidade que exclui a fraude e até completa o indício de identidade.

## CAPÍTULO XI

### Duplos

A realidade da existência dos fantasmas aparece agora menos paradoxal, admitindo-se o assim chamado *duplo* do corpo (em inglês, *wraith*; em alemão, *doppelgänger*; em francês, *double*), do qual estão cheias as lendas dos antigos. Estes, porém, observaram poucos fatos de aparições e de sonhos, enquanto nós, ao contrário, temos, para dar-lhes crédito, uma longa série de observações e de provas. Se algumas, tomadas isoladamente, podem ser postas em dúvida, elas adquirem, à semelhança das pedras de uma abóbada, a solidez da sua união recíproca.

### Exteriorização motora

O primeiro indício do *duplo* se colhe nas observações de Rochas, que Maxwell pôde controlar em Aguillar. Notou, em alguns pacientes sensitivos, que não só a motricidade, isto é, a faculdade de projetar movimentos, mas a própria sensibilidade durante o sono magnético, hipnótico ou mediúnico se prolonga um tanto fora do corpo. Uma primeira zona de prolongamento de sensibilidade segue os contornos por uma espessura de três ou quatro centímetros. Ao redor destes, separados por intervalos de seis a sete centímetros, há outros prolongamentos que se sucedem até dois ou três metros. Levando mais longe a hipnose, estas extensões sensíveis se condensam em dois polos de sensibilidade, um à direita e outro à esquerda do paciente. Por fim, estes dois polos se unem e a sensibilidade do paciente se transporta, qual um traje num manequim, para uma espécie de fantasma que pode distanciar-se sob as ordens do magnetizador e atravessar obstáculos materiais, conservando a sua sensibilidade.

Também Eusápia, segundo Rochas e Morselli, apresenta este fenômeno de exteriorização da sensibilidade. E Morselli nota que uma picada de alfinete foi por ela sentida a cerca de três centímetros do antebraço e a cinco ou seis do dorso da mão esquerda.<sup>219</sup>

## O duplo dos magnetizados

A existência desses duplos é comprovada pelas experiências de Durville.<sup>220</sup>

Ele, com passes e práticas magnéticas, criou uma espécie de *duplo* em redor de dois pacientes, Ninete e Marta, cuja motricidade se exteriorizava reciprocamente, a distância de vários recintos, de modo a golpear em diversas partes do corpo, segundo a ordem dada. Além disso, continuando a experiência, viu formar-se um verdadeiro fantasma em torno de um dos seus pacientes, a 50 ou 60 centímetros de distância, que podia afastar-se um pouco do corpo. As partes constitutivas desse *duplo* se evaporavam, sob a forma de eflúvios, da frente, do occipital, da garganta, do epigástrico e até do baço do médium; aparecia denso, tomava o aspecto do paciente e se tornava mais ou menos luminoso. Esse *duplo* era ligado ao corpo por um cordão fluídico, que partia do umbigo, do baço ou do epigástrico; seus aparentes órgãos sensoriais eram os únicos que percebiam o paladar, a vista, o tato, mesmo através de corpos opacos, enquanto que, com os seus verdadeiros órgãos sensoriais, o paciente nada apreendia. Chegando-se perto desse fantasma ou *duplo*, tem-se a impressão de frio ou de vento ou de arrepio; na palma da mão, colhe-se a sensação de frescor úmido, e na obscuridade os dedos se fazem luminosos.

Alguns pacientes podem provocar *raps*, golpes a distância, símiles aos dos Espíritos, abrir portas e caixas a distância, e verem através de corpos opacos.

Lewis, magnetizador, foi solicitado, por R., para ir à sua casa e tocar a espádua de duas senhoras. Mandou-se à casa de R., para verificação, e ali tudo estava em polvorosa, porque um fantasma (o *duplo* de Lewis), em plena luz, havia tocado as costas de uma senhora, na cozinha.<sup>221</sup>

### *Duplos no sono*

Aceitos esses fatos, não é difícil compreender que, no sono, cessando a atividade psíquica do corpo, funcione, em seu lugar,

esse *duplo*, e se traslade a grande distância, como teria provado Hyslop com a seguinte observação:

O Dr. C. W. S., à uma hora da manhã de 1907, em Búfalo, domingo, foi despertado de profundo sono, com a sensação precisa da presença de alguém no aposento. De fato, bem despertado, viu a esposa aos pés do leito, vestida com os trajés caseiros, e lhe perguntou:

– Que fazes aqui?

E ela respondeu:

– Vim para ter notícias tuas.

Aproximou-se, abraçou-o e desapareceu. O doutor C. W. S. abandonou o leito, averiguou que o aposento estava às escuras e acendeu o gás. Pela manhã, telegrafou à esposa, que lhe respondeu: “Todos estamos bem.” Porém, alguns dias depois, regressando a Nova Iorque, ao chegar a casa, estranhou o interesse da esposa, que desejava saber se ele havia dormido bem na noite de sábado, acabando por lhe confessar que, tendo lido em *Laws of Physical Phenomens*, de Hadeson, que se uma pessoa, no momento de perder a consciência, ao adormecer, fixa o pensamento em outra pessoa e deseja aparecer a esta em certas condições, a dita pessoa receberá exatamente a impressão da sua presença, pensou pôr em prática tal observação. E, depois de deitar-se, no sábado precedente, fixou no pensamento aparecer-lhe e abraçá-lo. Buscou mais vezes depois renovar a experiência, mas não teve êxito.

“Recordo haver fortemente, longamente pensado, enquanto conservava a consciência, antes de adormecer.”

A senhora disse, porém, ter suposto que a aparição ocorresse às 11, enquanto que, em vez disso, ela se deu horas depois.<sup>222</sup>

### ***Duplo no transe***

Passemos agora ao estado da atividade do *duplo* no estado mediúnico, em transe.

William Crookes viu o *duplo* da Sra. Fay tomar de um livro a oito pés de distância, enquanto a mesma estava amarrada à

cadeira. A filha do juiz Edmonds podia mandar seu *duplo* às pessoas que o solicitavam. Fergusson, que acompanhou os Davenport, viu suas mãos, braços e bustos a dois metros e mais de distância de seus corpos.

Outro exemplo de *duplo* em transe foi acompanhado, quase experimentalmente, por um missionário: Uzzema Usago, chefe bruxo ou médium da tribo de Jadicow (África), declarou ao missionário F. que iria, num átimo, ao planalto Yemog, a quatro dias de distância. Fê-lo assistir aos preparativos do que chamava sua partida e aceitou incumbência para a vila de Ucskon, para um tal Esaba, amigo do missionário, a três dias de distância, no sentido de que Esaba procurasse, na caixa deixada por ele, alguns cartuchos de fuzil.

Uzzema acendeu grande fogueira de madeiras odoríferas, despiu-se, adornou-se com seus fetiches, repetindo continuamente um cântico, lento e bizarro, uma espécie de melopeia que continha invocação aos Espíritos das florestas e das águas; depois, girou lento em derredor do fogo, untou todo o corpo com um líquido viscoso e se estendeu no leito, dormindo um sono todo especial, como que cataléptico. Parecia sem movimento respiratório e, erguida a pálpebra, o globo ocular não reagia à chama; a pele não sentia punturas; as articulações apresentavam rigidez quase cadavérica.

Assim permaneceu até às 8 horas da manhã. Depois, regressou à vida, com movimentos espasmódicos; declarou estar bastante fatigado, haver estado realmente no planalto vizinho de Yemog, ter cumprido a incumbência, como, de fato, verificou-se ser verdade, porque Esaba, três dias depois, mandou os cartuchos, dizendo que, naquela noite, às 9 horas, Uzzema lhe batera à porta, para lhe falar, e pela porta entreaberta dera o recado.<sup>223</sup>

Parece que, recorrendo a seus processos hipnóticos com substâncias tóxicas, Uzzema provocou o estado de transe completo, ocasionando a viagem do seu *duplo*, a enorme distância, em pouquíssimo tempo.

### ***Duplo em estado aparentemente normal***

Em 1845, na Livônia, num colégio para jovens, era professora a Srta. Emília Sagée, francesa, de Dijon. Poucas semanas depois do seu ingresso no colégio, começaram a circular murmurações a seu respeito, entre as alunas, que asseveravam havê-la visto em pontos diversos, ao mesmo tempo. Não se deu, a princípio, grande importância a tais murmurações, mas um dia em que ela tomava a lição de 13 alunas, estas divisaram, imprevisivelmente, duas Sagée, uma vizinha à outra; uma intentava escrever no quadro negro e a outra, ao lado, imitava os seus movimentos.

De outra vez, estava Sagée no refeitório, comendo com todas as alunas, e o seu *duplo*, por detrás da cadeira, sem comer, lhe imitava os gestos. Um dia, estava acamada com resfriado, e uma sua amiga, a Srta. Wrangel, lhe fazia companhia, lendo-lhe um livro, quando, com imenso espanto, viu o *duplo* da companheira, passeando no aposento. Em outra ocasião, todas as jovens estavam reunidas em uma sala, ocupadas em trabalhos de bordados, e viram Sagée que, no jardim vizinho, colhia flores, enquanto seu *duplo* estava sentado, na sala, em uma poltrona, silencioso e imóvel. Duas alunas se lhe achegaram e sentiram que aquele corpo tinha uma consistência de gasoso e, pouco a pouco, desapareceu.

A Srta. Sagée, que antes estava como que adormecida, interrogada, respondeu haver pensado na poltrona vazia e no temor de que, estando ela ausente, as meninas fizessem muito barulho.

Isto se repetiu por espaço de 18 meses, mas, afinal, tiveram de despedi-la. Ao sair, disse ela: “É a 19ª vez que me acontece ir embora pela mesma causa.”<sup>224</sup>

Em 1828, R. Bruce, segundo oficial de Marinha, navegando em águas de Terra Nova, viu, imprevisivelmente, na cabine contígua à sua, um homem desconhecido, sentado em uma mesinha, disposto a escrever em uma ardósia. Aterrorizado, correu à ponte para dar notícia, mas, regressando, não viu mais ninguém, e na ardósia estava escrito: “Rumai a Noroeste”.

Seguiu o conselho e nesse rumo encontrou um navio que se afundava, dentro do qual Bruce reviu a pessoa que avistara anteriormente na cabina. Era um passageiro que pouco antes havia despertado de profundo sono, dizendo: “Hoje seremos salvos”, e afirmava ver a nave que os socorreria. Salvos, ele não se recordou de nada.<sup>225</sup>

### ***Duplo nos nervosos***

A existência desse *duplo* foi constatada em certos nervosos. Pailhas recentemente<sup>226</sup> assinalou o desdobramento da personalidade, depois de alterações sensoriais e periféricas (por fleimões, por exemplo, e erisipelas).

Vi dois casos, consecutivos a grandes hemorragias, que provocaram depois excitações sensoriais e cenestesia, a qual se ativa mais nas condições inferiores da psique.

Certa mulher, de 46 anos de idade, depois de grave hematêmese e insônia, sentia dores de cabeça; e do lado direito, onde se lhe fizeram injeções de ergotina, via uma parte do seu corpo deitado em um segundo leito que lhe era vizinho, e falava com esse segundo *eu*, e queria que a este dessem parte do alimento que lhe ofereciam, dizendo: “Deem-lhe a ele; eu não soffro.”

Outra mulher, depois de grande enterorragia, tinha a impressão de ser *dupla*, de ter dois corpos completos. Se sentia frio na perna direita, parecia-lhe que as pernas frias fossem direitas e duplas; se movia uma extremidade articulada, julgava pôr em movimento duas do mesmo lado. Outros dois casos semelhantes notou o autor em um neuropata, de 60 anos de idade, e em uma tísica de forma galopante, que, em sonolência, sentia apresentar-se-lhe uma personagem. Desperta, acreditava ser o seu *duplo*.

### ***Duplo post-mortem***

Quando morreu a Rainha Ulrica, da Suécia, o seu cadáver foi exposto, em féretro aberto, na capela ardente. À tarde, apresentou-se ao comandante da guarda, que rendia honras fúnebres na antecâmara que precedia a capela, a condessa Steenbek, a ex-

favorita da rainha, que pediu e obteve permissão para entrar na capela, onde foi deixada a sós com a morta.

Seguiu-se prolongado silêncio, que se atribuiu ao seu pesar. Mas, quando os oficiais, depois de longa espera, não a viram sair, começaram a temer alguma desgraça e decidiram abrir a porta, e desta, escancarada, viram a rainha, de pé, no esquife, estreitamente abraçada à condessa. A aparição parecia flutuar no ar e, em breve, se dissipou como que em lamacenta névoa. Quando aquele denso vapor se diluiu, o cadáver da rainha jazia rígido, qual antes, no ataúde, mas a condessa Steenbek havia desaparecido.

Enviou-se com urgência um portador à Corte, com a notícia do acontecimento, e de lá se soube que a condessa, que não se ausentara de Estocolmo, havia falecido no mesmo momento em que a viram nos braços da defunta.

Do acontecido foi logo feito um processo, firmado por todos os que presenciaram o fato, processo que é conservado no Real Arquivo Sueco.<sup>227</sup>

Se esta narrativa é autêntica, o *duplo*, depois da morte, aparece qual ocorre no sono ou no transe.

### ***Duplo com os santos, profetas, etc.***

Depois disto, fácil será compreender e admitir como possível a bilocação tão frequente com os santos e com os antigos magos.

Tácito refere que, enquanto Vespasiano estava no templo de Serápis, em Alexandria, foi visto, por detrás dele, o fantasma do sacerdote Basilide, que então estava enfermo a 800 milhas dali.

Santo Agostinho tão bem conhecia esses fenômenos, que deixou escrito: “As aparições dos mortos aos vivos devem fazer-se como dos vivos aos vivos.”<sup>228</sup>

Em Sofrônio<sup>229</sup> se lê de Jorge, abade do Monte Sinai, o qual, no sábado santo, foi tomado de vivo desejo de festejar a Páscoa em Jerusalém. Na mesma noite, encontrava-se ele entre os que Pedro, patriarca da Cidade Santa, administrou o santíssimo

sacramento. Muitos se surpreenderam ao vê-lo e o patriarca, voltando-se para Menade, seu coadjutor, indagou:

– Quando chegou o abade de Monte Sinai?

– Senhor – respondeu –, agora é que o vejo pela primeira vez.

– Diga-lhe que não se retire, quero que faça refeição comigo.

Menade foi dar o recado ao abade, porém este, poucos instantes depois, foi encontrado em sua cela, onde o enviado do patriarca o avistou e soube que havia muitos e muitos anos não se ausentava ele do Convento.

S. José de Cupertino prometeu a Otávio Piccino que iria assisti-lo em seus últimos momentos e cumpriu a promessa, sem sair de Roma. De sua cela, no Convento de Assis, assistiu também sua mãe, agonizante em Cupertino.

Enquanto Santo Antônio pregava na Espanha, seu pai foi acusado de homicídio, em Pádua, e condenado à morte. Estava já para ser executada a sentença, quando Santo Antônio compareceu ao lugar do suplício, provou a inocência do pai e revelou o verdadeiro culpado, que mais tarde sofreu o merecido castigo. No processo de canonização, ficou patente, por documentos irrefragáveis, que o santo não se havia movido de Espanha.<sup>230</sup> O mesmo Santo Antônio subiu um dia ao púlpito, em Monte Pessulo, e, no melhor da prédica, lembrou ter esquecido dar a um seu irmão incumbência urgente. E então desceu o capelo sobre o rosto, permanecendo por alguns instantes silencioso e imóvel; depois, recomeçou o interrompido sermão. Soube-se, mais tarde, que assim havia reparado – telepaticamente como se diria hoje – seu esquecimento.

No processo de beatificação de Afonso de Liguori se lê que esse bom servo de Deus foi miraculosamente assistir nos seus últimos momentos o Papa Clemente XIV, no Vaticano, enquanto seu corpo, imóvel em um canapé, em Arienzo, estava absorto, em êxtase, do qual só saiu 24 horas depois, no preciso momento em que o pontífice expirava, isto é, às 7 horas da manhã de 22 de setembro de 1774. Teve o fato tão numerosas testemunhas, que determinou a canonização de Afonso, antes do interregno exigido.<sup>231</sup>

## *Duplos com os gênios*

É notória a alucinação que teve Goethe do seu próprio *duplo*, depois de viva e dolorosa comoção, após haver dado o último adeus a sua Frederica.

“Voltava para Drusenheim, quando fui presa de um dos mais estranhos pressentimentos. Não com os olhos do corpo, mas com os da mente, vi a mim mesmo – vestido com um traje que jamais vestira, cor parda e ouro, a cavalo – vir ao meu encontro, pelo mesmo caminho. Quando me refiz do estupor, a visão desaparecera. É estranho o caso de que, 9 anos depois, vestido casualmente com *um traje cor parda e ouro*, me encontrei naquele mesmo caminho, com o desejo de ver Frederica.”<sup>232</sup>

Guy de Maupassant, nos últimos dias de vida, quando já havia sentido os primeiros sintomas da paralisia geral de que sucumbiu, viu, com grande terror, a visão do seu próprio *eu*, sentado à sua mesa, na poltrona, na atitude que ele costumava adotar, e disso deixou um traço em seu livro *La Horla*.

George Sand escreveu:<sup>233</sup>

“Estava persuadida de que alguém estava comigo; não vendo ninguém, estudava esse prodígio com grande prazer; maravilhava-me ouvir meu próprio nome pronunciado pela minha voz. Ocorreu-me a estranha explicação de que eu era um *duplo*, que estava em meu redor outro *eu* que não podia ver, porém me via sempre, porque sempre me respondia. Dizia-lhe que viesse, e respondia “vem”, e me parecia que se distanciava ou aproximava quando eu mudava de lugar.”

\* \* \*

Por isto a existência do *duplo* se pode dizer certa em todos os estados mais ou menos anormais da psique. O *duplo* pode explicar muitos dos fenômenos espíritos, sem recorrer aos Espíritos dos mortos, substituindo a ação destes pela do médium, cujo corpo ou parte dele atue a uma certa distância do seu corpo vivo.

Talvez ao *duplo* pertençam também aqueles membros mais ou menos formados que se veem sair do corpo, das costas ou da

saia da médium e que deram tão frequentemente origem a suspeitas de truque.

Esse fenômeno do *duplo* explica ainda a visão e a percepção que o médium tem de quanto acontece no recinto, em plena escuridão; explica talvez o estranho fenômeno da transposição dos sentidos, pelos quais o hipnótico vê pela orelha, cheira pelo joelho (v. capítulo I); explica, em suma, um dos fenômenos mais inexplicáveis do hipnotismo. Pode ainda explicar a visão dos hipnóticos (v. capítulo I) e dos médiuns a distância ou através dos corpos opacos, a possibilidade de distinguir os metais, apenas pelo tato, que exteriormente não apresentam diferença alguma entre si; explica ainda como possa ser desdobrado ou bilocado o corpo de um adormecido, de um agonizante ou de um extático a uma grande distância dele.

E, como indicamos, o *duplo* nos põe no caminho de compreender como possam existir corpos fluídicos que apresentam, ao menos por algum tempo, todas as faculdades do corpo vivo. O *duplo*, pois, deve ser considerado quase como um elo de junção entre o médium e o Espírito dos mortos. Mas, a ação deste parece que se perpetua indefinidamente, enquanto que a do *duplo* parece não se prolongar além do estado agônico e não está jamais em contraste, antes em continuidade com a ação do vivo, enquanto que a ação dos mortos é amiúde autônoma, frequentemente em contradição com a ação do médium.

E com frequência o Espírito aparece com um fantasma diferente do médium, o que não acontece com o *duplo* e frequentemente provoca fenômenos e energias, como a materialização, a percepção do futuro, a pneumatografia, e com os caracteres próprios do morto, energias estas que o médium sozinho não pode possuir.

### ***Duplo na História***

Também esta questão do *duplo* não é uma observação nova. Os egípcios distinguiram três elementos no homem: 1º) o corpo, 2º) o *Kou* luminoso, ou Espírito; 3º) o *Ska*, o duplo, reputado o liame ou intermediário entre o Espírito e o corpo, dito também

*Srit*, sombra, e considerado matéria sutil que cobria e reproduzia o corpo vivo,<sup>234</sup> com as mesmas linhas, pose, vestes e, segundo as várias épocas da vida, crescendo ou declinando com o mesmo corpo.

As moléculas desse corpo acreditava-se fossem tão sutis, que se tornavam imperceptíveis para a gente comum e visíveis somente para certos sacerdotes ou médiuns, aptos mediante exercícios especiais ou por dons naturais para tal percepção.

Dos egípcios esta crença passou para os gregos, como mostra Homero,<sup>235</sup> e aos hebreus, pela qual, segundo a Cabala, a alma é chamada *Nefes*; o *duplo* ou corpo etéreo, sopro, *Ruach*; e mais uma forma refinada de alma, de Espírito, *Neshamâch*. Os três elementos passam, tal qual as cores do espectro, de um a outro. O *Ruach* é o liame entre o Espírito e o corpo.

Orígenes sustenta que as almas, ao saírem do corpo, se revestem de outro, sutil, qual uma espécie de estojo símile daquele que abandonam.<sup>236</sup>

## CAPÍTULO XII

### Casas assombradas

Importante contribuição para a solução do problema da atividade pós-morte dos mortos é dada pelas casas assombradas.

Os fenômenos das casas assombradas seriam absolutamente iguais aos mediúnicos, salvo que se manifestam mais espontaneamente do que estes, amiúde sem causa, e estão, no geral, ligados a uma casa ou a um grupo de pessoas. Os mais frequentes são: *raps* violentos, roçagamentos, passos, transporte de objetos, mesmo através de recintos fechados a chave; mais raras são as aparições. Diferem, nota bem Joire,<sup>237</sup> os seus fenômenos motrizes pelo aparente absurdo e falta de objetivo: são campainhas que soam, luzes acesas que se apagam, caçarolas e principalmente sapatos e chapéus que se trasladam aos pontos mais estranhos, até a esconderijos, e trajes que são confinados juntos.

Outra diferença mais frequente está na violência dos ruídos, na projeção brutal dos objetos, sem consideração às pessoas e às coisas, enquanto que nas sessões mediúnicas se evita delicadamente toda ofensa aos assistentes, e com frequência até aos móveis.

Algumas vezes dir-se-ia que existe uma intenção maligna, como quando ardem colchões, rasgam roupas, etc.

É bem antiga a tradição da existência dessas casas, tanto que em todos os idiomas se encontram vocábulos para designá-las: em alemão, *spuken*; em inglês, *haunted*; em francês, *hantée*; em italiano, *spiritate* ou *infestate*, além dos termos de dialetos locais.

E a realidade delas é confirmada por muitas sentenças judiciais.

Nos últimos dias de dezembro de 1867, em Florença, Rua Gibellina nº 14, começaram a anunciar-se retumbos subterrâneos e imprevistos golpes na mesa, em redor da qual estava reunida a família; estalos de objetos dentro dos armários, chuva de pedras, apertões, por mãos invisíveis, nos braços dos moradores, alguns

dos quais viam fantasmas cobertos com amplos chapéus iguais aos dos Irmãos da Misericórdia.

O inquilino citou em Juízo o proprietário para indenização de danos e o Tribunal admitiu a demanda, depois que foram provados os fatos.

Na casa de propriedade da baronesa Laura Englen, no Largo de S. Carlos nº 7, em Nápoles, alugada pela duquesa de Castel-poto e sua família, produziram-se estranhas manifestações periódicas, que descreviam uma parábola, primeiro ascensional e depois declinante. A princípio, eram golpes e estranhos ruídos que mais se intensificavam ao cair da tarde e à noite. Depois, deslocamento de móveis, por vezes de modo estrepitoso, a ponto de chamar atenção nos andares inferiores. Uma vez, ouviram-se passos e foi visto aproximar-se do umbral do recinto um fantasma, que arremessou uma chave. Os moradores abandonaram, de noite, a casa e, regressando, encontraram as portas obstruídas internamente por móveis, desde o interior. Em consequência, pediram e obtiveram a rescisão do aluguel.<sup>238</sup>

De fato, as leis antigas já previam, analogamente, com especiais disposições, esses casos,<sup>239</sup> como ainda ocorre na Espanha.<sup>240</sup> E esta jurisprudência se conservou ainda até depois de 1889.<sup>241</sup>

Dalloz escreve: “Discutiu-se ao máximo a questão: se a aparição dos espectros em uma casa habitada constitui vício pelo qual o locatário pode acionar o locador. A maioria dos autores se pronuncia pela afirmativa, e ensina, em consequência, que o locatário tem o direito de pedir a rescisão do contrato.”

## 1 – CASAS ASSOMBRADAS MEDIUNICAMENTE

As casas assombradas, parece-me, devem subdividir-se em dois grandes grupos: as que assim se manifestam por tempo circunscrito e costumeiro e em que quase sempre se pode encontrar a influência de um médium, e estas se devem denominar melhor “casas mediúnicas”; e aquelas onde o fenômeno perdura ou em que toda influência mediúnica parece, ao menos em aparência, se deva excluir.

Sobre dez casas assombradas que pude visitar, em Turim, só encontrei quatro do primeiro grupo. Em uma: aspersões de água; movimentos contínuos de campainhas, mesmo com os fios cortados; erguimento de uma senhora, levantada pelos cabelos por seres invisíveis; movimento de objetos de cozinha, de móveis, de um para outro ponto, mesmo depois de presos por pregos. A influência provinha de uma rapariga histérica. Casada e transferida para outra cidade, cessaram os fenômenos, que haviam perdurado por 24 meses.<sup>242</sup>

Em casa do operário R. D. ocorriam durante o ano de 1900, depois da meia-noite, estranhos fatos: ouviam-se estrondos, como que de canhão, dentro das paredes; abriam-se portas e janelas, de inopino; os cabelos e as tranças das meninas eram retorcidos; e tudo isso aconteceu depois que se havia hospedado na casa uma jovem mulher. Examinada, tendo-se-lhe encontrado pontos histerógenos com hemianestesia lateral e uma estranha coreia dos músculos abdominais, que simulava a dança do ventre, fez-se recolhê-la ao hospital, onde, depois de algum tempo, sarou.

O que mais importa, porém, é que durante sua ausência todos os fenômenos desapareceram e, quando curada da coreia, não mais deu lugar aos fenômenos mediúnicos que provocava inconscientemente, enquanto dormia e que evidentemente estavam ligados ao mal.

Em modesto aposento de um 4º andar, habitado por pobres tipógrafos, com numerosa família, se manifestaram, na parede, junto da cama das crianças, *raps* espantosos, à guisa de canhonaços que começavam à meia-noite e só terminavam antes do amanhecer, amedrontando todos os moradores.

As indagações e pesquisas policiais excluíram qualquer manobra de vivos. Interrogado em sessão tiptológica, o Espírito presumível causador dos ruídos respondeu, em várias vezes, dando seu nome, sobrenome e profissão, tudo verificado falso; declarou querer vingar-se do dono da casa, mas esta, na época em que o pretense Espírito deixou a Terra, ainda não tinha sido construída. Existia, porém, um médium inconsciente, um menino de 8 anos de idade, que dormia do lado da parede. Retirado da

casa, cessaram os ruídos, porém, se retornava ao leito, os fenômenos recomeçavam e enfraqueciam quando o menino adoecia.

Em uma leiteria, de Turim, símiles ruídos e movimentos automáticos, etc., eram provocados por um pequeno médium de 5 ou 6 anos de idade, filho e sobrinho de outros médiuns; mas não duraram senão 18 dias.

A proporção das casas assombradas, sob influência de médiuns é, segundo Pull, de 28%. Os médiuns que agem sobre estas casas são, na maioria, mulheres, meninos ou adolescentes: em 20 sobre 28, são de 9, 11, 14, 16 anos de idade, inscientes completamente da sua ação, que está em contradição com a debilidade muscular infantil e feminina.

## 2 – CASAS ASSOMBRADAS, PSEUDOMEDIÚNICAS

Em outros casos, a influência dos médiuns é menos certa. Por exemplo: a 16 de novembro, em Turim, rua Bava nº 6, em pequena estalagem de um certo Fumero, começaram a ouvir, de dia e mais especialmente à noite, uma série de estranhos rumores. Pesquisando o motivo, verificou-se que na adega se quebravam, depois de serem lançadas das prateleiras ao chão, intactas, garrafas cheias ou vazias; mais frequentemente desciam ao alto e, rolando, se amontoavam de encontro à porta fechada, de maneira a obstruir a entrada quando era aberta. No quarto de dormir, no andar superior, que, mediante escada, comunicava com o tinelo vizinho à saleta da estalagem, amarfanhavam-se vestidos e alguns desciam pela escada para a saleta de baixo; com a queda, duas cadeirinhas foram quebradas; os objetos de cobre que estavam dependurados nas paredes do tinelo caíam ao chão, percorrendo largo trecho do recinto e quebrando-se algumas vezes. Um espectador pôs o chapéu sobre a cama da alcova, no andar superior, e em seguida o chapéu desapareceu, sendo depois encontrado nas imundícies do pátio, no térreo.

Examinando atentamente, para verificar qual seria a causa estranha desses fatos, a fim de eliminá-la, em vão se recorreu à polícia e depois ao padre, este com resultado contrário, pois, enquanto exorcizava, uma enorme garrafa, cheia de vinho, estourou a seus pés. Uma floreira, trazida à estalagem, desceu,

para uma mesa vizinha, do alto de uma saliência da porta onde estava colocada, sem se quebrar. Dois garrafões de um licor que estava sendo destilado romperam-se em pleno dia. Por quatro ou seis vezes, ainda em presença da polícia, uma escadinha de mão, apoiada num lado da parede do salãozinho da hospedaria, deslizava lentamente pelo pavimento, sem a ninguém molestar. Um fuzil atravessou o local e foi encontrado no chão, no ângulo oposto; duas garrafas desceram do alto, com certo ímpeto, sem que se quebrassem, e contundiram, ao cair, um trabalhador, que recebeu leve equimose.

Inquietavam-se todos; e a polícia, preocupando-se com o caso, fez compreender a Fumero que ele era suspeitado de simulação, de modo que o pobre homem resolveu suportar em silêncio o mal e, com maior razão, deu a entender que tudo havia cessado depois da imaginária visita minha – e isso para não ter de somar o prejuízo ao escárnio.

Estudei com atenção o caso. Examinei minuciosamente os locais. Aposentos pequenos: dois que serviam de tenda para vender vinho e um para refeições, que se comunicava, por escada, com uma alcova do andar superior, e finalmente uma profunda adega, com acesso por larga escada e um corredor. Advertiram-me de que haviam notado que, apenas alguém entrava na adega, quebravam-se garrafas. Entrei primeiro às escuras, e senti, com efeito, ruptura de vidros e rodarem garrafas sob meus pés. Então, iluminei o local. As garrafas estavam enfileiradas em cinco prateleiras, umas sobrepostas às outras; no centro havia tosca mesa, onde mandei colocar seis candeias acesas, supondo que os fenômenos espíritas, à viva luz, deviam cessar. Ao contrário, vi, de pronto, três garrafas vazias, que estavam verticais no solo, rodarem como se fossem empurradas com um dedo, e se quebrarem perto da minha mesa.

Para prevenir possível truque, examinei tudo, à luz de grande vela, e apalpei minuciosamente todas as garrafas cheias que estavam emprateiradas, assegurando-me de que não havia fio nem corda que explicassem seus movimentos. Depois de poucos minutos, primeiro duas, depois quatro e logo outras garrafas da segunda e terceira prateleiras se destacaram e caíram ao solo,

sem ímpeto, como se fossem trazidas por alguém, e depois da descida seis se quebraram no chão, úmido do vinho já derramado, e duas ficaram intactas. Decorrido um quarto de hora, outras três, da última prateleira, caíram e se quebraram. Abandonei a adega e, enquanto saía, ouvi outra garrafa quebrando-se no chão. Fechada a porta, tudo ficou tranquilo.

Voltei num segundo dia. Disseram-me que, pouco mais ou menos, continuaram os mesmos fenômenos, acrescentando que, da parede onde estava pendurada, pequena peça de latão havia saltado de um ponto a outro do refeitório, projetando-se na parede oposta, de modo tal que ficou amassada, conforme verifiquei. Duas ou três cadeiras haviam saltado com tanta violência que se quebraram, sem causar dano aos que lhes estavam próximos; também se quebrou uma mesa.

Pedi para examinar bem as pessoas: um garçom de 13 anos, aparentemente normal; um outro, garçom-chefe, normal igualmente. O dono era um velho soldado, corajoso, que ameaçava os Espíritos com o fuzil. Pela face rosada e pela alegria imotivada, parecia algo alcoolizado. A patroa era, ao contrário, uma cinquentona magra, debilíssima, sujeita a tremores, nevralgias e alucinações noturnas desde a infância; fora operada de histero-ovariotomia e por isso aconselhei o marido que a fizesse ausentar-se por espaço de três dias.

Seguiu ela para Nole, sua terra (22 de novembro), e ali teve alucinações de vozes noturnas, de movimentos de pessoas que ninguém viu ou ouviu, mas não provocou deslocamentos.

Nesses três dias, nada aconteceu na hospedaria; mas, apenas a mulher regressou, multiplicaram-se os fenômenos, primeiro com muito ímpeto, mais brandos depois.

Sempre os mesmos utensílios: cadeiras e garrafas se quebravam ou deslocavam. Em vista disso, reaconselhei à mulher ausentar-se de novo, e partiu (26 de novembro). No dia da partida, a hospedeira estava muito excitada e havia blasfemado contra os pretensos Espíritos, e viu-se quebrarem-se, caindo ao solo, todos os pratos e garrafas colocados na mesa. Se a família quis comer, teve que preparar a mesa em lugar diferente e por outra

mulher, porque nenhum prato que a patroa pegasse ficava intacto. Era, pois, de suspeitar nela influxo mediúnico. Todavia, durante a sua ausência, *os fenômenos se repetiram* igualmente, e precisamente dois borzeguins seus, que estavam na alcova sob o toucador, em pleno dia, às 8 e meia da manhã, desceram pela escada, percorreram aereamente o tinelo, passaram deste à sala que servia à hospedaria e depois caíram do alto aos pés de dois clientes que estavam sentados a uma mesa (29 de novembro).

Reconduzidos os borzeguins e vigiados continuamente, não se moveram até às 12 horas do dia seguinte, mas nessa hora, enquanto todos faziam a refeição, desapareceram. Foram encontrados, após uma semana, sob a cama do mesmo aposento. Dois outros borzeguins de mulher, colocados na dita alcova, em cima do toucador, e vigiados atentamente, sumiram e só foram achados depois de vinte dias, amassados, como se tivessem sido comprimidos em baú, embaixo dos colchões de uma cama, na mesma alcova, que fora revistada inutilmente *dois dias depois* da desapareição.

Vendo que os fenômenos prosseguiam, regressou de Nole a mulher e eles se repetiram com igual continuidade. Uma garrafa de gasosa, por exemplo, que estava na taberna, à vista de todos, em pleno dia, percorreu lentamente, como que conduzida por uma mão, quatro ou cinco metros, até ao tinelo, cuja porta estava aberta, e depois caiu, quebrando-se.

Depois disto, ocorreu ao patrão a ideia de despedir o mais jovem dos garçons. Saiu este (7 de dezembro), e cessaram todos os fenômenos, o que podia fazer suspeitar uma influência dele, que não era histérico, nem provocou em casa dos seus novos patrões nenhum acidente espirítico; mas também se pode admitir que, mesmo de Nole, a patroa, histérica, atuasse sobre os móveis da sua própria casa, em Turim, como veremos que acontece em outra parte.

\* \* \*

De fato, uma influência pseudomediúnica, a enorme distância entre o médium e a casa influenciada, é narrada por Hare, na *Story of my Life*.<sup>243</sup> Em 1891, a Sra. Butter, que residia na Irlan-

da, com seu marido, sonhou encontrar-se em belíssima casa, com todas as comodidades imagináveis. Este sonho lhe causou bastante impressão, e na noite seguinte sonhou com a mesma casa e que a percorria toda, e assim por muitas noites seguidas. Em família, todos se riam dela, da casa e dos sonhos.

Em 1892, os Butter decidiram abandonar a Irlanda e estabelecer-se na Inglaterra. Foram a Londres e procuraram anúncios de casas de campo, em várias agências. Ouvindo falar de uma casa no Condado de Hampshire, foram visitá-la. Ao chegar à casinha do porteiro, a Sra. Butter disse:

– Esta é a portaria do meu sonho.

Quando a mulher encarregada lhe mostrou o interior da casa, a Sra. Butter lhe disse que a reconhecia toda, exceto uma porta, que fora aberta havia apenas seis semanas. Porque era módico o preço de venda, os Butter decidiram sem demora adquirir o prédio, mas, uma vez pago, lhes pareceu tão baixo o preço que suspeitaram houvesse algum defeito grave e expuseram ao agente encarregado da venda a sua preocupação, e este respondeu que, efetivamente, se acreditava ser assombrado o prédio, porém não devia a Sra. Butter preocupar-se, porque era ela mesma o fantasma que ali aparecia.

Aqui a médium teria agido automaticamente com o seu *duplo*, que, como acontece algumas vezes aos adormecidos, se transportava a grande distância, do lugar onde estava dormindo, ao sítio a que se volvia intensamente o seu pensamento, no sonho.

Outro caso paralelo foi colhido por Tummolo, em *Luce ed Ombra*, de maio de 1909. Tratava-se de certa Carnevali Nomentina, que, quando presa de convulsões histéricas – durante as quais ladrava e passava a cataléptica –, súbito, na sua palhoça, se abriam portas, dançavam cadeiras e se abrasava um prego. Transportada a Carnevali a 1.500 metros da palhoça, para Comezzazi continuaram igualmente os golpes, os *raps* e os movimentos de objetos, quando era ela presa das convulsões, e na hora precisa do acesso.

Logo a influência do médium pode manifestar-se a distância, ainda que a 1.500 metros, e assim mesmo sem diminuir de intensidade.

*Chuva de água, de leite e de vinho; livros que dançam* – Em Ancona, na casa do Procurador do Rei, o advogado Marracino, em 1903 verificaram-se extraordinários fenômenos. Seus dois filhos, ambos advogados, assim nos descreveram:

“À noite, tínhamos ouvido como se batessem reiteradamente, moviam-se móveis em aposentos desabitados. Acudimos, mas notamos bulha e nada mais. Ao mesmo tempo, manifestou-se curiosa agitação nas campainhas elétricas, que a todo momento soavam por conta própria.

“Presumindo que se tratava de contato comum, mandamos de imediato revistar as instalações, mas resultou verificar-se que estavam em ordem. O desagradável veio depois, quando das paredes de quase todas as dependências começou, de improviso, a manar água, que quase inundou os pavimentos. Esses repuxos, que além de nós foram vistos por outras pessoas, produziram todo o gênero de desastres; de noite, enchiam-se de água os chapéus e durante o dia tomavam por alvo especialmente as camas, de modo que, para evitar ficassem perdidos os colchões, tivemos de cobri-los com impermeáveis.

“Alguns engenheiros, a quem mostramos os sinais desses minadores de água, abriram vários sítios do enladrilhado, sondaram paredes, mas não encontraram explicação alguma para o fenômeno. Em outro dia, verificaram-se fatos mais estranhos: na sala de jantar, perto do sofá, caiu de cima da parede meia taça de leite. Um de nós, que estava em casa, encontrou o solo coberto de leite; imediatamente depois, a meio metro dali, veio de cima uma taça de café com leite. Estupidificados, mas incrédulos, chegamos assim ao fenômeno mais relevante e que ocorreu à hora da refeição: meu pai, discorrendo acerca do jato de leite, havia acrescentado, rindo, que teria sido preferível, em vez de jato de leite, vinho. Pouco depois, quando nos levantávamos da mesa, ouvimos que caía um líquido: era vinho!

“Pouco distante do ponto onde caiu o vinho, havia uma pera grande e então nos lembramos que antes nossa irmãzinha a havia pedido na mesa; estava colocada numa bandeja, dentro do bufê, fechado a chave. Aberto o bufê, a pera não mais estava ali. Isto nos fez suspeitar que a força mediúnica provocadora destes fenômenos pudesse irradiar de nossa irmãzinha e quisemos segui-la quando se ergueu da mesa. Com efeito, ao passar junto do móvel onde se achavam dois livros, de Espiritismo, um deles se elevou, indo golpeá-la nas costas, e depois caiu no solo, começando a saltar, como que movido por força propulsora, percorrendo 6 ou 7 vezes o recinto e, alcançando-se de novo, foi unir-se à parede, no ponto de onde havia jorrado o leite; ali esteve por alguns segundos e depois recaiu no chão.”

Existe aqui alguma probabilidade de influência de médium, ainda que criança.

### 3 – CASAS ASSOMBRADAS TRÁGICAS

No maior número de casas assombradas, que denominarei *trágicas*, o médium aparentemente ali não se acha e os fenômenos persistem, às vezes, por séculos. Lendas populares e ainda as crônicas atribuem os ruídos e a aparição de fantasmas, não raro sangrentas, a cenas de violência mortais acontecidas muitos anos ou muitos séculos antes e que se conexam com a observação de uma maior energia nas almas dos mortos violentamente na flor da vida e com a tendência neles prevalecente, ao que parece, de continuar nos velhos hábitos (Espíritos de marinheiros de nave submergida que continuam as manobras navais no fundo do mar) e nos sítios onde foram mortos ou sepultados, pelo que o fenômeno é mais ligado a certas casas.

O exemplo mais antigo é aquele de Pausânias, que, depois de haver capitaneado os Lacedemônios a Plateia, foi condenado a morrer de fome, no templo de Minerva; mas seu Espírito se manifestou com vozes e ruídos, expandiu o terror naqueles lugares, até o dia em que um “psicagogo” (sacerdote evocador da sombra dos mortos), feito vir a Tessália, conseguiu fazer que cessassem as manifestações.<sup>244</sup>

Outro tanto se narra de Perseu, que largo tempo assustou os habitantes de Cheminis, fazendo-se visível no templo.

O filósofo Atenodoro comprou uma casa em Atenas e foi ocupá-la, com seus servos. À noite passou a ler e escrever, como era de seu costume. Eis que, de imprevisto, ele ouviu fortíssimo ruído como que de correntes arrastadas no pavimento. Ergueu os olhos e viu um velho que, com entristecido rosto e carregado de ferros, se lhe avizinhou, fez sinais para que o seguisse e, chegado a certo ponto do pátio, desapareceu. O filósofo, no dia seguinte, referiu o caso a um Magistrado, o qual fez escavar o chão, no lugar indicado. Removidos alguns torrões, encontrou-se um esqueleto, atado de correntes, ao qual se deu digna sepultura. E, desde então, cessou na casa toda perturbação.<sup>245</sup>

Afirma Pitré:<sup>246</sup>

“As almas dos mortos suicidas giram em Modica, à noite, visitando todos os ângulos da casa onde foram depositados mortos, sacudindo correntes e gritando. As almas dos tristes, que roubaram os pobres, e até as dos seus filhos que gozaram do roubo, vão todas as noites visitar a casa da vítima, e até que o furto seja restituído não têm repouso, e assim as almas dos padres que fraudaram missas.

“Outros Espíritos habitam velhos palácios, em Palizzi Generoso, na Torre do Diabo, em Ficurazzi, e assobiam, atiram pedras, acendem fogos, tocam campainhas, etc.

“Carapuça Vermelha”, um fantasma de M. Erice, velho soldado assassino, *enforcado impenitente*, aparecia com uma carapuça encarnada.

“Perto de Piana dos Gregos existe um abismo pleno de Espíritos que, há muitos anos, ali foram precipitados. Na caverna de S. Maurício, o espectro de um malvado volta do Inferno todas as noites. No cabo Feto se agitam os Espíritos dos que foram esmagados sob uma pedra.

“Na Igreja de S. João, em Modica, aparece o Espírito de uma lavadeira, que, por haver ferido, em rixa, uma sua comadre, morreu repentinamente, quando lavava, e cada noite regressa ao

sítio onde faleceu e começa a lavar e, ao cantar o galo, desaparece pelo teto da igreja.”

Em Trembley, Bretanha, existe velho castelo que ninguém pode habitar, pelos infernais ruídos que se ouvem, provocados, pretende-se, pelo rei Oton, assassino dos antigos senhores.<sup>247</sup>

Mais singulares seriam, todavia, os fenômenos desse gênero que se verificaram em França ao tempo das perseguições contra os Camisards.

“Ouviam-se no ar, antes ainda de estalar a revolta – escreve o abade Pluquet<sup>248</sup> –, perto dos lugares onde se encontravam as ruínas dos templos, vozes similares ao canto dos salmos que os protestantes entoavam. Tais vozes foram ouvidas em Bearn, em Cevennes, em Passy, etc. Alguns ministros fugitivos foram escoltados por esta divina salmodia.”

Isabel Charras afirma haver ouvido muitas vezes esses misteriosos cânticos em lugares distantes de casa e onde era impossível que alguém estivesse oculto.

Isto recorda que, a 31 de agosto de 1572, oito dias depois da matança de S. Bartolomeu, Paris foi aterrorizada por um estrépito de gemidos entremeados de gritos de raiva e furor, que se ouviam no ar, como é lembrado no livro de Juvenal de Ursins, lugar-tenente do General de Paris, publicado em 1601.<sup>249</sup>

Na Inglaterra, durante largo tempo se falou dos casos acontecidos no castelo real de Woodstock, quando Cromwell, depois da execução de Carlos I, enviou comissários, presididos por Harrison, para que tomassem posse dele. Por uma quinzena de dias eram despertados à noite por ensurdecedores barulhos; atiravam em seus aposentos montes de lenha, pedras, vidros, etc.; os leitos eram levantados do solo; mesas e cadeiras voavam nos ares, sem que se pudesse descobrir os autores.

Calculam-se em 150, no mínimo, na Inglaterra, as velhas casas, abadias, escolas e hospitais assombrados, quase todas abandonadas por seus habitantes.<sup>250</sup>

Na Torre de Londres, o guardião, Sr. Swiste, viu, em 1860, sair da cela onde são guardadas as joias da Coroa, e onde esteve reclusa Ana Bolena, um urso, que o sentinela não pôde ferir, pois

que se diluiu como se fosse de cera. No dia seguinte, o sentinela morreu do susto.<sup>251</sup>

\* \* \*

A Srta. Fielden me referiu – escreve Hare<sup>252</sup> – que, em sua juventude, a família foi à ilha de Wight e alugou “St. Boniface House”, entre Boachurch e Ventnor. Dormia ela em aposento do primeiro andar, com a irmã Ghita; a professora, francesa, e a outra irmã, Carlota, dormiam na alcova ao lado, e a professora inglesa estava no andar superior. Certa noite, quando se achavam no leito, abriu-se a porta de súbito, com grande ruído, e alguém entrou na câmara, produzindo corrente de ar. Depois o cortinado da cama lhe foi atirado à cabeça, juntamente com as cobertas. As duas irmãs saltaram do leito, cujo colchão estava sendo sacudido. Saíram do quarto, pedindo socorro. A professora inglesa e os criados acudiram e encontraram o aposento em perfeita ordem: a roupa da cama dobrada e distribuída em três ângulos da alcova, o colchão junto da parede e a colcha de lã na lareira.

Soube-se depois que isso também havia acontecido a outros e que a casa era considerada assombrada. Ora, certa mulher havia matado um seu filho pequeno, naquela habitação. Algumas vezes o fantasma dela era também visível, porém mais repetidamente se manifestava com rumores e movimento de móveis.

“Em 1906, foi à Escócia certo M. V. e, antes de habitar uma casa, mandou reformá-la. Notou, porém, que os trabalhadores não queriam ali permanecer depois que anoitecia. A primeira noite que passou com a esposa, ele despertou às duas horas, mas sem saber por quê. No dia seguinte, à mesma hora, a esposa acordou, ouvindo um gemido como que de moribundo. Outro dia, em plena luz, a senhora viu uma sombra; depois, ela e o marido ouviram passos de mulher, na casa, a todas as horas do dia e da noite; os criados, espavoridos, não queriam permanecer ali. Certa noite, estando à mesa, ouviram, de pronto e por três vezes, um soluçar de mulher. Ergueram-se e procuraram por toda parte, inutilmente. Ao ouvir esses ruídos, o gato da casa, espantado, se aproximava dos amos e não queria distanciar-se deles. Verificou-se depois que seu antecessor e esposa presenciaram

iguais manifestações, que se acreditavam provenientes de uma senhora ali assassinada pelo marido. Ao cabo de algum tempo, a Sra. M. V. ouviu duas vozes misteriosas que dialogavam entre si. Outro dia, estando a sós na cozinha, viu finalmente a aparição da mulher assassinada, distinguindo-lhe a face e o vestido pardo. Depois disso não tornou a vê-la, se bem que as manifestações costumeiras se repetissem de vez em quando.”

Aqui se vê a escala dos fenômenos que se percebem nas casas assombradas: primeiro rumores, depois vozes ou soluços, depois sombras vagas e, por último, o fantasma inteiro.

Os que têm faculdades mediúnicas mais fortes percebem primeiro, e melhor; mas também os animais se assustam.

A Srta. Gladstone foi visitar a família Maxwell, em Glenlee. Ao meio-dia recolheu-se ao aposento que lhe designaram para repouso, e desde logo lhe pareceu que a parede fronteira se enchia de névoa. Acreditou provir da lareira, mas não viu nem fogo, nem fumaça; olhou para ver se procedia da janela, porém fora fulgia pleno o sol. Pouco a pouco a névoa parecia assumir uma forma, até que se converteu em uma figura parda, de mulher, que olhava o relógio. A Srta. Gladstone desmaiou; quando voltou a si, a figura havia desaparecido. Também a Sra. Stamford Raffles foi a Glenlee. Era inverno. À noite despertou e, à luz do fogo que ardia no aposento, viu o mesmo efeito de névoa que se unia pouco a pouco até formar uma figura humana, que olhava para o relógio. Teve imenso frio e ficou sem sentidos, depois de haver tentado, em vão, despertar o marido, que dormia a seu lado, pois lhe parecia estar ela com os membros paralisados. A família de Maxwell, pouco tempo depois, abandonou Glenlee.

Ora, Glenlee era uma casa de campo isolada, habitada anteriormente por uma senhora que envenenou o esposo para casar com um jovem oficial de quem se enamorara e com ele conviveu. Tratou-a tão mal, porém, que ela terminou por abandoná-lo e voltou para Glenlee, onde viveu tristemente os dias, a girar pelos corredores do prédio, até que, velha, morreu. Era a sua aparição que ali se via e, ao que se diz, cessou depois que um inquilino, católico, mandou rezar uma missa.<sup>253</sup>

Aqui o fantasma parece ligado à casa e aos tristes acontecimentos que ali se desenrolaram, mais do que à presença de médiuns. Os visitantes provocavam as aparições com a sua presença e especialmente ali dormindo, e não por dotes mediúnicos que tivessem e que não se manifestaram em outros lugares.

Essa influência de determinada casa já habitada pelo morto e à qual está indissolúvelmente ligado o seu Espírito ilustra-se com o caso registrado por Graus, da médium Piano.<sup>254</sup>

Indo Eusábia Paladino à casa da médium, viu um fantasma que esta afirmava ver continuamente, que se inculcava por José, e a seguia em todos os seus afazeres. Perguntado, nas sessões, sobre quem era, respondeu ser um “espírito alado” da casa e dava sinais de ira se se insistia no assunto.

Quando a Sra. Piano teve de deixar o prédio, por necessidades domésticas, ficou apavorada com a raiva que o Espírito lhe demonstrava, quebrando os objetos da casa. Aconselhada por Graus a pedir ao Espírito que fosse com ela para uma nova vivenda, ela fez a proposta, que ele aceitou, com a condição de que ela levasse algum fragmento com o qual se pudesse incorporar. A Sra. Piano pegou um ladrilho do pavimento e o levou para a nova residência, apoiando-o verticalmente na parede da sala de visitas. O ladrilho começou a mover-se, subindo e descendo ao longo da parede. Desde esse dia, esteve presente nas sessões da nova moradia. Esta aderência, a uma determinada casa e até aos seus fragmentos, explica por que se encontram tantos Espíritos nas ruínas inabitadas dos castelos, das casas antigas abandonadas e, como notara Stainton Moses, nos sítios onde muitos mortos foram sepultados.

#### 4 – CASAS PREMONITÓRIAS

Outra espécie de casas assombradas é oferecida por aquelas a que chamarei “premonitórias”, de aparição raríssima, a largos intervalos e sempre para a premonição da morte de algum dos moradores. Assim a Dama Branca<sup>255</sup> do palácio real de Berlim, a Dama de Isoen, a Morena do Condado de Norfolk, a Parda de Windsor.

Na Irlanda ainda se acredita que certas famílias têm o privilégio de possuir uma “Banschie” ou fada doméstica, que aparece, vertendo lágrimas, quando um membro da casa deve morrer.

Cardano, no seu livro *Della varietà delle cose*, afirma que cada vez que ia morrer alguém da família parmense dos Torelli, aparecia uma velha na lareira de uma sala do visado palácio.

Paris possuía o “Homem Vermelho” das Tulherias, cuja tradição remonta à origem do edifício. Catarina de Médicis o viu amiudadamente; mostrou-se antes da morte de Henrique IV; predisse a Luís XIV os tumultos da Fronde; viram-no certa manhã no leito de Luís XVI; um soldado, que velava os restos de Marat, o enxergou, e morreu de pavor; apareceu de contínuo a Napoleão, às vésperas de qualquer acontecimento de importância, como da campanha do Egito e da Rússia. Sob a Restauração, anunciou a morte do duque de Berry e se fez presente na de Luís XVIII. Tal era o terror que ainda inspirava em época recente este misterioso ser, que a Imperatriz Eugênia, mulher de Napoleão III, proibiu fosse mencionado na Corte, mesmo em tom de gracejo.<sup>256</sup>

Pela curiosa analogia que apresentam com as aparições referidas, podem ser recordados os fantasmas que se apresentaram a Sócrates, Bruto, Cássio, Druso, Tácito (imperador), Juliano, etc., para lhes anunciar a sua morte iminente.

No ano de 1880, na Escócia, certa senhora alugou um castelo abandonado havia muitos anos. Certa noite, despertou, vendo aos pés da cama o fantasma de um homem sem cabeça, vestido à moda de dois séculos antes. Despertou o marido, que não viu coisa alguma. Poucos dias depois morreu um dos habitantes do castelo.

Ora, segundo uma lenda do país, cada vez que esse fantasma aparecia, um dos habitantes do castelo devia faltar. E se explicava sua aparição com isto: ao tempo da guerra civil de 1600, um proscrito, pertencente ao partido dos cavalheiros, tendo pedido hospitalidade ao castelão, este o havia atraído, entregando-o ao partido inimigo, pelo qual foi decapitado.

Na *Story of my Life*,<sup>257</sup> Hare narra que o célebre Brewster, indo com a filha visitar a família Stirling, em Kilpenrass (Escócia), à noite fugia do aposento aterrorizado com os estranhos ruídos e lamentações. Também a camareira da Srta. Brewster ouviu tantos rumores e lamentações, que desejou ir embora em seguida. Ao meio-dia, esta, ao recolher-se ao seu aposento, viu, no alto da escada, uma mulher alta, apoiada na balaustrada; pediu que lhe mandasse a camareira, porém aquela não respondeu, anuindo, por três vezes, apenas com acenos de cabeça, e apontou para um ponto do corredor, e depois desceu a escada. A Srta. Brewster falou do caso à Sra. Stirling e esta se impressionou bastante pelo que a aparição pressagiava.

No aposento para o qual acenou a aparição, dormia o Comandante Svedducuree com a esposa.

Antes de finalizar o ano, ambos foram mortos, na revolta da Índia Inglesa.

Na casa existia a lenda de que o assinalado pelo fantasma morreria dentro do ano.

No castelo de Berry-Pomeroy estava enferma a mulher do mordomo da casa Pomeroy. O Dr. Farquhar a visita e acha que a enfermidade é ligeira, e perguntou ao marido quem era a belíssima senhora por ele encontrada na antecâmara. O interrogado empalideceu, porque sabia que aquela visão, desde mais de um século, precedia a morte de alguém da família. E, com efeito, nessa noite, a mulher faleceu.

Aliás, essas aparições poderiam ser explicadas pela influência mediúnica que muitos homens possuem, na proximidade da morte, e que lhes permite revelar, a distância, o próximo fim deles mesmos, com vozes, golpes ou com a presença do seu *duplo*. O moribundo seria nesse caso como que um médium transitório que desperta a energia dos Espíritos dos mortos fixados em certas casas a que estão ligados por antigos hábitos.

## 5 – CASAS ASSOMBRADAS, SEM MÉDIUNS APARENTES

Em outras casas perturbadas, e são as em maior número, não se encontra sequer vestígios de médium. Pull<sup>258</sup> enumera, em

101 casas assombradas, 28 nas quais se comprova a presença de médium, pelo que, ao que diz ele, em 72% se ignora inteiramente a concomitância do médium.

Solovovo <sup>259</sup> fala de uma casa, na Rússia, habitada por duas famílias modestas, patriarcais, os Kupréyanoff e os Nazaroff. Esta última família tinha o costume de comprar, em janeiro e fevereiro, para todo o ano, toros de lenha, grossíssimos, com o peso mínimo de 7 libras, que eram arrumados ao longo da parede do celeiro, a uma altura de 20 pés ingleses. Ora, a família ouviu certa noite rumor nesse lenheiro. Iluminado o celeiro, com uma lanterna e depois com três candeias, viu-se que, não da de cima, e sim da camada do centro da pilha, se destacava um toro e caía no chão, a uns metros de distância. Isso continuou por 40 minutos, durante os quais 27 toros de lenha foram destacados. O curioso é que os espaços vazios pela lenha retirada não se preenchiam com outros cepos, e no dia seguinte verificou-se que a camada de lenha estava de novo compacta, sem um vão. Os troncos não se projetavam de um só ponto, e sim de muitos, e sempre do centro da pilha, e não da de cima ou dos lados.

Exclui-se a influência de animais e de homens e, portanto, de médiuns.

O major Moor publicou que em sua casa, de Suffolk, em 1841, a campainha soou violentamente dois meses seguidos. Caso semelhante se repetiu em Pusterfield, por espaço de 18 meses, mesmo depois de cortados os fios da campainha. <sup>260</sup>

Em uma casinha perto de Tedworth, o juiz Mompreson e sua família eram perturbados todas as noites, apenas se deitavam, por um tambor invisível que rufava sinistramente no interior do prédio, acompanhado de uma dança circular de todos os móveis, que pareciam atirados com violência por invisíveis mãos. Os cães se escondiam. O juiz se viu obrigado a deixar a moradia. O curioso é que esse tamborzinho respondia às perguntas com golpes correspondentes à sucessão das letras do alfabeto, como nas atuais experiências espiritistas. Isto acontecia em 1662.

O Dr. Morice <sup>261</sup> refere o caso do castelo de T, na Normandia, que já existia em 1835, e foi restaurado e reabitado pela Sra. de

X... Em outubro de 1867 começaram a surgir extraordinários golpes, movimentos de mesas etc., que em 1875 se renovaram e, pior ainda, em 1892. Era um castelo já famigerado por haver sido, em tempos anteriores, infestado por maléficos fantasmas. Em outubro de 1875 constataram-se ruídos como que de passos sobre o terreno coberto de neve, porém não se encontraram marcas de pegadas; as poltronas e as estátuas mudavam de lugar; grandes móveis eram arrastados e ouviam-se passos rápidos e depois fortes golpes no patamar da escada; num outro dia, gritos agudíssimos e tropel de galope de cavalo no corredor. Tudo isso durava desde meia-noite até às 3 horas; depois os fenômenos começaram a notar-se também de dia. A esposa de X., querendo entrar em um aposento onde ouviu ruído, estirou a mão direita, mas a chave saiu da fechadura e lhe golpeou a mão esquerda. Aplicados exorcismos, diminuíram por um pouco os fenômenos e depois cessaram, porém se repetiram em 1891.

Aqui a influência de médium parece excluída, ainda pela larga duração, e faz suspeitar da ação benéfica dos exorcismos.

M. Joseph Proctor<sup>262</sup> divulgou um diário no qual estavam anotados, dia por dia, os fenômenos acontecidos na casa paterna, que antes esteve habitada por um certo X., sem que notasse nada de singular; mas, desde os predecessores de X., estivera a casa abandonada, pelos estranhos fenômenos que nela passaram a ocorrer. Começou, apenas admitida em serviço, uma nutriz a queixar-se de ruídos, pisadas, estrepitos, gritos que se ouviam na câmara vizinha. Estes, mais tarde, ouviam-nos todos os outros moradores.

Dois meses depois, um dos moradores da casa viu uma figura branca na janela; em outra noite, o porteiro, sua mulher e uma filha viram passar um sacerdote, com estola branca, durando a aparição dez minutos. Durante 6 meses, eram as servas retiradas do leito muitas vezes; mais adiante, foi visto aos pés da cama um fantasma de velho com os dedos cruzados. Em junho, um amigo, ali hospedado, fugiu da cama, apavorado, por avistar o fantasma e por espantosos barulhos. Passados dois anos, os habitantes da casa ouvem, aqui e ali, seus nomes pronunciados por pessoas invisíveis. Muitas e muitas vezes apareceu diante de crianças,

quando brincavam, um fantasma de monja ou o simulacro de uma cabeça pálida, que se desvanecia, tombando.

Finalmente, os inquilinos resolveram deixar a casa, porém na última noite os ruídos e aparições redobram. Abandonada a fatal residência, na nova não ouviram mais nenhum rumor, nem viram aparições. Em compensação, os que os sucederam na tal moradia foram raivosamente perseguidos e tiveram igualmente que abandonar o prédio, que não mais foi alugado.

\* \* \*

Nesses casos, faltaria todo indício de médium, salvo admitir que, como se viu anteriormente neste capítulo, os médiuns influem com o seu *duplo* durante o sono, inconscientemente e ainda a enormes distâncias. Mas, recordando que, em Paris, o Espírito Stasia dizia a Ochorowicz que, além de seu médium, ela procurava outro, em Londres, que a ela servia completamente inconsciente, talvez possamos explicar os fenômenos acima descritos, que se repetiram por espaço de muitíssimos anos e com diversas famílias – as quais, ao mudarem de casa, não tornaram a encontrar mais nada –, com a influência direta daqueles Espíritos que eram, mais e mais vezes, assinalados até em forma de fantasmas, Espíritos que escolhem, ainda que em sítios distantes, seus médiuns, os quais agem inconscientes dessa influência.

## 6 – AÇÃO QUASE AUTÔNOMA DOS ESPÍRITOS

Em outros casos, a grande influência, se não exclusiva, dos mortos se deduz de sua aparição em forma de fantasmas que reproduzem a imagem, e das declarações por eles feitas nas sessões mediúnicas, no desenvolvimento de sua energia, ainda que terrível para dados objetivos, tal, por exemplo, para reivindicar a ocupação da casa própria ou a honra da família ou para advertências morais, religiosas, etc.

A Sra. R., que, em 1857, em outubro e durante muitos meses seguidos, habitou o castelo de Ramhurst, em Kent, desde os primeiros dias foi perturbada pelos *raps* nas paredes e por vozes que não se podiam explicar, e a todos aterrorizavam. Certa Srta.

S., desde a infância acostumada a ver aparições (e era médium), foi visitá-la e, apenas penetrou no prédio, viu sob o umbral a figura de um casal de velhos, vestidos à antiga, que lhe reapareceram todos os dias, circundados por uma espécie de névoa. Certa noite lhe falaram, alegando serem os proprietários da mansão, que se chamavam *Children* e estavam sentidos por verem agora o castelo, tão caro a eles, em mãos estranhas. A Sra. R., a quem a Srta. S. repetiu a confiança, continuou percebendo vozes e ruídos, porém não mais aparições, mas, ao fim de um mês, quando estava para descer ao refeitório, eis que viu em seu aposento, muito iluminado, as duas figuras tal qual a amiga as havia descrito, e sobre a cabeça da velha ressaltava, na parede, em luz fosforescente, o letreiro: “Dama Children”.

Depois de muitas pesquisas, a Sra. R. soube, por uma velha senhora, que, muitos anos antes, havia conhecido um velho que guardava o canil de certos *Children*, então habitantes do castelo; entre eles havia um Ricardo, morto em 1753, isto é, um século antes.

Owen comprovou ainda, pelas memórias de Hasted, que um Ricardo Children se havia fixado em Ramhurst e falecido em 1753, aos 83 anos de idade; que a família emigrara em seguida para outra parte e que depois de 1816 aquela casa ou castelo se convertera numa espécie de feitoria.<sup>263</sup>

Aqui não se encontra traço de médiuns que provoquem os fenômenos; todavia o traço da influência dos mortos, de um século antes, foi comprovado por duas pessoas, e se descobre o motivo da sua aparição e seu nome é revelado com a escrita e linguagem mediúnicas, quando por acaso ali se encontra um médium, e se confirma pela História, ou melhor, pela crônica histórica.<sup>264</sup>

O conde Galateri conta que, em 1852, seu pai, retirando-se da Armada, adquiriu em Annecy uma vila onde, havia alguns anos, ocorreram estranhos fenômenos: as portas se abriam por si, à noite, os móveis e as botas se chocavam uns contra os outros, de modo que em 1861 ele decidiu vender a propriedade. No último dia que lá passaram, a condessa, notando que os ruídos se intensificavam em uma pequena adega e sempre partiam dali, tentou escavar com uma enxada, e logo os ruídos cessaram. Em 1864, 4

anos decorridos, viram os Galateri um jornal desdobrar-se por si mesmo sobre a mesa. Eram 10 horas da manhã. Precisamente a essa hora, em outra casa, a mãe celebrava uma sessão mediúnica, na qual a filha falecida lhe dizia: “Corro a fazer uma surpresa a papai e a meu irmão.”

Em outra sessão, a mãe declarou ver, com outra médium, na porta da vila assombrada, de Annecy, de que antes falamos, um militar, com perna de pau, que lhe contava como ele, em uma batalha travada sob as ordens de Napoleão, costumava despojar os cadáveres, de modo que enriqueceu e, com o dinheiro tão mal havido, comprou aquela vila, onde escondeu o seu tesouro, na adega. Agora, porém, arrependido do que fizera, queria, com aqueles ruídos, levar a condessa à busca desse dinheiro, para distribuí-lo com os pobres.

Ao termo de 2 anos, voltando a condessa às cercanias da sua antiga vila, soube que o proprietário queria desfazer-se dela a qualquer preço, porque os ruídos continuaram, apesar dos exorcismos de um sacerdote. Ela pediu para habitá-la por dois dias, escavou na adega e encontrou um vaso cheio de alguns milhares de francos em ouro, que distribuiu entre os pobres. Desde então cessaram os fenômenos espiríticos.<sup>265</sup>

Aqui a ação do morto nos fenômenos das casas assombradas se torna evidente e independe do médium, que, neste caso, se surpreende, mas não tem a menor ideia da intenção do defunto, só tendo a explicação e a prova com a cessação dos fenômenos, depois de satisfeito o desejo do Espírito.

E o mesmo se diga de um caso exposto por De Vesme no meu *Archivio di Psichiatria*, vol. XVII. Golpes de chicote, móveis deslocados e vestidos femininos que se encontravam em caixas e armários, despedaçados e postos na janela, foram manifestações que ocorreram na casa de Fer., em Turim, rua Garibaldi, depois da morte de sua irmã, mulher religiosíssima. Os fenômenos se reproduziram até fora de casa, onde quer que Fer. fosse. Cessaram, de pronto, depois de uma sessão tiptológica, em que o Espírito de sua irmã declarou que “era a autora de todos aqueles fenômenos, irritada porque seu irmão convivia ilegal-

mente com uma mulher e que, se se casasse com ela, cessaria toda perturbação”. E assim sucedeu.

Ora, nem a mulher nem F. possuíam faculdades mediúnicas, nem pessoa alguma daquela casa. Evidentemente, aqui sobressai, clara e racionalmente, a ação da morta, ainda que utilizando médium ignoto e distante.

## 7 – FAMÍLIAS ACONSELHADAS PELOS ESPÍRITOS

Importante, a esse propósito, é a história consignada no diário do pároco Marquart Feldmann <sup>266</sup> (anos 1584 a 1589), do qual foi testemunha ocular, e que ocorreu no castelo de Hudemühlen, dos senhores Von H., pouco distante do burgo homônimo, na Boêmia.

Em 1854 tiveram início no castelo ruídos estranhos, dos quais, a princípio, se fez pouco caso.

“Mas, pouco a pouco, um Espírito começou a falar, em pleno dia, aos serviçais, que muito se assustaram a princípio, mas que com ele se acostumaram. Nem mesmo no aposento do dono da casa o Espírito se continha: durante o jantar e a ceia, falava em voz alta e, paulatinamente, se foi tornando familiar e começou a discorrer com todos acerca de qualquer tema, não raro cantando e pilheriando. Se por acaso alguém falava mal dele, ou dele zombava, estrepitava e atirava objetos, ameaçando os ofensores com terríveis vinganças, que algumas vezes realizou.

“Perguntado quem era, contou ter família em Böhmerwald, mãe cristã, porém que, não podendo ela tê-lo a seu lado, teve de refugiar-se no estrangeiro; que seu nome era Hintzelmann, mas também se chamava Lüring; que mais tarde se deixaria ver no seu verdadeiro aspecto, sendo que isso, no momento, não lhe era possível. Sua voz e modo de falar eram de adolescente. Não tolerava que lhe chamassem Espírito mau ou demônio, assegurando que era um homem comum, e esperava alcançar a salvação eterna.”

Por esta intrusão, porém, adquiriu o castelo má fama, e o proprietário intentou, inutilmente, dele se desfazer. Então, persuadido de que não podia facilmente afastar o Espírito de Hintzel-

mann, a conselho de amigos resolveu ausentar-se e fazer uma viagem a Hanover; porém, mal ali se instalara, Hintzelmann se fez presente, anunciando-se com os seus arremessos costumeiros. Certo dia desapareceu uma corrente de ouro, de grande valor, que o Sr. von H. usava no pescoço. Recaíram as suspeitas na criadagem do hotel, cujo dono defendeu os seus servidores da suspeita do furto e exigiu satisfações, de modo que o caso ameaçava tornar o assunto muito sério. Eis que se manifesta Hintzelmann, que lhe sugeriu: “Procura na tua cama, debaixo do travesseiro, e talvez encontre a corrente.” Assim foi feito e ela foi encontrada.

O Sr. von H. compreendeu então a inutilidade de querer evitar o Espírito e regressou a casa. Mas, um dia, tendo ouvido falar de famoso caça-diabos, mandou chamá-lo. Este acudiu ao lugar onde Hintzelmann de preferência se entretinha e começou a fazer os seus exorcismos. Por algum tempo o Espírito permaneceu quieto, mas depois lhe arrancou de sob o nariz o livro em que lia os exorcismos e o fez em mil pedaços; em seguida agarrou o exorcista, golpeou-o raivosamente e o atirou, rodando, escadas abaixo. Ainda foi mais mal tratado por Hintzelmann um escrivão público que tentou exorcizá-lo.

“Naquele tempo – prossegue o nosso autor – viviam no castelo de Hudemühlen duas senhoritas, Ana e Catarina, às quais o Espírito consagrava grande afeição e com as quais se entretinha de boamente; mas, quando se apresentavam jovens senhores com intenção de pedi-las em casamento, Hintzelmann lhes turbava a mente, de modo a que não acertassem em formular o pedido e, atirando-lhes objetos em cima, os atormentava, de modo que iam embora.”

Hintzelmann costumava ser o oráculo da casa. Certa vez, Ana enviou um criado a Rethen para lhe comprar algumas peças de vestir e pouco depois o Espírito lhe disse: “Hoje tens de mandar pescar a tua roupa na lagoa.”

Com efeito, naquela tarde o criado, tendo-se embriagado, caiu na lagoa e se afogou. Os artefatos foram pescados na água, da qual retiraram também o cadáver do empregado.

Um dia estive em Hudemühlen um Sr. Falkenberg, homem jovial, que se divertiu loucamente em excitar Hintzelmann, de contínuo, até que este lhe disse:

– Hoje te burlas de mim, mas espera: se nunca foste a Magdeburgo, ali te moerão as costelas de maneira que te passará a vontade de brincar!”

Pouco depois, Falkenberg tomou parte, com o Exército da Saxônia, no assédio de Magdeburgo, onde uma bala de pequeno canhão, esfacelando-lhe o queixo, fê-lo sucumbir ao fim de três dias.

Hintzelmann trabalhava com toda a boa vontade na cozinha e na cavalaria; à noite lavava a louça, limpava e cuidava dos cavalos; encontrava e restituía aos de casa os objetos perdidos e ralhava com os criados negligentes e os castigava.

Em uma ocasião, enquanto um dos trabalhadores de Hudemühlen trabalhava no campo e vários outros ceifavam cereais, eis que se lhes manifesta Hintzelmann, dizendo àquele:

“Corre, corre depressa a tua casa, para socorrer teu pequeno que caiu de rosto no fogo e sofre graves queimaduras.”

O homem, assustado, foi apressadamente a casa, onde verificou a exatidão do aviso.

Hintzelmann, em 1588, quando as duas irmãs, Ana e Catarina, se transferiram para o castelo d’Estrup, acompanhou-as, aí recomeçando a sua ação, tal qual em Hudemühlen, o que provaria que o Espírito tinha por médium uma das duas mulheres. As suas manifestações duraram até ao regresso do dono do castelo, cessando então.

\* \* \*

Esta narração, que, à primeira vista, deve inspirar incredulidade, como fábula do povo, encontra confirmação nas recentes aventuras de honrada família de Bordéus, de quem Maxwell recebeu um diário e garante a autenticidade.<sup>267</sup>

Trata-se de outro pretenso “Espírito protetor”, que se manifestou à modesta família V. na ocasião da compra de uma estatueta da Virgem, em 1867, com golpes que pareciam canhonaços

sobre os móveis e paredes, golpes que se renovavam à noite, à mesma hora, e cessaram depois.

Em janeiro de 1868, a Sra. V. e sua camareira, ambas histéricas e que por isso atuavam como médiuns, viram a estatueta inclinar-se duas vezes em seu pedestal, como que para as saudar, e isso se repetiu todos os dias às 11 da manhã. Enquanto isso, moviam-se os quadros e as espadas da panóplia pendente da parede, especialmente com a presença da Sra. V. e, sobretudo, da camareira.

A estatueta da Virgem se atirava no leito e levantava-se depois. Sendo, por ordem do Espírito, magnetizada a camareira, viu ela, à sua frente, a imagem de um homem, com um livro na mão, que fazia mover a estatueta. Um dia, não pode ela despertar do sono magnético, antes das 4, porque o Espírito dizia: “Agrade-me ficar contigo pelo menos até às 4.” Estranhamente, alteraram-se as faculdades dele: discutia altas questões filosóficas, em linguagem elevada; dava conselhos de moral e ainda de ortodoxia religiosa; preocupou-se com a felicidade de todos; predisse que o namorado da camareira a faria correr perigo, sobrevivendo-lhe uma ferida na mão, que a impediria de trabalhar. Com efeito, certo dia, o namorado rondava a casa, disfarçado, e tencionava feri-la; porém ela, advertida, se pôs a salvo. E o Espírito acrescentou que, para maior segurança, ia inspirar no tal enamorado a ideia de emigrar, o que, em realidade, ocorreu pouco depois.

Se, durante a refeição, os V. sentiam qualquer desejo, a camareira parecia ouvir isso de viva voz; quando ela executava mal as suas tarefas, o Espírito a punia, rasgando-lhe o lenço da cabeça e arremessando-lhe o pão ao rosto; o leito em que ela dormia, pesadíssimo, se movia quatro ou cinco vezes durante a noite, por impulso de invisível força; os movimentos de móveis continuavam ainda quando os V. estavam fora de casa, e isso com espanto dos vizinhos.

Sendo a casa rodeada de jardim, a camareira tinha de atravessá-lo para receber do leiteiro o leite. Um dia o Espírito passou a abrir a fechadura da cancela, apenas se aproximava o leiteiro, e isso continuou fazendo durante todo o ano.

Quando os patrões regressavam, cansados do passeio, invisível mão prevenia a camareira dessa chegada. Um dia a Sra. V. ouviu uma voz chamá-la pelo nome e, entrando em comunicação com essa voz, o Espírito lhe disse que passaria a falar por seu intermédio e não pela camareira, pois esta não mais devia ser magnetizada. De fato, certa manhã, a Sra. V. ouviu ditarem-lhe esta ordem para seu marido: “Deves fazer vender, em Paris, por telegrama, 6.000 libras do juro de 3%, e comprar 10.000 da italiana. Quero que ganhes este dinheiro para fazeres uma obra de caridade que te indicarei.”

A coisa era bastante estranha, porquanto a Sra. V. ignorava não só as combinações, mas também a linguagem da Bolsa. O marido objetou ao Espírito que a sua combinação era a cavaleiro das liquidações, sendo a renda italiana para o dia 15 e a de 3% para o fim do mês.

“Sei – respondeu –, o italiano se liquidará antes, porque o benefício que resulte deve empregar-se pronto; com o outro se fará um presente à tua filha.”

Daquele dia em diante, pela manhã, o ignoto predizia o valor dos títulos que depois, às 4 horas da tarde, eram transmitidos telegraficamente. Solicitado a predizer de véspera, respondeu que necessitava da noite para informar-se. Um dia, em que V. achou a diferença de 2 1/2 cêntimos entre o valor profetizado e o telegrafado, pediu explicação ao Espírito e este respondeu:

“Isto resultou de um mau sujeito que influiu na cotação à última hora, precisamente ao *soar da campainha*.”

Isto demonstra que o Espírito conhecia a gíria da Bolsa. Ele depois revelou o conteúdo exato da caixa-forte dos haveres e quanto cada um dos V. tinha na algibeira; fazia as contas exatíssimas dos lucros das operações, incluídas as despesas dos telegramas e corretagens, e acrescentava:

“Teus negócios não te devem preocupar; deles me encarrego e não tens mais do que me obedecer, para te veres coberto de riquezas.”

Tendo-se quebrado a estatueta da Virgem, o Espírito, depois de haver pedido prazo de uma noite para informar-se, indicou a

casa de um modelador de gesso, em rua completamente ignorada dos V., onde, efetivamente, ele morava.

Dos 3.000 francos de lucro da primeira parte da operação da Bolsa, reservou 1.000 para um pobre. Declarou depois que desejava oferecer à filha de V. um piano, que estava na Rua Tournay, nº 50, ao preço de 650 francos. Seguiram o conselho, porém apreçaram em 600 francos. O Espírito explicou que a diferença provinha de equívoco da vendedora e, com efeito, no ato do pagamento, foi percebido o engano.

Esta aparência de erro exclui a telepatia e a visão a distância, e a exclui também o fato de que, quando o Espírito indicava a pessoa a ser socorrida, algumas vezes precisava não só o nome, mas ainda o número, a rua e o andar, desconhecidos para os V., de modo que, com frequência, necessitavam percorrer uma série de ruas, sem encontrar a que procuravam, porém o Espírito os fazia voltar, até encontrá-la. Algumas vezes tratava-se de gente rica em aparência, mas imersa em secreta miséria.

Mais tarde, dizendo querer erigir uma capela, o Espírito mudou de tática nas operações; em vez de retirar os lucros de cada liquidação, opôs-se a toda insistência dos V., que queriam a retirada de cada uma, mesmo quando já se atingia a um lucro de 30.000 francos.

O pior é que continuou a se opor, quando se avizinhava a guerra de 1870, e ainda quando esta se declarou, de modo que sobreveio o desastre. Desde então, não mais respondeu às petições e imprecações de suas vítimas, tornadas bem mais pobres do que antes.

Os V. estão persuadidos de que, por dois anos e meio, o Espírito teve por escopo captar-lhes a confiança, para poder arruiná-los.<sup>268</sup>

Evidentemente, aqui o médium, ou melhor, as duas médiuns foram o meio automático e involuntário, de comunicação de um Espírito que tinha plano de conduta todo especial e completamente oposto aos desejos e aos interesses das próprias médiuns, cuja desgraça ele provoca, e para a qual estas não podiam, nem mesmo inconscientemente, contribuir, porque nem mesmo no

inconsciente se pode abrigar um desejo tão teimoso e dissimulado de fazer dano a si próprio. Acrescente-se que elas não teriam podido fazer as previsões exatíssimas dos aumentos que sucediam no dia seguinte, na bolsa, nem prever as intenções malvadas do namorado da camareira e sua fuga, nem conhecer aquelas pessoas que deveriam ser beneficiadas, nem discutir alta filosofia.

Pode-se admitir que os *duplos* das duas médiuns vissem, a distância, no caso da estatueta, que abrisse a cancela ao leiteiro, que avisasse a camareira do retorno dos patrões, porém não se compreende como pudessem as médiuns, nem seus *duplos*, falar de coisas filosóficas, sendo indoutas; que movessem imensa cama, como se fossem atletas; que previssem, não só as cotações da Bolsa, mas também as intenções do namorado e as aventuras que lhe deviam acontecer.

Extraordinário em tudo que narramos é certamente o cunho pessoal e intencional do Espírito, superior à ação das médiuns. Estranho é, todavia, o fenômeno vocal. Conquanto maravilhoso, o fato não é isolado.

Uma série de fenômenos *auditivos* se encontra nas *Memórias* da Srta. Clairon.

Um jovem bretão estava tão enamorado dela que, pela mágoa da recusa, enfermou e morreu. O caso ocorria em 1743. No mesmo dia em que expirou, fizera suplicar inutilmente a Clairon que fosse vê-lo, no que não foi atendido. Ao contrário, naquela noite, deu ela uma festa em sua casa. Havia ela apenas terminado de cantar uma canção, quando, ao soar das 11 horas da noite, se ouviu agudíssimo grito.

“A tétrica modulação – narra a Srta. Clairon – fez empalidecer a todos; eu desmaiei e por um quarto de hora permaneci desacordada; os amigos, os vizinhos e a própria polícia ouviram aquele grito (à mesma hora, enviado, cada dia, sob minha janela) que parecia vir do vago do ar. Eu fazia refeição raramente fora de casa e nesses dias nada ocorria, mas, reentrando no meu aposento, ouvia-se novamente o grito ao nosso derredor. Um

meu colega de Arte, Rosely, muito incrédulo, impressionado com a minha aventura, solicitava-me que evocasse o fantasma.

“Fosse fraqueza, fosse audácia, aquiesci. O grito ressoou três vezes, terrível pela intensidade e rapidez, porém por muitos dias não mais se repetiu.”

Ela acreditava estar para sempre liberta, mas enganou-se: o grito a seguiu em Saint-Cloud, aonde fora com a sua Companhia Teatral. Depois sucedeu outro fenômeno mais surpreendente: cada dia, às 11 horas, ouvia-se uma detonação, como que de um tiro de fuzil contra a sua janela; depois bater de mãos, à guisa de aplausos, e em seguida sons melódicos. Por fim, tudo cessou.

Não muito tempo decorrido, soube ela, por uma velha senhora que assistira aos últimos momentos do jovem, que, quando ele se convenceu de que a atriz não iria vê-lo, apertou a mão da senhora, desesperadamente, e exclamou:

– Cruel! Arrepende-se-á; eu a perseguirei depois de morto, tal qual a persegui em vida!

Nestes últimos casos, mesmo admitindo a intervenção inconsciente de um médium, a ação do morto é preponderante e independente da do médium, pois atuava contra o interesse deste e com um caráter evidentíssimo de sua própria autonomia pessoal.

## 8 – RESUMO

Se casos há, no geral temporários, em que os fenômenos das casas assombradas se podem explicar pela ação de médiuns, muitíssimos outros existem em que esta ação é mínima; e são estes os de maior duração, secular às vezes, e nos quais a ação dos mortos é controlada com as comunicações tiptológicas ou com aparições ou com vozes ouvidas pelas pessoas sensíveis, fatos esses conhecidos desde tempos antiquíssimos em todos os povos, através da lenda popular.

As casas assombradas, em suma, oferecem os documentos mais antigos, mais difundidos e menos contestáveis, da influência, quase autônoma, da ação voluntária, persistente, dos mortos, em épocas também distanciadíssimas da sua morte e com algu-

mas características especiais, quais as de se apresentarem com o vestuário do seu tempo, em horas, dias e épocas determinadas, da noite, e principalmente depois de meia-noite; de se manifestarem mais raro por vozes e escritos; de repetirem continuamente os mesmos gestos e movimentos, em especial os que lhes eram habituais em vida; de se manifestarem também aos médiuns, primeiro com ruídos, depois com movimentos de objetos ou outros, depois com poucas aparições; por vezes, para se vingarem, ou para dissuadirem outros de praticarem atos pecaminosos, e algumas vezes por causas absurdas e ridículas, qual aquela dos dois Children, que se acreditavam proprietários do castelo, que havia um século abandonaram e que reivindicavam; ou então para anunciar a morte próxima de alguma pessoa.

Quando esses fenômenos estão mais diretamente influenciados por um ou mais médiuns, têm caráter mais intenso, as aparições são mais vivazes, continuadas, conquanto mais transitórias, de 15 dias a 24 meses. Mas, na maior parte, como vimos, aparecem sem interferência de médium, o que é natural, quando se considera que sobrevêm frequentemente em casas de todo abandonadas, às vezes há séculos, e que ali continuam, não obstante a mudança de inquilinos, enquanto que não mais se manifestam nas novas habitações destes, pois que mostram o caráter especial de se prenderem a determinadas casas. É exatamente nisso que consiste a maior prova da ação predominante dos mortos, a qual não é somente confirmada pela lenda, mas também repetidamente por documentos históricos.

E enquanto a maior parte das pessoas só percebe a presença pelos ruídos, percussões e movimentos desordenados, os indivíduos dotados de faculdades mediúnicas veem diretamente os mortos, com a sua fisionomia e sua vestimenta (como no caso Children). Resta, por isso, nestes casos, o misterioso problema de como, sendo diminuta a ajuda que dá aos mortos o corpo de um vivo, possam eles desenvolver tão enérgica ação. Alguns dão a pouco aceitável explicação de que os Espíritos tomam dos animais e das plantas da casa deserta a matéria para a sua incorporação. Duas vezes tive esta explicação, por médiuns em transe, aos quais fiz a pergunta.

Aqui é útil a hipótese de que também as casas infestadas, que eu defini como não mediúnicas, fossem influenciadas por médiuns distantes e invisíveis. Cita-se, a este propósito, o caso de Varley, que ouviu dois golpes na parede de seu próprio aposento, distante mais de cinco milhas inglesas da casa do médium Home, o qual inconscientemente os provocava, e que soube desses golpes porque seu Espírito-guia, repetindo-os em sua casa, o advertiu da dupla concomitância e o convidou a escrever a Varley, para lhe dar uma prova do Espiritismo.

Mas estes casos, e assim também aquele (vide supra) da Srta. Butter, que, da Irlanda, algumas vezes durante o sono se transportou, com o seu *duplo*, a Londres, e o de Tummolo, em que a médium, em convulsões históricas, provocava movimentos de objetos em uma casa dela distante 1.500 metros, são antes casos de desdobramento do médium, que se trasladou por algumas vezes a distâncias por poucos momentos, do que casos de casas assombradas, onde a ação tem mais continuidade, e assume, com muita frequência, os característicos que os mortos tinham em vida.

De qualquer modo, são fenômenos que provam a possibilidade de um médium provocar aparições e movimentos de objetos, e daí alguns fenômenos de casas assombradas, também a grande distância.

Melhor ainda responde a hipótese de que os Espíritos dos mortos, nessas casas desertas, recebam energia de médiuns distantes, que eles próprios escolhem, hipótese que teria por apoio a interrupção dos fenômenos, sob práticas religiosas, as quais devem ter influência sugestiva sobre os vivos e ainda se apoiariam nas declarações feitas pelo Espírito de Stasia, a Ochrowicz,<sup>269</sup> de que lhe fornecia a energia, em Londres, uma neurótica que caía em convulsões quando ela, Stasia, se manifestava em Paris. Mas, admitindo isto, fica sempre, todavia, o fato de uma notável energia e de uma continuada marca pessoal, que, em certos casos, parece terem os Espíritos dos mortos, como quando reclamam seus velhos direitos, ou vigiam minuciosamente os interesses de uma casa, com desconhecimento dos médiuns, e que a influência destes não poderia explicar.

Ressalta, ademais, a coincidência desses fenômenos com as mortes violentas, suicídios e homicídios, tão numerosos na época feudal, cujas moradias são as mais infestadas, isso por se saber da particular atração dos Espíritos pelos lugares onde foram mortos ou sepultados, onde residiam em vida, por determinadas casas ou fragmentos delas, pela continuação mais tenaz dos hábitos que vivos tinham aqueles que, inopinadamente, morreram jovens e de modo violento. E essas manifestações não são únicas: a esses casos de habitações assombradas, sem médium aparente, há que acrescer os de pedradas, tão frequentes quanto breves, isto ainda sem concurso aparente de médium; e os fenômenos luminosos, qual o de Quargnento, que começou a ser notado pelo Sr. Sirembo, nos primeiros meses de 1895, e depois pelo Prof. Falcomer, Prof. Garzino, livre-docente de Química, pelo engenheiro Capello, etc. O fenômeno se manifestava mais ou menos às 20:30 horas; as dimensões da massa luminosa eram as de uma grande lâmpada, mas algumas vezes chegava ao diâmetro de 60 a 70 centímetros. O movimento de translação era aos saltos, ia desde a igreja de S. Bernardo, onde estão enterrados os membros da família Guasta, ao cemitério, e cerca de meia-noite regressava à igreja. O fenômeno se produz em todas as estações do ano, mas nem todos podem vê-lo e é conhecido no país sob o nome de “fogo de S. Bernardo”.

Um fenômeno análogo foi observado em Berbenno de Valtellina. Os movimentos são intencionais, sempre em determinada hora, e se desenvolvem de um campo a um edifício; é uma chama que foge a toda lei química e, entre um e outro, passa através das árvores sem as queimar. Tudo prova que sejam manifestações espíricas, tanto mais se recorde quantas vezes, nas sessões mediúnicas, aparecem globos e fochos luminosos nos pontos onde se obtêm manifestações de Espíritos. Pois bem: não foi possível, embora se hajam feito indagações, encontrar nas vizinhanças de Quargnento e de Berbenne indícios de médiuns.

É, pois, bem curioso notar como possam, nestes últimos tempos, ocorrer estes fatos, tão numerosos e documentados, enquanto que, por quase dois séculos, não se observou nenhum, salvo entre as classes das últimas camadas populares, as quais não

estavam, diremos, em contato com as classes cultas. Estas, de qualquer modo, não acreditando, ainda quando se produziam sob seus próprios olhos, não se preocuparam em examiná-los, nem de propalar-lhes a existência, pelo que se perdiam da memória. Agora acontecem, são observados e estudados, se bem que depois sejam esquecidos facilmente e tratados com incredulidade e escárnio. Assim, no caso Fumero, se eu não houvesse insistido, se não houvesse retornado ao lugar do acontecimento, ter-se-ia acreditado que, com o primeiro aparecimento da polícia, ou do meu, os fenômenos teriam desaparecido e teriam sido atribuídos a truques, desviados deles toda atenção.

## CAPÍTULO XIII

### A crença nos Espíritos dos mortos entre os selvagens e os bárbaros

O fato de que em todos os tempos e em todos os povos esteve sempre viva a crença em algo invisível, que sobrevive à morte do corpo e que, sob o influxo de condições especiais, pode manifestar-se aos nossos sentidos, torna-nos propensos a aceitar a hipótese espiritista.

Que nossos mais antigos progenitores acreditavam, se não na imortalidade da alma, ao menos em sua existência temporária depois da morte, é opinião comum dos antropólogos, os quais observam, com Figuiet,<sup>270</sup> que os víveres, as lâmpadas, as armas, as moedas os objetos de ornamento depositados, até nas épocas pré-históricas, nas tumbas, ao lado de cadáveres, mostram claramente a crença em uma vida futura.

E essa mesma crença nós a encontramos ainda junto de todos os povos selvagens, mesmo entre aqueles que têm de Deus uma ideia extremamente vaga, ou não a têm de maneira alguma.

Letourneau, citado por Baudin de Vesme, naquela sua ótima *Storia dello Spiritismo*,<sup>271</sup> da qual me hei valido largamente na compilação do presente capítulo, escreve na sua *Sociologie d'après l'Etnographie* (livro III, cap. XVII); “Entre as raças inferiores, junto dos habitantes da Terra do fogo, entre os tasmânicos, os australianos e os hotentotes não existem templos, nem padres, nem ritos. Nessa fase primitiva do desenvolvimento humano, a religiosidade *consiste em crer na existência de Espíritos antropomorfos e zoomorfos* que habitam as rochas, as grutas, as árvores, etc., e a ideia de comunicar-se com estes seres não ocorre a ninguém.

“Um pouco mais tarde, o homem, tornado mais inteligente, raciocinador, chega naturalmente a pensar que, com genuflexões, dádivas, etc., chegará a pesar nas decisões desses deuses feitos à sua imagem. Então se edifica o templo e aparece o sacerdote: a princípio, o templo é extremamente humilde, é uma cabana qual

as outras; sendo os deuses imaginados *como seres errantes muito análogos aos homens*, se lhes oferece uma casa onde repousem.”

Com o tempo, e principalmente antes disso, aparece o sacerdote que, de boa ou má-fé, *pretende ter o privilégio de comunicar com os Espíritos*, de servir de intermediário entre eles e os homens.

E escreve Maury: “Sendo o culto entre os povos selvagens quase reduzido exclusivamente a conjuros dos Espíritos e à veneração dos amuletos, os sacerdotes são apenas bruxos que têm a missão de entrar em relação com os tão temidos demônios.”<sup>272</sup>

Alguns viajantes têm falado de populações selvagens completamente ateias. Levaillant, Thompson e Campbell afirmam que os hotentotes não têm ideia alguma de uma vida futura, nem de deuses.

“No tocante à religião – diz o missionário Tyndall<sup>273</sup> –, creem que suas almas sejam quase como folhas em branco.” Não obstante, acreditam que os mortos deixam atrás de si uma sombra geralmente maléfica.

Os tasmânicos – segundo o Rev. Bonwick<sup>274</sup> – não tinham ideia alguma da divindade, mas o Dr. Milligan<sup>275</sup> refere que estes selvagens povoam de Espíritos, do gênero maléfico, os interstícios, rochas e montanhas, etc., que os rodeiam.

Segundo Letourneau, quando os negros da África afirmam que tudo termina depois da morte, é preciso acrescentar: “Salvo a terrível larva do fantasma.”

E Du Chaillu, na *Voyage dans l’Afrique Equatoriale*, escreve que os habitantes do Gabon não têm ideias claras da existência do além-túmulo, porém acreditam que o homem deixa, morrendo, uma sombra, que lhe sobreexiste por algum tempo e reside na vizinhança do local onde foi sepultado o cadáver.

Winwood Read<sup>276</sup> refere que, no Congo, os filhos algumas vezes matam sua mãe, para que esta, convertida em Espírito poderoso, lhes preste assistência.

Segundo os cafres, o homem que morre deixa atrás de si uma espécie de vapor, análogo à sombra que o corpo projeta quando

vivo.<sup>277</sup> Frequentemente esses selvagens escolhem, para fazerem uma espécie de anjo-custódio, o Espírito de um chefe ou de um amigo, e o invocam nos momentos difíceis.

Em Madagascar, segundo um doutor indígena, Ramisiras,<sup>278</sup> domina entre os indígenas o preconceito de que os Espíritos dos antepassados estão sempre perto dos vivos, seja para lhes trazer ajuda, seja para lhes fazer mal, e daí o seu grande culto aos mortos.

Os Bambara<sup>279</sup> creem nos Espíritos, nos gênios, nos anjos; acreditam que eles exercem uma influência da qual os homens se podem preservar com os amuletos e que procuram o êxito para os amigos e os resguardam das doenças. Desses Espíritos ou “Disioren”, há os que vivem nos silvados e outros no interior do povoado ou em seus arredores; os primeiros são perigosos em pleno dia. Quando se funda uma povoação, o mago que está em comunicação com os Espíritos busca a árvore da sua preferência, habitualmente um “baobab”, e, vizinho dela, cada família põe um pilão para pilar o sorgo, e o fogão; nas ramas se suspendem os arcos e os fuzis, e à sua sombra se faz a dança.

O mago protege o povoado, fazendo abortar os malefícios; faltar-lhe ao respeito é faltar ao Espírito, porque ambos estão unidos indissolavelmente.

A mulher estéril oferece ao Espírito noz de cola e um galo, e promete mais ainda se chega a ser mãe. Quando a aldeia se vê ameaçada de algum perigo, dos gafanhotos, dos macacos, das serpentes, pede-se ajuda aos Espíritos dos mortos, especialmente àqueles que protegem as messes.

Segundo Duvergier,<sup>280</sup> quando os negros Tuareg do Norte partem para expedições longínquas, as mulheres, para terem notícias, vão deitar-se nas tumbas dos seus mortos, evocando-lhes as almas, e obtêm informações que são depois verificadas verdadeiras. De similar costume já fala o geógrafo romano Pomponius Mela, a propósito dos anjos, povo da África. Os anjos – diz ele – não conhecem outra divindade que a alma dos mortos, e a consultam como a oráculos. Com esse fim, depois de

haverem formulado a pergunta, deitam-se sobre o túmulo e consideram resposta o sonho que têm.<sup>281</sup>

Mary Kingsley, em uma conferência – “Sulle forme delle apparizioni nell’ Africa Occidentale” –, consigna que “poucas pessoas não têm tido aparições, ou de um deus ou dos Espíritos dos mortos; os sacerdotes pretendem, pois, estar em contato contínuo com os Espíritos. Com frequência, um deus toma posse de um sacerdote e fala por sua boca, porém com palavras estrangeiras. Provavelmente o seu sistema nervoso mais sensível lhe faz ver coisas que nós, mais obtusos, não vemos; o seu é uma chapa fotográfica mais perfeita, onde mais facilmente se imprime o mundo do além-túmulo.

Os baiacas (vizinhos do Congo) acreditam que a alma, depois da morte, habite no ar e apareça aos vivos nos sonhos para lamentar-se do mau trato dado ao seu sepulcro e para pedir vingança contra seus assassinos.<sup>282</sup>

Os awemba do centro da África creem que os Espíritos dos mortos (*Mipashi*) vagam nos bosques onde foram inumados; algumas vezes encarnam no corpo de uma serpente, ou aparecem aos crentes, no sono, porém mais frequentemente estão em relações com os vivos por meio de mulheres magas; estas tomam o nome e imitam os gestos do morto, entregam-se à dança sagrada, caem em êxtase, proferindo palavras que só o mago-médico interpreta e dão indicações úteis aos guerreiros e aos caçadores.

Os indígenas da Oceania, embora disseminados em tantas ilhas separadas por vastos mares, têm crenças quase que uniformes a respeito da existência de uma vida futura. Segundo eles, o Espírito humano permanece por certo tempo, cerca de três dias, em torno do cadáver e percebe perfeitamente quanto se diz.

Isto explica estranha usança que vigora entre os australianos, os quais, durante algum tempo, depois da morte de uma pessoa, não se aventuram pronunciar seu nome, receosos de provocarem, com isso, a aparição de seu “gneit” ou fantasma.<sup>283</sup>

Segundo Perron d’Arc,<sup>284</sup> eles vão, à noite, nos cemitérios para comunicar com os seus mortos e alcançar seus conselhos.

No Taiti e nas ilhas Marianas, os nativos acreditam que os Espíritos antigos velam sobre eles continuamente. Nas ilhas Fiji, quando alguém morre,<sup>285</sup> invoca-se-lhe o Espírito para saber o que lhe ocasionou a morte; creem que seu Espírito vague sobre as rochas, vizinhas do mar, e depois em povoações submarinas. Quando alguém está enfermo, consultam o profeta para que indique a vila, a casa, o indivíduo a quem se deve o mal; alguma vez imaginam que os Espíritos estejam irritados porque em um dado ponto se tenha feito uma plantação, ou construído uma casa em terreno indevido, e então o proprietário muda de lugar, vendendo-a.<sup>286</sup>

Os habitantes da Nova Zelândia creem na existência de uma parte inteligente e imaterial do homem, e se matam um inimigo em peleja, praticam certos ritos com a finalidade de evitarem a vingança de sua sombra.

O juiz Manning, no *Tle old New Zealand for a "pakeha" Maori*, narra uma sessão que se pode paralelar com as sessões espiritistas, em que os selvagens da Nova Zelândia (maori) pretendem obter respostas dos seus mortos por meio de verdadeiros médiuns, chamados "Tohunga"; refere uma a que ele assistiu, na qual o "Tohunga" evocou o Espírito de um chefe dos maori, morto em combate. Saudados os presentes, o Espírito pediu notícias da sua família, e a um irmão, que lhe perguntou como se encontrava, respondeu estar bem; indagado pelos amigos quanto a notícias sobre outros mortos, ele as deu, prometendo-lhes comunicar as suas mensagens no outro mundo; convidou o irmão a dar um cerdo e seu fuzil ao sacerdote e revelou o lugar onde estava oculto um diário da tribo, por ele escrito.

Segundo Dumont d'Urville,<sup>287</sup> os sacerdotes Tonga, na Oceania, apresentam todos os fenômenos que os antigos assinalaram com as pitonisas e com as sibilas, e que o magnetismo reproduz.

Marner, em Tongatabu, viu sacerdotes inspirados por uma divindade que sabiam verdadeiramente adivinhar o futuro ao som de tambor, tal qual os padres siamanos, na Sibéria.

Lafiteau, a propósito dos Peles-Vermelhas, escreve que eles creem, não só em Deus, como também nos Espíritos ou gênios dos mortos, dos quais uns mais do que outros são favoritos.

Segundo Shoolcraft, os Sioux (índios da América do Norte) temem tanto a vingança dos Espíritos, que o homicídio lhes é desconhecido, tal a certeza da vingança dos assassinados.

Nas *Lettres Édifiantes*, os missionários, os quais nisto são testemunhas mais do que imparciais, falam dos ídolos que se movem espontaneamente, de objetos transportados imprevistamente de um lugar para outro, ainda mesmo que bastante distanciado.

Os magos de Montagnais, segundo refere o padre Arnaud, no *Rapport sur les Missions du Diocèse de Québec*, em suas consultas se sentam de pernas cruzadas, sobre um “wigwan”, que, sob sua influência, se agita e, com saltos e golpes, responde às interrogações que se lhe formulam, pouco mais ou menos como fazemos nós com a mesinha. As adivinhações as fazem com uma espécie de cela cilíndrica, de casca de carvalho, que mais ou menos corresponderia ao nosso gabinete mediúnico, dentro do qual pode estar de pé um homem. Apenas entra o sacerdote, inicia-se grande rumor, e depois se ouvem vozes: uma débil, uma fortíssima (a do sacerdote), e a débil muitas vezes revela fatos ignotos e distantes.

O juiz Larrabé viu, entre os Peles-Vermelhas, um mago, índio, construir três espécies de pequenas tendas de couro, que apenas podiam acomodar um homem, situadas a cerca de dois pés de distância uma da outra; em uma metia os seus “mocasin” (botas); em outra acessórios, e na do meio entrava ele. Todo índio que desejava falar com um morto fazia a pergunta, e em seguida as tendas começavam a mover-se e saíam vozes de todas as três, emitidas ao mesmo tempo, que só o mago podia interpretar.

Segundo Litz Gibbons, último governador de Bay-Island,<sup>288</sup> muitos entre os Peles-Vermelhas são médiuns e obtêm maiores resultados do que os nossos médiuns. Os Espíritos, que se manifestam por intermédio deles, têm nomes espanhóis ou america-

nos e pretendem pertencer a raças pré-históricas, das quais se veem os monumentos sob as florestas virgens.

Curioso, a esse propósito, é o relato de um certo Henry, prisioneiro dos hurões, na guerra de 1750. Tratava-se de saber se deveriam aceitar uma proposta, feita por Sir Johnson, de enviarem seus chefes ao forte do Niágara para concluir a paz. Sendo assunto importantíssimo, quiseram consultar o Espírito de um chefe célebre, chamado “Grande Tartaruga”, que se manifestou na tenda mágica, primeiro sacudindo-a e depois com a voz. Perguntado se no Forte havia muitos soldados, ausentou-se e voltou, dizendo que eram pouquíssimos, porém muitos estavam esparsos ao longo do rio, embarcados, e que, se os chefes fossem, seriam cumulados de dádivas. E assim, de fato, aconteceu.

O juiz Larrabé conta que um comerciante esperava um agente havia muitos dias, quando o mago-médico lhe propôs dar notícias. Cobriu a cabeça com os seus panos e disse: “Quando o Sol estiver a ponto de sumir, verás chegar o teu amigo.” E assim se verificou.

Os esquimós creem nos Espíritos, o mais poderoso dos quais é Torgarsuk, que tem sob sua autoridade um exército de gênios inferiores, muitos deles a serviço dos magos.

Jaccoliot narra de um faquir que, depois de haver realizado maravilhas, voos, desapareição do corpo, levitações, etc., lhe disse, ao ser interrogado sobre como obtinha aqueles fenômenos: “Eu não faço; são os Espíritos dos teus antepassados que fazem isso; tanto é verdade, que eu sigo, vou longe, e só os Espíritos te farão sentir a influência deles.”

E, com efeito, tendo-se fechado numa habitação distante do palácio, obteve-se, à noite, uma série de sacudidelas, movimento de mesas e de *raps* que duraram até o amanhecer.

Ora, é este o fato que me chamou a atenção: confirmar-se, na Índia como na América, regiões sem ligação histórica, o médium como o agente passivo dos fenômenos, enquanto que o ativo seria o morto, não obstante ser verossímil exatamente o contrário.

## Os bárbaros

### ESCANDINAVOS, GERMANOS E CELTAS

Se agora dos selvagens passamos para os bárbaros de todas as idades, vemos, com pequena diferença, repetirem-se as mesmas coisas.

Sabemos de quantos diversos gênios, gnomos, silfos, sílfides, Normas, Valquírias, Alfes, etc. está povoada a mitologia germânica e escandinava. Mas, onde mormente se acentuou a crença no mundo invisível foi na raça céltica. Para os gauleses, os Espíritos eram a alma dos mortos e com esses se mantinham em relação, por intermédio de seus sacerdotes, os druidas, e de seus videntes, que caíam em êxtase, profetizavam e evocavam os mortos nos recintos sepulcrais de pedra, chamados “dólmen” ou “cromlech”.

Narram os historiadores que Vercingétorix discorria nas densas selvas com as almas dos valentes mortos pela pátria e dele se conta que, antes de sublevar a Gália contra Júlio César, foi à ilha de Sein, a vetusta morada das druidesas, onde o gênio lhe apareceu e lhe predisse a derrota e o martírio.<sup>289</sup>

### A ÍNDIA

São notáveis as relações mantidas pelos indianos com os Pitri (Espíritos que esperam uma nova vida).<sup>290</sup>

Entre os documentos que provam a antiguidade das práticas espiritistas na Índia, citarei a “Agruchada” ou “Livro dos Espíritos”, em cuja última parte são descritos os modos de evocação que se devem seguir, com o objetivo de obter que os Pitri (os Espíritos dos antepassados) consintam em manifestar-se aos homens. E já vimos, pouco acima, como os maravilhosos fenômenos dos faquires são por estes atribuídos aos Espíritos dos mortos, e dos quais declaram ser apenas um instrumento.<sup>291</sup>

## OS ESPÍRITOS NA INDOCHINA

A crença nos Espíritos é vivíssima entre os anamitas, cuja verdadeira religião é a dos antepassados, dos quais os “Manes” velam sobre a família e a protegem.

“O mundo dos anamitas – lê-se na *Revue Française*, de março de 1894 – é povoado de fantasmas que são as almas de todos os seres que viveram anteriormente. Os Espíritos das pessoas mortas sem descendência, ou que delas os descendentes não cuidaram, ficam errantes, engrossando o exército de maus Espíritos que os anamitas temem bastante.”

## ENTRE OS JAPONESES

Difundidíssima é esta crença entre os japoneses, cuja religião popular, o Shintoísmo, consistia originariamente na personificação e adoração das forças da Natureza; mais tarde, na veneração dos Espíritos dos antepassados, até que, por último, se transformou no culto a estes, aos quais se oferecem sacrifícios pelo seu descanso e de quem se invoca ajuda e proteção.<sup>292</sup>

E J. K. Goodrich, no *Ausland* (de 18 de fevereiro de 1889), falando dos Ainu, população semi-selvagem e autóctone japonesa, assegura: “Quanto às suas concepções a respeito da vida futura, não são muito claras; todavia, creem todos que os Espíritos dos mortos mantêm simpático comércio com os vivos, os quais podem confiar naqueles como gênios tutelares que velam seus povoados, zelando pelo bem-estar dos seus habitantes.”

E agora, passando a tratar de outros povos (caldeus, assírios, babilônicos, persas, egípcios, etc.), entre os quais, com pequenas diferenças, encontramos as mesmas crenças, vamos ao Extremo Oriente.

## No Extremo Oriente

### ENTRE OS CHINESES

Difundida é a crença nos Espíritos entre o povo menos supersticioso do mundo: o chinês. Segundo a seita dos Tao-si (mestres da ciência), existem no homem duas almas: o “ling”

(essência nobre) e o “nuen” (princípio vital); juntos, formam o ser, que sucede ao corpo do morto. Se este possui grandes méritos, é elevado ao grau de “hien” (santo); se é medíocre, fica entre os “chen”, sujeito às mesmas paixões terrenas; os perversos ficam entre os “kueng”.<sup>293</sup> Duas vezes no ano, à noite, adornam e iluminam suas casas e lhes aprestam banquetes suntuosos. Após isso, dirigem-se em procissão aos cemitérios e convidam os Espíritos dos mortos a segui-los a casa, para participarem da comida familiar e, uma vez terminada esta, retornam à necrópole, para acompanhar os Espíritos. Esta é a chamada festa dos Mani ou dos Espíritos, e em uso também no Japão, como o era em Roma (vide antes).

São notórias as mesas dos antepassados, que toda família chinesa abastada custodia no oratório doméstico. Pensam os chineses que, depois da morte, o Espírito venha habitar a dita mesinha e recolher as preces dos sobreviventes. São todavia notórias, na China, as “mesas girantes”, das quais o abade Vincot, missionário, escreve, no *Univers*, de 14 de abril de 1857: “São aqui conhecidas, desde há muitos séculos, as mesas semoventes, que sabem também escrever, com a ajuda, seja da pena, seja de um lápis que se lhe prende perpendicularmente a um dos pés.”

O *Journal des Débats* (maio de 1894), a propósito das “mesinhas girantes” adotadas pelos lamas do Tibet, para interrogar os Espíritos, registra:

“Coloca-se no meio de um aposento uma mesa redonda, coberta de cinza ou areia. Ao teto é presa uma flecha que toca com a ponta a mesa; os lamas, colocados em círculo, apoiam as mãos sobre o móvel. Aos poucos instantes, a mesa começa a mover-se e a flecha se agita e escreve na cinza as respostas às perguntas formuladas. As respostas são francas, no idioma do país, e as letras pertencem ao alfabeto tibetano.”

Nos fins de 1829, lia-se nos *Annales des Voyages*:<sup>294</sup>

“Aquele que, na China, deseja consultar um “sin”, prepara duas mesitas e as cobre com um pó branco; depois busca uma varinha da qual se faz um pincel e traz, para que o maneje, um rapaz que não saiba ler, nem escrever. Se o Espírito quer mani-

festar-se, o pincel começa a mover-se e dá as respostas, em prosa ou verso, segundo as circunstâncias.”

## NO TIBET

O explorador J. Bocat depositou no Museu Guimet um rosário de 106 discos de crânios tirados de outros tantos eremitas tibetanos mortos, primeiramente considerados Espíritos malignos, gênios ou profetas, e depois considerados santos, de modo que um pedaço de seu osso craniano se acredita dê boa sorte. Praticava-se, com efeito, a trepanação terapêutica nos crânios para expulsar o Espírito maligno que se supunha nele habitar.<sup>295</sup>

Curioso sistema de evocação dos mortos é usado atualmente ainda entre indígenas de Tonkim. Eis a descrição dada por monsenhor Crocq, em uma carta que o “Conservatore” reproduziu, em 7 de outubro de 1869:

“Colocava-se horizontalmente, entre o polegar e o indicador de cada mão, uma pequena cabaça, atravessada verticalmente por uma haste de madeira. Depois da recitação da fórmula, o Espírito se manifesta, fazendo oscilar a cabaça, de modo que a haste, movendo-se, possa desenhar na areia ou no saibro a resposta que o Espírito quer dar. Escolhem-se preferencialmente pessoas que não saibam ler, nem escrever. A obediência do Espírito varia, segundo os evocadores.”

## Os egípcios

À similitude dos chineses e dos indianos, os egípcios antigos distinguiram na alma a parte chamada “ka”, que reproduzia, como o duplo, o semblante do indivíduo, e depois a alma propriamente dita, “Ba”.<sup>296</sup> Acreditavam na transmigração da alma, que, antes de chegar a transformar-se em alma humana, passava pelos diversos seres da Natureza, melhorando sempre.

Antes de chegar ao Elísio, o Espírito do morto devia percorrer uma viagem longa, lutando com a fome, com a sede, com o fogo. Podiam sempre os Espíritos sair da região infernal, para se transformar e regressar entre os homens, retomando as suas formas.<sup>297</sup>

## Os hebreus

Que os hebreus acreditavam na imortalidade da alma e conheciam as práticas espiritistas é coisa que resulta, entre outras, das injunções e das ameaças lançadas por Moisés<sup>298</sup> contra eles. Em passagens da Bíblia ressalta como a classe sacerdotal possuía certas rodas adivinatórias e outros instrumentos aptos a estabelecer comunicações com o além-túmulo.<sup>299</sup>

Kircher faz a descrição de uma “mesa giratória”:

“Havia em cima quatro globos de tamanhos diversos, e tinham todos, no centro, um eixo sobre o qual podiam facilmente girar. Deste centro partiam 22 linhas que terminavam em outras tantas letras do alfabeto hebraico; aqui havia um dedo indicador chamado “tetragrammaton”. Os experimentadores rogavam, com a máxima intensidade possível, que o aparelho se pusesse em movimento; depois tomavam-no pelos dois punhos e, elevando os olhos para o alto, espreitavam cuidadosamente os movimentos fatídicos. Quando, por fim, o instrumento parava, toda a sua atenção se voltava para as letras indicadas pelas linhas traçadas ao centro, que deviam dar a resposta, por virtude de uma inteligência diretriz.”<sup>300</sup>

Não era desconhecida dos hebreus a mediunidade denominada do copo d’água, pois que se diz no “Gênesis”<sup>301</sup> do copo pelo qual José costumava adivinhar. No Deuteronômio se proíbe<sup>302</sup> consultar os mortos: “Que não se encontre entre vós nem prognosticadores, nem áugures, nem mágicos encantadores, nem homens que consultem o espírito de Píton, nem profetas de buena-dicha, nem algum que interrogue os mortos.” Levítico:<sup>303</sup> “Quando um homem ou uma mulher tiver um espírito de Píton e seja adivinho, faça-se morrer, seja lapidado e seu sangue caia sobre ele.”

Não faltam, com efeito, na Bíblia, exemplos de aparições de mortos, e é clássica a de Samuel evocado pela pitonisa de Endor, que predisse a Saul a sua derrota e morte. Nesta passagem se vê ainda que a evocação de mortos por parte de médiuns ou de pitonisas era uma profissão proibida, sob pena de morte, pelo próprio Saul, e que, apesar disso, se conservava tenazmente. A

pitonisa de Endor viu, depois de evocá-lo, sair da terra um velho, envolto em um manto, que ele, o rei, reconheceu em seguida ser Samuel.

## Os gregos

Passando à Grécia, entramos, pode-se dizer, no reino do Espiritismo. Já é notório que os chamados deuses eram Espíritos. Expressa-o claramente S. Paulo: “*Todas as religiões pagãs eram religiões dos Espíritos.*”

Parece, com efeito, pelo que sabemos das pacientes investigações dos estudiosos, que Saturno, Júpiter, Baco, etc., eram “homens divinizados depois de sua morte, ou talvez antes”. Estes deuses ou Espíritos, e assim os fantasmas dos modernos espiritistas, tinham a faculdade da “aparição”, a que davam o nome de teofania.

Alguns gregos, e assim Anaxágoras, foram tão longe, que negaram houvesse outros deuses fora dos Espíritos. “*São os vossos mortos* – disse Clemente de Alexandria aos pagãos do IV século –, fortes pela autoridade, que o tempo concilia com o erro, *tornados deuses* junto dos seus descendentes.”<sup>304</sup>

Quanto à alma dos mortos, quando considerados virtuosos, esses eram geralmente designados com o nome de “heróis”. E Plutarco escreve que os heróis, elevando-se, podem algumas vezes ascender ao grau de demônios, e ainda ao de deuses.<sup>305</sup>

Para explicar a união da alma imaterial com o corpo terrestre, os antigos filósofos gregos tinham reconhecido a necessidade da existência de uma substância mista, designada pelo nome de “*ochema*”, que servia de envoltório análogo ao que os modernos ocultistas chamam *corpo astral* e os espiritistas *perispírito*.

Na Grécia acreditava-se na aparição dos mortos, não só o vulgo, mas também os filósofos, especialmente os platônicos e, antes, os pitagóricos, os quais pensavam que o Espírito humano era composto de uma parte celeste intelectual e de uma parte visível em determinadas circunstâncias, porque corporal; admitiam, ainda, que a alma, depois da desencarnação, conservasse a forma do corpo, se bem que intangível, e que o ar fosse cheio de

Espíritos, os quais nos inspiram e com frequência se comunicam conosco.

E a familiaridade dos pitagóricos com as práticas era tal – como disse Aristóteles –, *que se maravilhavam quando ouviam alguém dizer que jamais havia visto um Espírito*.

Por último, Demócrito dizia que aos homens se apresentavam frequentemente fantasmas visíveis e audíveis, anunciando o futuro.<sup>306</sup>

Bastante numerosos são os casos de aparições de mortos, dos quais a História e a tradição conservaram lembrança. Referirei algumas, autênticas ou não, unicamente para demonstrar quanto a crença na existência dos Espíritos estava difundida. E começarei com o recordar a aparição da sombra de Pátroclo a Aquiles. Este quer abraçar o extinto amigo (Ilíada, XXIII).

Pausânias assegura que, no campo de Maratona, 400 anos depois da batalha se ouviam ainda os gemidos e os suspiros dos homens e dos animais ali sucumbidos, e deles se viam distintamente as sombras.

E narra Plutarco, de Eliseu de Terina, que, tendo perdido o filho, Entíneo, e suspeitando que este morrera envenenado, foi a um templo onde se evocavam os mortos. Depois das costumadas cerimônias, adormeceu e viu em sonho a sombra do filho, de quem recebeu algumas tabuinhas, as quais, ao despertar, encontrou entre as suas mãos, estando nelas escrito que não devia chorar a morte do filho, porque este havia recebido um favor dos deuses.<sup>307</sup>

Narram Cícero e Valério Máximo de dois homens chegados juntos a Megara e que se separaram para alojar-se, um em casa de um amigo e outro em um albergue. Quando o primeiro adormeceu, viu em sonho o companheiro a implorar-lhe socorro contra o estalajadeiro que queria assassiná-lo. Despertou subitamente, saiu à rua para socorrer o amigo, mas, refletindo em que não devia dar fé a um sonho, voltou para casa e deitou-se de novo. Mas, apenas retomou o sono, apresentou-se-lhe ainda o companheiro, todo ensanguentado, e lhe disse, que visto não lhe ter querido prestar o socorro solicitado, que ao menos procurasse

não deixar impune o assassino; que se colocasse, ao raiar do dia, perto da porta oriental da cidade, pela qual passaria um carro carregado de esterco, ocultando o seu cadáver, ali escondido pelo homicida. Despertando novamente, resolveu cumprir com fidelidade o encargo recebido: foi ao lugar indicado, e não tardou em ver surgir o carro de esterco. Fez detê-lo e revistar, encontrando-se o cadáver. O criminoso foi preso e condenado à morte.

A evocação dos mortos era, pois, antiquíssima. Ainda sem falar da evocação que Orfeu faz da sombra de Eurídice, achamos já um exemplo na Odisseia,<sup>308</sup> onde Ulisses os evoca, cerca de 5 séculos antes que Simmia, personagem do *Fedro* platônico, evocasse a sombra de Lísias, mestre de Epaminondas.<sup>309</sup>

Os mistérios de Elêusis eram, segundo a acertada observação de Du Prel, cerimônias necromânticas. Certo é que os psicagogos evocavam os mortos em seus templos. Já Heródoto fala de evocações na Trespócia, perto do rio Aqueronte, onde o tirano Periandro mandou interrogar a sombra da sua falecida mulher, Melissa, e esta lhe deu uma prova da sua identidade, que a decência veda referir.<sup>310</sup> O próprio Aristóteles foi ameaçado de processo, por haver pretendido evocar o Espírito de sua finada esposa.

## Os romanos

Apontamos há pouco a “Festa dos Espíritos” que os chineses costumam celebrar. Uma semelhante encontramos entre os romanos, que usavam oferecer aos Espíritos suntuoso banquete (“silicernium”).

Luciano escreve: “Estão persuadidos de que estas sombras comem verdadeiramente, agrupam-se em redor das viandas e bebem mesmo o vinho.”

Ovídio, Tito Lívio, Dionísio de Halicarnasso e Macróbio, a propósito das festas funerárias, chamadas Lemúrias, pretendem que os espectros saem das entranhas da Terra; que o povo ia em procissão buscá-los e lhes preparava festins.

É notória a fé dos romanos nos oráculos e nos fantasmas.

Leiamos em Lucano como, poucos dias antes da batalha de Farsália, Sexto Pompeio, em companhia de amigos de confiança, consultou a maga Erictona, que por um espectro lhe predisse a iminente derrota, e recordemos também o “fantasma dos Filipenses”.

Quando Caracala estava para sair de Antioquia, a sombra de seu pai, Sétimo Severo, lhe apareceu e disse:

“Eu te matarei, como mataste teu irmão Geta.”

Flávio Vespúcio narra que pouco antes da morte do imperador Tácito a sombra de sua mãe lhe havia prenunciado o próximo fim. E Quintiliano patrocinou ante o Tribunal a causa de uma mulher a quem todas as noites aparecia seu filho recentemente falecido, pois que um mago, chamado pelo marido, operou tais encantamentos na tumba do jovem, que a mãe cessou de ver a amada sombra e por isso ela encetou um processo contra o marido.

As evocações de imagens falantes do profundo Aqueronte se praticavam mediante espargimento de sangue, e isto sob a República e sob o Império. Disso falam Cícero,<sup>311</sup> Horácio,<sup>312</sup> Plínio,<sup>313</sup> e o descreve Lucano.<sup>314</sup> Foram acusados igualmente muitos imperadores, entre eles Nero<sup>315</sup> e Caracala.<sup>316</sup>

Também a Itália tinha templos para evocações, entre os quais o mais célebre, perto do lago Miseno, Averno, conhecido de Vergílio<sup>317</sup> e de Lucrécio,<sup>318</sup> e descrito por Máximo Tírio.<sup>319</sup>

\* \* \*

E, vindo à Idade Média e à Moderna, quem poderá dizer quantas são as almas que vieram atormentar os mortais? Benedito XIV sentenciou:<sup>320</sup> “Innumera sunt apparitionum exempla, quibus sancti se æternam consecutos fuisse felicitatem ostenderunt.”

Nos Espíritos muitos acreditaram, na Idade Moderna, ainda antes de Swedenborg.

Wallace<sup>321</sup> cita: “... as desordens que aconteceram no antigo palácio de Woodstock, em 1649; as de M. Mompesson, em Redworth, em 1661; as de Ysworth, em 1716; na família de

Wesley, pai do fundador do Metodismo; o “revenant” de Cook Lane, examinado pelos Drs. Johnson, Bishop e Percy; os fatos extraordinários na casa de M. Jobson, no Sunderland, em 1839, que foram estudados e publicados pelo Dr. Clanny, membro da Sociedade Real, e certificados por 16 testemunhas, entre elas cinco médicos.

E Wallace só se refere a exemplos ingleses, pois não conhece os colecionados por Du Prel, Perty, Jung, Stilling e toda a falange de escritores alemães deste século.

A Ludovico, o Mouro, queriam apresentar um jovem por intermédio do qual os Espíritos se faziam visíveis “*ad faciem*”.

John Bee, celebrado matemático e astrônomo na Corte da Rainha Isabel, teve larga série de sessões espiritistas com o médium Kelley e conservava as atas, publicadas depois por Casaubonus, em 1659.

Cardano e Benevenuto Cellini tinham faculdades mediúnicas; aquele declara haver falado com os Espíritos elementares e este refere haver evocado os Espíritos malignos (no II livro da sua *Autobiografia*).

## VULGOS MODERNOS

Vejam os afinal em que, a propósito, ainda creem os nossos vulgos nestes últimos anos.

Na preciosa *Biblioteca delle tradizioni popolari Siciliane*, de Pitré,<sup>322</sup> está escrito:

“Os campestinos adoram as almas dos condenados; creem que elas defendem os débeis contra os ladrões noturnos, diminuindo as forças destes, e isso especialmente perto do rio Oreto, onde estão enterrados. Centenas de quadrinhos na Igreja da Madona del Fiume assinalam estes milagres. Estas almas vagueiam, à noite, com aspecto humano, respondem aos adoradores e dão conselhos, principalmente no verão. A alma dos justicados, suicidas, mortos nos hospitais, etc., ou ficam encarceradas no corpo de animais, sapos, lagartos, ou reaparecem no mundo, pela vontade de Deus ou por seu capricho; as dos assassinados va-

gueiam no sítio onde caíram e se lamentam durante todo o tempo que deviam permanecer vivos, e depois se precipitam no Inferno.

“Para se subtraírem deste viver, procuram entrar no corpo dos vivos, nas proximidades da meia-noite.

“Certas almas de célebres judeus, condenados, vagueiam no ar ou debaixo da terra.

“Aparecem os Espíritos, no geral, da meia-noite às 6 da manhã, e isso no verão; as dos mortos comuns saem de 1º a 2 de novembro, à noite, da sepultura, para alegrar os filhos, e se vestem de branco.”

## VOSGOS

Na França, nos Vosgos,<sup>323</sup> o culto aos mortos tem grandes honras. No dia de Todos os Santos, servem na mesa uma polenta de milho em honra das almas do Purgatório. No dia de Finados, as almas vão em procissão e ninguém sai, para não as encontrar. Na Bretanha<sup>324</sup> acredita-se que os Espíritos retornam à Terra para corrigir os vivos, para fazer penitência, principalmente os padres que fraudaram nas missas; as infanticidas se tornam lavadeiras toda noite; os devedores vêm, para que consigam pagar os seus débitos e os mortos insepultos para conseguir sepultura.

Há os que aparecem, porém, só aos que são especialmente escolhidos (vale dizer, aos médiuns). Há os que se vingam dos inimigos; acima de tudo, têm primazia os mortos violentamente, tais as mulheres católicas mortas pelos huguenotes.

\* \* \*

Ainda aqui notamos, como quando nos referimos aos magos, a estranha uniformidade, no tempo e no espaço, da crença na ação dos Espíritos dos mortos, na possibilidade de conhecer o futuro ou notícias de pessoas e de fatos acontecidos em países muito distantes e encontrar ajuda em circunstâncias dolorosas; a analogia na maneira de os evocar, indo aos lugares onde morreram ou foram enterrados, e confinando-se e enredando-se em lugar escuro, fechado, em tendas, ocos de árvores, e cantando (encantamentos) ou usando fórmulas especiais, sempre à noite

ou pouco antes do amanhecer, e, acima de tudo, recorrendo à intercessão de pessoas especiais, médiuns, magos, profetas, faquires e lamas, que conquistam ante o vulgo um caráter sagrado.

E tudo isso peculiar, como vimos, nos magos, em regiões e épocas bem diversas uma da outra, sem relação alguma entre si e que, ao contrário, estavam às vezes em completo antagonismo; e tudo se reproduz, quer nas baixas classes dos plebeus, quer nas mais cultas, como nas mais bárbaras da Europa. Não são estas analogias de tempo e espaço um grande indício da verdade dos fenômenos?

Há satisfação em desprezar as opiniões do vulgo e do bárbaro, porém, se é certo que não possuem, para atingir a verdade, os grandes recursos dos sábios, nem sua cultura, nem seu engenho, eles os suprem com a sua múltipla e secular observação, cuja resultante acaba por ser superior, em muitos casos, à do maior gênio científico. E assim a influência da Lua, dos meteoros sobre a mente humana,<sup>325</sup> da herança morbosa e do contágio da tuberculose foram conhecidos primeiro pelo ignóbil vulgo, do qual os cientistas faziam, não há muito, e talvez ainda hoje (as academias existem para alguma coisa!), cá e lá, motivo para grandes gargalhadas.

# Epílogo

## CAPÍTULO I

### Esboço de uma biologia dos Espíritos

Todos esses fatos, que, examinados insuladamente, parecem fragmentários e incertos, adquirem sólido encadeamento ao se somarem numa resultante única. Vimos fenômenos hipnóticos (transmissão de pensamento, premonições, transposição dos sentidos) só poderem ocorrer pela desagregação e inibição das funções dos centros corticais primários, especialmente direitos (de onde o automatismo, o mancinismo), que dá lugar à prevalência dos outros centros. E outro tanto entreveremos, com maior constância, pelos fenômenos mediúnicos.

A existência do *duplo*, de uma atmosfera fluídica que circunda, e algumas vezes substitui nosso corpo físico, ajuda a explicar alguns fenômenos hipnóticos, tal a visão a distância e a transposição dos sentidos, e mais, alguns fenômenos mediúnicos, a visão em estado letárgico e na obscuridade, os movimentos de corpos a pouca distância do médium e, talvez, sua bilocação, etc.

Aqui, a grande ação do médium, ajudada pela energia dos presentes às sessões, que se sentem depois debilitados, está provada, não só por uma série de experiências precisas, mas também pelas observações de todos os nossos vulgos e dos povos antigos e selvagens.

Há fenômenos, porém, que esta influência não basta para explicá-los: quando se trata de premonições, de aviso contemporâneo da própria morte ou das próprias condições, a grande distância e a várias pessoas; quando se trata de materializações de diversos entes operantes simultaneamente e em várias direções, quando se trata de extraordinária força e inteligência em pessoas débeis e incultas, em crianças de poucos meses de idade, por exemplo; quando se trata de fenômenos de levitação, de voos, de incombustibilidade, de aparição ou desaparecimento através de corpos opacos; quando, em suma, se modificam os corpos em torno do

médium, como se estivessem em um espaço de quarta dimensão, então aquela influência não basta, por si só, para os explicar.

E então vem em socorro da influência do médium, que mostra estranha radioatividade, outra influência entrelaçar e fundir-se, influência admitida por todos os povos e em todos os tempos – aquela dos mortos, que se manifestaria a quem tenha faculdades mediúnicas, ou através de outras circunstâncias de desagregação do sensório, tal o letargo ou a agonia, ora com rumores, ora com movimentos de objetos, ora com vozes, ora com a presença de partes do corpo, especialmente da mão, mais raramente do rosto inteiro e, mais raramente ainda, de corpo completo, assumindo transitoriamente (a expensas do médium) quase todas as funções do corpo vivo, se bem que só tenham um corpo fluídico, talvez radioativo.

A estreita relação desses corpos com os mortos está confirmada com algumas provas de identidade, com declinação de nomes e circunstâncias comprovadas posteriormente por cuidadosas investigações e pela sua reprodução em chapas fotográficas (também protegidas), o que evidencia sua natureza radioativa e exclui se trate de fenômenos de sugestão, por agirem também com características próprias, independentemente dos médiuns, sobre pessoas e sobre instrumentos de precisão.

\* \* \*

Já agora, os fatos concernentes às atividades dos Espíritos são tantos que nos podemos permitir uma reconstituição sintética.

Os Espíritos se manifestam geralmente em forma de luzes, quando não de mãos e ainda de imagens de pessoas, porém raramente completas, que parece (Stasia) se formam de globos luminosos que se condensam sempre mais nas materializações, nas quais um com o outro assume, quase direi absorvem, do corpo do médium os órgãos mais essenciais.

Crookes e Richet ressaltaram, de fato, nos fantasmas observados a temperatura humana, os batidos do coração e das artérias, os movimentos de respiração normal e constataram ainda (Richet) a expiração de ácido carbônico.

A sensibilidade dolorífica é sentida nas partes homólogas do médium, como se, em vez das do fantasma, fossem tocadas as daquele.

A formação do fantasma é precedida de uma névoa luminosa sobre o solo, sobre a cabeça ou sobre o ventre do médium, névoa que se vai condensando aos poucos até tomar forma corpórea, e então, da proximidade do médium ou do gabinete mediúnico, pode passar a alguma distância deste, a deambular no recinto, gesticular, e mais raramente falar, enquanto o médium está no máximo letargo.

“A minha impressão, apenas estou no gabinete mediúnico – diz d’Esperance –, é a de ser coberta de teias de aranha (impressão que experimentam os médiuns e também os controladores, segundo Maxwell); depois sinto que o ar se enche de substância e que uma espécie de massa branca e vaporosa, quase luminosa, se forma à altura do meu ventre. Depois que essa massa é agitada em todos os sentidos por alguns minutos, às vezes por meia hora, para bruscamente e então nasce um ser junto de mim.”

Os fantasmas vêm vestidos de um tecido branco finíssimo, às vezes duplo, triplo e também quádruplo, que, segundo afirmam, tiram do traje do médium. Esse tecido mediúnico – como disse Katie King a Crookes – é necessário para conter seu organismo fluídico e impedir que se dissolva à luz. Muitos, porém, no modo de vestir, conservam traços do seu tempo e do seu país, dando uma nova prova de identidade. Com frequência, quando intentam formar-se – solidificar-se, direi eu –, recorrem, além da ajuda da força do médium, à ajuda dos assistentes, à dos objetos que estão em redor, mas especialmente às cortinas do gabinete mediúnico, nas quais envolvem, antes de os mostrar, mãos e braços e ainda a cabeça, que então mais se adivinha do que se vê, pelo seu relevo, ou tocando-os.

Também na escultura mediúnica têm necessidade de usar esse tecido, que se entrevê perfeitamente nos decalques (v. anteriormente).

Vimos também os interessantíssimos resultados obtidos, estudando o peso dos médiuns e dos fantasmas, os quais provam

como as materializações se fazem a expensas do corpo dos médiuns e, no dizer de Stasia, a expensas também dos vivos, de pessoas não médiuns com as quais possam entrar em contato.

O coronel Alcott<sup>326</sup> e Aksakof, experimentando com a médium Compton, notaram que, quando comparecia a jovem fantasma K., o corpo da médium desaparecia. Então ligaram-na e lacraram um fio, passando-o da orelha da médium ao dorso da sua cadeira. Apareceu o Espírito, pesando de início 35 quilos, mais tarde 26 e mais tarde ainda 23 quilos. Enquanto a médium estava desaparecida, o Espírito desapareceu e reapareceu, com o peso de 10 quilos.

D'Esperance, em 1893, ao formar-se Iolanda, via faltarem-lhe os joelhos e os pés, mas, se se picava no lugar onde estavam antes sentia a dor, o que prova portanto a persistência ali de uma parte invisível. Esta desapareição das extremidades inferiores foi confirmada por muitos, interrogados por Aksakof, e ela mesmo dirigia as mãos dos presentes para constatarem a desapareição das pernas e das coxas. As testemunhas verificaram que seus vestidos pendiam, durante a desapareição, verticalmente da cadeira, e depois se enchiam de novo, sem que a médium se movesse. Quando isso ocorria, ela era presa de imensa prostração e de enorme sede, enquanto que em outras circunstâncias jamais sentia necessidade de beber.

À medida que Iolanda desaparecia, a médium sentia diminuir a sensação de vácuo e de prostração, e as pernas reapareciam.

Também com Eusápia, durante uma levitação, Bozzano e Vezzano notaram o desaparecimento transitório das pernas dela, e "John" explicou ser ele quem provocava a desmaterialização, para ter que levantar menos peso.

Em algumas casas assombradas, principalmente nas que ocorreram mortes violentas ou criminosas, parece que os Espíritos dos mortos podem provocar fenômenos motores, rumorosos, raras vezes psíquicos, e mais excepcionalmente materializações em que se reproduzem a forma, ainda que truncada, dos mortos, sem a ação próxima de qualquer médium, e sim a uma enorme distância destes. E parece que, em tais casos, sejam os Espíritos

que escolhem esses médiuns inconscientes, o que explica a sucessão dos mesmos fenômenos durante séculos, sem que se conheçam os médiuns nisso atuantes. Parece também que o estado agônico e o letárgico provocam fenômenos análogos, que despertam a atenção pública, quando ocorrem em grandes famílias. O moribundo vem a ser, neste caso, um médium transitório.

As formas humanas que os Espíritos tomam não são verdadeiramente aquelas próprias da sua maneira atual de existência, mas formas temporárias, que eles assumem para se fazerem conhecidos por nós, e podem, pois, ser variadíssimas e ordinariamente imitativas do caráter que o morto tinha em vida.<sup>327</sup>

Com frequência, tomam do médium a fisionomia, a voz, os gestos, algumas vezes variam de aspecto, até no mesmo dia; em outras, ao revés, assumem uma fisionomia própria e assim um caráter moral próprio, que pode perdurar meses (Walter) e ainda anos (como em Katie King). E esta faculdade de transformação é por eles transmitida frequentemente ao médium. Allan Kardec fala de uma jovem de 15 anos que reproduzia não só a face, mas a estatura, o volume e o peso de alguns mortos, especialmente do irmão.

Certa noite a Sra. Crookes teve transformada a fisionomia, coberta de espessa barba negra, e seu genro nela reconheceu a do seu finado pai. Pouco depois seu rosto se mudou no de uma velha, de cabelos brancos, conservando entretanto a consciência, mas sentindo em todo o corpo um prurido como que causado por uma bateria galvânica.

Frequentemente os Espíritos são atraídos às casas onde viveram muito tempo ou às tumbas onde estão sepultados, e se fazem ver depois que estas são visitadas (Moses).

Nos cemitérios ou nos lugares onde houve mortes imprevistas, o médium Stainton Moses constatou grande número de fantasmas, que se acotovelavam, parece, à sua passagem. Isto explica (posto que a Química não o pôde fazer) a frequência, nos cemitérios, dos fogos-fátuos que muitas vezes demonstraram, por seu aparecimento a hora certa e sempre numa certa direção,

bem determinada e sempre igual, a expressão de uma verdadeira vontade.

Os fantasmas têm a propriedade, direi, negativa de se dissolverem sob uma luz viva, tal qual a cera ao calor. Isso se viu em duas experiências com Katie King, e isto dá a razão pela qual quase não se manifestam à luz do dia; podem desenvolver, em presença de um médium, sob a influência da cólera ou da vaidade ofendida, uma força dinamométrica que por vezes chegou a 100-110 quilogramas por vez, e muitas vezes a 80 - 90 e 93.

Notável força podem exercer também a grande distância dos médiuns e com médiuns debilíssimos, nos castelos assombrados, a ponto de abrirem portas e janelas pesadíssimas e atirarem chuvas de pedras, mesmo de baixo para cima. Mas, parece também, por suas revelações, que essas forças minguam rapidamente.

Nos gráficos com um cardiógrafo de Marey, em comunicação com um cilindro rotativo, “John” traçava dois grupos de linhas, um com a duração de 23 segundos e outro com a de 18 segundos, em cada um dos quais a força desaparecia, como em um homem normal desaparece depois dos dois primeiros minutos.

Em uma experiência de Herlitzka e Foá, com Eusápia, “John”, sobre um manômetro de mercúrio, desenvolveu uma pressão de 10 quilos.

Não podemos calcular sua velocidade no espaço, tão extraordinária é. Os dois Pansini puderam transportar-se, decerto desmaterializados, através de 45 quilômetros, em 15 minutos.<sup>328</sup>

Muitas vezes, como vimos, os fantasmas impressionaram chapas fotográficas, e um até deixou ainda a impressão de quatro dedos numa chapa envolvida em três folhas de papel preto. E é por isso, e por outros fenômenos já mencionados, tais a descarga de eletroscópios, rostos radiantes e globos luminosos aparecidos nas sessões e impressos depois nas chapas, e por se cobrirem sob alguns tecidos especiais, como corpos gasosos, é por isso, digo, que pusemos à frente a hipótese de que a sua constituição molecular se aproxima da dos corpos radiantes.

Geralmente se expressam com pouca boa vontade, e em forma laconíssima e truncada; com frequência veem-se obrigados a se interromperem prometendo voltar ao assunto em outro dia. Mais comumente, exprimem-se por sinais e gestos.

Não é raro que nas comunicações adotem forma simbólica, recordando nisso os oráculos dos antigos. Assim, a Srta. Walt, pintora automática, certo dia, durante o transe, sentiu-se constrangida a pintar três anjinhos no meio de plantas indianas. Nesse mesmo dia morriam, quase ao mesmo tempo, três meninos de uma sua amiga da Índia.

Assim, em algumas premonições recolhidas por Bozzano,<sup>329</sup> certa mãe vê voar, em deserta planura, um passarinho, do qual caem as asas, e súbito, pouco depois, lhe morre o filho. Outra pessoa vê um esquife na casa de um parente e este, também pouco depois, falece.

Cada Espírito adota seu *rap* especial e uma forma que lhe é sinalização própria – simulam por fim um telégrafo Morse – com o qual aprovam ou contradizem as palavras dos consulentes, ou imitam os golpes dos controladores.

Os *raps* são ouvidos também em plena luz;<sup>330</sup> estendem-se às vezes a dois e ainda a três metros de distância do médium, determinando neste e nos assistentes certa sensação de fadiga. São sentidos também nas salas dos restaurantes, nas estações, nos museus ante os quadros de consagrados pintores, sobre cobertas das camas, nos tecidos, sobre livros, na ponta do lápis de um médium escrevente, etc.

A intensidade dos *raps* não tem relação com a distância do médium; enquanto está em relação com cada movimento deste e dos assistentes, não está em proporção com a força do movimento. Produzem-se ainda quando os assistentes assobiam ou falem (Maxwell). Com isso, parece que os Espíritos desejam vivamente dar-se a conhecer aos vivos, e os insucessos os incitam a novas tentativas, enquanto que, obtido o êxito, desaparecem.

Adotam para isso os meios que lhes são mais habituais. Algumas vezes impõem-se com violência a um vivo para que lhes sirva de médium. Já vimos, em outro capítulo, o caso do Dr.

Dexter, constrangido a prestar-se a sessões mediúnicas e a converter-se ao Espiritismo, pelas perseguições ferozes dos Espíritos.

Os Fox, torturados pelos *raps*, denunciados como truquistas, excomungados pela Igreja, intentaram subtrair-se aos Espíritos, mudando de casa e de localidade, mas os golpes se repetiram e os Espíritos declararam que não cessariam de persegui-los até que fosse propalada a verdade da existência deles, Espíritos.

Certo Spin vinha muitas vezes às sessões de Moses, para ser identificado; quando o foi finalmente, e verificado ser irmão de uma certa S. P., ele, que morrera havia 13 anos, não mais compareceu.

Mas, apesar do vivo desejo de entrar em relação conosco e também de mostrar a própria influência ou para dar notícias dos amigos ou falar dos fatos atuais, que ignoram totalmente no Além, têm os Espíritos estranha aversão em dar a conhecer o seu nome. Nas comunicações tiptológicas, dão quase sempre nomes falsos ou recusam dar o verdadeiro; em outras, adotam pseudônimos, alguns estranhíssimos, tais “Imperator”, “Rector”, com Moses, e “Finoit”, “Pelham”, com a Sra. Piper. Mas, prosseguindo na intimidade, alguns revelaram depois seus nomes reais.

Contrariamente à afirmação de Moses, no momento da morte o Espírito parece que acha menos fácil a manifestação da própria existência. As declarações de Pelham a Piper falam, de fato, de um imprevisto aturdimento que se segue à morte, coisa natural, visto ter havido completa mudança das condições de vida do falecido.

Descrevendo o instante de sua própria morte, Pelham ditava: “Tudo se obscurecia para mim; depois a consciência retorna, porém crepuscular, como quando se desperta, antes do amanhecer. Quando compreendi que não estava morto de todo, tive alegria.”

Também Altkin Morton, que se suicidou em momento de desesperação, confessou que depois de morto não reconhecia ninguém e só mais tarde se recordou dos seus.

No geral, parece que os atingidos por morte imprevista, especialmente em idade jovem, renovam os gestos e retomam as ações que lhes eram habituais. Assim, em recente naufrágio de navio de guerra, o Espírito de um dos componentes daquela nave, em sessão mediúnica em Londres, disse que os marinheiros continuavam as manobras como se estivessem em pleno mar. Esta asserção, que parece fantástica, é confirmada, primeiro pelas lendas de muitos povos (v. cap. XIII), depois pelos fatos que se notam nos castelos assombrados.

Sei de um criado que se afogou perto da moradia do patrão, que aparece à noite e lava as garrafas e os copos da casa, como se ainda estivesse em serviço.

Segundo Stainton Moses, as almas conservam no Além os seus bons ou maus desejos e apetites, e procuram satisfazê-los, mesmo através de intermediários; se malvados, impelindo os vivos a se enrodilharem sempre no vício, não obstante o esforço das almas evolvidas que tentam impedi-los.

Assim se explicaria que muitos, e especialmente os médiuns, sejam vítimas dos Espíritos, que conseguem contra eles choques atrozés, atiram-lhes água à cabeça, queimam-lhes as vestes e os móveis da casa.

Em S. Petersburgo, uma chuva de pedras caía sobre a carruagem de Phelps, que anotava esses fatos em um carnê, que foi destruído. Fechou seus escritos em uma caixa e estes arderam no interior da mesma, e a fumaça só se fez notar quando estavam queimados de todo.<sup>331</sup>

Os Espíritos conservam a mentalidade e a têmpera que tinham em vida.

Na quadragésima sessão da Sra. Piper, com os dois Lodge, o fantasma Finoit apresentou Rich, que pediu que enviassem ao seu genitor expressões do seu afeto.

“Meu pai – disse ele, em outra sessão – está muito aflito pela minha morte; digam-lhe que estou vivo.”<sup>332</sup>

Depois, queria os seus óculos, tocou os olhos com as mãos e acrescentou: “Meu pai deve tê-los e também os meus livros.” Nenhum dos presentes sabia coisa alguma de tudo isso. Averi-

guou-se depois que ele usava óculos e que repetia, no seu diálogo, como em vida: “*Merci, mille fois.*”.

O pai de Hyslop continua a dizer: “Dai-me o chapéu”, como quando penosamente andava em casa ante qualquer visitante.

Quando se trata de Espíritos de loucos, as comunicações – nota Hodgson – são fragmentárias e até amalucadas.

Um amigo de Hodgson, o Sr. A., lhe fez comunicações incoerentes; Pelham insistia em que o deixassem depor, porque durante algum tempo estaria confuso, por haver sofrido doença mental e neurastenia.

A falecida Ana Wild interrompeu a entrevista com sua irmã, através da Sra. Piper, porque era hora da missa e não queria perdê-la. Com efeito, em vida, era mui religiosa e nos dias festivos jamais faltava à missa.

O fantasma de Vicente, não obstante comunicar-se por médium de temperamento dulcíssimo, mostrou-se de estranha violência e luxúria, interrompendo as sessões com murros, blasfêmias e mofas torpes. Tal fora assim em vida.

Faifofer me falou de Espíritos que impediam muitas vezes as sessões, porque, em sessão anterior, fora consultado um outro Espírito. Se os Espíritos – escreve Hyslop – que comunicam conosco não são tomados a sério, ofendem-se, fogem, quando não respondem com epigramas aos nossos.

As crianças, quando morrem, reproduzem as palavras e os gestos infantis e pedem seus brinquedos; porém, quando transcorre muito tempo de sua morte, atuam e falam como se fossem adultos, enquanto que seus parentes só as podem recordar no tipo de criança. Isto prova também que o inconsciente e o consciente do médium e dos presentes nem sempre têm influência nestas comunicações, porque, evidentemente, os considerariam ainda crianças.

Servindo de intermediário de um destes Espíritos, ao qual a mãe falava como se se tratasse de uma criança, Pelham informou: “Ele já não é mais um menino, é um homem.”

Parece, das palestras de alguns Espíritos com d’Esperance, que eles não conhecem de todo o presente, de modo que desejam

e pedem notícias de um ou de outro dos amigos, enquanto que conhecem e preveem os fatos futuros, isto que Dante expressou nos versos do canto X do Inferno, 110 e seguintes.

Finoit predisse à Sra. Pitmann: “Ireis este verão a Paris; caireis logo enferma do estômago e da cabeça; um homem louro e pálido vos tratará.” Não quis dizer se lograria cura. A senhora, que se sentia bem do estômago e não tinha a menor intenção de ir a Paris, riu; mas, chegado o verão, teve de ir, e adoeceu do estômago e dos nervos; foi atendida pelo louro Dr. Herbert e morreu.

Parece que aos Espíritos falta completamente a noção do tempo e do espaço ou que a possuem equivocada. Do espaço, compreende-se, porque as distâncias não existem quase para eles, e vão e voltam, em poucos minutos, de um ponto a outro, distantes entre si centenas de quilômetros.

Anteriormente vimos que, do tempo, alguns só conhecem o futuro, por isso, em suas falas, confundem o porvir com o presente. Assim, Finoit disse a Lodge que seu filho tinha afecção na palma da mão, e poucos dias depois o mal que este sofria no calcanhar se localizou, de fato, na palma da mão. E se viu Pelham, solicitado a que fosse ver o que estava sua mãe fazendo, em determinado momento, voltar dizendo havê-la visto fazer, não aquilo que então fazia, mas o que ela depois fez, no dia seguinte.

Em contraste com esses fatos, parece que os Espíritos não esquecem jamais certos objetos que lhes pertenceram em vida. Estes os atraem tanto quanto maior tempo estiveram em suas mãos, e quando estão ligados a uma lembrança especial; servem de ponto de referência na grande confusão da sua memória, arejando a associação de ideias. No jargão spiritista da Sra. Piper se denominam “influências”. Eles nos recordam os objetos que se colocam nas mãos dos hipnotizados, como cabelos, cartas, etc., para levá-los ao rumo de recordar ou predizer os acontecimentos passados ou futuros da pessoa que os possuiu.

Finoit parecia achar nestas “influências” muitas fontes de informação.

Também Imperator assim se ajudara com a Sra. Piper, para fixar as ideias do comunicante e impedir de afastar-se do assunto ou se tornar incoerente.

A inteligência dos Espíritos, e assim dos que foram em vida de grande cultura, tendo de se valer do cérebro dos vivos, é fragmentária e incoerente. Os mortos de há muito tempo pareciam a Moses como que aturdidos e confusos, ao revisitarem as antigas cenas da Terra.

“No transe – diz o Espírito de Pelham (Hyslop) – o corpo etéreo do médium sai do corpo físico, como no sonho, e deixa vazio o seu cérebro, e então nós nos apossamos dele. Vossa conversação nos chega como que por telefone de estação distante. Faltamos a força, especialmente ao finalizar da sessão, na pesada atmosfera do mundo.”

O Espírito de Robert Hyslop assim diz ao filho vivo:

“Interrompo-me, devo ir embora, porque sinto faltar-me as forças, e não sei o que faço.”

E Pelham insiste frequentemente:

“Quando se quer obter de nós comunicações claras, não é bom que nos atordoem com perguntas; para se manifestarem a vós, os Espíritos se introduzem em um ambiente que bastante os incomoda. Estão como quem haja recebido um golpe na cabeça e em um semidelírio: é necessário acalmá-los, encorajá-los, dar-lhes segurança; depois do que, suas ideias tornarão à tona. Para entrarmos em comunicação convosco (Hyslop), devemos penetrar na vossa esfera, adormecer como vós; eis porque cometemos erros, somos incoerentes. Sou inteligente como antes, mas as dificuldades para falar convosco são bastante grandes. É necessário, para vos falar, que entre em um corpo e sonhe dentro dele, e por isso é preciso perdoar-me os erros e as lacunas.”

Segundo as revelações de Pelham, até os mais sábios, mortos recentemente, dão comunicações incoerentes, inexatas, pelo grande choque inicial da desencarnação, pela chegada a um ambiente novo, onde nada compreendem. Sua inabilidade, a princípio, para servir-se do organismo do médium, é grande, porém pouco a pouco se esclarecem.

“Amigos – dizia ele –, não considereis isto com os olhos de crítico; o Espírito que se comunica convosco, valendo-se do médium, é igual a um que se enfia dentro do tronco de uma árvore oca.”

É que toda a luz lhe vem do médium.

“Quando a Sra. Piper está em transe, eu me pressiono. – dizia o Espírito Finoit. – O médium é para nós como que um farol, enquanto que vós, não médiuns, sois para nós escuros, como que não existentes; mas, cada vez que vos vemos, é como que em meios ou apartamentos escuros, clareados por uma espécie de janelinhas, que são os médiuns.”

Aksakof perguntava a um Espírito ou suposto Espírito:

– Dizes possuir um órgão visual; então, como não podes ver certas coisas sem o médium?

E o Espírito lhe deu sensatíssima resposta, que resumo:

“Eu vejo; porém, nossas sensações são, quantitativa e qualitativamente, diversas das vossas, de modo que distinto é ver uma coisa por mim e outra vê-la de maneira que possa torná-la compreensível a ti; por isto, é preciso que eu a veja como a verias tu, e para isso tenho necessidade do médium.”

Se é difícil expressar-se por meio de um intérprete, tanto mais difícil deve ser tornar compreensível, por sua mediação, as cores a um cego. O interrogante e o Espírito são como dois prisioneiros que desejam comunicar-se através de uma porta, sendo um surdo e o outro cego. Isto poderia explicar a obscuridade e a incoerência de muitas comunicações espiritistas.

“Se, com frequência, me equivoco – continuou Pelham – é porque me sirvo de um organismo que não está feito à minha medida.”

Muitos gênios deram comunicações indignas deles (Hyslop). Acontece com eles, como conosco, quando acreditamos no sonho haver ditado rasgos memoráveis que, recordados ao despertar, causam piedade.

Com frequência, a maioria dos Espíritos cansam de pronto. Daí o fato, destacado por Hyslop, de se mostrarem perfeitamente

lúcidos no início das manifestações, para depois, mais ou menos rapidamente, passarem ao estado de confusão psíquica, até necessitarem retirar-se, ante a impossibilidade de coordenar ulteriormente as ideias. Daí a necessidade dos assim chamados Espíritos-guias, ou seja, entes geniais que os sustentem nos interrogatórios.

Muitos Espíritos são sinceros, porém a maior parte é ignobilmente constituída de burlões e, conforme a modalidade, muitos se deixam suggestionar, aceitando por verdadeiros fatos não ocorridos.

Muitos não se podem orientar senão em um círculo muito íntimo de conhecidos.

O Médiu Stainton Moses, quando ia de um círculo espirítico a outro, só recebia comunicações vagas e fragmentárias. Advertido, tipologicamente, restringiu-se a um grupo de pouquíssimos íntimos, e teve desde logo comunicações importantíssimas.

Poucas vezes os Espíritos reproduzem a caligrafia própria: Pelham não o conseguiu jamais. Frequentemente escrevem com caracteres tipográficos, evidentemente pela predominante do hemisfério direito no transe do médium; muitas vezes as palavras são escritas inversamente: *latipsoh* por *hospital*.

Encontram-se, em suma, enorme quantidade de erros, ainda que involuntários, nas comunicações dos Espíritos, donde aquela justa desconfiança que inspiram a muitas pessoas sensatas.

Nas comunicações da Sra. Piper, com Hyslop e Hodgson, quando presente o Espírito de Rector, houve engano em muitos nomes ingleses: ao tio Carruthers nunca chamaram com o seu nome, e sim *Charles*, *Clarke*, *Clarake*. A segunda esposa de Roberto Hyslop se chamava Margarida, em inglês *Maggie*, nome que jamais veio à tona. Hodgson o fez notar a Rector, mas este, não conseguindo recordá-lo, cedeu a incumbência a Pelham, que se recusou, mas depois disse:

“Bem, irei à procura; se existir um nome, encontrá-lo-ei.”

E, decorrido um quarto de hora, veio com o nome de *Margarida*, ao invés de *Maggie*.

Ora, se a comunicação houvesse sido telepática, ou de leitura de pensamento, do médium com os vivos, estes nomes deviam encontrar-se imediatamente, e certos, sendo evidente que o filho devia saber o nome da madrastra e do tio, e isto prova, com maior razão, que os presentes não podiam influir nimicamente nessas comunicações. Assim se disse, em uma sessão com a Sra. Holvold:

“É um certo Farnan que vos deseja falar; quer pedir-vos notícia da tia Ellen, de quem foi servidor, por muitos anos.”

Mandou-se em busca da tia Ellen, e se soube que, realmente, ela tivera por jardineiro um tal Farnwsod, quatro decênios antes, mas a Sra. Holvold jamais havia ouvido falar nesse nome.

Hyslop compilou uma estatística das comunicações mais importantes, recolhidas nas 15 conferências com a Sra. Piper. Ora, destas, 152 foram verificadas verdadeiras, 16 falsas, 37 indecisas. Tendo contado depois 927 fatos, com os detalhes mencionados em tais comunicações, 717 eram verdadeiros, 43 falsos, 167 incertos.

E foram centenas de comunicações, e cada uma com o seu estilo, a sua maneira de tratar: Imperator, sempre bíblico e orgulhoso; Finoit, vaidoso, presunçoso, superficial; Pelham, impaciente, genial, nobremente ambicioso da própria fama; Robert Hyslop fala sempre de não querer mal-humorar-se, como acontecia quando vivo.

Mas, se as comunicações com o além foram até agora fragmentárias e incertas, é que os meios adotados eram grosseiros e inadaptados; agora, esses meios foram sempre e mais se aperfeiçoando; dos golpes nas paredes, inventados com a finalidade de atender às interrogações das Fox, se utilizaram as letras alfabéticas; depois adotou-se (a conselho dos Espíritos) a mesinha, o que era mais cômodo do que a parede. Depois, ainda à mesinha se adaptou um lápis e depois lá se adaptou uma prancheta, passando posteriormente a usar-se as mãos.

E agora o último progresso é a tentativa de aplicar os métodos gráficos de precisão, o tambor de Marey, etc., para medida e

estudo da sua atividade psicológica e biológica e, acima de tudo, temos a “*cross-correspondence*” para prova de identidade.

A influência do médium, em confronto com a do Espírito dos mortos, deve ser preponderante, porque um possui o organismo completo e o outro não, e o segundo não pode funcionar sem a ajuda do primeiro.

As condições especiais do transe, nas quais, como em alguns acessos histéricos que estudamos na parte I, pela paralisia de alguns centros, é ativada a ação de alguns outros, dão ao médium, em certos momentos, faculdades extraordinárias, que ele não possuía antes do transe, e que o trivial dos homens não possui comumente. Ativa-se, acima de tudo, a ação do inconsciente; vêm à superfície e predominam aqueles centros que parecem inativos na vida comum, recordam-se fatos olvidados de há muito tempo (criptomnésia), adivinha-se e assimila-se o pensamento dos presentes. Explica-se, assim, o modo por que o médium, em transe, lê no pensamento dos presentes e fala os seus idiomas, inclusive se estrangeiros (xenoglossia).

Mas, ele não pode apreender e logo manifestar o que sempre ignorou, se não está no pensamento dos assistentes à sessão, nem sem a ajuda destes pode desenvolver uma força décupla da sua própria; nem ter a energia que antes não possuía. Assim, quando adivinha o futuro; quando, sem estudos literários, escreve um romance; quando esboça uma escultura, sem intervenção, ao menos momentânea, de um escultor; quando dá comunicações ignoradas por todos; quando escreve com os caracteres e com o estilo de defuntos desconhecidos dos presentes, tudo isso ocorre porque à força do médium se associa uma outra que, transitoriamente, dá aos vivos condições que eles não possuem: ler o futuro, improvisar-se artistas, etc.

## CAPÍTULO II

### Truques inconscientes e telepáticos

Chegado a este ponto, receio que o leitor, imitando o famoso Cardeal d'Este, me interrompa com a exclamação:

“Não vos tereis deixado enganar pela mais vulgar das velhacarias?”

A primeira impressão, de fato (e a mim também não faltou), é de que se trata de um truque, e é a explicação mais adaptada ao gosto da maioria, pois evita que se perca tempo em pensar e estudar e deixa ao homem vulgar supor-se um observador mais consciencioso e mais hábil do que o douto. Realmente devemos convir que nenhum fenômeno natural, melhor do que os espíritos, se presta à dúvida e à fraude, primeiro porque os fatos mais importantes, mais raros, ocorrem sempre às escuras e nenhum experimentador pode aceitar por verdadeiros fatos que, desenvolvendo-se no escuro, não podem ser bem controlados e observados. Depois, os próprios médiuns, involuntariamente ou não, muitas vezes se prestam ao truque, no mais das vezes histéricos, propensos que são à fraude como todos os histéricos, e porque, quando sentem faltar a energia mediúnica, querem supri-la com artifícios, buscando conseguir o escopo com o mínimo dos esforços, e algumas vezes, sugestionabilíssimos como são, trancam para obedecer ao secreto convite de algum Espírito maligno, como me declarava certa vez Eusápia, a qual, em Gênova, ouvira ordenar-se-lhe secretamente que trancasse e teve de obedecer.

Não falemos, pois, dos falsos médiuns, falsários de profissão, que pululam nos cenários e nos países onde mais difundidas estão as crenças espiritistas.

Existe uma grande literatura, especialmente americana,<sup>333</sup> que constitui um arsenal típico de que se serviram tais “médiuns”, para os seus truques: barbas postiças, máscaras, vestidos de musselina finíssima, substâncias fosforescentes, cadeiras com esconderijo onde o “médiun” oculte as máscaras, quando não com molas que, funcionando, simulam a levitação.

Também Eusápia não se subtrai à regra geral. Vimos que muitos são os truques cometidos por Eusápia, em estado de transe e fora dele, liberando, por exemplo, uma das mãos, presas pelos controladores, para mover objetos a ela vizinhos, para estabelecer contatos; com um joelho ou um dos pés levantar lentamente a perna da mesa; fingir ajeitar os cabelos e arrancar um, para fazer baixar uma balancinha de pesar cartas. Foi também vista, por Faifofer, colher furtivamente, antes da sessão, flores, para simular depois *apports*, à noite, prevalecendo-se da escuridão. Parece, igualmente, que houvesse aprendido, com pelotiqueiros, algum truque especial, aquele, por exemplo, de simular rostos humanos, com movimentos de ambas as mãos, circundadas por um lenço colocado à guisa de turbante. Sem embargo, sua dor maior, também durante a sessão, é quando acusada de truque (é preciso dizer que, por vezes, injustamente), porque é certo agora que membros mediúnicos se sobrepõem aos seus membros e fazem as vezes destes, e não raro foram interpretados como sendo os seus braços, assim como, pela comprovação, se encontraram mãos justapostas, mediunicamente, quando o Espírito toca objetos protegidos pela escuridade.

Ora, isto se acresce para diminuir a importância dos pretensos truques, que muitas vezes não existem, e sim manifestações que induzem a suspeitas injustas. Tais são os apêndices fluídicos, mãos, braços ou pés que saem das costas ou da saia da médium e que, na escuridade, podem ser interpretados como sendo sua mão ou seu pé.

Tal é o novo fato descoberto agora por Ochorowicz,<sup>334</sup> do fio medianímico que se forma e se desmaterializa sob a influência medianímica e que, até aqui, se tinha como truque produzido por um fio verdadeiro. Tais fatos e também porque os movimentos medianímicos ocorrem em lugar escuro, no mais das vezes na imediata vizinhança da médium, e especialmente em contato com sua saia, fazem supor um artifício; entretanto, o que influi no fato é que o elemento fluídico se reforça na escuridade e dentro dos véus medianímicos, como o são as saias da médium, as cortinas do gabinete mediúnico, das quais partem tantas vezes as materializações.

Verdade é que, quando se procura precisar as manifestações mediúnicas com mecanismos especiais, elas muitas vezes falham, e que, de outras vezes, em condições idênticas, elas não se verificam, ao contrário, pois, do que acontece em todos os fatos experimentais. Assim, alguns pouquíssimos médiuns podem operar com luz, enquanto que os demais não o podem. Acrescenta-se que a maior parte dos médiuns são de uma vulgaridade que contrasta estranhamente com aquelas manifestações aparentemente sobrenaturais de que dão prova, ainda que estas sejam não raro de uma vulgaridade mista de obscenidade e em contraste com a sua qualidade pseudodivina.

A estas objeções, que não são sem importância, pode-se responder que ninguém nega a obra do fotógrafo, embora ele só possa revelar no escuro as suas chapas, e este exemplo, conforme nota Richet, por analogia, pode ajudar a compreender como a luz possa impedir o desenvolvimento dos fenômenos mediúnicos. Por outra parte, apesar da contradição que predomina em toda essa matéria, conhecem-se médiuns, a exemplo de Slade e Home, que puderam operar a plena luz; e em plena luz se desenvolvem os estranhos milagres dos faquires indianos, tão estranhos que só o relatá-los faz hesitar.

A mesma Eusápia, se bem que, em transe, é refratária à luz, deu lugar, em plena claridade, a uma série de extraordinários fenômenos, como as modificações do dinamômetro e da balança e o movimento de enorme armário. Tais modificações ocorridas na balança e no dinamômetro provam que, não raras vezes, a estes fenômenos assim refratários aos métodos científicos se puderam aplicar, com vantagem, outros meios de precisão.

Verdade é que os médiuns, como eu já disse, recalcitram, tanto que, de início, os fazem falhar; mas, bem se pode compreender que eles também sejam misoneístas e adversos, pois diante de novos mecanismos, assim o é todo o gênero humano.

Richet notou exatamente que substituir uma mesa por outra, ou introduzir um novo elemento na cadeia dos experimentadores, interrompe muitas vezes a série de fenômenos spiritistas.

“Assim a intromissão – acrescenta – de um novo elemento nas condições de uma experiência, nem sempre é útil ao seu êxito, visto que se trata de experiências sobre fatos desconhecidos ou quase desconhecidos.”

Temos mais ainda: meios de contenção de modo a evitar qualquer truque foram aplicados em Eusápia, ligando-se-lhe as mãos e pés, ou rodeando-a (Ochorowicz) com uma rede de fios elétricos, ligados a uma campainha, que soava ao mais leve movimento dos seus pés.

Politi, na sociedade de Ciências Psíquicas de Milão, foi encerrado, nu, em um saco de lã.

D’Esperance foi metida em uma rede, qual peixe, e apesar disso, nesse estado, provocou o aparecimento do fantasma de Iolanda, e assim a Cook. Pôde-se ver e fotografar a Srta. Cook junto ao fantasma, quando circundada por um fio elétrico disposto de modo que lhe era impossível fazer agir um espectro artificialmente, sem interromper o circuito. E, assim mesmo, Katie King falou, escreveu, tocou com a mão muitas pessoas. O circuito não se interrompeu e a médium sempre se manteve em estado cataléptico.<sup>335</sup>

Houve experiências físicas realizadas com toda a seriedade e a importância das experiências feitas com instrumentos exatos, e mais, que foram controladas com a fotografia. Conquanto seja verdade que das fotografias espiritistas se tenha abusado e feito objeto e meio de fraude, por exemplo, com uma impressão na superfície da chapa, com uma ligeira película ou utilizando certos raios químicos ou certas substâncias (qual o bissulfato de quinina, por exemplo), que, invisíveis aos nossos olhos, são recolhidos pela objetiva, e assim é que um crânio, pintado na frente com esta substância, aparece depois no revelar a chapa.

Toda suspeita é justa, menos quando se trata de fotografias obtidas ante uma comissão especial de peritos e de homens de renome indiscutível, tais Zöllner, Finzi, Aksakof, Volpi, Falcomer e Carreras.

Outro tanto se diga dos tantos médiuns tiptólogos, não profissionais. Ainda os mais simples entre os fenômenos espiritistas

(diz Brofferio) <sup>336</sup> não poderiam ser imitados sem algum estudo e, acima de tudo, sem muito exercício, que seria difícil ocultar; o escrever ou falar é fácilimo, mas, por exemplo, escrever impondo a mão sobre um cestinho ou sobre um violino ao qual é unido um lápis, escrever febrilmente enquanto se fala com outrem, mudando a caligrafia e o estilo, cada vez que muda o Espírito, e dando as respostas concordes, não deve ser coisa que se possa fazer sem estar preparado.

A coisa ainda parece mais estranha, se se considera que médiuns desta espécie existem por centenas. Que haja alguns que, por originalidade, se divirtam em continuada impostura, inútil e difícil, pode dar-se; porém, que semelhante vocação seja epidêmica, é muito inverossímil.

Acrescente-se que, com frequência, falta a capacidade para delinquir, quando, por exemplo, o médium é menino. A impostura do médium escrevente me parece diretamente impossível. Quando um médium escreve uma comunicação com a mão direita e outra com a mão esquerda e dá uma terceira de viva voz, ou quando se faz indicar, por um médium, as letras do alfabeto com a prancheta, sem que ele a veja, e mudando a ordem das letras, tudo isso me parece não ser impostura.

Os prestidigitadores – continua Brofferio – não têm imitado até agora os fenômenos espiritistas de modo a enganar, salvo quando obtêm duas condições: a primeira é que com eles não se tenham todas as exigências, nem se tomem todas as precauções que se têm tomado e se tomam com os médiuns.

O prestímano executa o jogo, mas o jogo que ele preparou; e é inútil pedir que faça outro ou que o repita. Ao revés, os fenômenos que se obtêm com o médium são quase sempre os que se lhe pedem, ainda que não o sejam sempre, porque a Inteligência oculta que os produz também possui vontade própria.

A Comissão da Sociedade Dialética de Londres chegou até a querer que durante as experiências fossem os médiuns vigiados por – nem mais, nem menos – dois dos melhores prestidigitadores daquela capital.

A opinião de que os fenômenos espiritistas são imitáveis está muito difundida entre o público, mas não é esta a opinião dos prestímanos Jacob, do Teatro “Robert Houdin”, de Paris, e Bellacchini, prestidigitador da Corte de Berlim, que fizeram ao médium Slade declarações de que nenhuma das suas artes pode produzir os fenômenos que ele, Slade, realiza.

Trollope, citado por Wallace, conta que Bosco, um dos mais peritos prestímanos que já existiram, ria muito da crença de que os fenômenos produzidos por Home se pudessem atribuir aos recursos da sua arte.

Uma causa dos pretensos desmascaramentos dos médiuns é a prevenção de que os fenômenos não devem ser verdadeiros. Há ilusões ocasionadas pela credulidade, mas também existem as produzidas pela incredulidade.

Os incrédulos se põem num estado de atenção expectante e por isso creem ver o que não é; se não o veem, adivinham; eles tudo compreendem, tudo explicam. Têm tal medo de ser burlados, que se burlam por si mesmos e, por evitar o inverossímil, inventam o impossível.

E as mesmas causas que produzem os desmascaramentos são as que dão origem aos processos. O processo contra Slade foi feito no interesse da Ciência, e a condenação se fundava, em parte, sobre motivos tirados do notório curso da Natureza. Assim, a sentença do Tribunal deriva de um preconceito: “que o curso conhecido da Natureza exclui a possibilidade dos fenômenos mediúnicos; ora, o impossível não se pode fazer, mas apenas fingir; logo, todos os médiuns são impostores”.

Daí resulta, para eles, para os espiritistas, por crerem na possibilidade das coisas impossíveis, são imbecis. Por isso, não são jamais chamados como peritos, conquanto sejam os únicos peritos e, pois, os únicos competentes e, quando ouvidos como testemunhas, não acreditam neles.

Enfim, às imitações feitas por médiuns impostores, por prestidigitadores e cépticos, os espiritistas respondem, com Hellenbach, que as perucas não provam a inexistência do cabelo; as

dentaduras postiças, que não haja dentes e, assim, as moedas falsas, as flores de papel, etc.

Tendo eu visto fatos reais, é inútil que Tyndall me venha dizer que há muitos falsos. Sei que o café também se fabrica com chicôrea, bolota e figos secos; tudo isso sei porque um dos meus conhecidos é fabricante de café; sei muito bem que não é suficiente garantia nem mesmo comprá-lo em grão, porque um comerciante em artigos coloniais me assegurou que o fabricam com resíduos de café, e tão bem que eu não o distinguiria do legítimo. Sem embargo, porque bebi algumas vezes do verdadeiro café, estou, quanto ao café, naquele estado de ânimo a que alude Tyndall: estou afetado de incurável credulidade. Nem um bloqueio continental, que me privasse do café por toda a vida, curar-me-ia da ilusão de que existem o Moca e o Porto Rico. É verdade que um fantasma difere muito de uma xícara de café, mas a diferença depende disto: que todos os que vão a Nápoles vão ao “Caffé Nuovo”, enquanto que quase ninguém pergunta por Eusápia.

### **Telepatia**

Outras explicações se tentam para evitar a da influência dos mortos: por exemplo, a de que o médium extrai do cérebro dos presentes a resposta aos quesitos, e também a imagem dos fantasmas, que depois projeta no exterior. Mas, deixando de lado que esta projeção de fantasmas não sobrevém em nenhuma outra condição da vida, principalmente de modo a assumir as pulsações, o calor, o peso do ser vivo, admito que dos assistentes, que conheçam um idioma estrangeiro, o médium possa extrair o momentâneo conhecimento desse idioma e assim os conhecimentos improvisados de Física, de Química, como atinge as crenças, de modo que é ateu em um grupo de ateus, pio em um grupo de pessoas pias, mas não compreendo como dos presentes possa o médium extrair aquilo que os presentes não conhecem, como quando Piper no idioma havaiano, que nenhum dos assistentes conhecia.

Compreendo a telepatia no caso de Stainton Moses, que teve a aparição da imagem de um seu amigo, o qual, antes de adormecer, fixou o pensamento nele, ou no caso de M. D., que aparece a duas mulheres, depois de ter fortemente desejado mostrar-se a elas.

Porém, conforme nota James Hyslop, a sucessão de vários Espíritos comunicantes, 5, 6, 10 vezes, com personalidades distintas, bem nítidas, não se pode explicar pela telepatia. E viu-se, com a Sra. Piper, que Espíritos comunicantes, que não conheceram Hodgson, sabiam assinalá-lo. E os próprios erros das comunicações excluem a telepatia, enquanto que, ao contrário, eles bem se explicam pela dificuldade que têm esses seres, chegados a uma nova forma de vida, para explicar a sua energia.

Se, repito, as comunicações mediúnicas viessem da telepatia, se todas fossem telepáticas, porque tantas confusas e falsas? E como, assim, com frequência, perdiam as noções de tempo e dos nomes (v. antes), enquanto entre os vivos permanecem tão intensos e precisos? Nem a telepatia pode revelar fatos que acontecerão no futuro ou ocorridos com um morto, como quando a Sra. Meurier duas vezes sonha ver aos pés do seu leito o irmão decapitado, com a cabeça colocada sobre um féretro. Neste caso, não se pode tratar de telepatia, porque ele não estava morto quando ela assim o avistou, tendo sido ele, de fato, decapitado pelos rebeldes chineses. Portanto, a notícia foi trazida e transmitida por uma outra Inteligência que não era a sua viva, pois que não podia ele, vivo, transmitir a notícia do que lhe devia acontecer, depois de morto.<sup>337</sup>

O Rev. V., enquanto escrevia congratulações a um amigo, pelo seu aniversário, ouviu várias vezes lhe dizerem: “A quem escreves? A um morto?”

E, com efeito, àquela hora, o amigo estava morto. O fenômeno não podia provir de um ser vivo, e assim não podia ser telepático.<sup>338</sup>

E assim se diga da predição do porvir. A Srta. Curtis, por exemplo, sonha ver certa mulher passar a seu lado, depois de encontrá-la estendida na rua, enquanto entre os presentes uns

diziam que estava viva, e outros morta. Tratava-se da Sra. C., sua amiga, de quem, havia tempo, não tinha notícias.

Na manhã seguinte, a senhora C. caía na rua, ferindo-se. Como poderia a telepatia fazer ver o que não havia acontecido?

Um vigário da Nova Zelândia devia fazer uma excursão de pesca em uma ilha, com alguns amigos, que deviam ir buscá-lo ao alvorecer. Uma voz, primeiro na escada, depois no seu aposento, advertiu: “Não vá!”

E quando ele ponderou: “E se me vierem chamar?”

Respondeu a voz: “Fecha-te a chave.”

Ele compreendeu que o ameaçava um perigo e recusou seguir os amigos. Pela manhã soube que se haviam afogado na excursão.

Aqui não podiam ser eles a dar o aviso, mas outros Espíritos a quem o futuro não era desconhecido.

A telepatia – diz Brofferio <sup>339</sup> – é arma de dois gumes; se os fantasmas dos vivos tornam desnecessários os dos mortos, também os tornam possíveis. Se um vivo pode aparecer e agir onde não está seu corpo, isto conduz à hipótese de que possa aparecer e atuar quando o corpo não existe; se a forma do corpo pode separar-se deste, poderá sobreviver-lhe.

Esta não é mais do que uma hipótese; poderia dar-se, ao revés, que a aparição de um vivo fosse a ação fisiológica de um organismo sobre outro; mas também não é, por obra, mais do que uma hipótese.

Existe ainda outra razão verdadeiramente peremptória contra a objeção tirada da telepatia. Quando o fantasma visto e fotografado não se assemelha ao médium, não pode ser uma aparição do médium. Quando, pois, se tem simultaneamente mais fantasmas, diferentes do médium, a ação do seu *duplo* deve ser inteiramente excluída.

É sabido que Vassalo e Porro, em sessões com Eusápia, viram várias vezes seus filhos falecidos; ao próprio Morselli apareceu a sua mãe, e por várias vezes, mas com seios exuberantes e com modos menos corretos dos que lhe eram próprios, e o

mordiscou em vez de beijá-lo; depois teria tido verdadeiros colóquios com ele, por gestos e, acenando quase com mágoa para os óculos e para a semicalva dele, queria fazê-lo compreender quanto tempo decorrera depois que o deixara presunçoso, belo rapaz. E quando ele lhe pediu uma prova de identidade, ela tocou a fronte com a mão, mostrando uma verruga, mas do lado esquerdo, onde não na teve, e depois à direita.

Embora tudo isso, Morselli, com a sua índole antiespiritista, quando se encontra ante o fantasma do filho de Vassalo e da filha de Porro, traz à baila a hipótese de que Eusápia se tenha assenhoreado, com antecedência, de referências com a família sobre suas características físicas ou as haja tirado do inconsciente dos presentes, e obedecido ao seu desejo.<sup>340</sup>

Mas, se esta última era a razão do fenômeno, como pode acontecer a Srta. Edmonds e a Eusápia fazerem aparecer fantasmas de pessoas conhecidas apenas de criaturas recém-desembarcadas, de distantes terras, nessa mesma noite?

E como Eusápia não viu, no inconsciente de Morselli, todas as características da mãe dele, e não conseguiu dar o nome dela? E porque não obedeceu a Morselli, a quem repugnava absolutamente vê-la evocada? E como, ao revés, a Bozzano fez Eusápia aparecer a imagem da sua detestada cônjuge, com a qual havia litigado durante toda a vida, e decerto não desejava tornar a vê-la depois de morta, e ela lhe falou, em puro genovês, dialeto que Eusápia não conhece?

E como, a ser certa a hipótese, não reconstituiu, completa e precisa, a figura de Giacosa, se não só podia ler no pensamento dos presentes, mas especialmente no do seu ilustre genro, Albertini, como também decerto havia visto o retrato dela, em todos os cantos da cidade e nos jornais, por meses a seguir, depois da sua morte? A hipótese que deve servir para uns deve servir também para outros, e se, ao invés, não quadra a todos, então é mister inclinar-se para a outra hipótese, a de que os fantasmas sejam efeito de qualquer coisa mais do que a exteriorização do pensamento do médium ou dos presentes.

A prova, pois, de que aquele fantasma não era o de sua mãe, Morselli a encontra na hesitação e no erro ao indicar a verruga, e assim, ao querer pronunciar seu nome, do qual apenas disse as iniciais, e não se lembrou ele, tão douto na matéria, de que os Espíritos, conforme disse Hodgson, muitas vezes falam “negro”; que aqueles são os equívocos que se notam em todos os Espíritos evocados, os quais, manejando grosseiramente os órgãos do médium e com a incapacidade de quem se serve deles pela primeira vez, cometem sempre destes erros; dá ainda importância ao fato de aparecer ela exuberante nos seios, tal qual Eusápia, e não se recorda de que os fantasmas assumem a palavra e as formas dos médiuns.

Isto lhe teria explicado o gesto vulgar de morder as pessoas queridas, comum a outros fantasmas de Eusápia, da qual eles tomam os modos.

### **Inconsciente**

A hipótese que desejava explicar os fenômenos chamados espiritistas atribuindo-os ao inconsciente do médium não é hipótese recente, tendo nascido espontaneamente da observação de que, para a produção dos ditos fenômenos ocorre quase sempre a presença de um médium, sendo mais fácil admitir-se que ocorre a separação da alma em duas partes, hipótese devida a Pitágoras e Platão.

Já encontramos claro rasto em Plutarco, o qual narra como o oráculo de Trofônio disse a Timarco que o Demônio de Sócrates era a alma racional (o inconsciente) do mesmo filósofo.

Mas, quem primeiro expôs claramente tal teoria, a qual depois deveria ser ressuscitada nestes últimos anos como sendo novidade, por Hartmann e outros psicólogos, quem a tornou extensiva a todos os fenômenos que se acreditavam espiritistas, foi um neoplatônico, Porfírio, que, depois de haver observado que o profeta (médium) se encontra com frequência em estado patológico e que este é às vezes provocado artificialmente com vapores, bebidas alcoólicas, etc. (como vimos, ao tratar dos oráculos), acrescenta: “A causa, pois, que produz o êxtase podia

bem ser uma afecção mental ou uma loucura patológica derivada de uma sobreexcitação da psique, como aquela que resulta das vigílias prolongadas ou de excitantes farmacêuticos... *Quanto, pois, ao demônio aderido a nós... suspeito que ele possa ser uma certa parte da alma humana.*”

E alguns fenômenos espiritistas encontram realmente explicação naquele estado singular do cérebro, no qual, enquanto se paralisam algumas energias, entram em atividade outras, latentes, das quais não temos consciência e que desenvolvem maravilhosa potência.

Tal é, por exemplo, o estro genial que por tantas razões semelha exatamente o acesso psíquico dos epiléticos: sobrevindo, não no cérebro do vulgar, mas no de um grande engenho, em vez de atroz blasfêmia ou negro delito, ou de um espasmo motriz, dá uma obra genial.

“Frequentemente – escreve Beaconsfield – sinto que não existe mais de um passo entre a intensa concentração mental e a loucura. Quase não poderei descrever-vos o que sinto naquele momento durante o qual as minhas sensações são estranhamente agudas e intensas; todos os objetos me parecem animados, meus sentidos parecem delirar, não estou seguro de minha existência e frequentemente recorro a um livro, para ver um nome escrito e assegurar-me de que vivo.”

Análogas são as confissões de S. Paulo, de Nietzsche e de Dostoyewski.

“Imprevistamente – escreve este último, em *Bezi* –, algo se lhe abriu ante ele, uma luz interna, extraordinária, iluminou sua alma; isto durou talvez meio segundo. Momentos há, e coisa que não dura mais do que cinco ou seis segundos, em que se sente subitamente a presença da harmonia eterna.”

Veja-se também quanto escreve Berlioz:<sup>341</sup>

“O vácuo se faz em torno do meu peito palpitante e me parece que o coração, sob a aspiração de uma força irresistível, se evapora e tende a dissolver-se por expansão. Depois, a pele de todo o meu corpo se torna dolorida e ardente, arroxeadada da cabeça aos pés. Quisera gritar, chamar alguém em meu socorro,

que me consolasse, me impedisse de ser destruído, para deter a vida que me foge. É uma atitude violenta à procura da felicidade, uma fúria de atividade que só se pode adquirir com uma ânsia imensa, furiosa, devorante, que se mistura a incalculável superabundância de sensibilidade.”

E o grande Beethoven:

“A inspiração é para mim aquele estado misterioso em que o mundo inteiro parece formar vasta harmonia, quando cada sentimento, cada pensamento ressoa em mim, quando todas as forças da Natureza se tornam instrumentos para mim, quando o calafrio me sacode todo o corpo, quando os cabelos se me eriçam na cabeça.”

É evidente, nestes casos, que onde há o máximo da produção genial, há o mínimo da consciência. E assim se explica como criações geniais possam concretizar-se nos sonhos dos grandes homens.

Sabem todos que, no sonho, Goethe resolveu graves problemas científicos e ditou versos belíssimos; tal como *La Fontaine* (A fábula dos prazeres) e Coleridge e Voltaire. B. Palissy teve em sonho a inspiração de uma das suas mais belas cerâmicas.

Outro tanto vejo nas *Confessions*, de Daudet e de Maury:

“Tenho tido em sonhos – diz Maury – pensamentos e projetos cuja execução e direção denotaram inteligência que eu não tenho quando desperto; tenho tido, ao contrário, em sonho, ideias, inspirações que nunca, acordado, alcançariam a minha consciência. Assim, em um sonho, no qual me encontrava ante uma pessoa que me haviam apresentado dois dias antes, me assaltou a dúvida acerca da sua moralidade, dúvida que não havia notado em vigília.”

Daudet ideou, em sonho, emocionantes versos a Júlia.<sup>342</sup>

Holde compôs, sonhando, *La Phantasie*, que reflete, na harmonia, sua origem, e Nodier criou *Lídia*, juntamente com uma teoria acerca da sorte futura do sonho. Condillac, em sonho, aperfeiçoou uma lição interrompida ao deitar-se. Kruger, Corda e Maignan resolveram, no sonho, problemas e teoremas matemáticos.

Stevenson, no *Chapter on dreams*, confessa que as mais originais de suas novelas foram compostas em sonho. Tartini teve, em sonho, uma das suas mais portentosas inspirações musicais. “Era em abril – narra ele –, e da janela entreaberta do aposento penetrava um arzinho acre.” De súbito, abaixaram-se-lhe as pálpebras, fecharam-se, e lhe pareceu divisar uma sombra que se ergueu ante ele. Era Belzebu em pessoa, com um violino nas mãos, e a sonata começa: é um adágio divino, tristemente doce, é um lamento e uma sucessão vertiginosa de notas rápidas, intensas. Tartini estremece, ergue-se, pega seu violino e reproduz no mágico instrumento quanto em sonho havia ouvido tocar. A sonata recebeu o nome de *Sonata do Diabo*, uma de suas obras mais afamadas.

Também Jean Dupré, no sonho, concebeu seu belíssimo grupo da “Piedade”. Em um dia estival, cálido e sufocante, Dupré estava estirado em um divã e pensava, preocupado, na pose que poderia dar ao Cristo. Adormeceu e, em sonho, vê o grupo inteiro, então acabado, com o Cristo naquela exata pose que ele anelava e que a sua inteligência não conseguira fixar completamente.

#### DISTRAÇÕES E AMNÉSIAS DOS GÊNIOS

Ora, esta grande influência do sonho no gênio se explica, segundo vimos, com a grande influência que tem sobre ele o inconsciente. E é precisamente com o exagerado domínio deste que se explica igualmente como o gênio seja sujeito a distrações e amnésias, que justamente lembram a epilepsia. Os exemplos aqui são numerosos.

Um dia – escreve o Dr. Veretz – Meissonier disse a Dumas: “Se Giraud não morreu, devo tê-lo encontrado ontem e, sem embargo, não o conheci e o saudei friamente; depois recordei que era o rosto de um amigo, e agora compreendo que deve ser ele.” E correu a pedir-lhe desculpas.

Grossi destruiu, no vaso sanitário, muitas páginas do seu *Marco Visconti*. Torti saiu de uma sala com dois chapéus na mão e foi procurando o seu chapéu por toda parte.<sup>343</sup> Walter Scott,

ouvindo cantar, em um salão, alguns versos, disse: “São roubados de Byron”, e eram de sua autoria.

Carlyle disse a Fronde que desejava publicar suas Memórias, que havia esquecido quanto escrevera a tal propósito. Das distrações de Ponchielli e Galuppi fizeram-se monografias. Assim, segundo Mandelli, de quando em vez Ponchielli saía de uniforme, com chapéu alto e de chinelos; chovendo, conservava fechado o guarda-chuva, molhando-se totalmente; tomando café, enquanto jogava bilhar, acontecia amiúde dar giz ao taco com um tablete de açúcar, desesperando-se depois por não carambolar.

Mas, inconsciente não equivale a inexistente; o estado de inconsciência pode fazer vir à tona e reunir, em fecundo conúbio, ideias e fatos mais ou menos esquecidos e que por isso não existiam na consciência viva do indivíduo, mas não os fatos que jamais aprendeu. Assim, se devemos admitir, com Flournoy,<sup>344</sup> que a Smith, quando pretende falar o idioma de Marte, se sugestiona por velhas recordações, suas ou dos presentes; quanto a línguas estrangeiras, compreende-se como, na exaltação do êxtase espiritual, as escassas fragmentárias notícias sobre Maria Antonieta nela tomassem vulto, de igual maneira que, sob excitação do estro genial, nas ideias adormecidas e fragmentárias se destacam de pronto e dão lugar a descobertas. Não podemos admitir, porém, com ele que a teoria do inconsciente e da criptomnésia explique exatamente os 40 vocábulos de sânscrito e os versos em sânscrito ditados por ela, só por haver visto, por brevíssimo tempo, a capa de uma gramática sânscrita. Nem é admissível que tenha podido reproduzir exatamente a firma do alcaide e do pároco de um lugarejo remotíssimo, remontando a época distante (1839), só por haver estado em um vale próximo, em passeio esportivo, porém não paleográfico.

Se se liga um fio ao dedo de certa mulher e a outra extremidade a um anel que penda no centro de um copo vazio, pode-se frequentemente, ainda que ela não queira dizê-lo, saber sua idade, porque o anel baterá tantas vezes quantos anos de idade tenha ela. Isto é veríssimo, porém a mulher sabe a idade que tem; portanto, uma parte do enigma está descoberto e não se trata de

inconsciente; mas, quando um médium, em transe, fala chinês ou em língua havaiana, diante de pessoas que as ignoram, igualmente não se pode falar em inconsciente, porque aqui também deveria trabalhar com seus conhecimentos adquiridos, visto que não poderia extrair esses conhecimentos das pessoas presentes, que não os possuíam.

O mesmo se diga da criptomnésia. Apresentemos um exemplo: quando estou a uma grande altura, 1800, 2000 metros, recordo versos italianos, latinos e até gregos, olvidados desde muitos anos, mas eu sei muito bem que os li na minha primeira juventude. Do mesmo modo, durante certos sonhos, em noites de intoxicações intestinais, se me reproduzem exatamente momentos desagradáveis de há muitos anos, com particularidades tão minuciosas e precisas que mal posso recordar desperto. Observo, porém, que são sempre recordações de fatos que me aconteceram e que havia esquecido.

Na véspera de encetar viagem para visitar sua terrinha, que não via desde uma vintena de anos, Maury sonhou encontrar alguém que lhe disse: “Bons dias, Sr. Maury.” E ele respondeu: “Desculpe-me bom homem, mas não tenho o prazer de o conhecer.”

O outro, maravilhado e quase ofendido, lhe declinou o próprio nome e o sobrenome e disse que era um amigo de seu pai, que desejava recordar-lhe circunstâncias da sua infância, quando estiveram juntos. Tudo foi inútil: Maury despertou rindo daquele estranho que pretendia reconhecê-lo. Mas, quando chegou à sua terra, entre os primeiros que encontrou, viu aquele que em sonho o havia reconhecido, porém mais velho do que o do sonho, porque o sonhara tal como o deixara muitos anos antes. Assim, pois, no desdobramento do sonho, o seu inconsciente havia recordado e reconhecido o que seu consciente não mais sabia.<sup>345</sup> De igual modo, as notícias sobre o barrete preto, sobre a faquinha, sobre o falar por provérbios do pai, Hyslop podia atingir-lhe o inconsciente da sua primeira juventude. Mas, quando o tio Jerry fala a Lodge do perigo em que estiveram de afogar-se em sua juventude, com o irmão Roberto, e que seu outro irmão Franck se havia encarapitado em um telhado para esconder-se,

estes eram fatos ocorridos na juventude de seus velhos genitores e que eles ignoravam totalmente.

Podemos compreender como fenômeno de criptomnésia que o médium de Aksakof se recorde de improviso, no transe, de Cardósio, da epígrafe de um seu livro, *Nemek Habbacha*, embora declare o médium não o ter lido nunca. Mas a criptomnésia não explica como alguém possa ler a última linha da última página de um livro que se encontre em determinada estante da biblioteca, e do qual esse alguém ignore o título e que outro possa revelar não só o nome de um certo Gray, que viveu em 1628, e até escrever com a caligrafia dele (veja-se o capítulo X).

\* \* \*

Assim termina a obra que tivemos a honra de traduzir. Sente-se que é uma obra inacabada. Tudo indica que o estado de saúde do autor, cuja desencarnação se deu dias depois de ele datar o prefácio, não lhe permitiu apresentar as conclusões finais.

Procurando, de alguma forma, reparar esta ocorrência, aqui reproduzimos, como remate desta tradução, um pequeno trecho do prefácio do genial autor:

“... se cada um desses fenômenos nos pode ser ou parecer incerto, o conjunto de todos forma um compacto mosaico de provas resistentes aos ataques da mais severa dúvida.”

– 0 –

## Notas:

---

<sup>1</sup> Trabalho compilado pelo Sr. Zêus Wantuil e aqui incluído pela Editora da FEB.

<sup>2</sup> Professor nomeado por decreto ministerial e que substituiu temporária ou definitivamente o professor titular.

---

<sup>3</sup> Numerosas e variadíssimas são as manifestações mediúnicas objetivas e subjetivas, e Eusápia oferecia aos estudiosos apenas uma parte dos fenômenos objetivos. (Nota da Editora.)

<sup>4</sup> Entre os que Lombroso deu a conhecer ao mundo, citam-se, por exemplo, Foà, Patrizi, Ferrero, Rossi, Barsilai, Turati, etc.

<sup>5</sup> Ferrero, que sempre se negara a assistir às sessões com Eusápia, aqui se refere certamente à parte da família, visto que exatamente nesse mesmo ano de 1907 (“La Lettura”, I vol., página 389), Paola Lombroso, ilustre escritora e filha do sábio de Verona, publicava, sob o título *Eusapia Paladino (Cenni biografici)*, um artigo em que ela, mui simpaticamente, prestava uma espécie de homenagem à humilde médium italiana. (Nota de Z. W.)

<sup>6</sup> Trabalho de autoria do Prof. A. Marzorati, ilustre colaborador de Lombroso nas experiências com Eusápia Paladino.

A Editora brasileira incluiu-o nesta obra, traduzindo-o da famosa revista “Archivio di Antropologia Criminale, Psichiatria, Medicina Legale e Scienze affini”, 1909, páginas 593 a 603.

<sup>7</sup> *Électricité animale*, Lyon, 1808.

<sup>8</sup> Por agora, a noção do duplo (v. cap. “Duplos”), onde daremos uma tentativa de explicação.

<sup>9</sup> *Archivo di Psichiatria e Scienze Penali*, vol. 11, pág. 415.

<sup>10</sup> Lombroso, Grimaldi ed Ardu – *Sulla trasmissione del pensiero*, Turim, 1881.

<sup>11</sup> César Lombroso – *Studi sull’ Ipnotismo*, Turim, 1882.

<sup>12</sup> *Thought – Reading*, 1883.

<sup>13</sup> *La Suggestion Mentale*, 1890.

<sup>14</sup> Se bem escuto, parece que antecipadamente vedes o que consigo o tempo traz, mas o mesmo não sucede com relação ao presente.

<sup>15</sup> O mesmo ocorreu em Messina, sob a emoção do terror, em dois terremotos.

---

<sup>16</sup> Verificou-se que a impressão sensória se mesclava de modo estranho com a cortical: onde as figuras anatômicas eram bastante coloridas, lia aquelas imaginárias linhas com dificuldade e distinguia a causa do obstáculo; onde as figuras eram pálidas, lia com clareza.

<sup>17</sup> “Rivista Clinica”, 1885-86.

<sup>18</sup> “Bulletin de la Société de Psychol. Physiol.”, II, 1886.

<sup>19</sup> Bianchi – *Conte e la grande isteria*. Nápoles, 1886.

<sup>20</sup> Com o pequeno dinamômetro Broca, 58 a direita e 48 a esquerda, em vigília; hipnotizado, 55 a direita e 30 a esquerda; sugestão de atletismo, 45 a direita e 35 a esquerda.

A histérica C., desperta, acusa 32-36 quilogramas; no estado hipnótico, 43-47 quilogramas.

<sup>21</sup> “Bulletin de la Soc. de Psychol.”, 1886.

<sup>22</sup> “Academie de Medecine”, 1885.

<sup>23</sup> *La Polarizzazione Psichica*, Nápoles, 1887.

<sup>24</sup> Ibidem.

<sup>25</sup> *Revue Scientifique*, 1886.

<sup>26</sup> Ottolenghi e Lombroso – *Nuovi studi sull’ ipnotismo*, Turim, 1889.

<sup>27</sup> Os experimentadores fizeram-na abandonar o seu modestíssimo emprego e colocaram-na à disposição deles. (Nota do tradutor.)

<sup>28</sup> *Nel Mondo dei Misteri*, 1907.

<sup>29</sup> *Nelle Regioni Inesplorate della Biologia*, 1907.

<sup>30</sup> Vassallo – *Nel Mondo degli Invisibili*, 1902.

<sup>31</sup> Eusápia naquele momento era contida pelas mãos de duas pessoas e tinha a estatura de pelo menos 10 centímetros mais alta do que a de minha mãe.

<sup>32</sup> Luraghi – *I Fenomeni Medianici*, 1907.

<sup>33</sup> Na magnífica obra *Psicologia e Spiritismo*, Turim, 1907.

---

<sup>34</sup> Os estudos experimentais foram conduzidos em colaboração com o Dr. E. Audenino.

<sup>35</sup> Arullani – *Sulla medianità di Eusápia Paladino*, etc., 1907.

<sup>36</sup> Ob. cit.

<sup>37</sup> Ing. Grauss – *Annales des Sciences Psychiques*, 1907.

<sup>38</sup> *Bulletin de l'Institut Psychologique*, 1908.

<sup>39</sup> Ob. cit.

<sup>40</sup> Ob. cit.

<sup>41</sup> Flournoy – *Des Indes à la Planète Mars*, Paris, 1901.

<sup>42</sup> Sage – *M. Piper*, 1902.

<sup>43</sup> *Relaz. della Società Dialet. di Londra*, 1869.

<sup>44</sup> Aksakof – *Um caso de desmaterialização parcial do corpo de um médium*, 1902.

<sup>45</sup> Maxwell (*Les Phénomènes Psychiques*, 1905, Alcan) faz notar justamente que também na antiga magia era atribuído ao canto especial influência, de onde os *encantamentos*, o *encantar*, etc.; e os faquires entoam o seu *mentrama* antes de fazerem seus milagres. A 2ª Égloga de Teócrito e a VIII de Virgílio aludem a cantos mágicos. Eusápia preferia o sopro ao canto.

<sup>46</sup> Uma aplicação curiosa da adivinhação é o descobrir delinquentes e perdas, que está em uso em alguns povos bárbaros e selvagens, como veremos no capítulo seguinte.

<sup>47</sup> De nenhum outro modo, senão meros casos de *mediunidade escrevente*, se devem considerar as *revelações* que muitos santos tiveram no sonho extático e também fora dele, que abundam na hagiografia. “Santa Teresa figura entre os melhores escritores inspirados. Ela mesmo apreende como, às vezes, o Espírito lhe ditava tão copiosamente que se lhe cansava a mão. Os meus confessores – acrescenta humildemente – maravilhavam-se e eu também mais, conhecendo a minha estupidez.” Famosíssima, todavia, foi Santa Brígida, cujos *Oito livros de revelações* circulam ainda nas mãos dos devotos. Apenas, enquanto o Espírito Santo inspirava esta santa desvelasse o mistério da Imaculada Conceição de Maria Virgem, com grande

---

júbilo dos escolásticos, a mesma Pessoa da S. S. Trindade revelava a Santa Catarina que Nossa Senhora havia concebido no pecado, como afirmavam os Tomistas. Tal qual os Espíritos modernos revelam a Allan Kardec a teoria da reencarnação, e a Jackson Davis o contrário. De resto, nas revelações dos santos cristãos a mesma nebulosidade, vaniloquência e verbosidade dos profetas hebreus e dos médiuns escreventes espiritistas, o mesmo abuso de alegorias, o mesmo gosto de não concluir, de não desencravar declarações explícitas e concretas. Leão Augusto, na *Via de S. João Crisóstomo*, João Damasceno (*De imaginibus, orat. I*) e outros autores eclesiásticos, conservaram um caso de mediunidade escrevente. Certa noite, Proclo, antes de entrar no recinto onde estava trabalhando S. João Crisóstomo, olhou pelo orifício da fechadura e viu, com grande surpresa, um homem de venerável aspecto que ditava ao santo, enquanto este escrevia. Retirando-se, voltou na noite seguinte e reviu o mesmo espetáculo. Fez que outros olhassem, mas estes viam Crisóstomo inteiramente só. Compreendeu então que se tratava de um prodígio e interrogou respeitosamente o santo, e este lhe confessou que todas as noites o apóstolo dos Gentios vinha ditar-lhe os *Comentários às Epístolas de S. Paulo*. Proclo era pessoa bastante autorizada, tanto que sucedeu Crisóstomo na cadeira episcopal de Constantinopla.” – (Baudi de Vesme – *Stória dello Spiritismo*, Turim, 1897, vol. II, págs. 139 e seguintes.)

<sup>48</sup> *Ipnatismo e Spiritismo*, 1906, pág. 110.

<sup>49</sup> Também se pode formular, a propósito, a hipótese de uma faculdade que os médiuns tivessem de desmaterializar e rematerializar a eles próprios e os objetos circunvizinhos com fulminante rapidez. Mas, isto não explicaria a levitação, e incom-bustibilidade, a profecia e, ainda que parecendo mais simples, seria igualmente difícil compreender-se tanto quanto o espaço na quarta dimensão.

<sup>50</sup> *Per lo Spiritismo*, pág. 195.

<sup>51</sup> Zöllner, depois de haver preso em um nó as duas extremidades de comprido cordel e ao nó aposto um controle, o sub-

---

meteu imprevistamente aos olhos de Slade, expressando o desejo de que se formassem nós; e tudo, de golpe, vi realizado, enquanto as mãos de Slade permaneciam a um centímetro do fecho-controle, que ficou intacto.

Em outra tentativa, Zöllner ligou dois grossos aros a uma cordinha, que amarrou e colocou suspensa à borda da mesa sobre a qual Slade descansava as mãos. Imprevistamente os aros se desprenderam do laço e foram achados aos pés de outra mesa que lhe estava vizinha.

<sup>52</sup> *Usi e costumi siciliani*, vol. IV.

<sup>53</sup> Inciurmadori – *Maghi a Benavento*, Nápoles, 1900.

<sup>54</sup> *Weltspiegel*, 1907.

<sup>55</sup> Souvé – *Folklore dans les Vosges*, pág. 169.

<sup>56</sup> Sébillot – *Folklore*, 1890.

<sup>57</sup> Turim, 1890; Di Vesme – *Storia dello Spiritismo*, vol. II. 1906.

<sup>58</sup> *Revue des Deux Mondes*, 1841.

<sup>59</sup> Ida Pfeifer – *Reise*, cap. VIII.

<sup>60</sup> *Un viaggio nel paese dei Nias*, 1890, Milão; Di Vesme – Ob. cit.

<sup>61</sup> G. de la Vega – *Hist. de los Incas*.

<sup>62</sup> D'Orbigny – *Homme americaine*, II, pág. 65.

<sup>63</sup> M. Bartolo – *Die Medizin der Naturvolkers*, Leipzig.

<sup>64</sup> Di Vesme – Ob. cit., t. II, pág. 203.

<sup>65</sup> *Le Spiritisme dans le monde*, Paris, 1875.

<sup>66</sup> Adianta notar esta precaução tão acurada para aqueles que, de oitiva, julgam puras mistificações os fenômenos dos faquires.

<sup>67</sup> Loc. citada.

<sup>68</sup> *Alienist*, 1898.

<sup>69</sup> Bartels – Ob. cit.

- 
- <sup>70</sup> *Annali dello Spiritismo*, junho, 1865, pág. 257; Di Vesme – Ob. cit.
- <sup>71</sup> Tylor – *Civilisation primitive*, vol. II, pág. 203; Di Vesme – *Storia dello Spiritismo*.
- <sup>72</sup> Samuel, XIX: 24.
- <sup>73</sup> Pausanias – VIII, 21 parág. 6.
- <sup>74</sup> *De Magia*; veja-se Di Vesme, ob. cit.
- <sup>75</sup> Di Vesme – *Storia dello Spiritismo*.
- <sup>76</sup> Di Vesme – Ob. cit.
- <sup>77</sup> Atos, XIX.
- <sup>78</sup> Livro XXIX, cap. II.
- <sup>79</sup> Eusápio – *Vita de Giamblico*.
- <sup>80</sup> *Contra Celsum*, I.
- <sup>81</sup> Winterbottom – *Sierra Leone Küste*, 1805, pág. 172.
- <sup>82</sup> Mollien – *Reise in den innere von Africa*, 1820, pág. 52; Hildebrandt, in *Zeitschr. für Ethnol.*, tomo X, 1878), pág. 388.
- <sup>83</sup> Du Chaillu – *Dans l’Afrique Équatoriale*.
- <sup>84</sup> Bruns – *Erdbeschreibung von Africa*, t. IV, pág. 82.
- <sup>85</sup> Moore – *Travels into the Irland ports of Africa*, 1742, pág. 136.
- <sup>86</sup> Wilson – *West Africa*, 1862, pág. 100.
- <sup>87</sup> Du Chaillu – *Winterbottom*, etc.
- <sup>88</sup> Réville – *Les Religions*, t. I, pág. 102.
- <sup>89</sup> *Samuel* – L. I, XIV, 36-43.
- <sup>90</sup> Di Vesme – Ob. cit.
- <sup>91</sup> Di Vesme – Ob.cit.
- <sup>92</sup> Ibidem.
- <sup>93</sup> Ibidem.
- <sup>94</sup> Di Vesme – Ob. cit.
- <sup>95</sup> Ibidem.
- <sup>96</sup> Ibidem.

- 
- <sup>97</sup> *Théâtre sacré des Cevennes*, págs. 51-54; Kreyhor – *Die Mystischen Erscheinungen des Seelenlebens*, tomo I, pág. 282; Perty – *Die Mystischen Erscheinungen*, t. II, pág. 340; Vesme – Ob. cit.
- <sup>98</sup> Vesme – Ob. cit.
- <sup>99</sup> Vesme – Ob. cit.
- <sup>100</sup> Ibidem.
- <sup>101</sup> *Historia Naturalis*, VII, 2.
- <sup>102</sup> *Eneida*, XI, 785-788.
- <sup>103</sup> Agosto, 1896.
- <sup>104</sup> Di Vesme – Ob. cit.
- <sup>105</sup> Di Vesme – Ob. cit.
- <sup>106</sup> Giov. di Salisbury – *Polycraticon*, I, c. XII, pág. 27.
- <sup>107</sup> Gênesis, cap. XLIV, vers. 5.
- <sup>108</sup> Pausanias, cap. VIII, 21-26.
- <sup>109</sup> Apud. Santo Agostinho, *De Civit. Dei*, VII.
- <sup>110</sup> *Hist. Naturalis*, XXXVII, 11.
- <sup>111</sup> *Apolog.*, pág. 52.
- <sup>112</sup> *Did. Julian*, VII.
- <sup>113</sup> Vesme – Ob. cit.
- <sup>114</sup> *Le Mercure français pour 1609*, pág. 348.
- <sup>115</sup> Muratori – *Scriptor, rerum italicor*, tomo I, col. 293, 545.
- <sup>116</sup> Vesme – Ob. cit.
- <sup>117</sup> *Descript. du cabinet Blacas*, t. II, pág. 401.
- <sup>118</sup> V. lib. IV, cap. II, § 7.
- <sup>119</sup> *Prolég. hist.*, trad. Slane; *Notices et Extr. des Manusc.*, etc., págs. 221-22.
- <sup>120</sup> Vesme – Ob. cit.
- <sup>121</sup> Réclus – *Les Primitifs*, pág. 83.
- <sup>122</sup> Berbrugger – *Exploration Scientifique de l'Algérie*, Paris, 1868.

- 
- <sup>123</sup> Lombroso – *Il vino nella pazzia e nel delitto*, Turim, 1884.
- <sup>124</sup> Ibidem.
- <sup>125</sup> Ibidem.
- <sup>126</sup> Ibidem.
- <sup>127</sup> Ibidem.
- <sup>128</sup> Lombroso – *Il vino nella pazzia e nel delitto*. Turim, 1884.
- <sup>129</sup> Ibidem.
- <sup>130</sup> Ibidem.
- <sup>131</sup> *Estrabão*, IX, 419.
- <sup>132</sup> *Cícero*.
- <sup>133</sup> Westermarck – *Moralbegriffe über die Ehelosigkeit* (arch. f. Rass. 1908, pág. 22). Do mesmo modo, como vimos antes, desprezam as monstruosidades no homem, até a ponto de matar, porém, sendo também sinal daquela degeneração que entra na histeria e na mediunidade, quando se trata de magos, lhes parece bem (veja-se cap. IV).
- <sup>134</sup> Estermark – Ob. cit.
- <sup>135</sup> S. L. Craroby – *Sexual Taboo* (“Journal of the Antropological Institute”, vol. XXIV, nº 2, novembro de 1894 a 2 de agosto de 1895).
- <sup>136</sup> Ibidem.
- <sup>137</sup> Ibidem.
- <sup>138</sup> Ratzel – *Le razze umane*, vol. II, pág. 699.
- <sup>139</sup> Moroni – *Dizionario d’Erudizione Ecclesiastica*: Quem vê a coifa de muitas montanhas do Piemonte e da Noruega convince-se de que as mitras e as tiaras eram originariamente ornamentos femininos.
- <sup>140</sup> Ibidem.
- <sup>141</sup> Prova singular é que na ilha de Sena a histeria foi sempre dominante, anteriormente a Charcot. *Fatuès*, *Fatuus*, enfatuado de *fatuus*, nulo, vão, estólido.

---

<sup>142</sup> Muitas e muitas ervas medicinais tomam o nome de Nossa Senhora: Erva de Nossa Senhora, Cardo de Maria, Rosa de Nossa Senhora, Marien Distel, Marien Mautel, Marien Münzo; nos gregos, Artemísia, erva de Diana; assim a Mandrágora em alemão, Abran Wurtzel, isto é, raiz de Abraão. A Átropa Beladona já se chamava Circária, em honra da maga Circe. O herpes se chama “fogo de Santo Antônio”; a coreia, dança de S. Vito; a metrorragia, mal de Santa Marta. Certas úlceras malignas, *ignis sacra*. A peste era dita efeito das flechas de Apolo. A deusa Síria é acusada de fazer úlceras nas pernas. O Levítico, XIV: 13, classifica de culpa o ter lepra. A terapia vem de Rapa – cozer, e Terapim se chamavam os ídolos, de onde vem – *terapia, terapêutica*.

<sup>143</sup> Molani – *Medicarum Ecclesiasticum Diarium*, 1505, Lovaurium.

<sup>144</sup> “*De Sanctitate*”, in *Opera omnia*.

<sup>145</sup> *Animismo e Espiritismo*, Paris, 1906, pág. 282 e seguintes.

<sup>146</sup> *Animismo e Espiritismo*, Paris, 1906, pág. 282 e seguintes.

<sup>147</sup> Aksakof – Ob. cit., pág. 285.

<sup>148</sup> *Light*, 1886, pág. 368.

<sup>149</sup> Aksakof – Ob. cit., pág. 285.

<sup>150</sup> Ibidem.

<sup>151</sup> *Annales des Sciences Psychiques*, 1909.

<sup>152</sup> Ob. cit., pág. 141 e seguintes.

<sup>153</sup> Aksakof – Ob. cit., pág. 332.

<sup>154</sup> Myers e Berret, *Su Daniele Home*, 1900.

<sup>155</sup> *Spirit Teachings*.

<sup>156</sup> Aksakof – Ob. cit.

<sup>157</sup> William Stainton Moses – Ob. cit.

<sup>158</sup> Aksakof – Ob. cit.

<sup>159</sup> William Stainton Moses – Ob. cit.

<sup>160</sup> Aksakof – Ob. cit., págs. 343 e seguintes.

- 
- <sup>161</sup> De Vesme – *Spiritismo*, II.
- <sup>162</sup> *Les Camisards*, Paris, 1860.
- <sup>163</sup> *Histoire du Merveilleux*, II, pág. 404.
- <sup>164</sup> *Psychische Studien*, 1881, págs. 52-53.
- <sup>165</sup> *Psicologia e Spiritismo*, II
- <sup>166</sup> Ibidem.
- <sup>167</sup> *Psychische Studien*, 1881, págs. 52-53.
- <sup>168</sup> Ob. cit., págs. 23-24.
- <sup>169</sup> Veja-se a “American Association for the advancement of Science”, de agosto de 1855.
- <sup>170</sup> Ob. cit., pág. 41.
- <sup>171</sup> Ob. cit., I, pág. 369.
- <sup>172</sup> Bottazzi – *Nella regione inesplorata della biologia umana*. (*Revista d'Italia*), fasc. de junho e julho de 1907.
- <sup>173</sup> *Luce ed Ombra*, 1902.
- <sup>174</sup> *Arch. di Psich.*, t. XVIII, págs. 266-422.
- <sup>175</sup> A radioatividade de Foá é excluída também, porque, sendo Foá diletante em fotografia, jamais constatou uma ação qualquer dos seus dedos sobre centenas de chapas por ele manuseadas. Resta a hipótese de que, durante a sessão com Eusápia, a mão de Foá se houvesse tornado radioativa, mas, durante toda a sessão, ele teve e manteve, por tempo, na mão outras três chapas e sobre nenhuma delas se notou imagem de dedos. Isso exclui também que a sua mão tenha sido, fraudulentamente, por outrem borrifada de substâncias radioativas.
- <sup>176</sup> Barzini – *Nel Mondo dei Misteri*, se expressa assim: “A cortina está inflada e oca, o que, por uma parte, dá o relevo de um corpo humano, que se move coberto pelo pano, e, pela outra, é uma cavidade na cortina. Toco o inflado da cortina pela parte exterior; sob o estofado identifico as bochechas, o nariz, a fronte, e, quando toco os lábios, sinto que me apertam o polegar com dentes, e depois, de súbito, se desinfla a cortina.”
- <sup>177</sup> *Inferno*, cap. XVI, págs. 124-126.

- 
- <sup>178</sup> *Purgatório*, cap. III, págs. 28-30.
- <sup>179</sup> Parece-nos que a palavra reencarnação foi usada aqui, por Lombroso, designando o fenômeno de um Espírito aparecer com um corpo humano. Nós espíritistas, porém, damos outra significação a essa palavra. (N.T.)
- <sup>180</sup> William Crookes – *Recherches sur le Spiritualisme*. (\*)
- (\*) Esta obra foi publicada em língua portuguesa sob o título *Fatos Espíritas*, pela editora da FEB. (Nota desta edição eletrônica.)
- <sup>181</sup> Aksakof – *Animismus*, pág. 620.
- <sup>182</sup> Dale Owen – *Das Strugge*, pág. 260.
- <sup>183</sup> *Les phénomènes de la Ville Carmen, avec documents nouveaux*, Paris, 1902.
- <sup>184</sup> Wallace – *Les Miracles*, pág. 328.
- <sup>185</sup> Aksakof – *Animismo e Espiritismo*, pág. 26 e seguintes.
- <sup>186</sup> *Luce ed Ombra*, 1904, fasc. 1º, agosto de 1901.
- <sup>187</sup> Ibidem.
- <sup>188</sup> Os músicos d'Ar... que se vestem de vermelho.
- <sup>189</sup> Tummolo – *Sulle basi positive dello Spiritismo*, Viterbo, 1905.
- <sup>190</sup> *Annales des Sciences Psychiques*, 1909.
- <sup>191</sup> Outras numerosas fotografias e o relato de todas as sessões foram publicadas pelo Dr. Imoda num livro especial: *La Fotografia dei Fantasimi*.
- <sup>192</sup> Registro fotográfico dos seres, em *Luce ed Ombra*, 1908.
- <sup>193</sup> *Proceedings*, XXI, 1900.
- <sup>194</sup> *Annales des Sciences Psychiques*, 20-21, 1900.
- <sup>195</sup> *Phantasms of the Living*, pág. 136.
- <sup>196</sup> James Hyslop – *Science and Future*, Boston, 1905.
- <sup>197</sup> Ibidem.
- <sup>198</sup> Aksakof – Ob. cit., pág. 422.
- <sup>199</sup> Ibidem, pág. 596.

- 
- 200 *De cura pro mortuis*, XI.
- 201 *Opuscula orat.*, IX.
- 202 *Blätter aus Prevorst*, V, pág. 75.
- 203 *Die Mystischen Erscheinungen*, II, pág. 392.
- 204 *Philosophy of Sleep*, pág. 81.
- 205 Aksakof – Ob. cit., pág. 562 e seguintes.
- 206 Ibidem.
- 207 Ibidem, pág. 477.
- 208 Paul Gibier – *Le Spiritisme*, Paris, 1887.
- 209 *Human Personality*, Londres, 1907.
- 210 Myers – Ob. cit., pág. 286.
- 211 *Proceedings of the S. P. R.*, vol. VIII, pág. 814.
- 212 *Esame critico dell' esistenza del sobrenaturale*.
- 213 Gabriel Delanne – *O Espiritismo perante a Ciência*, págs. 300 a 307.
- 214 William Stainton Moses – *Spirit Teachings*.
- 215 *Proceedings of the S. P. R.*, vol. XXI, 1906, e *Journal of the S. P. R.*, janeiro de 1909.
- 216 *Proceedings of the S. P. R.*, vol. XVIII, págs. 130, 132.
- 217 Ibidem.
- 218 Aksakof – Pág. 541.
- 219 Morselli – *Psicologia e Spiritismo*, vol. II., pág. 213.
- 220 *Journal du Magnétisme*, 1907-1908.
- 221 Wild – pág. 515.
- 222 *Journal of American Society for Psychical Research*, N. Y., 1907.
- 223 Joire – *Les Phénomènes Psychiques*, 1909.
- 224 Aksakof – *Animismo e Espiritismo*, pág. 557 e seguintes.
- 225 Robert Dale Owen – *Footfalls on the boundary of another world*.
- 226 *Encephale*, 1908, fasc. 2°.

- 
- <sup>227</sup> De Vesme – Ob. cit.
- <sup>228</sup> *De cura pro mortuis*.
- <sup>229</sup> *Prato Spiritualis*, parágrafo CXVII.
- <sup>230</sup> De Vesme – Ob. cit. (\*)
- (\*) Há equívoco na menção dos países e confusão nos detalhes do caso. (Nota do tradutor.)
- <sup>231</sup> De Vesme – Ob. cit.
- <sup>232</sup> *Aus meinem Leben*, vol. II, pág. 135.
- <sup>233</sup> *La Revue*, 1908, nº 14, pág. 135.
- <sup>234</sup> Birch – *Sopra una patera egiziana del Louvre*, 1858.
- <sup>235</sup> *Odisseia*, XI.
- <sup>236</sup> *De Resurrectione*, lib. I.
- <sup>237</sup> Ob. cit.
- <sup>238</sup> F. Zingaropoli – *Una casa infestata dagli spiriti*, Nápoles, 1907.
- <sup>239</sup> *Digesto*, tit. II, Lei 27.
- <sup>240</sup> Porzia e Covarruvio – *Variorum resol*, C. 6.
- <sup>241</sup> Troplony – *Delle Perm. e Locaz.*, Cod. di Nap. 1802.
- <sup>242</sup> *Annales des Sciences Psychiques*, abril, 1906.
- <sup>243</sup> Vol. VI, pág. 365.
- <sup>244</sup> Plutarco – *Pausânias*.
- <sup>245</sup> Plínio – *Epíst.*, VI.
- <sup>246</sup> *Tradiz. Siciliane*, vol. IV.
- <sup>247</sup> Sabillot – *Folk-lore, etc.*, Paris, 1882.
- <sup>248</sup> *Dictionnaire des Heresies*.
- <sup>249</sup> Livro I, cap. IV.
- <sup>250</sup> Ingram – *Haunted Homes of Great Britain*, 1907.
- <sup>251</sup> Ibidem.
- <sup>252</sup> Ob. cit., vol. III, pág. 78.

---

<sup>253</sup> Esses dois casos me foram narrados pela condessa de Channas, que, para cúmulo de gentileza, interessou em meu nome, o Prof. Scott Elliott a controlá-los junto da proprietária.

<sup>254</sup> Graus – *Luce ed Ombra*, maio de 1909.

<sup>255</sup> Apareceu em 1589, 8 dias antes da morte do príncipe-eleitor João Jorge, e depois em 1619, 23 dias antes da morte de Segismundo, e assim em 1688; em 1850 anunciava o atentado contra Frederico Guilherme IV, da Prússia (De Vesme – *Storia dello Spirit*, II, Turim). A fada Melusina, três dias antes da morte de Lusinhano, mostrava-se no castelo de Poitou (idem, pág. 315). A Dama Branca apareceu um dia antes do suplício de Maria Antonieta. A mais famosa entre todas é aquela Berta de Rosenberg, que viveu no século XV e se mostrou, primeiro por largo tempo, no Casterlo de Neuhaus, onde residiu, e depois na moradia de várias outras famílias aparentadas com a de Rosenberg, e particularmente a dos Hohenzollern. Atua abrindo e fechando as portas, com um grande molho de chaves preso à cintura; irrita-se contra os blasfemos e contra os que não ajudam os pobres. No fim do XV, Erasmo de Rotterdam escrevia: “A coisa mais notável da nossa Germânia é talvez a *Dama Branca*, que se deixa ver quando a morte está para bater à porta de algum príncipe, não só da Alemanha, mas também da Boêmia. Este espectro de fato se mostrou na morte da mor parte dos Grandes de Neuhaus e de Rosenberg e se mostra ainda hoje em dia.”

<sup>256</sup> De Vesme – *Storia dello Spiritismo*.

<sup>257</sup> Vol. III. pág. 40.

<sup>258</sup> *Die Spatt von Resau*, Berlim, 1889.

<sup>259</sup> *Annales des Sciences Psychiques*, 1899, p. 173.

<sup>260</sup> Wallace – *Les Miracles*, 1889.

<sup>261</sup> *Annales des Sciences Psychiques*, IV, 1892.

<sup>262</sup> *Journal of Society for Psychical Research*, dezembro, 1892.

<sup>263</sup> Anoto este nome, comprovado historicamente, como acima o de Pausânias e o R. C. de Galateri, e acima de todos o de

---

Hillzelmann, para suprimir a objeção de Morselli de que de nenhum dos mortos presentes nas casas infestadas se conhece o nome e a personalidade (Morselli – *Fattorie e case infestate*, Lugano, 1909).

<sup>264</sup> Wallace – *Les Miracles*, pág. 106.

<sup>265</sup> *Luce ed Ombra*, novembro, 1905.

<sup>266</sup> *Der vielförmige Hintzelmann, oder Umständliche und merkwürdige Erzählung von einem Geist*, Lipsia, 1704. De Vesme – *Storia dello Spiritismo*, vol. IV.

<sup>267</sup> *Les Phénomènes Psychiques*, 1890.

<sup>268</sup> Se as pessoas da família V. tivessem apenas algumas noções de Espiritismo, certamente não teriam caído nessa armadilha. (N.T.)

<sup>269</sup> “Aquela inglesa – continua (*Annales des Sciences Psychiques*, 1909) – não é um médium, mas, sem embargo, me dá sua força durante a noite, dormindo; por isso, eu me manifesto mais disposta à noite. Mortos os seus dois médiuns, ela não poderá mais produzir nenhum fenômeno, e isto sucederá dentro de um lustro. Quando nos materializamos, tomamos matéria de tudo em nosso redor; mas uma parte nossa é materializada, torna-se seca e sólida, se não permanece úmida.”

<sup>270</sup> *L’Homme primitif*.

<sup>271</sup> Turim, 1896, 3 volumes.

<sup>272</sup> *La Magie et l’Astrologie*, cap. I.

<sup>273</sup> Ratzel – *Le Razze Umane*.

<sup>274</sup> *Daily Life and Origin of the Tasmanians*, pág. 171.

<sup>275</sup> Ob. cit., pág. 181.

<sup>276</sup> *Savage Africa*.

<sup>277</sup> Burchell – *Travels*, vol. II, pág. 550.

<sup>278</sup> *Croyances Médicales du Madagascar*, 1904.

<sup>279</sup> *Anthropos*, 1908, vol. III, fasc. III.

<sup>280</sup> *Annali dello spiritismo*, maio, 1891, pág. 152.

<sup>281</sup> *África Interior*, cap. IX.

---

<sup>282</sup> *Journal of the Anthropological Institut*, volume XXXVI, 1906.

<sup>283</sup> Dumont d'Urville – *Voyage autour du Monde*, vol. III, pág. 277.

<sup>284</sup> *Aventures en Australie*, pág. 163.

<sup>285</sup> *Anthropos*, 1909, fasc. I.

<sup>286</sup> Ob. cit, lug. cit.

<sup>287</sup> Ob. cit., vol. II, pág. 80.

<sup>288</sup> Gibier – *Spiritisme*, Paris, 1890.

<sup>289</sup> Bosc et Bonnemère – *Histoire Nationale des Gaulois*.

<sup>290</sup> De Vesme – Ob. cit.

<sup>291</sup> “Não é uma força minha que age. – respondeu o faquir a Jacolliot. – Eu não sou mais do que um instrumento, evoco os Espíritos dos antepassados e são eles que manifestam seu poder.”

“O faquir – disse-lhe um outro – não é nada: ele canta os Metram e os Espíritos o ouvem.”

Com efeito, depois da evocação, ele viu formar-se uma nuvem luminosa que pouco a pouco revestiu forma humana: o espectro de um velho brâmane, com sinais de Visnu, tocou-lhe com as mãos cálidas e vivas e depois desapareceu.

<sup>292</sup> Neumann – *Bilder aus Japan*, no *Westermann's Illustrirte Deutsche Monats-Hefte*, janeiro, 1890.

<sup>293</sup> Amiot – *Mémoires sur les Chinois*, vol. XV.

<sup>294</sup> Tomo XVIII, pág. 363.

<sup>295</sup> *Bulletin de la Société d'Anthropologie*, Paris, 1909.

<sup>296</sup> Maspero – *Revue Scientifique*, 1899.

<sup>297</sup> De Vesme – Ob. cit., pág. 98.

<sup>298</sup> Provavelmente, escreve De Vesme, não eram mais do que instrumentos mediúnicos o *Theraphim*, o *Ephod*, o *Urim* e o *Thumim*, que se encontram citados com frequência na Bíblia e deram tanto que fazer para explicá-los aos exegetas modernos.

---

E Saul, com efeito, recorreu à Pitonisa antes de empreender a guerra contra os filisteus, quando, invocado, Jeová não lhe quis responder, nem com sonhos, nem por meio dos *Urim* e *Thummim*. O profeta Oseias escrevia: “O meu povo interroga o lenho e este lhe dá aviso.” (Oseias, cap. IV, vers. 12). Os hebreus consultavam (tal qual os modernos aramaicos) os *Theraphim*, estatueta dos Penates ou deuses tutelares, que profetizavam; os fenícios consultavam o crânio de um primogênito morto e murado em um nicho, ante o qual se acendia uma lâmpada e se evocavam os demônios.

<sup>299</sup> Ibidem.

<sup>300</sup> Ibidem.

<sup>301</sup> Cap. XDIV.

<sup>302</sup> Cap. XVIII.

<sup>303</sup> Cap. XX, vers. 27.

<sup>304</sup> *Discorso ai Gentili*, t. I.

<sup>305</sup> *Dialogo della Cessazione degli Oracoli*, cap. X e seguintes.

<sup>306</sup> Sesto, contro i Mat., IX, 19; Cic., de nat. Deor., I, 120.

<sup>307</sup> De Consol. ad Apoll.

<sup>308</sup> XI, 23-50.

<sup>309</sup> Plutarco – *De gen. Soc.*

<sup>310</sup> V. 92.

<sup>311</sup> Tusculano, vol. I, pág. 37; *In Vatinius*, vol. II, c.

<sup>312</sup> Sat., vol. I, pág. 8, 24 e seguintes.

<sup>313</sup> H. N., 30, 2.

<sup>314</sup> Pharsal., vol. VI, págs. 452 e seguintes.

<sup>315</sup> Suetônio, *Nerone*, pág. 34.

<sup>316</sup> Erodiano, vol. IV, pág. 12, 3.

<sup>317</sup> *Eneida*, vol. VI, pág. 237.

<sup>318</sup> Vol. VI, pág. 740.

<sup>319</sup> *Diss.*, 14, 2.

<sup>320</sup> *De serv., Dei beat.*, vol. IV, pág. 32, 5.

- 
- <sup>321</sup> *Enciclopedia di Chambe*, 1892.
- <sup>322</sup> Vol. IV, Palermo, 1889.
- <sup>323</sup> Sauv e – *Les Folk-Lore*, Paris, 1889.
- <sup>324</sup> S billot – *Traditions et superstitions de la Haute-Bretagne*, Maison-Neuve, 1882.
- <sup>325</sup> Lombroso – *Pensiero e meteore*, Milão, 1880.
- <sup>326</sup> Aksakof – *Um caso de desmaterializa o parcial do corpo de um médium*.
- <sup>327</sup> Gibier – Pág. 171.
- <sup>328</sup> Lapponi – Ob. cit.
- <sup>329</sup> *Archives des Sciences Psychiques*, 1908.
- <sup>330</sup> Maxwell – *Les Ph nom nes Psychiques*, 1903.
- <sup>331</sup> Aksakof – *Animismo e Espiritismo*, pág. 297.
- <sup>332</sup> Este fenômeno estranh ssimo creio que nas a da ilusão pela qual cada um de nós cr  poder gozar sempre aquele estado que desfruta transitória e acidentalmente e pelo qual o homem jovem não cr , nem pensa poder tornar-se velho, sabendo-se de resto que todas as ilusões mais estranhas dos homens vivos se conservam depois da morte.
- <sup>333</sup> Albott – *Behind the scenes with Hoc mediuns*, Chicago, 1907.
- <sup>334</sup> *Annales des Sciences Psychiques*, julho, 1909.
- <sup>335</sup> Wallace – *Les Miracles*.
- <sup>336</sup> *Per lo Spiritismo*, pág. 35 e seguintes.
- <sup>337</sup> Wallace – Ob. cit.
- <sup>338</sup> Wallace – Ob. cit.
- <sup>339</sup> Ob. cit.
- <sup>340</sup> Morselli – Ob. cit., pág. 408.
- <sup>341</sup> Berlioz – *Mémoires*, pág. 246.
- <sup>342</sup> Daudet – *Notes sur la Vie*, 1890.
- <sup>343</sup> Stampa – *S. Manzoni*, vol, II.

---

<sup>344</sup> Flournoy – *Des Indes à la Planète Mars.*

<sup>345</sup> Brofferio – capítulo cit., pág. 155.